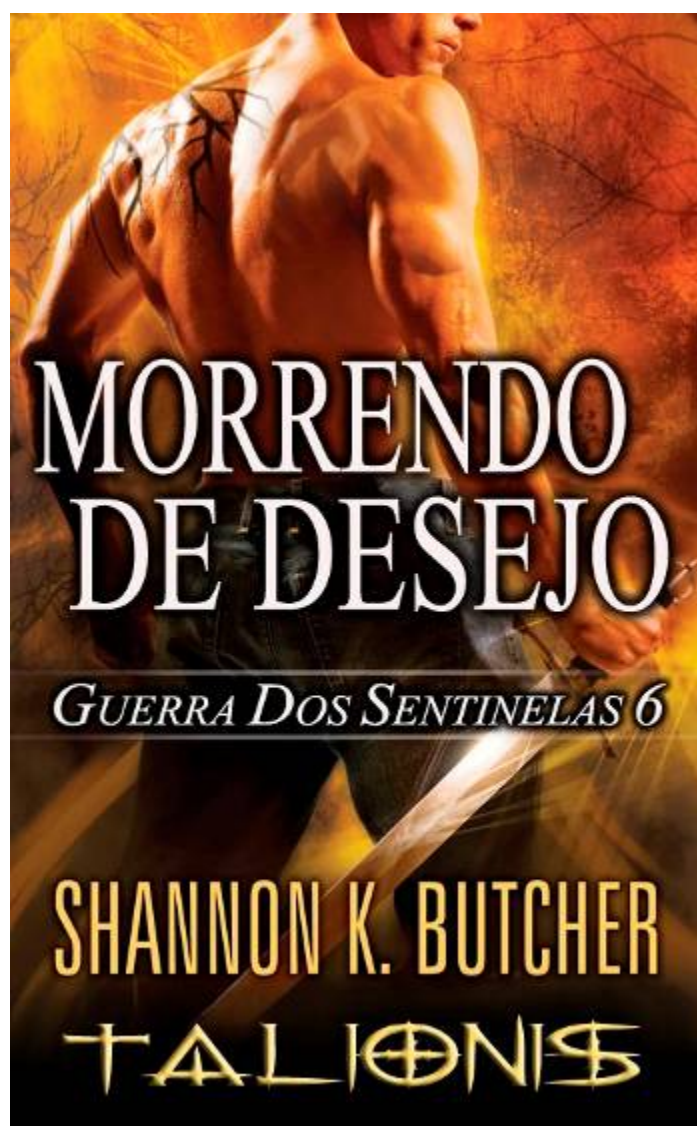




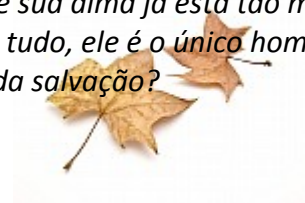
Shannon K. Butcher

Morrendo de Desejo

Guerra dos Sentinelas 6

Jackie Patton foi resgatada pelos Theronai de seu cativeiro e tortura às mãos dos Synestryn. Tudo que quer é ser deixada em paz, mas isso não é possível – não quando ela é uma companheira em potencial para os guerreiros Theronai que precisam de uma mulher para literalmente salvar suas vidas.

Forçada a escolher, ela, inesperadamente, seleciona Iain, um guerreiro de coração frio que não quer ser salvo. Iain está convencido de que é muito tarde para ele, que sua alma já está tão morta como sua antiga prometida, assassinada pelos Synestryn. Apesar de tudo, ele é o único homem que deseja, o único que ela quer. Mas está Iain além da salvação?







Equipe de Tradução e Revisão Talionis:

Capítulos	Revisão Inicial	Revisão Final
Capítulo 1	Luluzinha D.	Litchium
Capítulo 2	Luluzinha D.	Litchium
Capítulo 3	Luluzinha D.	Litchium
Capítulo 4	Khaleesi	Litchium
Capítulo 5	Khaleesi	Litchium
Capítulo 6	Khaleesi	Litchium
Capítulo 7	Flah E	Litchium
Capítulo 8	Flah E	Litchium
Capítulo 9	Flah E	Litchium
Capítulo 10	Khaleesi	Luna
Capítulo 11	Khaleesi	Luna
Capítulo 12	Khaleesi	Luna
Capítulo 13	Khaleesi	Luna
Capítulo 14	Khaleesi	Luna
Capítulo 15	Luna	Khaleesi
Capítulo 16	Luna	Khaleesi
Capítulo 17	Luna	Khaleesi
Capítulo 18	Luna	Khaleesi
Capítulo 19	Luna	Khaleesi
Capítulo 20	Luna	Khaleesi
Capítulo 21	Luna	Khaleesi
Capítulo 22	Luna	Khaleesi
Capítulo 23	Litchium	Khaleesi
Capítulo 24	Litchium	Khaleesi
Capítulo 25	Litchium	Khaleesi
Capítulo 26	Luna	Ειρήνη
Capítulo 27	Luna	Ειρήνη
Capítulo 28	Luna	Ειρήνη
Capítulo 29	Luna	Ειρήνη
Capítulo 30	Luna	Ειρήνη
Capítulo 31	Luna	Ειρήνη



Traduzido do Inglês
Envio e Formatação: Δίκη
Finalização: Khaleesi
Capa: Elica

“Eles são os Sentinelas.

Três raças descendentes de antigos guardiões da humanidade, cada um possuindo habilidades únicas em sua batalha para proteger a humanidade contra seus eternos inimigos: os Synestryn. Agora, a ardente lealdade e amor de um dos Sentinelas podem provar serem suas melhores armas.”



Nota da revisora Khaleesi: Sou muito fã da série, mas confesso que não estava muito empolgada para a história de Iain, tantas outras já estavam mais desenvolvidas que a dele, mas, posso dizer que foi uma bela surpresa. Ele e Jackie realmente me surpreenderam, é um livro de muita superação, de confiança, de amor verdadeiro. Daqueles amores que se dá a própria vida para ver o outro bem e feliz. Iain se acha o pior homem existente, por estar sem uma alma, se julga incapaz de sentir qualquer coisa, de merecer o vínculo com a Jackie, ela por seu lado consegue enxergar por trás de todas as tradições Sentinelas e vê pelos atos de Iain o homem honrado que é. Jackie é uma mulher sofrida que passou dois anos cativa por monstros que a usavam e abusavam, e não se enganem, Jackie não é uma mosca morta que se senta pelos cantos chorando e se lamuriando pela vida. E Iain reconhece isso. Enfim é uma história linda e fiquei tão chocada quanto Iain por causa do Stan....(rsrs) Preparem-se, porque esse livro foi uma caixinha de surpresas, segredos, novidades, espiadinhas e continuções de algumas histórias. Como continuções e novidades sobre Torr e Joseph. Segredinhos de Nicholas – que nem sabe mais que tem um – , Cain, Tynan e Connal. Uma espiadinha no belo Sanguinar Logan. E uma bela novidade sobre Madoc.. Curiosas? Então, leiam.... rsrs

Ahh: “O mal não é algo que você é, é o que você faz.”

Capítulo 1

Missouri, 02 de abril.

Jackie Patton estava vestida para matar, e se mais um daqueles corpulentos e tatuados guerreiros Theronai tentassem apalpá-la, faria exatamente isso.

Seu terno vermelho era vistoso demais para a ocasião, mas a fazia sentir-se melhor, quase normal. O pensamento enviou um riso histérico borbulhando dentro dela. Normal era um conceito tão distante que não conseguia sequer se lembrar de como era sentir-se assim.

Dois anos. Isso foi o que os demônios lhe roubaram. Jamais poderia recuperá-los, mas estava livre agora, e determinada a viver dessa maneira.

Alisou as mãos sobre o paletó, ignorando a forma como tremiam. O pouco que tinha já estava embalado. Voltou a ter acesso a suas contas bancárias. Perdeu sua casa, vendida em um leilão, mas encontraria outra. Tinha dinheiro suficiente para viver enquanto procurasse trabalho, e



apesar do mercado de trabalho estar difícil, seu currículo era impressionante. Havia uma boa posição logo na esquina. Podia sentir.

Tudo o que tinha que fazer agora era deixar Joseph, o líder desse local, desse complexo, saber que estava indo embora. Hoje. Agora mesmo.

Foi até a porta de sua suíte, hesitando com a mão na maçaneta. Estava segura aqui. Não havia demônios vagando pelas salas, nem monstros à espreita ao virar uma esquina. Mas havia homens lá fora. Sofrendo, desesperados. Morrendo.

Falaram que poderia salvar um. Tudo o que tinha que fazer era desistir de sua vida e mergulhar neste mundo de monstros e magia.

Disseram como se não fosse grande coisa, como se tivesse tanto a ganhar com essa bizarra união como o homem que escolhesse o faria. Não era verdade. Era livre agora. Não havia nenhuma maneira no inferno, que a fizesse desistir da liberdade que ganhou depois de tê-la perdido por dois anos. Não se ataria a qualquer homem. Não agora, não enquanto ainda estava quebrada e mal conseguindo se manter inteira.

Não pense sobre isso agora. Se fizer isso, não deixará sua suíte hoje. Mais uma vez.

Jackie respirou fundo, profundamente focada em sua tarefa. Simples. Rápido. Estaria na estrada dentro de uma hora.

Esse pensamento a acalmou, e deu-lhe espaço para respirar. Poderia fazer isso. Tinha que fazer. Ninguém mais poderia fazer isso por ela.

Pegou o que restava de sua autoconfiança e fechou-a em torno de si mesma como um manto, segurando-o perto. Houve um momento em que poderia ter enfrentado uma multidão e falado com eles sem suar a camisa, mas aqueles dias agora estavam distantes. Agora simplesmente sair de sua suíte fazia tremer seus nervos.

Era uma pessoa diferente agora, da poderosa e confiante executiva da corporação que foi uma vez. Era uma refugiada.

Não, uma sobrevivente. Isso soava melhor. Mais forte.

Deixou sua suíte, sentindo-se moderadamente menos miserável. Estava quase chegando ao escritório de Joseph quando dobrou a esquina e ficou cara a cara com um dos gigantes guerreiros que se chamavam Theronai. Se erguia sobre ela, quase dois metros e treze de altura, seu corpo magro parecia crescer mais a cada segundo. Uma barba escura, crescida e desgrenhada cobria seu largo queixo, e seus olhos cor de âmbar, sombreados com fadiga, se iluminaram com a descoberta de quem era.

O coração de Jackie apertou com força, inundando seu corpo com adrenalina. Os instintos de sobrevivência aperfeiçoado nas cavernas onde tinha sido mantida em cativeiro chutaram. Continuou, na esperança de que passasse e a deixasse em paz, como Joseph tinha ordenado que todos seus homens fizessem. Mas este homem não passou. Avançou lentamente, parando a apenas a poucos centímetros na frente dela.

— Você é a única, — disse, sua voz áspera, como se tivesse gritado durante dias.

— Estou atrasada para uma reunião, — mentiu.



Seu longo braço avançou para ela, e ela inclinou-se para trás. — Deixe-me tocar em você. Deixe-me ver se é verdade.

Pânico explodiu em seu peito, mas estava acostumada com ele. Aprendeu da maneira mais difícil a esconder seu medo e terror, e agora essa habilidade surgia com facilidade, permitindo-a falar.

— Deixe-me em paz, — alertou, tentando dar um tom mais severo possível. Foi um blefe completo. Não havia nada que pudesse fazer para se defender contra ele. Estava fraca, devido ao seu longo cativeiro, e até mesmo se não tivesse estado lá, sua avassaladora força era tão óbvia, que era impossível que sequer considerasse lutar com ele.

Raiva e desespero encheram seu olhar enquanto olhava para ela. — Não dou a mínima para o que quer. Grace está morrendo. Se reivindicar você, poderá ser capaz de salvá-la.

Reivindicar você.

As palavras a deixaram fria, arrastando-a de volta para as cavernas onde tinha estado presa. Os monstros que a tinham raptado tratavam-na como um objeto, alimentando-se e cuidando dela com a mesma preocupação que tinham com uma embalagem de papel descartado de um lanche de hambúrguer.

Não podia fazer isso novamente. Não podia permitir que fosse usada ou estaria totalmente acabada, sem nada de si para salvar.

Mas o que aconteceria com Grace?

Jackie tinha ouvido rumores de Grace. Era uma humana que se sacrificou para salvar um guerreiro Theronai e ficou paralisada. Tomou para si seus ferimentos, libertando-o, enquanto estava presa e morrendo, seu corpo humano muito fraco para combater o veneno que havia causado sua paralisia. Ninguém era capaz de salvá-la. Nem mesmo os curandeiros vampiros que as pessoas chamavam de Sanguinar.

— Fique longe, — advertiu, se esforçando para fazer sua voz firme e inflexível. Às vezes, esse tom havia funcionado para manter os monstros menores à distância. Por um tempo.

Recuou, segurando as mãos em frente de si para afastá-lo se chegasse perto demais.

Os olhos dele estavam fechados como se estivesse travando uma luta interna. Quando falou, sua voz era suave, suplicante, — Sou Torr. Não vou te machucar. Mas preciso de você. Grace precisa de você. Pode ser sua única esperança.

Jackie tapou os ouvidos antes que pudesse ouvir mais. Não queria ser a única esperança de ninguém. Tudo o que queria era recuperar sua vida. — Não posso. Sinto muito.

O homem se inclinou para frente e agarrou seus braços. Se moveu tão rápido que não percebeu quando isso aconteceu até que foi tarde demais. Violentas e severas vibrações golpearam-lhe a pele aonde a tocava. Sacudindo seus ossos e sentiu um comichão interior.

Olhou para o anel que todos os homens como ele usavam na mão esquerda. Um perturbador redemoinho de cores irrompeu abaixo da superfície do anel liso e iridescente. Jackie viu como seu colar correspondente fazia o mesmo.

As joias era o que chamavam de Luceria. Duas peças vinculadas irrevogavelmente por magia, a qual não se importava em entender. Eram usados para unir casais da mesma forma que suas



irmãs haviam sido unidas a seus maridos como um canal de magia do homem para a mulher. Embora esse vínculo permitisse que as mulheres fizessem coisas incríveis, Jackie não queria fazer parte disto. Esse não era o seu mundo.

Ele pegou suas mãos e as levou a sua garganta, enrolando os dedos em torno de seu colar. — Tire isso. Preciso de você para salvá-la.

A escorregadia faixa se sentia quente. Uma cascata de amarelos e dourados saíram disparadas da ponta dos dedos, ondulando ao longo da faixa lisa.

— Não. Deixe-me em paz.

Sua lábios se enrolaram em um rosnado. — Não. Não posso. — O aperto sobre suas mãos aumentaram até que seus dedos começaram a formigar por falta de sangue.

— Por favor, — implorou. — Deixe-me ir.

O frenético desespero em seu olhar cresceu como uma febre intensa. Apoiou-a contra uma parede, empurrando com força suficiente para bater o ar fora dela. — Faça isso!

Jackie não podia suportar olhá-lo e ver sua necessidade. Sabia que estava com dor, como todos os homens e queria ser o tipo de pessoa disposta a ajudar, mas já pagou suas dívidas. Foi usada por seu sangue, servindo de alimento por dois anos. Manteve outras mulheres e crianças vivas. Nem todos elas, apenas algumas. Não podia deixar esse homem ou qualquer outro usá-la agora, não quando estava finalmente livre.

Seu corpo pressionava contra o dela. Podia sentir os ângulos duros de seus ossos e músculos, senti-los vibrando com raiva. Não gostou disso.

Medo surgiu dentro dela, mas estava tão acostumada a isso, que dificilmente notava. Seus dedos ficaram dormentes e frios. Tentou empurrá-lo para longe com o seu corpo, mas era como tentar empurrar um trem de carga para cima. Não se mexeu um centímetro, e seus esforços pareciam apenas irritá-lo ainda mais.

— Pare de lutar contra mim. Disse que não vou te machucar.

— Então me deixe ir.

Ele soltou suas mãos, passou os braços em volta dela, e levantou-a do chão. — Estamos indo ver Grace. Então fará a escolha certa.

Não. Jackie não queria isso. Não queria testemunhar mais sofrimento. Já viu o suficiente de dor e tortura dos outros.

Chutou, lançando um golpe sólido contra suas canelas. Nem sequer grunhiu. Em vez disso, jogou-a sobre seu ombro. Seus ossos cravaram-se em seu estômago, e uma onda de náusea colidiu com ela. Lutou para não vomitar em suas costas enquanto batia nele com os punhos.

— Ponha-me no chão!

A voz baixa e calma veio de trás deles. — Sugiro que faça como a moça disse, Torr.

Iain. Conheceria sua voz em qualquer lugar. Calma. Estável. Deslizando sobre ela, permitindo que uma pequena sensação de alívio chegasse entre as fendas de seu pânico.

Torr virou-se e colocou os pés de Jackie no chão. Sua cabeça deu voltas, e estendeu a mão para a parede para se firmar. Uma mão quente e forte envolveu seu braço, e podia dizer pela



vibração de seu toque que não era Torr. Era mais segura, mais forte, mais parecida com a batida de um coração do que um frenético bater de asas de inseto.

Olhou para cima. Iain a olhava, seu rosto estoico. O calor da sua mão afundou através de seu paletó, espalhando-se do braço e abaixo em seu peito. Estava ali, atordoada demais para falar ou mover-se, simplesmente olhando e absorvendo aquele calor como se estivesse faminta por isso.

O negro olhar dele deslizou por seu corpo e voltou para cima novamente, como se procurasse sinais de lesão. Quando não achou nenhum, olhou bem nos olhos dela. O contato foi direto demais. Muito íntimo.

Como a covarde que era, baixou os olhos até que estava olhando para sua boca. Seu lábio superior era fino, com uma profunda definição no centro, enquanto que seu lábio inferior era cheio, quase bonito.

Esse pensamento chocou-a o suficiente para que seu olhar baixasse para a mandíbula, que era larga e robusta, e depois para baixo em sua garganta, onde não esperava encontrar algo intrigante.

A Luceria em seu pescoço brilhava enquanto vibrava em reação à sua proximidade.

Essa visão espetacular a lembrou que não era um homem. Pelo menos, não um humano. Nenhum desses homens eram. Então, novamente, ela não era humana, também. Ou foi isso que disseram.

— Está machucada?, — Perguntou.

Orgulho forçou-a a olhar nos olhos dele mais uma vez. Não deixaria ninguém fazê-la se esconder, nunca mais.

Não havia uma única sugestão de desespero em sua expressão, e quando seu olhar encontrou o dela, estava felizmente vazio da esperança frenética que havia visto em tantos outros.

— Estou bem, — conseguiu colocar para fora.

Iain assentiu e deu um passo adiante, colocando seu corpo largo na frente dela, de modo que estava em segurança, fora do alcance de Torr. Parou por um segundo, como se o seu poderoso corpo apertasse em dor. Então, continuou como se nada tivesse acontecido. — Não pode fazer isso, Torr.

A perda de seu toque deixou-lhe com a sensação de frio e instabilidade. Era ridículo, é claro, apenas um truque de sua mente ou algum tipo de ilusão infligida pela sua Luceria. Pelo menos não havia tocado sua pele nua. Havia aprendido que o tecido muda os efeitos do contato com esses homens, e nunca esteve mais grata pelas mangas compridas que usava do que agora. Pelo menos foi o que disse a si mesma, mesmo quando sua mão cobriu o local aonde a tinha tocado, tentando segurar o calor que havia deixado para trás.

A voz de Torr saiu triste, quase um soluço. — Tenho que reivindicá-la. Pode salvar Grace.

— Não sabe disso, — disse Iain.

— Não sabe se não pode.

O tom de Iain era amigável, sem acusação. — Não é assim que fazemos as coisas. O que Grace dirá se o ver com outra mulher por perto? Onde está sua honra?



Os olhos cor de âmbar de Torr se encheram de lágrimas. — Grace merece uma chance de viver.

— Ela fez sua escolha. Salvou sua vida. Não menospreze seu sacrifício por ser um imbecil.

— Não posso vê-la morrer.

— Então, não faça, — disse Iain, olhando o homem mais alto direto nos olhos. — Vá embora.

Volte quando acabar.

Torr zombou e resmungou entre dentes cerrados — Abandoná-la à morte?

— Está em coma. Não sabe que está lá.

A mandíbula de Torr se contraiu. — E se estiver errado?

— Então isso é ainda um motivo a mais para ir embora. Se pode de alguma forma sentir seu sofrimento, realmente quer submetê-la a isso?

Torr agarrou a cabeça entre as mãos e inclinou-se. Um gemido baixo, como o de um animal ferido, subiu em seu peito. — Não posso fazer isso, Iain. É pedir demais. Tenho que salvá-la.

Jackie tentou não escutar. Já viu muito sofrimento. Não queria testemunhar o de Grace, também. Era egoísmo desejar a felicidade da ignorância, mas não podia salvar a todos.

O que, em poucas palavras, era por que tinha que ir.

— Você fez tudo o que pode, — disse Iain. — Deixe-a partir.

— Obviamente nunca perdeu a mulher que ama, — rosnou Torr.

— Sim. Perdi. Sei como é... a dor, a culpa. Vai superar isso, eventualmente. — Seu tom era desprovido de emoção, como se estivesse afirmando fatos da vida de outra pessoa.

Jackie quase perguntou se estava mentindo, mas algo em seu interior disse que não estava. Iain não parecia o tipo de homem capaz de amar. Parecia muito frio para que sentisse emoções também.

— Não há como *superar* algo como isso, — Torr quase gritou.

— Pode não ver um caminho pela frente agora, mas vai encontrar um. Dê a si mesmo algum tempo.

— É um maldito bastardo frio, sabe disso, Iain?

— Sei. E quanto mais tempo estiver com Grace, mais se tornará, também. Por isso, realmente sinto muito.

Jackie ficou ali, sem saber o que fazer. Essa conversa não tinha nada a ver com ela, e ainda assim não conseguiu se esgueirar para fora como uma covarde sem agradecer Iain por parar Torr.

Recuou, bem fora do alcance de seu braço. Torr afastou-se, fazendo-a estremecer quando passou.

— Acho que te deixara em paz agora, — disse Iain. Não se moveu para tocá-la novamente, como tantos homens faziam. Ficou parado, apenas respirando, olhando-a com calmos olhos negros.

Não era tão alto quanto Torr, mas ainda assim era quase trinta centímetros mais alto do que ela. Seus ombros largos pareciam encher o corredor. Mesmo quando estava vestido com roupas casuais, o poder emanava dele, irradiando em ondas palpáveis. Seus braços e pernas eram grossos, e músculos estendiam-se por seu tórax. O jeans desbotado se apegava a seus quadris, a



cintura levemente inclinada com o peso de sua espada, que não podia ver, mas sabia que estava lá.

Ainda podia lembrar a forma como seus dedos formigavam com seu toque na noite que a tirou de sua jaula. Cada Theronai aqui que conseguiu tocá-la teve o mesmo efeito desconcertante, mas com Iain, era diferente. Não tinha certeza sobre o que era e porque tinha a capacidade de acalmar seus nervos desordenados, mas o que quer que fosse, encontrava-se mergulhada nele, esperando que não fosse apressar-se como fez tantas vezes antes, durante seus poucos e breves encontros.

Olhou para o chão, sem saber o que dizer. — Obrigada. Por pará-lo. Obviamente, não é ele mesmo agora.

— É educado inventar desculpas para ele, mas isso não vai ajudá-lo a longo prazo. Ele precisa encarar os fatos. E você também.

Sua coluna se endireitou em indignação. Era a vítima aqui. Quem era ele para tratá-la como se tivesse cometido algum erro de julgamento? — Desculpe-me?

— Você me ouviu. Fica passeando por aqui, agindo como se não fosse um catalisador para a violência.

— Acha que pedi isso? Que fiz isso para mim? Torr foi o único que foi longe demais. Só saí do meu quarto.

— Isso é tudo que precisa. Está torturando esses homens, fazendo-os pensar que têm uma chance com você. Se tivesse algum juízo, escolheria um deles e acabaria com isso.

Um *deles*. Não um de *nós*. Percebeu a leve distinção e achou intrigante. Por que não se incluía entre o resto dos homens? Ainda usava ambas as partes de sua Luceria, o que significava que estava disponível.

Talvez isso tivesse algo a ver com a mulher que amou e perdeu e aquela cuja morte havia lhe convertido em um bastardo reconhecido.

Forçou-se a olhá-lo nos olhos enquanto mentia, inclinando a cabeça para trás para tornar isso possível. — Escolherei alguém quando e se estiver pronta.

— Sim? Bem, vamos torcer para que ninguém se torne um assassino enquanto toma seu doce tempo.

— Não vai chegar a esse ponto.

— E o que vai fazer para pará-los? Está lidando com grandes guerreiros armados não com executivos engravatados de merda, como os homens que está acostumada.

Como sabia? Não contou a ninguém sobre sua vida anterior. Não confiava em ninguém o suficiente para arriscar dando mais informação do que era necessário. — Me investigou?

— Busquei no Google. Pensei que alguém aqui deveria saber quem era realmente, em vez de sonhar com quem queriam que fosse.

— E?

— E o quê?

— Achou um monte de esqueletos saindo fora do meu armário?



Cruzou os braços sobre o peito, fazendo sua camisa esticar em seus músculos. As pontas dos vários ramos nus de sua árvore tatuada espreitavam debaixo de sua manga esquerda. — É inteligente. Educada. E uma predadora quando se trata de negócios. As pessoas a respeitavam. A temiam.

— Diz isso como se fosse uma coisa boa.

— Em nosso mundo, é. Claro, não vejo agora nenhum sinal da mulher que costumava ser. Tudo o que vejo é uma garotinha assustada que prefere se esconder do que fazer a coisa certa.

— Passei por muita coisa nestes últimos dois anos, — falou com os dentes cerrados.

— E quem não passou? A vida é dura. Aceite a fodida taça! — Com isso, virou as costas e deixou-a ali parada.

Jackie tremia de raiva ao vê-lo ir embora. E só havia uma razão pela qual estava tão enfurecida por suas palavras como estava: estava certo. Era apenas uma casca de seu antigo eu, e não gostava do que se tornou. Não gostava de estar com medo o tempo todo, não apenas dos monstros, mas das pessoas que viviam aqui. E de seu futuro.

Se recompôs e marchou os últimos metros para o escritório de Joseph. Era hora de retomar sua vida.

Capítulo 2

Normalmente, uma vez que Iain se afastava de alguém, deixava a conversa atrás, deixando-a ir. Simplesmente não se importava o suficiente para carregar os problemas de outras pessoas. Mas desta vez era diferente.

Não conseguia tirar Jackie de sua cabeça. Permaneceu ali, no fundo de sua mente, como um quebra-cabeça deixado para se resolver.

Seu monstro, a besta escura furiosa que se escondia dentro dele, sempre ameaçando se libertar e matar, estava desperta, seus ouvidos contraídos com interesse.

Mesmo através das camadas de roupa, sentiu algo quando a tocou. Algumas vibrações profundas e ressonantes que infiltraram-se nas partes mais frias dele. Sua mão ainda formigava, e a dor que atingia seu corpo, diminuiu ligeiramente em contato com ela, e agora tinha voltado como uma vingança.

Estava acostumado com a dor. Era parte de sua vida. A aceitava como fazia com sua própria pele, mas ao conhecê-la, percebia algo mais.

Jackie tinha a capacidade de afetá-lo quando ninguém mais podia. Não que isso importasse. Não podia salvá-lo. Impediu Torr de cometer um erro. Não havia nada em que pensar.

E ainda lá estava ela, assombrando um pequeno canto de sua mente com a lembrança de quão quente esteve, quão delicado foi sentir seu braço sob seus dedos. Quando a tocou, havia algo ali, alguma mudança sutil dentro dele. Não podia dizer o que era, e mesmo se pudesse, não teria feito qualquer diferença.



Estava condenado. Sem alma. Ninguém sabia de seu estado perigoso, só ele. Mesmo que sua Luceria zumbisse quando chegava perto de Jackie, como se na espera de um alívio para a morte. A coisa, aparentemente, não aceitava que era tarde demais para ele.

Mas havia alguém que ainda tinha uma chance: Cain.

Iain não poderia salvar a alma de seu irmão, mas com certeza poderia retardar sua morte.

O anel preto queimava em sua mão como gelo, enquanto carregava-o pelos corredores de Dabyr, um complexo fortificado que protegia cerca de quinhentos seres humanos e Sentinelas. Poderia ter empurrado o anel no bolso, mas a dor o lembrava do perigo do que estava prestes a fazer. Um movimento em falso, e ele e outros quatro homens, homens que considerava irmãos, seriam condenados à morte.

O Bando dos Áridos era o único refúgio para os guerreiros sem alma, e Iain era o único homem que sabia quem estava nele. Recrutou todos eles. E agora havia mais um que precisava recrutar, antes que fosse tarde demais.

Encontrou Cain na antecâmara fora do Salão dos Caídos, olhando para uma espada gasta na parede. A delicada faixa de cor cinza brilhante estava tecida em torno de um punho desgastado.

A espada de Angus. A Luceria de Gilda.

O casal morreu há algumas semanas, e enquanto Iain estava além de qualquer sentimento de luto por seus amigos, recordou da dor desse sentimento e como esmagava a respiração do corpo de um homem e minava sua vontade de viver. Lembrou-se de como se sentiu depois que sua prometida havia morrido nas mãos do Synestryn. A dor foi muito pior do que qualquer coisa que havia experimentado em sua vida por um longo tempo, e de alguma forma, ainda não o tinha matado.

Durante anos, desejava que o tivesse feito.

Um pedaço do homem que foi uma vez ansiava por sentir isso de novo, mesmo porque isso significaria que uma parte minúscula de sua alma ainda estaria viva. Mas a única emoção que parecia ter deixado era a raiva, a única coisa que tinha sobrevivido a morte de sua alma.

Cain levantou a escura cabeça em surpresa enquanto Iain entrava nesse lugar de luto e lembrança. A sala ficou em silêncio exceto pelo crepitar do fogo. As paredes escuras, o tapete macio e os móveis confortáveis foram projetados para tornar o ambiente acolhedor, mas não havia felicidade aqui. Nenhuma esperança.

A voz de Cain era profunda e rouca, como se estivesse em um prolongado silêncio. — Vou sair para que possa ter seu tempo para chorar sozinho.

Iain manteve sua expressão neutra, esperando para ver se o outro homem sentiria algum tipo de dor. Não podia deixar Cain saber de seu segredo, não até ter certeza do que seus instintos lhe diziam. — Estava procurando por você.

Cain era um homem gigante, inclusive entre os Theronai. Os anos de batalha endureceram seu corpo e se gravaram em sua pele. Pequenas cicatrizes pontilhavam as costas das mãos, bem como alguns lugares no rosto. Fortes músculos tencionaram sob a blusa de gola alta enquanto enfrentava Iain cara a cara.



A gola era um mau sinal entre sua espécie. O peito de cada guerreiro Theronai era marcado com uma imagem de uma árvore viva. À medida que envelheciam, também fazia a marca da vida, florescendo e se fortificando a cada dia como a magia dentro deles que crescia, e que só poderia ser acessada por uma fêmea de sua raça. Um par de séculos atrás, seus inimigos atacaram, matando quase todas as suas mulheres. Os homens que ficaram sozinhos, lutaram para conter a magia que continuava a crescer dentro deles sem saída. Como o poder que carregavam crescia, suas almas começaram a enfraquecer e morrer. As folhas caíam de suas marca da vida, cada uma marcando a perda de quem e o que eram.

Os guerreiros se tornavam mais sombrios, mais irritados. A dor era demais para alguns, e tiravam suas próprias vidas.

Iain considerou fazer o mesmo mais vezes do que poderia contar, mas uma coisa manteve-o firme: Ele era a resposta às orações de seus irmãos. Podia salvá-los.

Havia encontrado artefatos mágicos que retardavam a deterioração de suas marcas da vida e permitiam que se agarrassem às suas almas por mais alguns anos. Seus esforços não salvaram a todos, mas salvou Madoc, que agora felizmente se uniu a uma mulher que podia exercer seu poder e tirar sua dor. Nika salvou a alma de Madoc, mas foi Iain quem tornou isso possível.

Esperava oferecer a Cain a mesma chance de sobrevivência.

Os sinais estavam todos lá. Cain estava mais sombrio do que o mês passado, mais silencioso. Sua roupa tinha mudado. Então, havia seus hábitos. Já não jantava mais com os outros. Sentava-se sozinho, ignorando o resto dos homens que se ofereciam para lhe fazer companhia.

Aqueles eram os sinais de que sua marca da vida estava quase nua, e que seu tempo estava acabando. Foi se distanciando dos outros, fazendo o que podia para que sua morte fosse mais fácil para seus irmãos. Iain tinha visto isso antes.

— Por que estava procurando por mim? — Perguntou Cain.

Essa sempre era a parte mais difícil. Iain tinha que oferecer a Cain a chance de retardar a queda das folhas de sua marca da vida sem trair o fato de que havia outros como ele, cujas almas estavam quase mortas. — Estava preocupado com você. Você parece meio... diferente ultimamente.

O rosto de Cain apertou com cinismo. — Será que Joseph o mandou aqui?

— Não.

— Besteira, — cuspiu Cain. — Não me escuta quando digo que estou bem, agora está me espionando.

— Você não está bem, e nós dois sabemos disso.

Cain apoiou a mão no punho de sua espada. Um pouco de magia a fazia invisível a olho nu, até que fosse extraída, mas Iain sabia que estava lá. Também sabia que um homem perto de seu fim não teria dificuldade em usar a lâmina para atacar alguém que já havia considerado um amigo.

Iain colocou o anel no bolso e levantou as mãos em sinal de rendição. — Você não quer fazer isso.

— O que quero parece não importar mais. Meus melhores amigos estão mortos. Sua filha, a menina que foi como minha própria filha, durante séculos, literalmente cresceu durante a noite e



já não precisa de mim. Não quer mais que me intrometa em sua vida. É por isso que se foi. — Sua voz se quebrou no final e clareou a garganta enquanto lutava para recuperar a compostura.

A dor do homem teria doído em Iain há alguns anos atrás. Agora era simplesmente mais um fato a utilizar para medir o estado decadente de seu irmão.

— O seu dever com Sibyl era a sua vida. Agora que não é mais uma criança, se sente perdido. Entendo.

Cain levantou o olhar, encontrando os olhos de Iain pela primeira vez desde que entrou na sala. Havia dor e desespero lá. Montanhas de agonia esmagando a alma de seu corpo.

— Quero ajudar, — disse Iain.

— Não há nada que alguém possa fazer. É tarde demais. Sou uma farsa. Deixarei Joseph saber de minhas intenções antes de sair hoje à noite.

— Vai se matar. — não era uma pergunta.

Cain engoliu em seco, e seu corpo grande tremeu de medo e arrependimento. — Não quero morrer, mas prefiro morrer tranquilamente do que arriscar prejudicar Sibyl, que é o que farei se segui-la para a África como uma espécie de pai autoritário. Mesmo se fingir que só estou lá para ajudar a reconstruir as ruínas da fortaleza, saberá a verdade.

— E se pudesse lhe oferecer outra alternativa?

Cain deixou escapar um longo suspiro resignado, e em seguida, tirou sua camisa. Sua marca da vida estavam quase nua, com apenas algumas poucas e preciosas folhas precariamente agarradas aos ramos vazios. — Não existem outras alternativas. É tarde demais para mim.

Iain não mostrou nenhum sinal de horror ou surpresa. Estava exatamente como tinha pensado. — Descobri uma outra alternativa, mas antes que lhe diga mais alguma coisa, preciso do seu voto de silêncio.

Franziu sua larga testa em confusão. — O quê?

— Tem que me prometer que nunca falará com alguém sobre o que vou lhe contar agora.

— Não entendo, Iain. Do que diabos está falando?

— Estou oferecendo-lhe sua vida em troca de seu silêncio. Quer negociar ou não?

Cain hesitou, mas não foi o primeiro a fazê-lo. E Iain sabia exatamente que botões apertar para obter o resultado que queria. A vida de seu irmão valia mais do que as regras pelas quais viviam.

— Pense em Sibyl. Acaba de perder seus pais. O que vai acontecer se lhe perder tão cedo?

Cain fechou os olhos e sua boca se apertou com angústia. — Me pediu para deixá-la sozinha. Me deixou para trás quando foi se juntar a Lexi e Zach.

— Não lhe pediu para morrer, não é?

— Não há nada que alguém possa fazer sobre isso. Nem mesmo você.

— E se estiver errado? Que mal há em ouvir-me? Na pior das hipóteses, pegará sua espada e se jogará em um ninho esta noite, se não gostar do que tenho a dizer. Na melhor das hipóteses, viverá tempo o suficiente para ver Sibyl unida com um dos nossos homens, protegida.

Cain hesitou por um longo momento. Seu olhar moveu-se para a espada de Angus, onde a Luceria de Gilda estava entrelaçada em volta.



— Deixe-me tentar ajudá-lo, — disse Iain.

— Ninguém pode me ajudar, mas serei tolo o bastante para ouvir mesmo assim.

— Jura que nada do que falar aqui agora vai passar de seus lábios?

Houve um longo silêncio antes dele finalmente dizer, — Juro.

O peso da promessa de Cain caiu em volta de Iain. Preparou-se, sofrendo com o peso do voto de seu irmão. Passou rapidamente, mas a magia da promessa de Cain não desapareceria tão rapidamente.

Olhou direto nos olhos de Cain, desejando que soubesse que o que falava era a verdade. — Há alguns de nós, como você, que chegaram até o limite do nosso tempo. Anos atrás, comecei a procurar uma maneira de salvá-los. Descobri artefatos que tinham o poder de retardar o processo.

— Artefatos?

— Bugigangas mágicas. A mãe de Gilda falou deles uma vez quando era menino. Não sabia que tinha ouvido. Pensei que poderia ser simplesmente um mito, mas então encontrei um. Funcionou. — Por um tempo. Nada poderia deter o fluxo do tempo para sempre, e a última folha de Iain tinha caído há muito tempo, mas comprou tempo suficiente para aprender o que precisava para esconder seu estado estéril. Aprendeu a fingir que tinha uma alma, a fingir que tinha honra. Tudo o que fazia agora era cuidadosamente coreografado num conjunto de mentiras destinadas a enganar todos ao seu redor. E funcionou.

Passou esse conhecimento para aqueles que lhe permitiram ajudar, assim como tinha repassado os artefatos que tinha encontrado.

O anel preto tinha sido o primeiro.

— Como pode ser isso? Nunca ouvi falar de nada parecido com isso.

— Aqueles que criaram esses dispositivos não queriam que sua existência fosse conhecida. Se o que fizeram fosse descoberto, as pessoas que estavam tentando ajudar teriam sido condenadas à morte.

— Como funcionam?

Iain puxou o anel preto do bolso, ignorando a fria queimação dele, e estendeu-o na palma da mão. — Este diminui a velocidade com que suas folhas caem. Não vai salvá-lo para sempre, mas vai ajudá-lo a ganhar tempo até que encontre a mulher que pode te salvar.

Talvez Jackie. Não tinha escolhido um homem ainda, mas o faria. Cain era um homem bom. Poderia escolhê-lo.

Uma onda de ira cresceu dentro de Iain, distraíndo-o por um momento. Não entendia de onde veio, mas estava lá, queimando profundamente dentro dele.

A vontade de desembainhar a espada e cortar fora a cabeça de Cain chocou-se contra ele. Em sua mente, podia ver o arco de sangue de seu irmão através da parede enquanto caia de joelhos. Queria isso. Precisava disso. Cain não poderia tocar em Jackie se estivesse morto.

Os punhos de Iain se apertaram enquanto lutava contra a sede de sangue. Sua mão doía para desembainhar a espada.



Cain era seu amigo, e enquanto que agora não sentia mais nada pelo homem do que fazia pela poltrona de couro à sua esquerda, já sentiu alguma vez. Uma ternura, talvez. Era difícil lembrar agora, especialmente com a raiva martelando nele para agir, para matar.

Finja que tem honra.

Isso era o que dizia a seus homens. Era tudo o que restava para fazer agora. Não era tão difícil. Fez isso milhares de vezes antes. Foi um bom homem uma vez. Era seu dever se comportar como se fosse o mesmo homem agora. Talvez no futuro matasse Cain, mas não agora.

O pensamento aliviou-lhe um pouco, dando-lhe força para assumir o controle de si mesmo. Empurrou para baixo as últimas brasas cintilantes de sua raiva com muita força de vontade, voltando o foco para seu irmão e o que precisava de ser feito.

Cain lançou-lhe um olhar cético. — Quantos de vocês estão nisso?

— Não precisa saber disso. Só eu sei, e se concordar em se juntar ao nosso Bando dos Áridos, juro que nunca irei revelar-lhe como membro, assim como nunca vou lhe revelar quem são os outros.

Cain olhou para o anel, com uma esperança evidente em seu rosto.

— O que vai pedir em troca por salvar a minha vida?

— Só que viva pelo código que defini para todos nós. Nossas vidas dependem de sigilo. Se Joseph chegar a descobrir, nos enviaria aos Slayers para sermos executados. Temos que fingir que estamos bem, meu amigo. Deve agir como se estivesse bem, como se tivesse honra, não importa o quão escuro seus pensamentos sejam.

— O que ganha com isso?

Iain não tinha mais certeza. Primeiro simplesmente queria salvar seus irmãos, mas agora até mesmo a satisfação que sentia começava a ser uma memória distante. Suas ações eram agora meramente hábitos e os fazia porque sempre o fizera, sem pensar no porquê.

Mas essa resposta não era o que os membros do Bando precisavam ouvir. Precisavam de esperança para que pudessem se manter por mais algum tempo, lutando contra o mal como estavam destinados a fazer.

— O que não faria para salvar um de seus irmãos?, — Perguntou Iain. — Estamos juntos nisso.

— É contra as regras.

— Precisamos de todos os guerreiros que possamos ter, se quisermos ter a menor chance de ganhar esta guerra, mesmo que isso signifique quebrar algumas regras.

— Disse que retarda o progresso?

— Correto.

— Como sabe quando é tarde demais? Como vai nos impedir de ferir uns aos outros, e porque esperar por algum tempo para desistir de lutar?

— Mantenho um olhar atento sobre todos. Se for longe demais, ou se fizer qualquer coisa para prejudicar aos outros, te matarei.

Até agora, esse último não foi necessário. Até mesmo Madoc, que esteve pior do que a maioria, conseguiu encontrar a salvação a tempo. Apenas Iain se mantivera por tempo demais, e



agora não era mais o mesmo homem que costumava ser, assim deixou de se preocupar se deveria ter caminhado para a morte há muito tempo.

Se morresse, quem iria recrutar as pessoas que estavam no fim do seu tempo? Quem prestaria atenção neles? Não poderia entregar esse fardo para outra pessoa. Só ele era suficientemente forte para resistir aos seus mais escuros impulsos. Seu compromisso absoluto com seus irmãos era o que manteve por anos. Sua devoção as regras que criou para si mesmo haviam escondido sua condição, até mesmo de outros membros do Bando. Nenhum deles sabia que sua alma estava morta, só que estava perto do fim.

Um dia morreria lutando, mas se recusava a desistir. Podia não ter as emoções mais suaves que compunham o que passava pela sua consciência, mas tinha sua honra. Lembrava-se o que era amar alguém tão completamente até que nada mais importava.

Serena estava muito longe, mas seus irmãos completavam o vazio, dando-lhe um propósito de substituir a esperança que havia perdido há muito tempo.

Cain assentiu e estendeu a mão. — Ok.

Iain estendeu o anel. — Isto queima como o inferno.

— Estou acostumado a dor.

— Quando encontrar sua mulher, não se esqueça de retirá-lo e me devolver. Não será capaz de se vincular enquanto o usar. Poderá até não ser capaz de detectar a compatibilidade. Madoc usava esse anel e aprendeu um bocado de informação da maneira mais difícil.

— Entendo.

Cain deslizou o anel em seu grosso dedo, apertando a mão em um punho. Se sentiu a fria queimadura que saía do metal, escondeu-o bem.

— Ótimo. Agora sente-se e me deixe explicar o que precisa fazer, o que vai impedi-lo de ser enviado para os Slayers.

Capítulo 3

Torr estava ao lado de Grace. Estava tão magra, tão pálida. Toda a beleza e vitalidade que um dia enchia cada um de seus movimentos foi embora. A cada dia que passava, deslizava para mais longe dele.

O aparelho ao qual respirava por ela silvou silenciosamente, quebrando o silêncio da sala.

Torr segurou-lhe a mão, recusando-se a expressar a raiva em suas ações. Ela fez isso para si mesma. O salvou, pensando que era mais importante.

Não podia estar mais errada. O mundo estava cheio de pessoas, mas poucos tinham uma alma tão pura e boa como Grace. Sua infinita bondade havia ido embora agora, e o mundo era um lugar mais sombrio com a sua perda.

Logan entrou na sala com sua mulher, Hope, ao seu lado.

— O que encontrou? — Torr perguntou.



A expressão sombria de Logan disse-lhe tudo. Mesmo a beleza sobrenatural de sua raça não poderia mascarar a horrível verdade. — Fui incapaz de encontrar ajuda. Sinto muito.

— O que quer dizer?

— Tynan é o mais forte curandeiro entre nós. Existem apenas mais dois no mundo cujas habilidades superam a dele. Um morreu poucos dias atrás. O outro está dormindo.

— Então acorde-o.

— Não é tão fácil, Torr. Foi dormir, porque estava muito fraco para continuar.

— Lhe darei meu sangue. Pode ter tudo. — Não se importava em morrer, contanto que Grace vivesse.

— Não é o suficiente. Sinto muito. Tem que deixá-la ir.

O aperto de Torr nos dedos de Grace aumentou, e teve que relaxar conscientemente seu domínio sobre os dedos delicados. — Não.

— É crueldade deixá-la presa a essas máquinas. Lhe deu um presente, que está desperdiçando com a sua imprudência.

— Quero que viva.

— É humana. Mesmo se o dispositivo não a tivesse paralisado, teria morrido em um piscar de olhos.

— Uma vida inteira.

— Uma vida breve e humana. Seu sofrimento é inevitável. Quanto mais cedo deixá-la ir, mais cedo sua dor terminará e sua cura começará.

Torr nunca superaria o que Grace deixou que acontecesse a si mesma. Mesmo se sobrevivesse, viveria com essa culpa até seu último suspiro. Seu trabalho era proteger os seres humanos. Fez um voto, e ainda assim foi a única a arriscar sua vida para *salvá-lo*.

Apenas manteve o controle sobre sua raiva, mantendo-a fora de sua voz, em respeito a Grace. — Soa como Iain. Age como se fosse um objeto que posso facilmente jogar fora. Está errado. Se perdê-la, não sobreviverei.

A boca de Logan curvou-se com compaixão. — Você vai. Pode não ver claramente agora, mas já vi isso antes. Essa é a natureza das coisas.

Torr apertou os punhos para não envolvê-los em volta do lindo pescoço de Logan. Olhou para sua nova mulher. — Ouvi dizer que pode ver auras, que pode ler as pessoas.

— Posso, — disse Hope.

— Está com dor?

O olhar de Hope passou por ele e para onde Grace estava deitada na cama. — Está confusa. Triste.

— Então, ainda está aqui?

Hope assentiu, fazendo seu loiro rabo de cavalo balançar. — Quase não. Está fraca.

— É uma lutadora. O que tornará tudo possível. Apenas temos que encontrar alguém forte o suficiente para curá-la.

Logan suspirou. — E se não houver alguém? Quanto tempo vai forçá-la a ficar aqui, presa a esse lugar?



Determinação ergueu-se dentro dele, como uma muralha que ninguém poderia derrubar. Lançou a Logan um olhar duro, alertando o sanguessuga para recuar. — Enquanto for preciso.

Assim que a porta se fechou atrás de Logan, esse puxou Hope, fazendo-a parar. A tristeza que assombrava seus olhos era quase demais para Logan suportar. Queria levá-la para longe, para fazê-la sorrir novamente. Não estava pronto para revelar sua surpresa para ela, mas talvez fosse melhor dizer-lhe mais cedo ou mais tarde. Qualquer coisa para vê-la feliz.

— Não deve fazer isso para si mesma, — disse a ela. — Prometa-me que não vai voltar aqui e testemunhar o sofrimento de Torr.

— Quero ajudar. *Preciso* ajudar.

— Não há nada que alguém possa fazer. Consolaremos Torr quando Grace se for. Ele vai precisar de nós.

Negou com a cabeça. — É muito triste, sabe? Tão injusto.

Puxou-a em seus braços e apertou-a. Ver Torr lembrou-o de quanta sorte tinha, quão preciosa Hope era para ele. Se alguma coisa acontecesse com ela...

Não podia sequer pensar sobre essas coisas. Fazia uma escuridão, um redemoinho de péssimos sentimentos dentro dele, ameaçando saírem livres. Hope estava bem. Era sua. Tudo estava bem.

— Estive pensando sobre isso por um longo tempo, — disse ela. — Não queria dizer nada na frente de Torr, mas acho que tive uma ideia.

Logan a puxou para trás o suficiente para olhar em seu belo rosto. Tão doce, a sua Hope. Nunca se cansava de olhá-la. — O que quer dizer?

— Minhas memórias de Temprocia continuam voltando.

Temprocia, o mundo onde nasceu e cresceu. Suas lembranças do local foram retiradas para sua proteção, mas lentamente estavam voltando desde que tomou de seu sangue.

— Como é que isso pode ajudar Grace?, — Perguntou.

Suas sobrancelhas loiras reuniram-se em concentração. — Não me lembro de tudo, mas lembro de uma mulher, uma curandeira. Não me lembro do nome dela, mas posso ver seu rosto. Não tinha rugas, mas havia lá uma sabedoria, uma espécie de intelecto eterno, como se conhecesse todos os segredos do mundo. Lembro-me de olhar para ela e *saber* que podia fazer qualquer coisa. E se pudesse ajudar Grace?

Um alerta soou na cabeça de Logan. Hope tinha provado que estava mais do que disposta a colocar-se em perigo para salvar alguém. Não a queria em qualquer lugar perto do perigo nunca mais. — Talvez possa, mas uma vez que não há nenhuma maneira de se chegar a ela, é melhor não mencionarmos isso na frente de Torr.

Hope baixou seu olhar para longe dele e olhou para o chão. — E se houver uma maneira?

— O fato de não me olhar nos olhos quando fala me diz que trata-se de algo perigoso demais até para sequer considerar. Grace está morrendo. Temos que aceitar isso e seguir em frente.



— Não posso. Tenho tudo. Minha vida é plena e feliz. Que tipo de pessoa seria se não tentasse dar essa chance de felicidade a outra pessoa?

Isso era apenas mais uma razão por que a amava.

Apesar do fato de que sabia que ia se arrepender de perguntar, o fez de qualquer maneira.

— O que está pensando?

— Vim parar aqui através da Pedra Sentinela no edifício Tyler.

— A que trouxe aqui, apenas no caso de mais mulheres como você passarem. — Desesperadamente esperava que passassem também. Seus companheiros Sanguinar estavam morrendo de fome, e havia algo de especial no sangue de Hope que levava embora essa fome. Pelo menos fez com a dele.

Ela era o que sua raça deveria ter sido se não tivessem sido amaldiçoados antes de seu nascimento. Não tinha sede de sangue. Podia andar ao sol. Até mesmo Logan desejava ter essas liberdades, não havia outra pessoa que preferia ver mais feliz que Hope.

— E se, de alguma forma conseguíssemos mandar uma mensagem pela Pedra? Poderíamos pedir ajuda.

— Assumindo que podemos, como é que isso ajudaria?

— Estou tendo flashes de memória, alguns pequenos pedaços que me provocam. Há algo lá, e se puder descobrir isso, acho que saberei como fazer a Pedra funcionar.

— Os portais são coisas complicadas. Coisas perigosas.

— Posso fazer isso, Logan. Só preciso de sua ajuda.

Não gostou disso. Não gostava de nada que a colocasse em um possível perigo. Mas sabia que era melhor não negar-lhe. Se não a ajudasse, encontraria alguém que o faria. Não deixaria esse quebra-cabeça, não enquanto a vida de Grace estivesse na balança.

Logan assentiu. — Se quiser, a ajudarei, mas tem que me prometer que não vai fazer nada sem mim.

Ela sorriu, e o mundo de Logan se iluminou. — Prometo.

Seu voto caiu suavemente sobre seus ombros, confortando-o. — Não mencione isto a ninguém. Se Torr ficar sabendo da sugestão de nosso propósito, será implacável. Não vou tê-lo empurrando-a para além do que é seguro.

— Concordo. Faremos isso sozinhos. Se funcionar, então o diremos.

E depois que determinassem o resultado dessa tentativa de salvar a vida de Grace, diria-lhe o que fez e daria-lhe o que esperava que fosse seu presente de casamento.

Jackie entrou no escritório de Joseph, e ele imediatamente se levantou. Desviou o olhar, procurando qualquer coisa que pudesse distraí-la da esperança que viu em sua expressão com sua mera presença.

A sala estava cheia com mapas e documentos, fotografias e uma pilha de cartas fechadas. Armas penduradas nas paredes, e estava certa de que estavam lá por mais que um mero espetáculo. A desordenada mesa de conferência havia sido empurrada contra uma parede, as cadeiras cheias de mapas enrolados, cabos e alguns aparelhos eletrônicos. A grande janela atrás



de sua mesa oferecia uma visão clara das terras no exterior, incluindo a área de treino ao ar livre onde vários homens levantavam quantidades ridículas de peso. A julgar pelo seu tamanho e as árvores que marcavam os peitos nus de alguns, supôs que seriam Theronai.

Se deteve, congelando, quando avistou um deles. Se a vissem, poderiam vir aqui e exigir coisas que não estava disposta a dar.

Joseph deve ter percebido seu problema, porque virou-se e baixou as cortinas, bloqueando a possibilidade de ser vista.

— Obrigada, — disse, apesar do aperto na garganta.

— De nada. Por favor, sente-se.

Ela o fez, sentando-se na beirada da cadeira do lado oposto da mesa.

— Você está bonita, — disse ele.

De repente, seu terno parecia mais uma fantasia do que algo que sempre foi confortável. — Obrigada, — disse educada e automaticamente.

— Há algo que precise?, — Perguntou. — Tem alguém incomodando-a de novo?

Não estava prestes a dedurar, então manteve o que aconteceu com Torr para si mesma. — Não. Estou bem. Obrigada.

— Então... o que posso fazer por você?

Deu um suspiro em busca com coragem. — Estou indo embora. Só vim aqui para lhe comunicar.

— Quem vai com você?

— Ninguém. Preciso reconstruir minha vida. Sozinha.

Joseph começou a negar com a cabeça antes mesmo dela acabar de falar. — Não. Nós discutimos isso. Sinto muito, mas isso está fora de questão. É perigoso demais para você viver fora dessas paredes.

— Não é sua decisão.

— É sobre Samson? Porque se for, posso fazer algum tipo de arranjo.

Uma dor irradiou no fundo de seu coração. Samson era um bebê meio-demônio que Iain entregou há algumas semanas. A mãe da criança havia morrido dando-lhe a vida, e apesar das dificuldades, viveu mais do que apenas um dia ou dois que a maioria das crianças como ele sobrevivia.

Se apegou a ele em um curto espaço de tempo, mas foi levado para viver com pais adotivos fora dos muros de Dabyr. Joseph alegou que sua presença era um risco grande demais para as outras crianças aqui, que não havia nenhuma maneira de saber se ele se transformaria em alguém do mal e os atacaria.

Alguns dos filhos menos humanos dos demônios Synestryn fizeram exatamente isso. Viu isso acontecer.

— É apenas um bebê, — disse-lhe pela centésima vez.

— É metade Synestryn. Até que saibamos o que isso significa, não vou correr riscos com as pessoas que estão sob meus cuidados. Nós já passamos por isso, Jackie. Não vou mudar de ideia.



Entendia. Sentia falta do pequeno, mas não podia culpar Joseph de ser cuidadoso. Havia tantas pessoas, tantas crianças aqui, que dependiam dele e das decisões que tomava. Tendo estado na mesma posição de poder ela mesma, compreendeu o quão difícil o ato de equilíbrio poderia ser.

— Não se trata de Samson. Preciso sair. Estou mais forte agora. Preciso encontrar uma vida. Uma real, não uma cheia de monstros.

Joseph parecia curvar-se sob algum peso invisível. — Nunca poderá voltar a como as coisas estavam antes de ter sido sequestrada.

— Posso tentar.

— Tudo o que vai fazer é se matar, e sinto muito, mas não posso deixá-la fazer isso. Precisamos muito de você.

A raiva disparou através dela, fazendo seu tom acentuar-se. — Precisa de algo de mim que nunca estarei disposta a dar.

— Acho que está errada. Acho que uma vez que comece a nos conhecer melhor, uma vez que esteja curada, mudará de ideia.

— Estou curada. — Era uma mentira, mas uma que continuaria dizendo até que fosse verdade. Apesar de sua fraqueza, apesar dos pesadelos e as cicatrizes deixadas para trás, ela ficaria bem. Eventualmente.

Levantou uma sobrancelha com ceticismo. — Sério? É por isso que está se escondendo em sua suíte por semanas?

— Não gosto da maneira como os homens olham para mim. A maneira como me tocam.

— Há apenas uma maneira de parar com isso. Escolha um.

— Não.

Deu um longo suspiro. — Se for, os Synestryns irão atrás de você. Vão te encontrar. Estará de volta em uma caverna escura em algum lugar, esperando que um de nós vá lhe salvar. Isso é, se simplesmente não a matarem sem mais rodeios.

Sombrias, as violentas memórias ameaçavam lhe roubar o fôlego. O medo esmagava seus pulmões. Sua visão escureceu, e tremeu em sua cadeira. Todas as pobres crianças feridas. Usadas. Não poderia enfrentar mais disso. Preferia morrer.

Jackie demorou um momento para lançar essas memórias para trás, e o esforço a deixou agitada e fraca. Percorreu um longo caminho ao longo das últimas semanas, mas tinha um longo caminho a percorrer para voltar a ser a mulher que foi uma vez. Se não ficasse em seus próprios pés agora, temia que nunca iria ser ela mesma novamente, que acabaria dependendo dessas pessoas para o resto de sua miserável vida.

Não conseguia encarar os olhos de Joseph. — Que escolha tenho? Não posso viver aqui. Não quero fazer parte do seu mundo.

— Sinto muito, mas o que quer é irrelevante. Você *faz* parte do nosso mundo. Nasceu para ele, só não sabia até agora. Seja qual for a proteção natural de sua antiga ignorância, se foi. Se deixar a segurança dessas paredes, os Synestryns *irão* pegá-la.



Negação levantava-se em uma onda rápida e quente. Suas palavras saíram entre dentes cerrados. — Lutarei contra eles. Não vou deixá-los me terem viva.

— Então... o quê? Está pronta para morrer?

— Claro que não, só...

— Só está disposta a deixar que um bom homem morra porque é muito egoísta para fazer a coisa certa. — Seu tom cortante tomou-lhe de surpresa.

— Não é assim.

— Não?, — Perguntou, levantando-se. — Essa é a maneira que vejo. Nós te salvamos. Nós lhe abrigamos e a alimentamos. Tudo o que pedimos é que se apresse e faça o que nasceu para fazer.

— Não nasci para isso... — Acenou com a mão para as armas e mapas.

Joseph deu de ombros. — Está tornando difícil para mim ter qualquer simpatia por você. Meus homens estão morrendo. Você pode salvar um. Realmente não me importo se é o que quer fazer com sua vida.

— É realmente muito simples para você?

— Sim.

Soltou um suspiro de frustração. — Viu o que aconteceu quando tentei sair e dar uma mão a Paul e Andra. Isso não foi exatamente bem.

— Ainda não estava preparada. Não tinha poder. E, apesar disso, encontrou Samson.

— Não, Iain encontrou Samson, ou devo dizer, encontrou uma coisa que estava disposto a matar. Não há calor em qualquer parte nele.

— Ele é possivelmente o melhor guerreiro que tenho. Não peço para que seja carinhoso ou suave. Peço que faça seu trabalho bem feito.

Jackie estava certa de que fazia isso. O viu em ação na noite que resgatou a ela e os outros para fora das cavernas. Viu a violência letal que era capaz. E quando esteve entre ela e os monstros, nunca se sentiu mais segura.

— Não vai me deixar ir. Não quero me esconder em minha suíte todo o tempo para evitar ser tocada por homens estranhos. O que devo fazer?

Joseph cruzou os braços sobre o peito e se recostou na cadeira. — Escolha um dos homens. Então deixarei você sair. Poderá até mesmo ir ver Samson, se quiser.

Olhou para ele por um momento, muito chocada. — Realmente joga sujo, né?

— Não estou jogando.

Podia ver isso. Sua postura estava séria, sua expressão dura, e não havia nem sombra de um sorriso em qualquer lugar.

— Por que está fazendo isso?, — Perguntou.

— Preciso de você para dar aos homens uma esperança. São bons homens. Quem escolher dará sua vida para mantê-la feliz e segura. Inferno, mesmo os que não escolher o farão.

— Não é o que quero.

— Pensei ter deixado claro que não dou a mínima para o que quer. Nós salvamos seu lindo traseiro e a mantivemos segura por semanas. Diria que é hora de pagar.



— Não sabia que meu resgate vinha com amarras.

— Droga! — Esfregou a mão sobre sua cabeça, despenteando seu cabelo escuro. Quando falou, parecia exausto e esgotado. — Sinto muito. Não quis dizer isso do jeito que saiu. É bem vinda aqui durante o tempo que quiser, sem amarras.

— Mas não vai me deixar sair.

— Não. É muito preciosa para permitir o risco. Se quer sair, irá com o Theronai que escolher.

— Não estou escolhendo.

— Mas irá. Eventualmente, se cansará dos homens lutando por você. Só espero que não matem uns aos outros no processo.

O pensamento a horrorizou. — Não fariam isso, — mal respirava.

Moveu-se em torno da mesa e chegou muito perto. Levantou-se e deu um passo para trás, colocando a cadeira entre eles.

Fez uma careta para sua ação, mas não tentou se aproximar. — Não pode entender o que esses homens estão sofrendo, o que fariam para fazer essa dor parar.

— Não me diga que *não* entendo de sofrimento. Passei dois anos em cavernas à mercê desses monstros enquanto torturavam e matavam inocentes.

— Não estou tentando diminuir o que passou, mas pelo menos agora o seu sofrimento acabou. O nosso não. Não pode mudar isso para todos nós, mas pode mudar isso para um homem, salvar uma alma. Isso é realmente pedir muito?

Não era. No fundo, sabia que a sua hesitação era mais sobre medo e egoísmo do que fazer o que era certo.

— E se estiver errado? E se escolher o homem errado? Como pode me pedir para escolher uma vida para salvar, sabendo que os outros podem morrer?

— Ainda não entendeu, não é?, — Perguntou. — Pode escolher apenas um homem, mas sua decisão irá dar esperança a todos os outros. Vai ajudá-los a se manterem por mais tempo. A continuarem lutando. A resistirem em ceder à dor.

— Como posso dar esperança a alguém quando estou tão confusa?

Joseph negou com a cabeça. — Não sei. Tudo que peço é que tente.

Falharia. Não foi feita para este tipo de vida. Realmente só tinha uma opção.

Jackie suspirou derrotada. — Se fizer como quer e escolher um dos homens, ficará de lado e me deixará sair?

— Sim.

— Prometa-me. — sabia que suas promessas eram vinculativas, e que uma vez que desse sua palavra, não poderia voltar atrás.

Joseph olhou-a nos olhos. — Prometo que se escolher um dos homens para ser seu companheiro, deixarei que saia.

Um peso se abateu sobre ela e se esforçou para agarrar a mesa antes que entrasse em colapso.

Podia ouvir o sorriso na voz dele. — Reunirei os homens agora. Não vai se arrepender, Jackie.



Já o fazia, e logo quando descobrisse o que estava fazendo, também o faria.

No momento em que Jackie foi escolher um homem, Dabyr caiu em um estado de caos. Os homens corriam pelos corredores, empurrando-se para conseguir seu lugar na fila. Iain certificou-se de que Cain e o resto do Bando estivessem em um assento na primeira fila para a cerimônia, na esperança de que Jackie escolhesse um deles. Encontrou-se em um ponto agradável, vazio em volta, e estabeleceu-se para assistir ao show.

O auditório de veludo drapeado raramente era usado, mas a definição formal era apropriado para o que estava para acontecer.

Helen levou Jackie ao palco e sussurrou algumas palavras suaves para sua irmã. Agora que estavam juntas, Iain podia ver a prova das semelhanças que as mulheres compartilhavam do pai Athanasian.

O que quer que Helen disse, fez o rosto de Jackie ficar pálido. Seus selvagens olhos cinzentos percorriam a multidão, e podia ver o tremor de suas mãos.

Helen se aproximou do microfone, e jogou as tranças sobre os ombros. — Sabem por que estão aqui, por isso serei breve. Minha irmã Jackie concordou em escolher um de vocês. Quero que todos se lembrem que só pode escolher um, então a maioria de vocês ficará desapontados. — Apontou o dedo em advertência. — Não deixarei que qualquer um de vocês se tornem uns idiotas, ou serei forçada a tomar medidas. Duvido que gostarão do resultado. Entendido?

Houve um estrondo geral de assentimento entre os trinta ou quarenta homens presentes. Iain não reconhecia todos eles, os homens chegaram dos quatro cantos do mundo depois de ouvirem os rumores da presença de Jackie.

— Vai aceitar o voto de cada um de vocês, e então tomará sua decisão. Então, por favor, apresentem-se de forma ordenada.

Drake, marido de Helen, montava guarda nas escadas, para fazer o controle da multidão. Sua espada estava para fora de forma visível, como uma advertência para qualquer um que pudesse considerar causar algum problema.

No lado oposto do palco estava Andra. Mesmo com seu couro preto, botas de combate, e sua postura preparada, não conseguia enganar Iain. Se a tonalidade verde de sua pele era qualquer indicação, estava nervosa com o processo. Paul estava ao seu lado, com sua mão embaixo de suas costas em um gesto protetor. Aparentemente, estava preocupado com ela tanto quanto estava preocupada com Jackie.

Madoc fez uma careta para os homens em seu posto perto das portas traseiras. Nika ficou na frente dele, olhando para o espaço, a cabeça inclinada para o lado como se estivesse ouvindo algo que ninguém mais pudesse ouvir. Um leve sorriso curvou seus lábios sem nenhum motivo aparente.

Um por um, cada guerreiro entrou para oferecer a Jackie seu voto. O primeiro homem da fila era Nicholas, seu rosto horrivelmente marcado tão cheio de esperança que quase fez que Iain estremecesse. Era um bom homem, mas não era exatamente o homem mais bonito ao redor, e



Jackie tinham uma grande quantidade para continuar. Aparência importava, mesmo que apenas de uma pequena maneira.

No momento que Nicholas parou, com seu peito nu e sorrindo, Jackie olhou para cima e se encolheu. Foi um pequeno movimento, coberto por um milésimo de segundo, mas Iain viu e sabia que Nicholas estava fora do páreo. Pobre coitado.

Ainda assim, se ajoelhou, fazendo um fino corte sobre o coração, e ofereceu-lhe seu juramento. — Minha vida pela sua.

Os olhos cinzentos de Jackie arregalaram-se quando viu o sangue. Cambaleou em seus pés, e Helen pôs um braço sobre os ombros para firmá-la.

Cain era o próximo, e Iain esperava que as folhas tatuadas que fez ao homem, as que podiam ajudar a disfarçar a falta de folhas em sua marca da vida, já não estivesse mais vermelha e inchada, graças à sua habilidade natural para curar rápido.

Ninguém parecia estar olhando para o peito de Cain. Todos os olhos estavam sobre Jackie. Ótimo.

— Que agradável anel ele está usando, — Madoc murmurou atrás de Iain.

— Deixe-o em paz, — alertou Iain. — Você me deve muito.

— Sim, sim. Meus lábios estão selados, merda.

Iain assentiu, deixando o assunto morrer.

A fila evoluiu e com cada homem que sangrava por ela, parecia perder um pouco mais de cor. O peso de todas essas promessas parecia esmagá-la até que sua respiração tornou-se rápida e superficial.

Iain fez o seu caminho até o fim da fila, fingindo que queria isso tanto quanto o resto deles. Ninguém sabia que era tarde demais para salvá-lo, e tinha que manter assim, mesmo que isso significasse passar por esta ridícula farsa.

Samuel estava na frente dele, e tomou sua vez, ficando de joelhos a seus pés e se oferecendo para morrer por ela. A parte do anel de sua luceria estava imaculada contra a carne cicatrizada da mão esquerda. Ao se aproximar dela, as cores de seu anel começaram a se mover, rodando entre amarelos e dourados.

O anel de Iain já não continha qualquer cor visível. Havia mudado para o branco, pálido como a neve com a idade. Até agora não encontrou uma maneira de disfarçá-lo, mas vários dos anéis dos homens mais velhos também estavam igualmente sem cor, então simplesmente fingiu que não era um problema, e todos os outros, seguiram suas sugestões. Enquanto controlasse seu monstro, e tentasse esconder sua marca da vida, fingindo que sua honra ainda estava intacta, ninguém questionaria o status de sua alma.

Samuel levantou-se e se afastou, com o rosto iluminado de esperança.

Iain não conseguia encontrar nenhuma. Nem sequer podia sentir tristeza, pois sua esperança morreu há muito tempo.

Encolhendo os ombros, distanciando este pensamento, se aproximou de Jackie. Seus olhos estavam arregalados, e suas pupilas tinham encolhido para revelar os raios cinzentos mais pálidos entre os mais escuros. Seu cabelo estava brilhante e limpo, ao contrário da primeira vez que a viu.



Cortou os pedaços sujos, emaranhados em um estilo que se enrolava em torno de sua mandíbula. Uma pálida cicatriz cobria sua sobrelanceira esquerda, e se pegou perguntando como se feriu. Se ocorreu em algum acidente na infância, ou se conseguiu durante seu cativeiro?

A raiva, ferozmente expandiu sob suas costelas com o pensamento sobre seu ferimento. O monstro dentro dele retumbou como um aviso, sacudindo as barras da jaula, como se testando a sua fraqueza. Iain apertou o controle sobre a besta e empurrou os pensamentos de seu ferimento de lado antes que perdesse o controle. Em uma audiência como esta, não poderia haver erros.

Em vez disso, concentrou-se em sua boca, que coloriu com o mesmo vermelho profundo de seu terno. Seus lábios eram cheios, o inferior vacilando com uma pequena ansiedade.

— O que está olhando?, — Perguntou.

— Nada. Apenas gravando esse momento na memória, — mentiu.

Antes que pudesse levantar qualquer suspeita, tirou a espada, ajoelhou-se na frente dela, e se cortou. — Minha vida pela sua, Jackie.

Ela tropeçou, mas Helen segurou-a. Iain esperou até que o peso de seu voto evaporasse antes de se levantar e sair do palco sem olhar para trás.

Quando fez o seu caminho para o fundo da sala, viu dezenas de rostos olhando para ela. Tanta esperança. Não sabia a razão por que se preocupavam quando sabiam que todos menos um iria se decepcionar.

— Tome seu tempo, — ouviu Helen dizer a Jackie.

Queria escapar, mas era muito arriscado. Teria que explicar por que estava disposto a sair na melhor oportunidade de viver que atualmente tinham. Era melhor não chamar a atenção para si mesmo. Fingir que se importava. Fingir que tinha esperança.

— Não preciso de nenhum tempo, — disse Jackie. — Só quero acabar com isso.

— Está bem. Entendo. Qual homem escolhe?, — Perguntou Helen.

Iain jurou que podia ouvir os homens segurando o fôlego em antecipação.

Se acomodou em seu assento enquanto a vacilante voz de Jackie enchia o auditório. — Quero Iain.

Capítulo 4

Jackie ainda experimentava o pânico excessivo dentro dela. Que diabos estava pensando ao escolher o homem mais frio do grupo?

Pelo menos não iria deixá-lo decepcionado. Todos a olhavam com tanta esperança. Sabia que esmagaria seus espíritos. Mas não Iain. Simplesmente a olhou, aceitando o que quer que decidisse. Não havia planos ocultos em seu olhar, nem sonhos para destruir. Era o único homem aqui que não estava pedindo coisa alguma das quais sabia que nunca poderia dar.

O salão ficou em silêncio com seu anúncio, então explodiu em choque, raiva e descrença.

— É isso aí, — Helen gritou sobre o ruído. — Está feito. Desocupem o salão.



Iain não se moveu de seu lugar. Não tinha muito como recuar. Continuou olhando para ela com aqueles olhos negros calmos, que não registravam nenhuma emoção.

Finalmente, se levantou. Seu pânico aumentou. Estava louca em fazer isso. Comprovadamente insana.

Deu um passo em sua direção, e ela fugiu como um coelhinho assustado. Empurrando à multidão para a porta mais próxima, ignorando o zumbido desesperado de sua pele quando acidentalmente tocava aos homens, e voou do corredor até sua suíte.

Entrou rapidamente, batendo a porta, e então se inclinou contra a madeira, ofegando. Seu coração batia tão rápido, que mal conseguia ouvir. A madeira em suas costas vibrou com uma batida forte.

Seu coração alojou-se novamente na garganta, roubando o pouco de calma que acabava de recuperar.

— Abra, — disse Iain. — Nós precisamos conversar.

— Mais tarde, — disse através da porta.

— Não. Agora.

Estava certo. Desejava colocar isso pra fora, por pior que pudesse ser. Já estava abalada e entorpecida pelo sofrimento daquela cerimônia. Melhor acabar com isso agora.

Abriu a porta e se afastou dele como se estivesse em chamas. Iain entrou, fechando e trancando a porta atrás dele.

— Que diabos foi isso? — exigiu. Sua boca estava apertada firmemente, e seu corpo tremia de raiva.

Viu aquele olhar antes. Era o mesmo que usava quando matava.

Jackie esforçou-se para encontrar sua voz. — Pensei que ficaria feliz.

Pelo menos até que saiu, como planejou fazer. Estava furioso então, e agora que estava de frente a sua raiva, não tinha certeza se queria estar no lado receptor disso.

Sua voz ficou calma, mas não menos fria. — Há dezenas de homens que precisam mais de você do que eu.

— Não posso ser o que querem que seja.

— Que diabos quer dizer com isso? Você *já* é o que querem que seja.

Negou com a cabeça. — Não. Acham que sou uma espécie de salvadora. Que sou o que estiveram esperando toda a vida. É muita pressão. — Engoliu, se forçando a ficar em pé. — Mas não você. Você não tem esperanças.

Seus olhos negros se estreitaram e se moveu para frente, seu andar suavemente ameaçador e predatório. Sua voz estava mortalmente calma e a olhou com uma desconfiança dissimulada. — O que quer dizer com isso?

Recuou até que encontrou com o sofá, que a impedia de recuar mais longe. — Os outros... todos olharam para mim como se eu fosse a resposta para seus problemas. Não sou. Você entende isso.

— Então me escolheu porque não pode me salvar?



Negou com a cabeça. — Porque não parece querer ser salvo. Percebi que quando deixar de ser o que todas essas pessoas pensam que serei, o meu fracasso seria mais fácil pra você do que para os outros.

— Está errada. Retire-o. Escolha outra pessoa.

— Por quê?

Ouviu vozes abafadas através da sua porta. Alguém disse algo fracamente sobre destrancar e sua porta se abriu. Joseph estava ali, com Drake e Helen atrás dele.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Iain.

— Você parecia irritado, — disse Joseph. — Estou aqui para não o deixar fazer algo estúpido.

A fachada calma cobriu o rosto de Iain. A raiva que estava há apenas um momento atrás se foi, como se simplesmente quisesse que fosse embora. — É obvio que não estou irritado. Estou simplesmente ansioso para completar a nossa união. Não achei que seria bom fazê-lo em público, jogando na cara, por assim dizer.

— Não haverá nenhuma *união*, — disse Jackie.

Cada cabeça girou em seu caminho, e quatro pares de olhos pousaram sobre ela.

— O que? — Joseph perguntou enquanto se movia para frente. Atrás dele, Drake fechou a porta.

Jackie estava sendo intimidada. Não gostava disso. Endireitou os ombros e passou as mãos sobre o seu terno para se lembrar que estava no comando de sua vida. — Nosso acordo era que escolheria um homem, não que fizesse qualquer outra coisa. Escolhi. Agora tem que me deixar sair. Sozinha.

— Uma merda, — Disse Iain. — Sair lá fora, sozinha, sem qualquer poder, será devorada antes do amanhecer.

— Joseph prometeu, — disse, depois olhou para Joseph. — Não prometeu?

Seu rosto se contorceu de frustração e olhou pra ela. — Me enganou.

— Deveria ter feito um trabalho melhor com as letras miúdas.

— Nunca poderá ter uma vida normal, — disse a ela.

Encolheu-se, sentindo o golpe de suas palavras todo o caminho até os dedos dos pés. — Posso, e vou.

— Está certo, — disse Helen. — Por favor, pense sobre isso.

Tinha que sair daqui. Esse lugar iria matá-la com todas essas expectativas e pressões. — Passei a semana pensando nisso. Tudo o que quero é que minha vida volte a ser algo parecido como costumava ser. Quero um emprego, uma carreira, uma casa. — Uma família. O bebê Samson havia lhe dado um sabor de algo que nunca pensou que fosse querer. Mas não era como se quisesse educar uma criança nesse lugar. Seu filho teria uma vida normal.

— Não é seguro, — disse Helen, seu tom suave.

Jackie olhou para Joseph. — Prometeu. Diga a eles.



Seu lábio levantou em um sorriso de frustração e raiva. — Está certa. Prometi-lhe que poderia sair se escolhesse um homem. Fez sua parte, e apesar do fato de ser estúpido, irresponsável e insano, temos que deixá-la ir.

— Eu não, — disse Iain, seu olhar fixado firmemente sobre ela. — Não fiz nenhuma promessa.

— Não faria isso, — disse Jackie.

— Pareço um homem que brinca? Se for, também vou. Goste ou não, me escolheu. Agora está atada a mim.

— Nunca vou colocar seu colar.

Encolheu os ombros. — Ótimo. Não coloque. Ainda assim não deixaria você morrer lá fora. Te dei meu voto, e pretendo mantê-lo.

Gentil e amável não eram palavras que usaria para descrever Iain. O escolheu porque era frio, porque parecia não ter expectativas nela, mas agora estava começando a ver o erro em sua decisão. Essa frieza não iria ganhar nenhum favorecimento ou compreensão. O melhor que poderia esperar agora era que eventualmente, descobrisse que não valia o esforço, e fosse encontrar outra mulher.

— Ótimo, — retrucou. Foi até onde sua mala estava encostada e levantou a alça para puxá-la. — Mas já estou arrumada e pronta pra ir, e não ficarei esperando.

Iain tirou a alça de seu alcance. Seus dedos roçaram os dela e o resultado do seu contato foi imediato. Uma série de bolhas deslizaram através de suas veias e explodiram em pontos de calor. Sentiu-se surpreendentemente bem, sobressaltando-a com a força dele. Teve que lutar contra o impulso de simplesmente fechar os olhos e desfrutar da sensação, deixando-se preencher. Isso a fez esquecer tudo sobre o frio das cavernas e as coisas que sofreu. Seu foco estava todo sobre a pequena parte de sua pele que fazia contato com a dele.

Isso não era correto. Não era nem mesmo real. Tinha que se lembrar disso e não deixar que qualquer magia que possuía a afastasse de seu caminho.

Puxou sua mão, já lamentando a perda do contato.

Seu corpo apertou firmemente, como se tivesse acabado de receber um soco, mas continuou olhando-a sem piscar.

Jackie esfregou sua pele em um esforço para se livrar de seu toque. Não queria sentir nenhuma magia, não importando o quão bom possa ter sido. Tudo o que queria era que todos pudessem manter suas mãos para si mesmos.

Joseph abriu a boca, mas Helen segurou seu braço, impedindo-o antes que pudesse falar. Ela se inclinou e sussurrou alguma coisa em seu ouvido. Joseph assentiu, em seguida, olhou para Jackie especulativamente.

— Te veremos quando voltar, — disse Joseph.

— Sobre o que é isso? — Perguntou, olhando sua meia-irmã.

— Nada, — disse Helen. — Vocês dois vão fazer o que precisam fazer. Você sempre terá um lugar aqui se e quando quiser.



Jackie não tinha certeza sobre o que estavam fazendo, mas duvidava que gostasse quando soubesse. — Não planejo voltar.

— Sei, — disse Helen. — Mas espero que mude de ideia. Sentirei sua falta enquanto estiver fora.

Jackie não podia suportar qualquer despedida emocional. Helen era sua irmã de sangue, mas isso era tudo. Não conheciam uma a outra. Não tinham nenhuma conexão, nenhuma história compartilhada. Tudo o que tinham era um drama em comum, uma magia doentia que chamava esses homens para elas, uma que Jackie esperava que pudesse ou encontrar a cura ou chegar a viver com ela, eventualmente.

— Aonde você vai? — perguntou Joseph.

— Sul, — mentiu. — Flórida, talvez.

Ao seu lado, Iain grunhiu em descrença. — A luz do dia acaba. Se têm certeza sobre sair, é preciso colocar alguns quilômetros atrás de nós antes que escureça.

Jackie olhou para Helen, vendo seus olhos castanhos encherem-se de lágrimas. — Me desculpe. Não posso ser o que quer, o que qualquer um quer.

— Não quero que seja nada, apenas feliz, — disse Helen.

Jackie não estava pondo sua visão em algo tão alto. Estaria satisfeita em simplesmente estar livre.

Tori levantou o capuz sobre a cabeça, empurrando os óculos de sol roubados em seu rosto, e caminhou pelos corredores de Dabyr como se pertencesse ali. Manteve a cabeça baixa, sem olhar para ninguém enquanto fazia sua fuga.

Ouviu vozes de crianças ao passar pelo amplo refeitório aberto e a área de lazer. O cheiro de café, algo que recordava a sua mãe morta, inundou seu nariz lhe dando uma pontada de tristeza. Sua mãe foi embora há muito tempo agora. Os demônios a mataram e a devoraram quando Tori tinha oito anos, na noite que foi roubada por monstros e sua antiga vida havia terminado.

Luz penetrava sob os óculos e queimava seus olhos. Ou talvez fossem lágrimas. Não sabia dizer. Estava muito claro lá para ela. Todos os anos no subterrâneo tornaram seus olhos sensíveis. Tristemente, essas pessoas estavam tão cegas que precisavam iluminar este lugar como a superfície do sol só para ver seus próprios pés.

Isso não importava. Não estaria ali por muito tempo. Só tinha que tolerar a luz durante o tempo que demorasse em chegar ao carro de sua irmã Andra. O sol estava se pondo. Estaria escuro em breve, e a queimação por trás dos seus olhos aliviaria.

Zillah, o senhor Synestryn que a havia prendido e torturado por anos, estava dormindo agora, escondendo-se como um covarde, mas ainda podia senti-lo correndo em suas veias, rindo dela em cada batida de seu coração. Estava fraco agora. Próximo. Poderia encontrá-lo e capturá-lo antes que alguém sequer percebesse que foi embora.

A bolsa em seu ombro estava pesada, diminuindo seu progresso em direção a garagem. Ao longo das últimas semanas, coletava tudo o que precisava, recolhendo facas, cordas, fósforos e



outras ferramentas que pudesse usar para transformar a vida de Zillah no inferno que fez na dela. Passou muito tempo pensando em como iria torturá-lo antes que o deixasse morrer. Encontrá-lo, e fazê-lo pagar, era tudo o que importava.

A dor não era suficiente. Tinha que fazê-lo temer, também. Oceanos disso, tanto quanto havia causado a ela e aos outros durante sua infância. Desde seu resgate, passou quase todos os momentos pensando em maneiras diferentes de fazê-lo gritar. Não queria apenas lhe fazer mal, queria-o destruído, quebrado e implorando por sua vida. Então, e só então, depois que o eco de seu último grito tivesse morrido, seria capaz de descansar. Finalmente. Realmente estaria livre dele.

Capturar Zillah seria difícil, mas sabia que ele e seus guardas eram mais fracos durante o dia, presos no subterrâneo, longe do sol. Podia se esgueirar em suas cavernas imperceptivelmente. Após todos esses anos dele forçando-a a tomar seu sangue, empurrando-o em suas veias, fazendo-a beber, ainda cheirava a um deles. Tynan havia dito isso para Logan quando pensou que estava dormindo.

No início tentou se esfregar para se limpar, mas não importava quantas vezes se lavasse, não importava quantos produtos de limpeza que usasse em sua pele, o cheiro ainda estaria lá, penetrado em seus poros.

Agora, notava o presente que era. Quem mais poderia se esgueirar em uma caverna Synestryn sem ser detectado?

Zillah provavelmente não percebeu o que fez, e agora voltaria para assombrá-lo.

Um lento sorriso de excitação puxou seus lábios enquanto apressava o passo. Tynan iria vê-la assim que acordasse, e estaria muito longe antes disso.

Não importava o quão duramente tentasse, não importava quantas vezes havia vindo a ela com palavras suaves e olhos gentis, todos os seus esforços para limpar o sangue dela haviam falhado. O deixava fraco e tremendo, a boca com bolhas de sangue.

Era um deles, um dos monstros. Um Synestryn. Seu sangue estava dentro dela, queimando em suas veias e a chamando de volta para eles.

Parte dela queria responder a esse chamado.

Tori virou na última curva e quase deu de cara com um dos Theronai. O medo deu uma guinada em seu peito, e começou a virar e correr, seus instintos gritando para fugir. Antes que desse sequer um passo, se moveu para bloquear seu caminho.

— Whoa, — disse. — Calma aí.

As palavras alojaram-se em sua garganta. Seu coração batia rápido, e se viu ofegante. Até agora deveria ter aprendido melhor a esconder seu medo, mas a surpreendeu, e não conseguia manter o controle sobre si mesma desde que chegou ali. Estas pessoas eram todas muito agradáveis. Não estava acostumada a isso, e isso a deixava confusa e desconfiada. Em qualquer momento, sabia que viriam pra cima dela, e estava cansada de esperar que isso acontecesse.

Olhou para cima e viu as cicatrizes que cruzavam o rosto do homem. Estava tentando sorrir pra ela, mas isso puxava sua pele, torcendo sua boca. Tinha brilhantes olhos azuis e o mesmo cabelo loiro escuro que o marido de Andra.



— Onde estava indo com tanta pressa? — perguntou, sua voz calma e suave, como se estivesse tentando não assustá-la.

— Estava fazendo um pouco de exercício.

Ele puxou um telefone do bolso e começou a jogar com ele, os dedos grossos voando rápido. Olhava para ela e não para o que estava fazendo. — A única coisa que há nessa ala é a garagem. Não estaria tentando fugir, não é?

Ele a pegou. Estava encurralada. Presa. O pânico rodou por sua pele e percebeu que havia apenas uma coisa que pudesse fazer para escapar.

Tori se moveu rápido, dando-lhe pouco tempo para reagir. Puxou uma faca da bolsa e o esfaqueou no peito.

Nicholas olhava com descrença para a faca enterrada no peito. Dor irradiava para fora da ferida, mas não era nada comparado com a dor que suportava todos os dias enquanto seu poder crescia. Nada comparado com a traição que sentia.

Tori o esfaqueou. Tudo o que queria fazer era impedi-la de sair e ser ferida ou morta. Inferno, ainda não a tinha tocado, apesar de seu desejo de ver se era a única que poderia salvar sua vida.

Jackie com certeza não o queria. Não que a culpasse.

A pequena mão de Tori ainda estava enrolada em torno do cabo de madeira da faca.

Quando sentiu o puxão nele, provavelmente para retirá-la e esfaqueá-lo novamente, cobriu sua mão com ambas as dele, segurando a faca no lugar.

A dor crescente que seu poder causava parecia sem graça. As bordas arredondadas, e a pressão inchada por trás dos olhos reduziram. Tudo dentro dele estava parado e quieto, até mesmo seu coração parou por alguns eternos segundos.

Tori era compatível com seu poder. Poderia salvá-lo.

Não tinha estado tão perto dela antes, mas agora que estava olhando-a, percebeu que era apenas uma criança. Uma feroz criança enlouquecida.

Seus olhos azuis se arregalaram com o choque e em seguida um furioso rosnado contorceu seu rosto e um grunhido baixo de aviso derramou-se de seus lábios.

Naquele momento percebeu que sua compatibilidade não importava. Não poderia pedir nada a ela. Estava lá na noite que haviam a resgatado. Sabia o que tinha passado. Não era justo lhe pedir para fazer alguma coisa a mais do que curar e crescer forte.

Nicholas ignorou a onda de inútil esperança, empurrando de lado a dor de sua ferida e não mostrando fraqueza. Seu tom assumiu a mesma tonalidade decepcionada das palestras que seu pai tinha usado nele também muitas vezes quando era uma criança. — Que diabos pensa que está fazendo? Não pode sair por aí esfaqueando as pessoas assim.

Ela tentou puxar sua mão mexendo a faca que queimava como fogo. Seus lábios puxaram para trás, mostrando os dentes. — Me deixe ir!

— Sem chance. Vai ficar aqui até que Andra apareça.

— Pensa que estou dormindo. Escapei enquanto estava na cama com Paul.



— Sinto desapontá-la, garota, mas mandei uma mensagem pra ela. Na verdade...

A pesada batida de passos ouvia-se do corredor. Andra corria em torno da curva, o rosto cor de rosa e a blusa pra fora. Paul estava apenas um par de passos atrás dela, e estava sem camisa e descalço.

Tori soltou um grito de frustrada indignação.

— Obrigada por terem vindo, — Nicholas disse. — Agora que estão aqui para lidar com ela, posso remover essa faca. Sugiro que descubra alguma coisa para fazer com ela antes que realmente fira alguém.

Não esperou para ver como Andra trataria com a irmã enlouquecida. Não era seu negócio. Por mais que quisesse, tanto quanto teria o prazer em alterar sua vida para ajudar Tori a curar, tudo o que podia oferecer era o fardo de salvar sua vida.

Isso não estava bem. Era jovem para pensar nela como algo que não fosse uma criança, e era muito instável para qualquer tipo de relacionamento, mesmo se pudesse ignorar sua idade. Não importava o quanto paciente ou delicado fosse, se não vivesse o suficiente para ajudá-la. Tori era obviamente o tipo de garota que iria esfaquear um homem durante o sono. Os Synestryn a transformaram nisso, roubando a vida que poderia ter tido.

Esperava que Andra descobrisse alguma coisa em breve. Tori era um perigo para si mesma e para os outros, a menos que não quisessem que as pessoas se machucassem, teriam que trancá-la. Passou a infância presa por Synestryn, sendo torturada e alimentada com seu sangue. Não achava que um cativo estaria se assentando bem a ela.

Apenas o pensamento o deixava doente.

Podia ser sua. Em poucos anos. Quando estivesse mais velha e curada.

Não estava certo de que tinha muito tempo. Sua marca da vida estava morrendo. O cair de suas folhas aumentou recentemente. Não havia nenhuma maneira de saber quanto tempo tinha, mas tinha certeza de que não seria o suficiente para que Tori realmente se curasse.

A dor latejava nos ossos de Nicholas. Era pior agora do que havia sido há apenas poucos minutos atrás. Mal conseguia sentir a faca saindo dele. Colocar um pé na frente do outro tomava toda sua concentração. Queria correr de volta para que pudesse fazer essa dor parar.

E se não pudesse controlar a si mesmo quando sua dor aumentasse? E se a obrigasse a fazê-la parar?

Nicholas tinha visto o que aconteceu com seus irmãos quando chegaram ao final de suas vidas. Tornaram-se mais escuros, irritados e desesperados. Viu homens bons fazerem coisas más. E se fizesse o mesmo com Tori?

Havia apenas uma coisa que podia pensar em fazer, somente uma maneira de mantê-la segura dele mesmo.

Assim quando Tynan curasse sua ferida da facada, iria negociar com o Sanguinar, dando-lhe qualquer coisa que pedisse, para ter suas lembranças dos últimos minutos removidas. Se não soubesse que Tori poderia salvá-lo, estaria a salvo. Era a única maneira que podia ter certeza.



Capítulo 5

— Onde realmente estamos indo? — Iain perguntou uma vez que estavam em sua caminhonete e conduziam através dos portões de Dabyr.

O sol ainda estava alto no céu, mas Jackie podia sentir sua descida, como unhas afiadas arranhando suas costas. — Ver Samson. Quero vê-lo mais uma vez antes de cortar os laços com seu mundo.

— Então mentiu. Suspeitei disso. Não que isso importe. Saberão para onde vamos. Há dispositivos de rastreamento em todos os veículos.

Claro que havia. — Ótimo. Nada como uma coleira eletrônica para fazer uma garota se sentir livre.

— Não te entendo. Se tivesse ficado, poderia ter tido qualquer coisa que quisesse. Estaria segura. Após dois anos presa, achei que sua segurança estaria no topo da lista.

Como iria explicar algo para ele? Não vivia em seu mundo, ou pelo menos não no que queria viver. — Não me sentia segura lá. Sentia-me enjaulada. Estagnada.

Não disse nada, seus olhos na estrada. Suas mãos estavam em punhos em torno do volante e notou uma fraca cicatriz na parte de trás de sua mão direita. Estava irregular e pálida pela idade.

— Como conseguiu isso? — perguntou, procurando um jeito de conversar.

Olhou para sua mão por um longo momento, como se tivesse que pensar para se lembrar. — Seis contra um. Pequenos demônios predadores e selvagens. Um deles veio de cima e não o vi até que era tarde demais.

— O que aconteceu?

— Matei-o antes que o veneno em suas garras me derrubasse. Em seguida Liam estava ao meu lado. Salvou minha vida.

Disse isso tão calmamente, como se estivesse falando sobre o que tinha jantado na noite passada.

— Quando foi isso?, — perguntou.

— Algumas centenas de anos atrás. Logo após o grande ataque.

— O grande ataque?

— Pensávamos que os Synestryn estavam quase extintos, que os aniquilamos. Estávamos todos nos sentindo muito orgulhosos de nós mesmos. Confiantes. Espalhamos-nos e tentávamos levar uma vida normal. Nós deixamos cair nossa guarda, que era o que estavam esperando. Coordenaram um ataque em massa perto de cada propriedade rural e Sentinelas que pudessem encontrar. Todos nós corremos para ajudar e salvar as cidades vizinhas do massacre. Os Synestryn planejaram isso também, e estavam prontos. Lançaram um ataque real, planejado para matar nossas mulheres. Isso funcionou.

Jackie olhou pra ele, sua boca aberta em choque. Não havia emoção em sua voz, sem dor, horror ou tristeza.



— Nós perdemos centenas de mulheres aquela noite, e dezenas de homens. No topo da matança, esterilizaram cada Theronai masculino com algum tipo de magia, nos tomou tempo descobrir o que haviam feito. Sem a capacidade de ter filhos e de recarregar nossas fileiras, nunca nos recuperamos do ataque. Junto com as mortes dolorosas de muitos outros homens que não puderam mais abrigar seu poder crescente, isso provavelmente foi um ataque mortal.

— Acha que ganharam?

Iain encolheu os ombros como se isso não importasse. — Não acho. Luto. Levanto todos os dias e mato o maior numero deles como posso antes disso me matar.

— E é feliz com isso?

Virou a cabeça, olhando pra ela. Seus olhos negros detinham apenas uma leve confusão. — Não é meu trabalho ser feliz. Faço o que preciso fazer para que outros possam ser.

— Mas sobre o que quer?

— É irrelevante. Percebi que é mais fácil não querer as coisas, então parei de fazer isso.

— Parou? Como é que apenas... parou? — gostaria desesperadamente de aprender essa habilidade, porque agora mesmo realmente adoraria parar de querer ter medo do que nunca poderia ter. Sua antiga vida era um sonho, uma lembrança distante. Por mais arduamente que tentasse recuperá-la, temia que estivesse sempre fora do alcance.

Isso não significava que não fosse continuar tentando fazer isso acontecer. Era muito persistente para simplesmente desistir.

— Esse tópico claramente te angustia, e é meu dever encontrar seu conforto. Vamos falar de outra coisa. Ou melhor ainda, apenas não vamos falar de nada.

O que lhe caia bem.

A paisagem passava por eles, a esperança da primavera pairava sobre tudo. Era como se o mundo tivesse acabado de puxar uma respiração profunda e estava a segurando em antecipação.

Jackie aguentou dez minutos inteiros sem falar antes de não conseguir ficar quieta por mais tempo.

— Está sofrendo? Como os outros?

— Sofrendo?

— Helen disse que manter todo o poder dentro de vocês dói. — Esse pensamento assombrou a Jackie, saber que esses homens estavam com dor. Helen disse que Jackie poderia fazê-la parar.

— Helen fala demais.

Tomou isso como uma confirmação do que suspeitava. Iain estava com dor, como os outros. Só tinha visto alguns flashes disso, sempre depois que a tocava, como que se de alguma forma a fizesse pior. — Como administra isso?

— Muito bem, obrigado.

Moveu-se no banco e olhou pra ele, esperando que seu silêncio o forçasse a falar. Seu aperto no volante aumentou, mas, além disso, sua postura estava relaxada. Queria poder fazer o mesmo, mas a tensão que girava em suas omoplatas parecia nunca sumir, mesmo quando dormia. Não que atualmente fizesse muito disso. Pesadelos de seu tempo presa o faziam difícil e depois



que acordou há poucos dias com um Theronai ao pé de sua cama, olhando-a com uma esperança desesperada em seus olhos, o sono não vinha facilmente.

Porque, de todas as dezenas de Theronais que conheceu, era Iain o único que a olhava de forma diferente? Jackie olhou pra ele, tentando entendê-lo.

Sua luceria estava mais pálida do que a dos outros homens, tão pálida que era quase prata. Não conseguia ver distinção o suficiente entre as cores para dizer se havia qualquer movimento na faixa, como havia nos outros homens como ele.

Por um momento se perguntou como seria colocá-la e exercer esse tipo de poder que suas irmãs tinham. Será que machucava? Será que se sentiria bem? Será que sentiria alguma coisa?

Havia apenas uma maneira de descobrir, e não estava curiosa o suficiente para experimentá-la.

Pegava relances de Iain enquanto dirigia, fazendo seu melhor para esconder isso. Não podia deixar de olhar. Intrigava-a com sua expressão impassível, a confundindo para decifrar o que estava pensando.

Tinha características agradáveis, altas maçãs no rosto, maxilar largo e queixo forte, com uma pequena fenda. Sua barba tinha crescido um pouco, sombreando seu maxilar. Tinha algumas manchas mais claras e cicatrizes espalhadas em sua pele, e se perguntava se apareceram no mesmo ataque que havia marcado sua mão, ou se houve outros.

Estendeu a mão para traçar com o dedo a cicatriz antes que percebesse o que estava fazendo. Puxou a mão de volta e a colocou entre as coxas para mantê-la onde pertenciam. Tocar Iain não era uma opção. Isso a fazia se sentir estranha, arrepiada e quente.

Lembrou-se desse calor da noite que a resgatou. Esteve tão fria por tanto tempo. O calor de sua pele parecia à luz do sol se espalhando através dela. O choque e a fraqueza a tinham anestesiado, mas o calor penetrava através da nevoa, lhe dando algo em que se concentrar para que pudessem se mover juntos um pouco mais, longe o suficiente para ver que as crianças foram todas trazidas de forma segura.

Ocorreu-lhe que não se lembrava de ter-lhe agradecido por isso. Foi atrás das crianças sozinho, arriscando sua vida para salvá-los. Devia-lhe por isso. Mas era a sua dívida grande o bastante para fazer o que essas pessoas queriam e desistir de sua vida?

O assento de Iain estava empurrando toda a distância para dar espaço a seu corpo, e apesar da baixa temperatura externa, seus braços estavam nus debaixo de suas mangas curtas. Músculos entrelaçavam todo seu caminho por cima de seus ombros e podia ver apenas um pedaço de sua árvore tatuada espreitando de sua manga e subindo em seu pescoço. Os ramos que podia ver estavam todos nus, não era um bom sinal entre sua espécie de acordo com Helen.

— Quanto tempo tem?, — lhe perguntou, antes que pensasse melhor.

— Tanto quanto é preciso, — respondeu um pouco rápido demais.

— Quantas folhas?

Virou-se e lhe deu um olhar firme. — Se quer saber isso, terá que contá-las.



A ideia de tirar sua camisa enviou alguns pequenos tremores que se lançaram através dela. Medo? Excitação? Realmente não sabia dizer. Veio e foi rápido demais para conseguir dar qualquer sentido para eles.

— Acho que vou passar.

Grunhiu. — Isso é o que pensei que diria.

O sol queimava seus olhos e só agora percebeu o quão baixo estava no céu. Esteve olhando tempo demais para ele. O pôr do sol estava em apenas alguns minutos de distância. — Precisamos encontrar um lugar seguro para parar.

— Pensei que queria ver Samson.

— Quero, mas não quero ir lá à noite. Não posso arriscar levar qualquer monstro para ele.

Iain aceitou isso sem argumentar. — Há uma casa Geraí não muito longe daqui.

— Não. Isso é parte do seu mundo, não meu. Nós vamos encontrar um hotel.

— Faremos como quiser. Mas só pra isso estar claro, iremos compartilhar um quarto.

— Acho que não. Posso ter escolhido você, mas isso é tão longe quanto iremos.

— Não vou transar com você. Não vou nem tocar em você. Mas se acha que vou deixá-la desprotegida para que possa ser levada mais uma vez, está errada. Um quarto, Jackie. Não estou negociando com você sobre isso.

— Duas camas, — exigiu.

— Se isso te faz se sentir melhor, mas não vou precisar de uma. Não irei dormir.

— Porque não?

— Porque não confio que não irá fugir. Isso não estará acontecendo no meu turno, mesmo que isso signifique que tenha que investir em um belo par de algemas.

Jackie não duvidou nem por um segundo que faria isso. Embora alguns dos outros homens pudessem ter hesitado em fazer algo para perturbá-la, Iain não parecia sofrer do mesmo ponto delicado. Por alguma razão, isso era parte do que gostava nele. Não fingia. Esse era quem ele era. E não iria mudar para tentar seduzi-la. Assim como era inconveniente que não se curvasse a todos os seus desejos, tinha que respeitar isso.

Pararam no primeiro hotel que encontraram, exatamente quando o sol estava se pondo. Estava um pouco passado de moda e abatido, mas enquanto as camas fossem impecáveis, não se importaria.

Jackie pegou a mala no canto da caminhonete, e correu para dentro, sem esperar para ver se Iain estava a acompanhando.

Registrou-os e foram direto para seu quarto no andar térreo, que não era grande o suficiente agora que estava em pé nele com Iain bem atrás dela. Podia sentir o calor saindo de seu corpo, até mesmo ouvindo sua lenta respiração.

Deixou cair uma mochila no chão e foi direto para a janela. Empurrou as cortinas para trás e pressionou contra o vidro.

— O que está fazendo?

— Testando para ter certeza de que é hermético. Não quero nenhum Synestryn cheirando você aqui.



— Me cheirando? — não gostava do som disso absolutamente.

— Pode acontecer, especialmente se sangrar. Já que acho que não vai querer me informar sobre o seu ciclo menstrual, pensei em te deixar segura ao invés de lamentar.

Essa notícia a deixou parada ali, entorpecida dos pés pra cima. — Está me dizendo que uma vez por mês esses monstros podem me cheirar?

— Pelo menos frequentemente. A menos que realmente deseje escolher um homem cuja luceria queira usar. Poderia usar a magia para mascarar seu cheiro, e proteger a si mesma se um demônio a encontrar.

O modo como disse a fez piscar em confusão. — Como sabe que não queria usar sua luceria?

— Não é exatamente uma mestra de subterfúgios, Jackie. Mais do que eu sou um coelhinho branco e macio. Escolheu-me porque sabia que não iria gostar de mim, então não seria tentada a ter pena de mim e não faria a única coisa que não quer nunca mais fazer: se tornar parte do meu mundo.

Era muito mais esperto do que lhe deu créditos. — Isso não é exatamente correto.

Iain foi até a porta e travou os dois trincos. Em seguida, abriu sua mochila e começou a puxar os itens. — Não?

— Escolhi-o porquê era o único que sabia o desfecho.

— E que desfecho é esse?

— Não sou como você. Nunca serei como você.

— Errado. Não quer ser como nós. Você é, mas está tentando combatê-lo, chutando e gritando a cada passo do caminho.

— Me faz soar egoísta.

Ele sacudiu sua escura cabeça. — Não, apenas infantil. Mas é jovem. Tem séculos para crescer e fazer a coisa certa. Só espero que faça isso antes que mais irmãos meus morram.

Jackie ficou ali em estado de choque, se recuperando do seu discurso de morte, seu insulto e do pensamento de viver tanto tempo. Disse tão casualmente, como um assunto tão natural que apenas tivesse que enfrentá-lo.

Pegou uma muda de roupa, uma escova de dente e um barbeador. — Vou tomar banho enquanto o céu ainda está claro. Deve estar segura pelos poucos minutos que levarei para me limpar. Então ficarei por perto e a protegerei enquanto dorme.

Observou-o desaparecer no banheiro, com os pés enraizados no mesmo lugar.

Estava certo. Estava tão preocupada no que queria que realmente não passou tempo algum considerando como sua decisão afetaria os outros, além de sua certeza que os decepcionaria. Sua dor a tinha cegado. Estava tão envolvida em superar o que suportou, que não parou pra pensar no que os homens que a salvaram sofriam todos os dias. Por séculos. Apenas não havia redenção para eles, a menos que fosse aquela que os salvasse.

Não era o que queria. Esse mundo. Os demônios e a magia.

Será que isso importava? Isso não parecia importar para Iain. Fazia o que era necessário fazer e nem levava suas vontades em consideração.



Poderia fazer isso? Poderia ser verdadeiramente altruísta?

Já tinha desistido de dois anos de sua vida. Como poderiam pedir-lhe para desistir do resto também? Especialmente agora que estava começando a notar o quão longa seria.

Então de novo, como não poderiam pedir-lhe para fazer isso? Era especial, tanto quanto odiasse o fato. Era a única mulher que haviam encontrado que podia ser companheira de qualquer um dos homens. Não pediu esse fardo, mas sempre havia sido responsável no passado. Será que realmente faria olho cego para algo necessário?

Iain saiu do banheiro poucos minutos depois, uma nuvem de vapor com aroma de sabonete seguiu seu caminho. Seu cabelo estava molhado, e a sombra da barba havia sumido.

— Você não se moveu, — afirmou.

Não tinha certeza de como sabia disso, mas deixou essas palavras passarem. Não eram importantes como o que responderia a sua próxima pergunta.

— Todos os homens que estão desimpedidos precisam de mim. Todos me querem, aparentemente com exceção de você. Todos pensam que sou algum tipo de milagre. Como no mundo irei fazer justiça a essas expectativas? E como faço para escolher quem vai viver? — E quem tinha que morrer.

Iain repassou sua conversa com Jackie, tentando determinar como percebeu que não queria uma união com ela, enquanto formulava a resposta para sua pergunta.

A raiva por sua falta de cuidado reuniu-se em uma massa que girava por trás de seus olhos. Se alguém descobrisse que não a queria do jeito que deveria, poderia comprometer o Bando dos Áridos. Não podia traí-los, mesmo inconscientemente. Tinha que manter o disfarce e descobrir exatamente onde errou, então não faria isso de novo. E tinha que se certificar que não dissesse a ninguém o que suspeitava.

Olhou para ela, calculando seu próximo movimento. Era mais perspicaz do que podia imaginar, e se não a convencesse a abandonar essa linha de perguntas, podia revelar acidentalmente algo crucial, algo que poderia fazer seus irmãos morrerem. A verdadeira questão era, se viesse a ter que escolher entre o Bando ou Jackie, quem escolheria? Podia salvar apenas um homem, mas podia causar a morte de muitos.

Somente o pensamento era suficiente para fazer o monstro dentro dele mostrar sua cara e uivar de raiva. Não a deixaria ferir seus irmãos. Não deixaria sua curiosidade enviar bons homens para morrer nas mãos de assassinos.

— Essas uniões são uma coisa a longo prazo, — disse a ela cuidadosamente, mantendo sua ira sobre controle. — Permanentemente na maioria dos casos. Precisa escolher um homem com o qual possa passar a eternidade.

— E como diabos vou saber isso? Nem mesmo sei o que quero para o café da manhã de amanhã.

Não importava o que queria. Era seu dever salvar a um deles, e teria certeza de que fizesse isso. — É uma mulher inteligente. Vai descobrir.

— E se te quiser? — perguntou, sua voz calma e incerta.



— Não, — rosnou antes que pudesse parar. Sua besta batia em sua jaula, exigindo ser libertada. Apenas por um momento. Apenas por tempo suficiente para forçá-la a fazer a coisa certa.

Deu um passo pra trás, o medo cintilando em sua expressão.

Iain lutou contra o desejo de segui-la e usar seu tamanho para intimidá-la, assustá-la. Não importando como conseguiria que escolhesse Cain ou um dos outros, contanto que o fizesse. — Não sou o tipo de homem que vai querer passar a eternidade.

Suas sobranceiras baixaram sobre os olhos cinzentos, escondendo seu medo. — Então, só vai se deixar morrer? — perguntou.

— Não tenho nenhuma intenção de morrer tão cedo.

— Então porque não está caindo sobre mim para me convencer a ficar com você do mesmo modo como os outros fizeram?

— Fiz uma promessa.

— Pra outra mulher?

Estava pensando sobre que não podia falhar aos homens que precisavam dele para sobreviver, mas a pergunta lhe deu a desculpa que precisava. — Serena, — disse, tentando parecer triste. — Morreu na noite do ataque. Tudo o que encontrei dela era um monte de cabelo cortado e uma parte de sua saia. — Não tinha nem sequer sangue, como se tivesse simplesmente sido capturada e levada para longe, para nunca mais ser vista de novo.

Para acrescentar veracidade a sua história, foi até sua mochila e tirou um medalhão de ouro. Era um retrato em miniatura de Serena e uma pequena mecha trançada de cabelo vermelho queimado. Levava-a agora mais por hábito do que sentimentalismo. Não tinha ficado triste por ela por um bom tempo, uma das poucas bênçãos do estado de sua alma.

Iain entregou o medalhão a Jackie. Ela o abriu e puxou uma respiração chocada. — Era linda.

— Sim, — concordou.

— E sente saudade dela, mesmo depois de todos esses anos?

— A amava. — E agora não conseguia se lembrar nem do que sentiu. Tristeza, alegria, ansiedade... todas essas coisas conseguia lembrar, mas o amor esteve perdido para ele por um longo tempo.

— Sinto muito, — sussurrou enquanto fechava o medalhão e o devolvia pra ele.

Sua pele exposta acidentalmente roçou a dele e sua dor constante sumiu nesse momento único e breve. E teve um lampejo de algo mais, algo que não conseguia reconhecer, quando uma cortina se repartiu por uma fração de segundo, apenas para cair novamente no lugar antes que seus olhos tivessem tempo para se concentrar. Depois, seu toque se foi e a agonia veio desabando de volta.

Preparou-se para seu retorno, mas era sempre pior do que foi antes. Todas as vezes que parava de tocá-la, a dor era mais intensa, mais exigente. Penetrava em sua pele, cortando profundamente. Triturava seus ossos e esmagava seus órgãos. Seu sangue pegava fogo, queimando em suas veias como se o mundo inteiro se acendesse com a agonia. Levou cada



milímetro de sua disciplina e autocontrole não tirar sua espada e atacar a quem o machucou. Jackie. Podia matá-la tão facilmente. Não teria sequer qualquer esforço em tomar seu fino pescoço e quebrá-lo, para que nunca mais pudesse machucá-lo novamente.

O monstro nele se animou com a ideia, batendo em suas grades. Um momento de liberdade. Isso era tudo o que precisava para a besta fazer cessar a dor.

Trancou os joelhos, rangeu os dentes e tentou se lembrar de respirar através da dor, mas com os relâmpagos saltando dentro e ao redor de seu crânio, achava que era quase impossível.

Jackie ofegou. — Continuo me esquecendo disso, — disse. — Sinto muito.

Suas palavras eram um eco vazio no final do comprimento de um túnel. A dor se abatia sobre ele, fazendo tudo mais insignificante. Tudo o que conseguia pensar era em fazer isso parar. Forçá-la a fazê-lo parar.

Estendeu a mão cegamente, sabendo que só ela podia parar esse tormento. Seus dedos encontraram um tecido liso. As mangas. Procurou até que encontrou o calor de seu pescoço e rosto.

Instantaneamente a agonia diminuiu, como se tivesse sido mergulhado em água fria, lavando tudo pra fora. Estava se sentindo contente, leve. O monstro que era seu constante companheiro se acalmou, não mais gritando e batendo em suas entranhas.

Sentia-se... em paz pela primeira vez em anos, talvez décadas.

Não podia deixá-la lhe tirar isso, o mandando em um espiral dentro da dor. Se o fizesse, não tinha certeza se poderia se lembrar de não matá-la.

A visão de Iain não tinha voltado, então não podia ler seu rosto. Puxou-a apertada contra o peito, laçando os dedos pelo cabelo para mantê-la no lugar. Podia sentir sua respiração rápida passando sobre o seu braço, sentir a pulsação frenética bater contra seu peito.

Tinha medo dele.

Algo fracamente se agitava dentro dele, algum sentimento que perdeu há muito tempo. Não gostava do seu medo. Gostava ainda menos que tivesse sido o único a lhe causar. Desejava que pudesse levá-la pra longe do medo e lhe dar algum sentido de felicidade e segurança.

— Não vou te machucar, — disse, esperando que fosse verdade. Não conseguia pensar no que mais podia fazer para fazê-la se sentir melhor. Não conseguia parar de tocá-la. Ainda não, com sua dor espreitando, grande e terrível.

— Me solte, — disse, mas não era um comando. Sua voz estava fraca e sem fôlego.

— Eu quero. Apenas me dê um minuto. Por favor. — Precisava de tempo para recuperar o controle e garantir que sua besta interior estivesse enjaulada com segurança.

Sentiu-a dar uma tentativa de aceno. Podia sentir o cheiro do xampu que usou, junto com outra coisa. Arrastou o perfume dentro dele, tentando descobrir o que era e porque o achou tão atrativo.

Lentamente sua visão retornou. No começo era só cinza, mas em seguida a cor voltou também, enquanto seu campo de visão ampliava.

Viu seu reflexo nas portas do armário espelhado e congelou. Estava inclinada para ele, como se a puxasse fora de seu equilíbrio. Seu rosto estava apertado contra o peito e seu corpo



inteiro tremia. Uma das mãos espalmada sobre seu ombro e a outra estava enrolada em torno de seu bíceps, contra sua pele nua. Seus dedos apertavam, amassavam os músculos. O formigamento borbulhava pra fora em todos os lugares em que pele tocava pele, e o único pensamento que tinha era em ter os dois nus e se esfregando um contra o outro.

Podia ver claramente seu rosto no espelho. Seus lábios separados, seus olhos focados em sua mão, onde encontrava sua pele. Seus olhos estavam enormes e escuros, assombrados por um olhar de desejo de tal forma que imediatamente quis lhe dar tudo o que precisasse. Um rubor profundo nas bochechas coradas se espalhava para baixo em sua garganta.

Esteve com um monte de mulheres ao longo dos anos, e sabia como pareciam quando estavam excitadas. E Jackie definitivamente estava.

Iain sentiu seu pau se agitando, se contorcendo debaixo de seu jeans. Choque martelou nele, roubando sua respiração.

Não tinha ficado duro em décadas.

E então percebeu outra coisa. Desde o momento que a tocou, começou a sentir novamente. Arrependimento, luxúria, surpresa. Coisas que estiveram mortas há muito tempo nele, mas apenas um toque de Jackie e essas coisas perdidas começaram a voltar.

Esperança. A bendita e essencial esperança brotava dentro dele, apenas piscando com vida. Talvez pudesse salvá-lo.

Ela encontrou seu olhar no espelho. Um olhar de horror atravessou seu rosto e se empurrou longe quebrando o contato.

A dor explodiu em uma rajada de fogo. Essas fugazes emoções que sentiu foram incineradas em uma fração de segundo, e tudo o que restou era o monstro enfurecido saindo de sua jaula, pronto para matar.

Deu um passo em direção a ela, mas caiu de joelhos quando a agonia se abateu sobre ele. Então de repente tudo foi embora. Tudo sumiu.

Capítulo 6

Não era nem mesmo o pôr do sol, e Tynan já estava sobrecarregado. O ferimento a facada de Nicholas não estava ruim, e pagou por sua cura e pela remoção de sua memória com sangue, mas a condição de Grace se deteriorou nas últimas horas, e agora Tori aparentemente se tornou homicida. E tudo isso era seu problema para corrigir.

Teve que fazer uma parada rápida no quarto de Grace antes de ir ver Tori. Quando entrou, encontrou Torr inclinado a seu lado, segurando-lhe a mão. O homem raramente a deixava e sua culpa estava começando a se agarrar a ele, devorando-o embora fosse pouco a pouco. Tynan podia sentir a decadência de sua condição, tanto em sua aparência, assim como em cada lento movimento de seu corpo.

— Deveria ir e descansar, — Tynan disse.



Torr virou, os olhos com contornos avermelhados e fundos pelo cansaço. — Não, — foi tudo o que disse.

— Ótimo. Se quer jogar fora o presente que te deu, então que assim seja. É sua vida para descartar como ache melhor.

— Vou ficar com ela.

Tynan não se importou em checar à saída da máquina de respiração de Grace. Simplesmente colocou a mão em sua cabeça e deixou seu corpo falar com ele.

Ainda estava lá, lutando. Não tinha desistido. Nem Torr tinha. Se a pura força de vontade pudesse manter uma pessoa viva, então talvez, Grace poderia sobreviver por mais um ou dois dias.

Não havia como tornar isso mais fácil para o Theronai. — Fiz tudo o que podia.

Torr olhou seus pés. — Não. Não pode desistir dela.

— Não desisti de ninguém. Tentei tudo o que podia fazer por ela. Juro que fiz. Não há medicina humana ou mágica Sanguinar que a manterá viva por muito tempo. Seu corpo simplesmente está muito fraco. Tem que deixá-la ir. Está resistindo por você, para protegê-lo da dor.

A boca de Torr se moveu como se lutando para não cuspir algo vil. — Vou encontrar o demônio que causou isso. Depois, pode criar algum tipo de antídoto.

— Você já procurou. Outros procuraram. Ninguém sequer viu qualquer indício da criatura. E mesmo que encontrasse um, não teria importância. Está muito distante.

— Ainda está aqui. Isso é tudo o que importa.

— Está aqui por sua causa. Realmente acha que poderia descansar em paz sabendo que sofre por ela? Deu a vida dela pra salvar a sua. Esse tipo de amor é raro, e é a única coisa que a mantém viva agora.

Torr engoliu e as lágrimas encheram seus olhos. — Está me dizendo que estou prolongando seu sofrimento?

Se Tynan amenizasse a verdade, Torr nunca iria ouvi-lo. O homem estava além da teimosia. Irritantemente assim. — Sim. Está se agarrando a vida por você. Deveria deixá-la ir. Segurá-la aqui, forçando-a a tomar fôlego após fôlego de uma máquina para que não precise se sentir culpado, é egoísmo.

Lágrimas deslizaram pelo rosto de Torr. Nem sequer tentou escondê-las. — Não posso perdê-la.

— Já a perdeu. Não há nada que ninguém possa fazer. Sinto muito.

— Não posso, — Torr disse, recuando, segurando suas mãos como se para afastar um invasor. — Não posso deixá-la ir. — parecia incerto, como se finalmente estivesse começando a aceitar a eventual morte de Grace.

— Um de nós irá fazê-lo. Vamos desligar as máquinas.

Torr avançou, dando um passo ameaçador em direção a Tynan. — Não! Vou fodidamente matar qualquer um que fizer isso a ela. Me ouviu?



Tynan sabia quando era hora de recuar. Não precisava ter seu pescoço quebrado duas vezes para que a lição fosse adquirida. — Entendi. Ninguém vai fazer nada sem sua permissão, mas não vou usar mais nenhum sangue precioso em seu nome. Simplesmente não há o suficiente para desperdiçar.

Torr assentiu firme. — Vá. Quero ficar sozinho com ela. Enquanto posso.

Tynan saiu, lamentando aquilo que estavam prestes a perder. Não apenas Grace, mas Torr. Não era mais o homem que foi. O sofrimento o enfraqueceu, lhe tirando lentamente bastante poder.

Mais uma baixa de guerra, uma que Tynan não teve tempo para deter. Era a vez de Tori ter sua atenção, e ela era quem tinha que salvar. As mulheres Theronais eram preciosas demais para se perder, mesmo aquelas que não tinham nenhuma esperança de progressos. Ou até possivelmente de sanidade mental.

Trancou seus pensamentos sombrios longe e faria o que precisava ser feito, como sempre.

A porta da suíte que Paul e Andra compartilhavam com Tori estava aberta. No momento em que se aproximou, cheirou o sangue. Forte. Poderoso.

A fome cresceu dentro dele, aumentando suas presas. Não havia suficiente sangue Athanasian sobre a Terra para alimentar sua raça. O caminho entre a Terra e Athanasian havia sido completamente aberto, permitindo a passagem entre os mundos. Mas agora o portal estava fechado e a Terra estava escassa de sangue Athanasian que alimentava os Sanguinar. Pequenos vestígios do sangue antigo haviam passado de uma geração humana a outra, deixando para trás o sangue humano do qual se alimentavam, mas apenas o seu sangue não era suficiente. As curas que fazia, seu trabalho em restaurar a fertilidade dos homens Theronai, tirava muito poder dele, o deixando constantemente com dor pela fome. A única vez que conseguia se lembrar de verdadeiramente estar cheio foi quando um dos príncipes Athanasian veio até o portal e compartilhou seu sangue.

Esse presente foi um milagre, um que salvou Tynan de ser enviado a dormir em décadas. Havia permitido que continuasse seu trabalho, mas não pode manter tudo para si mesmo. Havia outros de sua raça, desamparados e dormindo abaixo de Dabyr, dependendo dele e de seus irmãos para cuidá-los. A maior parte do que recebeu foi dado a eles, poupando apenas o que era necessário para completar seu trabalho.

O cheiro de sangue agora o guiava para frente, sua boca cheia d'água para saborear esse poder. Entrou em um dos quartos e encontrou Paul detendo Tori em seu colo, os braços e uma das pernas prendendo seu corpo contra o dele. Seu ombro estava sangrando em uma série de marcas de dentes irregulares deixados em sua pele. Esse era o sangue que Tynan cheirou.

Andra se ajoelhou na frente de sua irmã presa, tentando falar algo sensato para ela. — Não pode sair, querida. Irão encontrá-la e levá-la pra longe de mim.

Tori golpeava dentro de seu aperto. Sua pele pálida estava corada. Veias muito escuras batiam em sua garganta e em suas têmporas, provando que o sangue de seus captores ainda corria através dela. Mostrou os dentes que estavam cobertos com o sangue de Paul. — Vou te matar se tentar me manter aqui. Zillah tem que morrer. Tenho que matá-lo.



— Nós iremos encontrá-lo pra você. Eu mesma vou matá-lo.

— Não! É meu! Quero machucá-lo. Quero fazê-lo gritar.

Tynan ouviu o suficiente. Tori estava doente. Esteve com os Synestryn por muito tempo. A mudaram, alimentando-a com seu sangue. Zillah a torturou e estuprou e a forçou a lhe dar um filho. Essa criança, seu filho, morreu. Ninguém poderia sobreviver a uma coisa dessa ilesa.

Seu sofrimento o atingiu, o fazendo esquecer tudo sobre seus próprios problemas insignificantes. Tinha que acabar com seu sofrimento. De alguma forma. Pensou que se encontrasse um homem que fosse compatível com ela, um cujo poder pudesse controlar, poderia salvá-la, mas agora estava começando a pensar diferente. Se essa jovem tivesse qualquer tipo de poder em absoluto, poderia muito bem usá-lo para matar as pessoas dentro da fortaleza.

Tynan não podia deixar isso acontecer.

Nicholas tinha razão em Tynan remover de sua memória o encontro com Tori. Fez isso por razões diferentes das de Tynan, mas o resultado era o mesmo. Tori não ganharia acesso ao poder de Nicholas, a menos até que fosse seguro para ela se tornar uma arma mortal. Ninguém poderia saber que eram compatíveis, especialmente Andra, que faria qualquer coisa para salvar sua irmã.

Tynan caminhou até onde Paul a segurava, e tocou a testa de Tori, induzindo-a a dormir. Ficou mole nos braços de Paul, e ele soltou um suspiro longo e aliviado. — Obrigado. Ela é forte para uma coisa tão pequena.

— Sinto muito, — disse Andra, como se tudo fosse sua culpa.

Paul colocou Tori na cama e puxou Andra contra seu peito nu, a abraçando apertado. O olhar que deu a Tynan era preenchido com demanda. — Tem que fazer isso parar. Esfaqueou Nicholas hoje.

— Sei. Fui o único que removeu a faca e remendou sua carne.

— Vou te dar o que precisar de sangue, — Paul disse, — mas tem que ajudá-la. Não está ficando melhor.

Andra virou-se, enxugando as lágrimas de seus olhos. — Está ficando pior. Mais violenta.

— Não, sempre foi violenta. É que só agora está ficando forte o suficiente para reagir a esses sentimentos. Têm que colocá-la para dormir do mesmo jeito que minha raça. Vai descansar em paz até que possa encontrar uma maneira de remover o sangue contaminado dos Synestryn de seu corpo.

— Não podemos conseguir algum tipo de máquina de diálise? — Andra perguntou.

— As máquinas não podem filtrar magia, embora gostaria que fosse possível.

— Não pode desistir dela.

— Não estou. Eu não. Sabe o quanto é necessária. Mas não há outro jeito.

— Não posso colocá-la pra dormir, — Andra disse. — Disse que Zillah está em seus sonhos. Machucando-a. — Engoliu em seco e quando falou novamente, sua voz tremia de emoção. — Ele a estupra em seus sonhos, Tynan. Toda a noite. Ela acorda gritando, chorando. Não posso fazê-la viver com isso durante o tempo que leve para encontrar uma cura. Pelo menos agora está algum tempo acordada. Longe dele.



Paul acariciou as costas de Andra. — Nós vamos prendê-la antes de deixar você colocá-la para dormir. Nós já decidimos.

— Vou falar com Joseph, — Andra disse. — Vou ver se nos deixa colocar grades nas portas e janelas para que possa ficar aqui.

Isso não ia acabar bem. Tynan já podia dizer isso.

Tori começava a se contorcer na cama, fazendo deploráveis sons de dor e terror.

As lágrimas derramaram-se pelo rosto de Andra. — Não deixe Nika saber o quão mal está. Isso iria matá-la.

— As duas estão conectadas. Provavelmente Nika já sabe.

Andra negou com a cabeça. — Não. Tori continua a protegendo, apesar de que só seja humana. Nika era a única que estava com ela em sua mente todos esses anos de cativeiro. Tori não vai pagar isso a fazendo sofrer. Também não o quero, tampouco.

— Concorde. Vamos manter isso para nós mesmos. — Não só era a coisa certa a se fazer, mas iria conquistar a boa fé com Andra, bem como manter a mente de Nika livre de preocupação. Tynan queria Nika feliz e contente para que nada interferisse com sua capacidade de engravidar.

Algumas semanas atrás, deu ao marido de Nika um soro que esperava que curasse sua fertilidade. Com alguma sorte nisso, os incansáveis esforços de Tynan iriam ser recompensados e bebês Theronai iriam mais uma vez nascer. Era a única esperança que seu povo tinha para fugir da fome.

Se moveu para Tori com o pretexto de verificar sua pulsação. Andra era protetora com suas irmãs mais novas, e não queria fazer nada para irritá-la.

Tynan mandou seu poder fluindo através de seu toque e encontrou um zumbido, a dor de Tori fervendo de seus podres pesadelos. Não podia protegê-la, mas poderia enfraquecer sua intensidade por um tempo, levando-a para dentro de si mesmo. Era difícil de fazer, e desgastaria seu poder já reduzido, mas Tori merecia um pouco de descanso depois de tudo que passou.

Reuniu seus pesadelos, lhe permitindo fluir para dentro dele. As imagens lhe atingiram fortemente, o nauseando. Recusava-se a olhar diretamente para elas com medo de conduzi-lo a loucura. Tinha muito tormento ali, muita agonia e desesperança. Se olhasse pra elas por muito tempo, iriam sugá-lo e destruí-lo.

Tynan empurrou tudo isso em um canto de sua mente e a trancou longe. Elas ainda estavam lá. Podia senti-las as margens fétidas delas tentando rastejar pra fora, mas não era a primeira vez que havia feito algo assim. Era preciso toda sua força de vontade, mas conseguiu retomar o controle e enfrentar Paul e Andra, como se nada tivesse acontecido. — Vai dormir tranquila por pelo menos algumas horas. Não a acordem.

Andra assentiu, fungando. — Obrigada.

— Vou levá-lo até a porta, — Paul disse.

Deixou a esposa atrás, e logo que estavam fora de vista, parou Tynan. — Tome meu sangue. Sei que precisa dele depois do que fez por ela.

— Não fui capaz de fazer nada.

— Mentiroso. — Paul ergueu um punho. — Vá em frente. Lhe devo.



Tynan estava fraco demais para resistir a tal oferta. Tinha vergonha de não ser mais forte, mas isso não mudava nada. Suas ações seriam as mesmas. No final, suas ações seriam sempre as mesmas.

Faria o que fosse preciso para sobreviver, para manter seu povo vivo, não importando quem tinha que sangrar para que isso acontecesse.

Zillah tremia de fúria enquanto estava diante de seus iguais. Os senhores Synestryn alinhados na caverna, cada um sentado em um trono esculpido rodeado em pedras. Pequenos cristais brilhavam ao longo das paredes da caverna, e no centro do lugar estava uma grande fogueira, sombras cintilavam em tudo.

Tinha sido convocado. Como um cão. E como um cão, sabia que não deveria ignorar a chamada. Era poderoso, controlando uma vasta área de terras, mas ninguém era poderoso o suficiente para ignorar o poder de vários outros senhores Synestryn em conjunto.

— Por que fui interrompido e forçado a vir aqui? — perguntou.

Raygh, um dos outros senhores Synestryn presentes, aparentemente foi o instrumento de convocação, pois foi o primeiro a responder. Era alto e esquelético, sua pele azulada pendurava em seus ossos, tão soltas, que pareciam que podiam simplesmente se desprenderem a qualquer momento. Suas narinas eram buracos planos no centro de seu rosto, mas não havia nada de frágil sobre ele. Seus olhos em fendas brilhavam com poder. — Nós questionamos sua capacidade de proteger suas propriedades. E sua lealdade.

Fúria atravessou Zillah, e agarrou o punho de sua espada roubada ao seu lado. — Como se atreve a me questionar? — exigiu.

— Nós lhe concedemos terras e todos os humanos sobre ela. Você deveria cultivá-las, separar a carne daqueles com poder, e encontrar reprodutoras. E ao invés disso, permitiu que as reprodutoras escapassem. Pelo menos duas delas carregam nossos jovens, e estão agora nas mãos dos Sentinelas. Falhou. Ainda pior, permitiu que os Sentinelas soubessem dos nossos planos cedo demais. Seu fracasso arruinou o que passamos anos criando. Por isso, suas terras estão revogadas. A questão que estamos aqui para resolver é a da lealdade, se devemos ou não poupar sua vida.

Estava chocado demais pra falar por um longo momento. Sim, os Sentinelas invadiram seus territórios e roubaram suas reprodutoras, mas isso não dava aos senhores aqui reunidos o direito de tirar o que era dele. Essas terras foram dele por anos. As ganhou, trabalhando num jeito para aumentar seu poder até que esteve forte o suficiente para matar o senhor Synestryn que a tinha previamente.

— Não pode fazer isso, — Zillah murmurou.

— A decisão está tomada, — Raygh disse. — Vamos ouvir sua defesa se tiver uma.

— Não tenho que me defender a qualquer um de vocês. São meus iguais.

Outro senhor Synestryn atrás dele bufou em zombaria.

Zillah se virou para enfrentá-lo. Sua cabeça era grande demais para seu corpo, carnudo e volumoso, com olhos esbugalhados e salientes, lábios grossos escamados. Parecia menos humano



do que os outros aqui reunidos, coberto de pelos, com garra ao invés de dedos. Quando falou, as palavras eram pouco compreensíveis. — Você é fraco. Humano demais. Comida.

— Vou te mostrar o fraco, — Zillah prometeu quando puxou sua espada. Um instante depois, se tornou imóvel, seu corpo congelado.

— Isso responde a questão de lealdade, — disse Raygh, girando em torno de Zillah com um aceno de mão. — Será condenado a morte por seus crimes.

O medo cresceu na mente de Zillah, não deixando espaço para mais nada. Não conseguia se mover. Não conseguia falar. Não podia se defender.

— Não. Tenho uma ideia melhor, — disse um homem das sombras. Zillah pensava ter reconhecido a voz, mas não conseguia encaixá-la exatamente. — Ainda pode ser útil se puder aprender um pouco de humildade.

— O que sugere, filho? — perguntou Raygh.

— Prendê-lo. Usá-lo para sangue, ao invés de carne.

Os músculos de Zillah se apertaram enquanto tentava lutar e se libertar. Não podia permitir ser tratado como um ser humano.

Altos, sons forçados vibravam em seu peito, mas sua boca não se mexia.

— O que dizem? — Raygh perguntou aos reunidos. — Carne ou sangue.

— Sangue, — disse o senhor ao lado esquerdo de Raygh.

— Sangue, — disse o próximo.

— Sangue.

Nisso foi ao redor da sala, até que a última voz ecoou, — Sangue, — o destino de Zillah estava selado.

Capítulo 7

Sentia-se tão bem. Tão correto.

Jackie foi absorvida por qualquer que fosse a magia que Iain possuía. Havia caído nela. Não teve a intenção, mas quando a puxou contra seu corpo duro e a envolveu em seu calor borbulhante, foi incapaz de resistir.

Nesse momento, cedeu à sua necessidade, deixando-a passar por cima de sua razão, cedendo ao seu propósito. Ninguém estava por perto para ver sua fraqueza, e fazia tanto tempo que foi sustentada assim.

Não que alguma vez foi abraçada exatamente assim.

Não havia comparação entre o corpo poderoso de Iain e ao dos homens que esteve antes. Eram como pré-adolescentes magros ao lado de um atleta profissional. No começo foi um choque, mas depois seu corpo teve vontade própria e começou a relaxar em seus braços, desfrutando dele.

O prazer deslizando por ela crescia a cada segundo que passava, até que teve certeza de que



não conseguiria conter-se mais. A fazia querer coisas que pensou que nunca iria querer outra vez. Quase a fez acreditar que talvez sua vida não estivesse além de qualquer conserto.

Podia imaginar os dois juntos. Se tocando. Até mesmo se beijando.

O pensamento fez curvarem os dedos dos pés em seus sapatos e suas mãos cravarem-se em sua pele. Estava compelida a experimentá-lo. Apenas uma vez. Precisava sentir seus lábios nos dela e ver se o louco desejo era real ou imaginário.

Levantou a cabeça em busca de sua boca. Foi quando viu seu rosto.

Achava que era diferente, mas aquilo era mentira. Aquele olhar de esperança que viu em todos os homens estava ali, na cara de Iain, como se zombando dela.

Entrou em pânico e empurrou-o com força suficiente para quebrar o contato, mas foi um erro. Machucou-o.

Iain caiu no chão, balbuciando e tremendo, como se estivesse tendo algum tipo de convulsão. E então ficou imóvel.

Jackie entrou em pânico. Não sabia o que fazer ou como ajudar. Tudo que sabia era que tinha medo de tocá-lo novamente, mesmo para ver se estava respirando. Seu toque fez isso. Não sabia como, mas fez.

Odiando o que sabia que tinha que fazer, correu para a bolsa, remexeu, procurando seu telefone, e chamou Helen. Com uma voz que soava desesperada, até mesmo para seus próprios ouvidos, disse à irmã o que havia acontecido.

— Está tudo bem, — Helen disse, seu tom de voz firme. — Pode corrigi-lo. Basta colocar a mão em sua pele.

— Não. Isso foi o que fez que isto acontecesse.

— Não, não foi isso. Isso só acontece se você se afastar de repente. É forte. Vai ficar bem. Basta fazer o que digo. Confie em mim. Estive exatamente onde está.

Jackie prendeu a respiração e tomou a mão de Iain nas suas. Seus grossos dedos estavam moles entre os seus. — Não está funcionando, — disse a Helen.

— Dê-lhe um minuto.

Talvez não o estivesse tocando o suficiente. Solto o telefone, deslizando para perto dele, ajoelhando-se sobre ele, e depois colocou a outra mão em seu rosto. Sua pele estava suave por seu recente barbear. Estava quente, e agora que estava mais perto, podia ver seu pulso, forte e firme, em seu pescoço.

Os olhos de Iain se abriram. Seus dedos entrelaçaram-se aos dela e cobriu sua mão em seu rosto com a sua, segurando-a no lugar.

— Está bem?, — perguntou.

Seu poderoso peito arfava com cada rápida respiração. O suor salpicava sua testa. Seu olhar sombrio deslizou sobre seu rosto, e depois para onde suas mãos estavam juntas, seus dedos entrelaçados.

Estava tão quente, penetrando em sua pele e espalhando-se para afugentar até mesmo a memória de um calafrio. O silêncio se estendia, fazendo-a imaginar se tinha ouvido e entendido a pergunta.



E se ainda estivesse com muita dor?

— Iain? Está bem?

Não se moveu, e ela não se atreveu a tentar fugir de novo, por medo do que poderia fazer com ele uma segunda vez.

Suas mãos irromperam com um suor nervoso, e seu olhar desceu à extensão de seu peito. Não podia olhar nos olhos dele agora. Estava muito fora de seu ambiente, também fora de equilíbrio. Se tivesse outro vislumbre da esperança que viu brilhando nele, sabia que ia pirar.

Ele se sentou, trazendo sua cabeça para perto dela. Suas bocas estavam a poucos centímetros de distância, fazendo-a salivar. Nem sequer pensou em beijar um homem por anos, e ainda assim, estava fazendo isso agora. Na verdade, não conseguia pensar em outra coisa que não fosse em como seus lábios se sentiriam contra os dela, como seria o sabor dele. Seus dedos deslizaram pelas costas de sua mão. Espirais de calor teciam o caminho em sua pele até seu braço, expandindo dentro do peito, até que chegou a cada parte dela. Um arrepio sacudiu-lhe a espinha.

Escuro, uma necessidade irresistível se reuniu embaixo de seu ventre, conjurando imagens de coisas que sabia que não deveria querer. Sua pele aqueceu, e as vibrações provenientes de suas mãos pareciam engolir seu corpo inteiro. Tudo o que precisava fazer era se deixar ir, pois sabia que cuidaria dela. Daria-lhe o tipo de prazer que lhe foi negado há muito tempo.

Ter um amante era normal. Poderia se permitir fazer isso. Aqui. Agora.

Seu olhar se moveu para a sua boca e engoliu. Um olhar negro de necessidade encheu seus olhos. — Te desejo, — disse, como se surpreendido.

Uma emoção de vitória disparou ao longo de sua espinha. Sim. Isso era o que queria. Sabia que não deveria querer isso, mas a lógica não receberia um voto. Não desta vez.

— Jackie?, — a voz de Helen parecia muito distante.

De repente, Jackie se tornou ciente do telefone celular deitado apenas um pé longe deles.

Puxou sua mão para poder atender ao telefone, mas Iain não a deixou soltar-se.

Levantou a voz e falou de forma que Helen pudesse lhe ouvir. — Iain está bem agora, Helen. Obrigada pela sua ajuda.

— Ok. Tchau, — ouviu Helen dizer, um pouco alegre demais. Em seguida, a tela do telefone exibiu a informação de chamada terminada.

Iain capturou sua mão do rosto e se inclinou para frente, enterrando o nariz contra seu pescoço. Empurrou a gola alta da blusa, tentando tirá-la de seu caminho.

Pânico a tomou antes que pudesse bloquear a si mesma. Não era um demônio. Não queria seu sangue. Ainda assim, não queria que olhasse as cicatrizes ali, marcas ásperas na pele deixadas pelas constantes alimentações que sofreu. Eram feias lembranças de seu cativo. Até mesmo ela mal podia suportar olhá-las.

Conseguiu puxar uma mão, deixando-a livre e segurou sua gola no local. — Não faça isso. — A voz dela soou fria, decisiva.

Ele parou, erguendo a cabeça. Seus olhos negros estudaram seu rosto. Uma leve ruga vincava sua testa. Não podia dizer se estava chateado, confuso, ou ambos. E então todas as emoções desapareceram de seu rosto como se nunca tivessem estado lá. Era como se tivesse



apertado um interruptor e simplesmente as apagasse. — Preciso te levar de volta para Dabyr.

— Não.

— Isso não está certo. Se ficar com você, esquecerei isso.

— E se não me importar?

— Irá. Quando acabar. Aí se importará. Não posso fazer nada para prejudicá-la intencionalmente. Tenho que manter minha honra.

Sua honra? Era disso que se tratava? — Dormir comigo não é honrado?

Olhou para sua boca novamente e viu a escura necessidade cintilar em seus olhos. — Não sei se isso é o que realmente quer.

O calor dentro dela começou a se dissipar, permitindo-lhe pensar com clareza. Estava certo. Não podiam fazer isso. Por mais que desfrutaria de alguns momentos fugazes de prazer, teria que viver consigo mesma uma vez que isso tivesse acabado. Essa era sua chance de romper com essas pessoas, não atar-se a um deles. — Deveria me deixar ir. Ficarei bem sozinha.

Suas narinas queimaram com raiva e o controle sobre sua mão aumentou. — Não deixarei você morrer, que é o que aconteceria se a deixasse sozinha. Estamos voltando. Poderá escolher outra pessoa para acompanhá-la.

— Alguém que não fará exatamente o que está fazendo agora?, — perguntou. — Haverá um homem que me deixará viver minha vida em paz? Porque se houver, basta nomeá-lo, e eu alegremente correrei a ele.

Seus lábios apertaram, e jurou que viu um brilho de algo perigoso à espreita em seus olhos. Sabia que não era humano, mas o que viu a fez lembrar o quão longe de ser um humano realmente estava.

— Não quero que esteja com mais ninguém, — disse. — Mas não pode me salvar. Quando te toco, é difícil lembrar disso.

— Então não me toque. — Mesmo enquanto dizia as palavras, esperava que as ignorasse. Por mais que não quisesse ser parte de seu mundo, não queria perder a forma como se sentia agora, com essas quentes correntes de bolhas explodindo dentro dela. Essa sensação de querer, de desejar. Sentiu-se tão horrível e fria por tanto tempo, e ele fazia a memória daquele frígido terror se desvanecer.

Deu-lhe um olhar resignado. — Fique quieta, — ordenou. — Vou me afastar. Lentamente.

Acenou com compreensão e deixou-o soltar os dedos do seu agarre. Ele se reclinou, em seguida, deslizou seus quadris para longe, e então lenta, dolorosamente, soltou seus dedos até que fazia contato com apenas a ponta do seu dedo indicador.

Afastou-se e, instantaneamente, empalideceu. Um gemido baixo e doloroso irrompeu de seu peito, e sua testa se encheu de suor.

Jackie sentou-se absolutamente imóvel, mordendo o interior de seu lábio para não se aproximar dele. Um gosto metálico de sangue atingiu sua língua. Seu estômago retorceu com preocupação, enquanto o calor dentro dela crepitava e se afastava até que tudo se foi. Odiava ver qualquer ser vivo com dor, e apesar de seu desejo de não ter nada a ver com ele, isso não significava que queria que sofresse.



Ele agarrou seu estômago e ofegou. Seus olhos estavam fechados apertados e seu poderoso corpo tremia como se estivesse congelando.

Pegou um cobertor da cama e jogou sobre ele, certificando-se de não tocar nem mesmo suas roupas.

Ele olhou para cima. Seus olhos estavam vermelhos e sua pele estava pálida. Hematomas escuros pendiam sob seus olhos, marcando sua exaustão. — Preciso meditar. Recuperar-me. Quando terminar, nós voltaremos.

— Mas eu...

— Não discuta comigo agora. Estou te avisando.

Ela o machucou. Não teve a intenção, mas sua agonia era óbvia. O mínimo que podia fazer era deixá-lo sofrer em paz. Desejava como o inferno que alguém lhe oferecesse a mesma cortesia.

Jackie assentiu, pegou o telefone, e enfiou-o no bolso da calça. O medalhão de ouro brilhava no tapete sujo. Apanhou-o, também, e enfiou-o de volta em sua bolsa. — Estarei pronta para ir quando quiser.

Iain ajoelhou-se, desembainhou a espada, e a pôs na frente dele. A lâmina brilhava. Delicados ramos feitos de metal teciam um caminho em torno do punho e sobre a guarda cruzada, chegando à base da lâmina, detendo-se ali. Esses ramos estavam desgastados pelo uso, quase desapareciam nos lugares onde as mãos agarravam a arma. Perguntou-se quanto tempo estava lutando com a espada para que isso acontecesse.

Puxou o cobertor de seus ombros e jogou-o sobre a cama. Levantou grosso braço sobre sua cabeça e agarrou sua camisa. Puxou-a e a colocou ao lado. E não olhou em seu caminho. Ficou de costas para ela, mas teve uma bela visão de suas esplêndidas costas, lembrando-a exatamente o que estava perdendo.

Um profundo risco percorria sua espinha, os músculos de cada lado dela se juntaram e apertaram. Seus ombros largos afunilavam-se numa cintura fina, e todos os músculos ali estavam cobertos de pele lisa e bronzeada. Alguns ramos sem folhas de sua marca da vida alcançavam seu ombro esquerdo, e conforme respirava, pareciam balançar.

Seu corpo era ainda mais poderoso do que imaginava. Parecia encher o quarto com sua presença, obscurecendo todo o resto. Esse calor que deu a ela com seu toque voltou por conta própria, iluminando-a por dentro. Um calor lento e líquido fundiu entre suas coxas, fazendo-a estremecer.

Queria se aproximar e o tocar, mas já causou problemas o suficiente por uma noite. Em vez disso, arrastou seu olhar para longe e se forçou a pensar sobre o que precisava fazer a seguir.

Sua jornada para encontrar uma vida normal não estava muito longe dela, mas dificilmente poderia pedir a Iain que fizesse mais por ela. Como estava, parecia que mal se sustentava, lutando para lidar com a dor que inadvertidamente lhe causou.

Estavam apenas há algumas horas longe de Dabyr. O deixaria levá-la de volta e encontraria outra pessoa, alguém em quem não tocasse. Jamais.

Remexeu na mala à procura de um par de luvas e um cachecol. Não que estivesse com frio o suficiente para precisar deles, mas assim que Iain estivesse pronto, se envolveria bem apertado e



assim não haveria mais acidentes.

Uma vez que teve tudo pronto para ir, se estabeleceu na mesa junto à janela e abriu seu laptop. Joseph nem sequer hesitou quando pediu um. Ele o tinha entregado uma hora após seu pedido. Claro que naquele momento não sabia que tinha intenção de usá-lo para encontrar um novo lugar para morar e um emprego.

Puxou seu currículo para trabalhar nele enquanto esperava Iain concluir sua meditação. O intervalo de dois anos em sua história de trabalho era dolorosamente óbvio, gritando-lhe da tela. Não sabia como explicaria seu desaparecimento sem soar como uma lunática.

Sua única opção era mentir, o que odiava fazer. Teria que inventar uma tia e dizer que deixou o trabalho para cuidar dela durante uma doença prolongada. Se alguém verificasse sua história, seria descoberta, mas não sabia que outra escolha tinha. Não ia afirmar que estava em reabilitação ou doente, por medo de não ser contratada, e não havia maneira nenhuma que pudesse dizer que foi raptada por demônios e mantida viva por seu sangue.

Com um suspiro de frustração, fechou o laptop e colocou a cabeça para baixo em seus braços cruzados.

Realmente não pensou em todos os detalhes ainda, mas quanto mais pensava, mais problemas encontrava. Sua casa hipotecada era uma grande mancha negra em seu crédito. E se não pudesse mesmo encontrar um lugar para viver? E se encontrasse uma casa, como faria para se proteger dos monstros cada vez que se cortasse com papel?

Um som fraco a fez levantar a cabeça. Olhou para Iain, mas ele estava imóvel, exceto pela lenta expansão de suas costelas quando respirava.

Ouviu novamente um suave arranhão. Vindo do exterior.

O medo a fez congelar no lugar. A última vez que deixou Dabyr, foi atacada por monstros com garras que tentaram “rasgar” o carro para chegar até ela. Se não fosse por uma barreira mágica que Andra havia erguido para mantê-los fora, teria morrido naquela noite.

O som veio de novo, mais alto desta vez. — Iain, — disse, mas saiu apenas como um sussurro trêmulo.

Ouviu outro barulho. Uma batida contra o vidro, apenas a alguns centímetros de seu cotovelo.

Jackie gritou e saltou de sua cadeira, correndo para longe do vidro. — Iain. — Chamou seu nome mais alto desta vez e preencheu-o com o mesmo pânico que deslizava em seu peito.

Pelo canto do olho, viu-o virar a cabeça. Depois, houve um flash de movimento, um borrão de pele e aço, conforme pulava em sua direção.

Continuou retrocedendo, enquanto se colocava entre ela e o perigo.

— É apenas um pássaro ou algo assim, — disse, tentando convencer a si mesma.

— Vamos descobrir. — Puxou as cortinas e ali, a menos de dez metros de distância, dois brilhantes olhos verdes fixados na cabeça de um monstro.

Erguia-se sobre duas pernas, quase tão alto quanto Iain. Seu corpo era extremamente pálido, coberto de aleatórias manchas negras na pele. Dentes pontudos preenchiam sua boca, e uma saliva amarelo fluorescente molhava a frente de seu corpo. A coisa era muito musculosa, sua



mandíbula descendo para a espessura de seus ombros, renunciando totalmente a necessidade de um pescoço. Na extremidade de cada dedo havia uma garra negra com pelo menos dois centímetros de comprimento, e as usava para raspar o vidro.

Seus olhos, perturbadoramente humanos, pousaram sobre ela, e uma doentia luz verde queimou dentro deles, como se a reconhecesse.

— Isso não é uma ave, — Iain disse. — Precisamos tirá-la daqui.

O medo a mantinha presa. Vinha lutando contra isso desde seu resgate, mas seu sistema parecia voltar a esse estado aterrorizado com tanta facilidade, travando seu corpo de modo que não podia agir.

— Agora, Jackie!, — Iain esbravejou. — Mova-se!

Seu comando cortou seu medo, e se moveu em direção à porta, pegando sua bolsa e a alça da mala.

— Deixe. Não há nada aí que vale sua vida.

Largou a mala, mas a bolsa já estava presa a seu corpo. Além disso, era nela que carregava sua arma, e não estava prestes a deixar sua única arma para trás.

Ele fechou as cortinas e correu toda a sala, pegou uma jaqueta de couro da parte de cima de sua bolsa. Já estava na porta, atrapalhada com as fechaduras, não conseguindo abri-las.

— Abaixе suas mãos. Não posso me arriscar a tocá-la agora.

Certo. A dor podia incapacitá-lo, deixando-a sozinha para se defender.

Que ideia mais ridícula aquilo era.

Fez como pediu, saindo do caminho para que Iain pudesse abrir a porta. Um momento depois, espiou pelo corredor. — Está vazio. Vamos correr para a saída no final do corredor, ok? Iremos direto para minha caminhonete. Não olhe para trás. — Tirou as chaves do bolso do jeans e balançou-as. — Se alguma coisa acontecer comigo, vá embora sem mim. Não pare de dirigir até que chegue a Dabyr.

— Nada vai acontecer com você, — disse, tanto para seu próprio benefício como o seu.

— Tome as chaves. Coloque essa jaqueta. Isso irá protegê-la.

— Fique com ela. É a única que tem para permanecer vivo e lutar.

— Faça o que digo, e nós dois ficaremos bem. Vi apenas um deles. Provavelmente é apenas um olheiro. Não vou nem suar para tirá-lo daqui.

Jackie pegou as chaves e a jaqueta, tomando cuidado para não tocar sua pele.

Deu-lhe um aceno satisfeito. — Fique perto.

Não precisava lhe dizer isso duas vezes.

Murak não falharia com seu pai, um dos mais poderosos senhores Synestryn do continente, da forma como o seu irmão fez. Da maneira que Zillah fez. Seu pai, Raygh, não era conhecido por sua tolerância ou por sua misericórdia, por isso, quando Raygh ordenou a Murak caçar as humanas roubadas de Zillah e trazê-las de volta, Murak correu para obedecer. Duas das fêmeas estavam carregando filhotes Synestryn, e o roubo de seus jovens não podia ser tolerado.

Murak dirigia pela rua estreita, mesclando-se facilmente entre os humanos. Ao contrário de



seus ancestrais, parecia mais humano do que monstro, com poucas exceções que a própria roupa escondia. O gado¹ em movimento passava por ele, reunindo-se atrás dele em um semáforo, prosseguiram sem perceber, completamente alheios ao fato de que em breve todos seriam comida ou escravos.

O fedor de seus corpos queimava-lhe o nariz, mas tragou profundamente o ar da noite, em busca de algum indicio de um rastro.

Esse fim de mundo estava mais próximo ao local de onde as prisioneiras tinham fugido. Certamente uma delas estaria aqui, cheiraria a medo. E se alguma pequena alma corajosa não estivesse com medo, o distinto cheiro de sangue Synestryn estaria escorrendo de seus poros.

Encontre-as e lhe concederei todas as propriedades de Zillah.

Isso é o que o pai de Murak havia prometido, e não havia nada que quisesse mais do que expandir seus domínios e preenchê-lo com sua prole e comida suficiente para encher suas barrigas. As propriedades de Zillah eram extensas, e seria um bom começo para o reino de Murak.

Despachou seus caçadores, dando-lhes os itens que recuperou das cavernas. Roupas, cobertores, cabelo, tudo que pôde achar que ainda cheirava a quem foi roubado. Entre os seus esforços e os deles, não demoraria muito para que reclamassem suas propriedades.

O gado parecia estar convergindo para o centro da cidade. Passou numa escola ali mais cedo, e viu placas externas iluminadas, balançando com balões e anunciando uma apresentação especial hoje à noite. Considerando a onda de tráfego, um grande segmento da população compareceria.

Perfeito. Poderia se infiltrar, verificar se havia prisioneiras fugitivas dentro do grande encontro, e começaria a recapturar o que Zillah havia perdido. Não precisaria encontrar todos, apenas as humanas em que investiram seu precioso tempo e sangue. Demorava anos para criar um recipiente para sua prole, e o erro de Zillah seria o ganho de Murak.

Entrou na escola, pagou pelo seu bilhete, e foi para o fundo do auditório. As cortinas estavam fechadas e o gado circulava, cumprimentando um aos outros com sorrisos e conversas. Ninguém prestou atenção nele, o que lhe convinha bem.

Puxou o mau cheiro em seus pulmões, em busca de uma pista da vítima.

Um jovem humano correu perto dele, agitando o ar.

Lá. Bem ali, estava o cheiro do sangue de sua espécie. Doce e metálico.

Levantou de seu assento e seguiu a rastro. Isso o levou a uma menina na segunda fileira. Era magra e pálida, com hematomas debaixo dos olhos pela falta de sono. Muito do seu cabelo havia caído, e o que sobrou foi puxado para trás com um alegre laço amarelo.

Murak convocou seu poder e se escondeu de todos os presentes. Aproximou-se da criança, vendo os joelhos ossudos saindo-lhe de debaixo da saia. Tinha dez ou doze anos talvez, quase completa. Anos de trabalho e litros de sangue foram para ela para que pudesse cumprir seus deveres. Mais um ano de alterações e seria capaz de fazê-la procriar.

A criança começou a tremer, como se sentisse sua presença. Olhou em volta e pegou a mão

¹ No sentido de multidão. Forma pejorativa, desdenhosa.



de seu pai, sentado ao lado dela. O homem passou o braço em torno dela e olhou para sua esposa com os olhos fundos cheios de desespero.

— Devemos ir, — disse. — Não está pronta para sair em público ainda.

A mulher assentiu tristemente com a cabeça e parou, recolhendo sua bolsa.

Murak se moveu para fora do caminho, deixando-os passar. Era uma simples questão de segui-los até em casa. Uma vez que a garota estivesse sozinha, pegaria de volta o que era seu por direito.

Capítulo 8

O corpo de Iain ainda pulsava com a dor de perder o contato com Jackie. Tanto que estava deixando-o lento. Podia sentir o leve atraso em sua capacidade de raciocínio, somente uma fração de segundo, mas definitivamente o suficiente para fazê-lo hesitar e morrer em uma luta.

O que quer que fosse aquela coisa lá fora, nunca tinha visto nada como isso antes. Era novo, e não estava ansioso para descobrir quais surpresas tinha reservadas.

Correu para o corredor, controlando os constantes passos de Jackie atrás dele. Ficou perto dele enquanto abria a porta e saía em direção ao ar frio da noite.

Sua caminhonete estava a cerca de sessenta metros de distância. Havia apenas alguns carros no estacionamento do decrepito hotel, e com alguma sorte, os habitantes não gastariam seu tempo olhando para fora de suas janelas.

Iain se moveu rapidamente, observando à sua volta, procurando sinais de que havia mais Synestryn de onde aquele veio. A área estava escura, silenciosa. Havia pouco ao redor, exceto por um restaurante e um posto de gasolina do outro lado da rodovia interestadual.

Ouviu um barulho à sua esquerda e girou para enfrentá-lo. O demônio estava agachado ao lado de um arbusto em um canteiro do jardim. Seus olhos queimaram brilhantes quando os viu, e soltou um silvo sedento, borbulhante. Saliva amarela escorria de sua boca, deslizando sobre seu peito.

— Continue andando, — disse. — Vou contê-lo.

Para seu crédito, não perdeu tempo fazendo perguntas. Correu em direção à caminhonete, deixando-o em condições muito melhores para matar essa coisa sem se preocupar com ela se machucando no processo.

Apertou firmemente sua espada. O monstro dentro dele batia em sua jaula, exigindo ser libertado. Gostava de matar. Era bom no que fazia, mas com Jackie tão perto, não podia arriscar. Não podia arriscar não ser capaz de empurrar toda aquela raiva e violência de volta para onde pertencia. Era melhor ficar no controle. Faria isso com a eficiência da fria lógica, ao invés da liberação da escaldante raiva.

Levantou sua espada e se moveu. O demônio saltou em direção a ele, com as garras estendidas. Ordenou a seu corpo que se movesse, mas o ligeiro atraso causado pela dor o fazia



desajeitado. Em vez de se afastar corretamente do caminho no instante em que deveria, hesitou, esquivando-se no último segundo.

Uma garra partiu seu cabelo quando o demônio passou por cima dele. Iain não sentiu dor, nem a picada de veneno entrar em seu sistema, mas não podia correr nenhum risco com Jackie a apenas alguns metros de distância. Precisava dessa coisa morta. Agora.

Girou e seguiu o demônio, fazendo um corte superficial em um de seus braços. Gritou de dor e, em seguida, cuspiu em Iain.

Com o peito nu e sem máscara ou armadura de qualquer espécie, Iain era um alvo fácil para um ataque envenenado. E a coisa sabia disso.

Levantou sua espada, deixando-a receber a maior parte da enxurrada de saliva brilhante e amarela do demônio. Parte dela caiu em seu braço.

Sacudiu a espada para lançar o veneno no chão, e avançou, fechando o espaço entre eles. Essa coisa claramente continuaria cuspidando à distância se Iain o permitisse, então inclinou seu corpo, forçando o demônio a voltar para a parede onde estaria preso.

Não era inteligente o suficiente para descobrir o que Iain estava fazendo, mas isso pouco importava. O veneno em seu braço começou a formigar, dizendo-lhe que estava correndo contra o tempo. Não havia entrado em sua corrente sanguínea ainda, mas estava se infiltrando através de sua pele muito rápido para fazer isso devagar e metodicamente.

Assim que o ângulo estava certo, Iain saltou para frente e partiu para um golpe baixo, cortando a coxa do demônio.

Que gritou de dor e se abaixou para segurar sua perna.

À sua esquerda, um conjunto de cortinas se abriu, deixando a luz interna se espalhar. Os humanos não podiam ver o demônio de onde estavam, mas o ruído traria companhia.

Deixar humanos presenciar uma briga era uma coisa arriscada. Saber que os Synestryn existiam poderia os expor a um ataque. A maioria dos humanos não possuía quantidade suficiente de sangue antigo para os demônios os incomodarem, mas aqueles que tinham, humanos de sangue puro, estavam em risco de serem capturados ou mortos como comida.

Estava obrigado pela honra a proteger todos os humanos com o melhor de sua habilidade, o que significava acabar agora com esta luta.

Enquanto o demônio estava agachado, Iain se lançou para matá-lo. Antes que pudesse cruzar a pequena distância, a besta abocanhou algumas das pedras do jardim e as cuspiu em Iain.

Esquivou-se.

— Atrás de você!, — Jackie gritou.

Tarde demais, Iain virou-se para enfrentar a nova ameaça. Outro demônio atacou, correndo em direção a ele com as garras estendidas e os dentes amarelos descobertos.

O primeiro demônio agora tinha acesso às suas costas desprotegidas.

Iain moveu-se para conseguir sair da rodeada e vulnerável posição, enquanto se preparava para se encarregar do demônio. No último segundo possível, deu um passo para o lado, fazendo um giro arqueado. Sua espada cortou o meio do rosto da besta, rasgando a parte superior de sua cabeça.



Sangue negro, saliva brilhante e pedaços de cérebro espalharam-se na parede do hotel como um tapa molhado. A coisa toda levou apenas alguns segundos, mas naquele momento, o primeiro demônio se aproximou perto o suficiente para ser uma ameaça real.

Suas bochechas inchadas, mal contendo o que mantinha na boca.

Iain se moveu para matá-lo antes que fosse tarde demais. O demônio respirou fundo e jogou pedaços encharcados de cascalho de sua boca. Pedras amarelas e brilhantes voaram na direção dele.

Saltou, a meio caminho, esquivando-se das pedras o quanto pôde, mas algumas arranharam seus braços e peito. Um frio ardor atingiu sua pele, e um segundo depois, uma onda de tontura surgiu do nada quando o veneno entrou em seu sistema. Não tinha a intenção de perder o controle, mas já era tarde demais para isso.

A raiva detonou dentro dele quando percebeu o que aconteceu. Soltou um rugido alto o suficiente para agitar o vidro e atacou.

Seu primeiro ataque foi desleixado. Estava mais lento do que o normal, a dor e o veneno tornando seus membros pesados. Levou um momento para perceber que calculou mal a distância e passou através do ar. Tropeçou, lutando para recuperar o equilíbrio. Sua visão se alongou, em forma de túnel, como se estivesse olhando através de um binóculo. Tudo parecia muito longe.

Mas sabia que o demônio estava ali, rindo dele. Só tinha que dar um bom golpe e derrubá-lo, fazê-lo gritar enquanto morria.

Iain moveu-se às cegas, cortando seu caminho em direção ao demônio, que parecia ser uma pequena mancha no horizonte. A coisa se moveu, se esquivando de um golpe, e Iain teve certeza de que quase o atingiu.

Golpeou outra vez, e o entrave na ponta de sua espada lhe disse que fez contato com algo. O demônio? O edifício? Um arbusto? Não podia ter certeza.

O suor escorria pelo seu rosto e em seus olhos, queimando-os. Seu corpo começou a tremer, e sua espada ficou pesada. Forçou os braços a levantá-la, mas o esforço o fazia tremer.

O demônio sibilou com raiva, e o som ficou mais perto enquanto se aproximava. Iain girou novamente, seguindo aquele som.

Uma fria e insidiosa fraqueza começou a se espalhar de seu peito para seus membros. Seus músculos começaram a contrair, enrijecendo-se involuntariamente. Não tinha muito tempo até que seu corpo cedesse, e antes que o fizesse, teria que matar o demônio para que esse não pudesse tocar em Jackie.

Apenas o pensamento foi suficiente para fazer o monstro dentro dele gritar de raiva. Seu sangue bombeou mais rápido, enviando o veneno a toda velocidade por suas veias. Estava fora de ritmo. Tinha que acabar com isto.

Pneus cantaram nas proximidades. Jackie estava saindo. Estava a salvo.

Seu monstro sibilou por sua perda, exigindo que suas pernas se movessem para poder ir atrás dela. Era *sua*. Precisava dela. Como se atrevia a deixá-lo?

Tentou retomar o controle antes que seu monstro interior fizesse algo irrevogável. E então, seu joelho cedeu, e percebeu que o veneno do demônio, o impedia de fazer qualquer coisa.



Jackie foi embora. Não podia ir atrás dela. Tudo o que podia fazer agora era acabar com o último Synestryn para que ficasse em segurança.

O demônio parecia tão distante agora que era apenas uma mancha brilhante de luz na escuridão. Ou talvez fosse uma luz no jardim. Já não podia ter certeza. Manteve sua espada em movimento, girando e cortando de modo que a coisa não pudesse se aproximar sem levar um golpe.

— Não se mova, — Jackie ordenou, com tom imperioso. Estava perto. Muito perto.

Seu monstro gargalhou em vitória, reclamando seu direito sobre ela como se fosse um despojo de guerra. Iain tentou novamente vencer a besta, mas estava fraco agora, enfraquecendo mais a cada segundo.

Um tiro disparou, tão alto que devia ter sido a apenas alguns metros de distância.

— Corre, Maldição!, — gritou.

A arma disparou, mais e mais.

As pernas de Iain ficaram dormentes, e temia que se desse sequer mais um passo, terminaria caído no chão.

— Está morto, — disse, sua voz com um tênue fio de pânico.

— Preciso cortar sua cabeça. Só para ter certeza. — caiu, sem sentir nada exceto a parada repentina de seu corpo ao bater no chão.

— O que está errado?, — perguntou.

— Veneno. Não se preocupe com isso. Pegue a minha espada e corte sua cabeça. Se não o fizer, irá te seguir.

Sua voz era vacilante, incerta. — Não acho que possa fazer isso.

Ao longe, ouviu o fraco som das sirenes da polícia. — A polícia está chegando. Depressa.

— Eles vão ver. Preciso arrastá-lo para a floresta.

— Não o toque! — Se tivesse sequer um pequeno machucado, poderia acabar como ele, cego e vulnerável.

— Alguém nos viu através da janela. Precisamos ir. Sinto muito, mas terei que tocar em você.

— Deixe-me aqui. Não há tempo. — Suas palavras saíram arrastadas.

— Cale a boca, seu bastardo teimoso. Já estou fazendo isso.

Ao invés de perder o fôlego, fez o que podia para ajudá-la a arrastar seu teimoso traseiro dentro da caminhonete. Não estava seguro de como conseguiu essa façanha. Por outro lado, continuou entrando e saindo da consciência, por isso não tinha certeza sobre muita coisa agora.

Tudo o que sabia era que estava congelando, e sendo puxado para a escuridão.

Seu monstro gritou de raiva, exigindo que Iain a agarrasse e a segurasse para que não pudesse fugir. Não se incomodou em desperdiçar forças tentando combatê-lo. Seu corpo estava fraco demais para cooperar, e efetivamente frustrar os planos de seu monstro.

— Chame ajuda, — murmurou. — Joseph. — Mal podia se ouvir sobre os silvos de raiva dentro dele.

E, de repente, se deteve. Tudo ficou quieto, como se tivesse de alguma forma embalado o monstro para dormir.



— Quietos. Estou dirigindo com uma mão só. Não tenho outra para telefonar agora.

Vagamente se perguntou o que fazia com a outra mão, mas depois de pensar por alguns cansativos segundos, desistiu do esforço. A luta para permanecer consciente exigia-lhe um considerável preço, sugando sua força. Mas não podia perder os sentidos e deixá-la sozinha. Estaria completamente desprotegida.

Uma fria dormência se deslizou para o pescoço. — Chame Joseph, — insistiu, antes que não pudesse mais falar. As palavras saíram arrastadas, e esperava que pudesse entendê-las.

— Não se atreva a morrer, — Jackie lhe ordenou.

Já não podia mover sua boca. Não conseguia nem sentir. Alguns segundos depois, não conseguia sentir absolutamente nada.

Iain estava morrendo.

Jackie tentou não entrar em pânico. Continuava a se recordar que havia passado por coisas piores e saiu viva. Também podia fazer isso. Era apenas uma pequena crise que superaria, conseguindo a ajuda que Iain precisava, antes que fosse tarde demais. Infelizmente, essa ajuda teria que vir a ela. Não chegaria a Dabyr a tempo. Iain piorava muito rápido.

Cruzou com três viaturas de polícia que conduziam do outro lado da rodovia desde que deixou o hotel, e não achava que ficar parada com uma arma carregada que acabou de ser usada para matar um monstro faria suas perspectivas de trabalho muito bons. Oh, e o inconsciente e ensanguentado, homem seminu deitado sobre o banco não ajudaria, tampouco. Não achava que a polícia aceitaria a explicação de que precisava continuar o tocando para que não sentisse dor. Nem sequer podia pensar no que aconteceria se a puxassem para longe dele agora, depois de tudo o que passou essa noite.

Manteve o velocímetro no controle, em busca de um lugar para parar e pedir ajuda.

Iain tinha parado de falar, o que não era bom sinal. Sua mão estava em seu grosso pulso, e podia sentir seu pulso batendo contra os dedos. A batida constante era a única razão pela qual não estava completamente desesperada. Mas seu pulso abrandava mais a cada minuto que passava. Outro mau sinal.

Viu uma parada de descanso mais a frente e tomou a saída. Um caminhoneiro estava estacionado em um lado das instalações, assim Jackie foi para um lugar tão longe dele quanto pôde. Trancou as portas, na esperança de que, se os monstros seguiram seu rastro, os seguraria o suficiente para fugir.

A pele de Iain estava fria, aumentou a calefação tanto quanto pôde. Com cuidado para não quebrar o contato com sua pele, pegou o celular do bolso.

A orientou a chamar Joseph, mas realmente não queria ouvir um sermão agora. Já estava lidando com muito. Deslizou seus dedos através dos contatos, e pousou sobre o nome da única pessoa que poderia tolerar chamar.

Helen respondeu ao primeiro toque. — Como Iain está?

— Envenenado.

— O quê? — Helen engasgou. — O que aconteceu?



— Demônios nos encontraram no nosso quarto de hotel. Iain foi envenenado. Não sei como. Não vi isso. Estava correndo para a caminhonete, mas falou que foi isso que aconteceu.

— Há quanto tempo foi envenenado?

— Talvez cinco, dez minutos. É difícil dizer. Estou um pouco assustada por aqui, realmente não estive olhando para o relógio.

O tom de Helen estava confiante, dando a Jackie um pouco de alívio. — Vou mandar ajuda, mas precisa fazer o que puder para conter o avanço do veneno.

— Como?

— Magia.

— Não tenho nenhuma. Continuo lhe dizendo isso.

— Tem que tomar a sua luceria.

Jackie fechou os olhos, procurando algum motivo para negar o conselho de sua irmã. — Não posso fazer isso.

— Ele pode morrer, Jackie. Sei que não quer isso.

— Claro que não, mas isso é pedir demais.

— Não há tempo para discutir, — Helen disse. — Não tem que ser permanente. Tudo que precisa fazer é prometer a ele que o usará por pouco tempo. Toque em seu poder e afaste o veneno até que a ajuda chegue. O Sanguinar pode curá-lo, deixá-lo novo em folha.

— Realmente acha que isso é possível.

— Sei que é. Pode fazer isso.

Realmente não havia nenhuma outra escolha. Iain estava morrendo enquanto falava. Seu pulso enfraqueceu ainda mais desde que parou o carro. — Ok. Diga-me o que preciso fazer. E depois, envie ajuda. Posso não ser capaz de fazer qualquer coisa por ele.

— Tudo vai ficar bem. Sei que vai.

Jackie desejou ter metade da segurança que sua irmã tinha.

Ouviu as instruções de Helen, em seguida, desligou o telefone. Podia fazer isso. Era apenas uma pequena coisa, nem sequer tão difícil como a maior parte do que teve que fazer naquelas cavernas para manter as crianças vivas. Em comparação, isso seria um passeio no parque.

Seus dedos tremiam quando colocou uma mão na sua garganta, onde a faixa brilhante ficava em sua pele. Podia sentir o zumbido, saltando em sua direção enquanto se aproximava.

Era realmente lindo. Simples. Elegante. Sentia o comprimento escorregadio e quente. Não usava um colar desde antes de sua captura. As feias cicatrizes no pescoço a faziam parecer boba. Por que chamar a atenção para algo que queria esconder? Costumava usá-los o tempo todo, e sofreu um momentâneo e ridículo lampejo de lamentação pelo que perdeu.

Helen disse que tinha que querer isso para fazer a luceria soltar, então fechou os olhos e fingiu que sua garganta era linda e suave, e que a iridescência pálida disso brilharia contra sua pele.

A luceria se abriu, se soltou de seu pescoço facilmente. Segurou-a por um momento, maravilhando-se sobre como a magia fazia a coisa funcionar, sentindo o calor de sua superfície lisa envolta entre os dedos.



Só esperava que isso funcionasse, pelo bem de Iain.

Não havia como colocá-la sem usar as duas mãos, e não se atrevia a parar de tocar Iain por medo de machucá-lo mais. A única opção que conseguiu imaginar era meter a mão dele na cintura de sua calça, esperando que o contato trabalhasse em ambos os sentidos.

Assim que os grossos dedos foram alojados em sua cintura, lentamente tirou as mãos dele. Não viu nenhum sinal de qualquer efeito nocivo em sua solução, e deixou escapar um suspiro de alívio.

Passou a luceria ao redor do pescoço, encaixando as extremidades como ímãs. Abriu a gola o suficiente para que pudesse estar perto de sua pele, e então passou para a segunda etapa, a que mais temia.

Teria que lhe fazer um corte. Helen disse que não havia outra maneira. Normalmente, o homem se cortaria, mas isso não aconteceria aqui. Então, Jackie ficou sem escolha, apenas queria terminar a desagradável tarefa o mais rápido possível.

Limpou sua espada com álcool que encontrou no kit de primeiros socorros sob o assento. Encolhendo-se, pressionou o aço afiado em seu peito, apenas cortando a pele. Algumas gotas de sangue brotaram e usou seu dedo para espalhar algumas pela luceria.

Agora vinha a parte complicada. De alguma forma, teria que acordar Iain para lhe dar seu voto. Ele já tinha feito isso uma vez, mas Helen disse que não tinha certeza se funcionaria, por isso era melhor não correr o risco de estragar tudo.

Inclinou-se sobre ele e acariciou sua bochecha. — Iain. Acorde.

Deu um gemido, mas isso foi tudo o que conseguiu.

— Iain, — disse alto, adicionando um pouco de força por trás dos tapinhas em seu rosto suave. — Preciso de você. Acorde.

Seus olhos se abriram, mas podia ver que não estava ciente do que estava acontecendo. Seu olhar deslizou ao redor como se não pudesse se concentrar e seus olhos começaram a fechar novamente.

— Dê-me sua promessa, — ordenou. — Preciso disso. Dê-me.

Piscou algumas vezes, a confusão clara em seu rosto. — Jackie? — Seu nome soou quase irreconhecível.

— Isso mesmo. Minha vida pela sua. Diga.

— Não. Tarde demais.

Agarrou seu queixo e lhe deu uma sacudida. — Ouça-me, senhor. Está envenenado. E acabei de te cortar, o que significa que os demônios podem sentir o seu sangue. Se não me der seu juramento, não serei capaz de te ajudar. — Engoliu em seco, forçando-se a dizer o resto. — Vão me levar outra vez, Iain. Vão me levar de volta às cavernas. Não posso deixar isso acontecer.

Seus olhos se arregalaram. Então a raiva pintou suas feições, endurecendo-as em um rosnado. — Não!

— Estão vindo. Dê-me o seu voto. Agora, antes que seja tarde demais.

Suas narinas dilataram, e seus lábios se contraíram enquanto lutava para pronunciar as palavras. — Minha vida... pela sua.



Alívio a envolveu, fazendo a cambalear. Agora só restava uma coisa: seu voto para ele.

Teve pouco tempo para pensar sobre sua promessa com tudo o que aconteceu, e agora sua mente corria, tentando pensar exatamente na coisa certa a dizer. Sabia que isso era obrigatório, e não queria estragar tudo. Mas também não queria que a luceria se desprendesse muito cedo, antes do Sanguinar aparecer e ter a chance de curá-lo completamente. Não tinha certeza se superaria outra rodada como esta. Estava segura de que *ela* não iria.

Respirou fundo. Iain estava olhando para ela, mas seus olhos estavam se fechando com seu próprio peso. Havia um aviso lá, mas não tinha tempo ou espaço mental para traduzir o que poderia ser. Mal estava consciente, em sua maior parte incoerente, assim que o aviso que deu, provavelmente ela mesma já considerou.

— Não vou deixar você morrer, Iain. Prometo ficar com você até que esteja novo em folha. — Assim como Helen disse.

A luceria deslizou contra a pele, diminuindo para se ajustar. Seus olhos se arregalaram, e jurou que viu medo refletido em seu olhar. E então não viu nada, enquanto o mundo se dissolveu e desapareceu.

Jackie tentou descobrir o que estava errado. Fez tudo o que Helen disse, mas de alguma forma, foi arremessada para longe de Iain, pousando dentro de uma antiga casa de fazenda.

Ficou ali por um longo momento, tentando se orientar. Girou ao redor não reconhecendo nada. Onde estava? Onde estava Iain?

Lampiões iluminavam o espaço, mostrando que estava em uma antiga cozinha. Em uma pequena mesa havia uma única vela cintilando sobre uma refeição simples. Algum tipo de sopa fumegante numa tigela e um pedaço de pão descansava nela.

A porta se abriu e Iain entrou.

Alívio caiu sobre ela, fazendo-a se curvar. — Você está bem. — Mas como poderia estar? Não fez nada ainda.

Iain não falou nada para ela. Sua roupa era diferente. Antiquada. Seu cabelo era longo. Tirou um chapéu e colocou sobre uma bancada próxima a porta dos fundos. Nem sequer a olhou.

— Serena? Voltei. — chamou.

— Chegou! — disse uma voz de mulher do andar de cima.

— O que está acontecendo, Iain?, — Jackie perguntou. — Onde estamos?

Não disse nada, ignorando-a completamente.

— Como se livrou do veneno?, — perguntou.

A mulher desceu as escadas e Jackie se virou. A respiração deixou seu corpo e o mundo inteiro pareceu obscurecer pela comparação.

Serena era a mulher mais bela que já viu. Era quase etérea, tão perfeita que não havia modo de que pudesse ser real. Seu cabelo vermelho caía em cachos soltos até a minúscula cintura. O vestido que usava também era antiquado, mas acentuava suas curvas perfeitas, especialmente seu busto, que subia acima do corpete apertado. Sua pele era impecável, seus traços femininos e elegantes, e sua boca era de uma profunda e atrativa cor rosada.



Ela correu para frente como se Jackie não estivesse lá. Jackie tentou sair da porta, mas não havia espaço. Preparou-se para um impacto, mas não veio nenhum. Serena se moveu para a direita através dela e atirou-se para Iain esperando um abraço.

Serena passou por Jackie, como se fosse uma espécie de fantasma.

Jackie ficou distraída pelo choque por um segundo antes de perceber que isso não era real. Isso era uma visão. Helen tinha mencionado isso, mas estava tão ocupada em memorizar as etapas para obter a magia de Iain, que realmente não tinha digerido todos os detalhes.

Obrigou-se a relaxar. Tudo o que queria era voltar para o Iain real e tentar encontrar uma maneira de retardar o veneno. Não havia tempo para visões ou sonhos, especialmente de Iain a sós com uma mulher bonita demais para ser real.

Iain se afastou de seu abraço, sorrindo para Serena como se fosse o centro do seu universo. E aquele sorriso o fazia simplesmente magnífico. Tinha uma covinha no lado esquerdo do rosto, uma que Jackie nunca viu antes. O ciúme bateu nela antes que tivesse tempo de perceber o que aconteceu. Iain era dela agora. Arrastou seu corpo pesado para a caminhonete, e fez aquela cerimônia estúpida, e vinculou-se a ele. Como se atrevia a abraçar outra mulher assim? *Sorrir* para ela? Nunca sorriu para Jackie. Nem sequer uma vez. E com certeza nunca a olhou do jeito que estava olhando para Serena. Se não fosse tão doce, teria sido nauseante.

— Hoje à noite?, — perguntou a ela, desejo evidente em sua voz.

Ela assentiu com a cabeça, lhe sorrindo. — Hoje à noite. Esperamos tempo suficiente, não acha?

— Muito mais, — concordou, e deu um passo para trás, puxando sua espada.

— Oh, não. Não vai estragar isso por apressar as coisas. Primeiro jantar. Não comeu o dia todo.

— O jantar pode esperar. Quero vê-la usá-la agora. — Traçou um dedo sobre o pescoço de Serena. — Vai ficar tão bonita aqui.

Levou um minuto para Jackie cair em si, mas percebeu que estavam falando sobre Serena tomar sua luceria. Isso tudo foi no passado. Isso explicava as roupas antigas e a falta de luz elétrica.

Iain abaixou a cabeça e beijou-a. Ela se esticou para ele como se tivesse morrendo para saboreá-lo. Suas mãos deslizavam em torno dela.

Uma azeda agitação começou no estômago de Jackie.

Serena pressionou as palmas das mãos contra o peito dele. — Se nós não pararmos, vamos arruinar todos os meus planos.

— Seus planos? Tenho tentado te convencer a fazer isso por três anos.

— Sabe como a Mãe se sente sobre nós. Mas farei valer à pena a espera. Você vai ver.

Afastou-se com um suspiro relutante. — Quero que seja perfeito para você, uma noite que sempre lembrará com carinho.

— Então, sente e coma. Não quero que desmaie de fraqueza mais tarde.

Sorriu e balançou a cabeça. — Nunca desmaiei na minha vida, mulher.

— Há sempre uma primeira vez para...



— Ouviu isso?, — perguntou, seu corpo ficando tenso e alerta.

— Foram apenas os cavalos.

Iain levantou sua espada e foi até a porta. — Fique dentro. Vou verificar.

— Tenho certeza de que não foi nada, — disse, mas a carranca que estragava seu suave rosto mostrava sua preocupação.

Deu a Serena um longo olhar tão cheio de amor que quase deixou Jackie de joelhos. Nunca pensou muito sobre encontrar o amor verdadeiro. Sua educação e, logo, sua carreira eram mais importantes. Sempre pensou que haveria tempo para o romance mais tarde, depois que realizasse as coisas que queria fazer com sua vida. Mas agora, vendo isso, começou a se perguntar se suas prioridades estavam todas erradas. Não só não fez o que queria, mas também não havia ninguém em sua vida para amar.

— Não arriscarei sua segurança, — Iain disse. — Especialmente enquanto ainda estiver vulnerável.

Serena o seguiu até a porta, espreitando pela janela. Jackie foi para a próxima janela, que estava na parede adjacente. Não podia ver Iain, mas viu várias manchas de verde brilhante.

O medo a atravessou e começou a tremer. — Há demônios lá fora. Synestryn, — alertou a Serena.

Claro, Serena não podia ouvi-la, porque Jackie não estava realmente ali. Essa era apenas uma memória, um acontecimento passado da vida de Iain. Tudo aquilo já aconteceu. Não podia fazer nada para mudar isso. Poderia?

Havia apenas um jeito de descobrir.

Passou através de Serena para chegar à maçaneta. Sua mão passou através da maçaneta de bronze, também. Segurando sua respiração, se adiantou e passou pela porta e estava lá fora.

Os brilhantes olhos verdes chegaram mais perto. Podia ver as costas largas de Iain dirigir-se para um celeiro. Ele vasculhou a área, mas uma carroça bloqueava sua linha de visão.

Jackie correu para frente para avisá-lo. Chamou seu nome, mas não podia ouvi-la. Não sentia sua presença.

Finalmente, Iain passou pela carroça, virou-se e os viu chegar. Serena saiu da porta de trás, gritando. Ele viu-a e começou a correr de volta para ela, seu rosto uma máscara de raiva e medo.

— Volte para dentro!, — gritou.

Os demônios romperam pelo mato e vieram atrás deles, correndo de quatro. Suas poderosas pernas devoraram a distância, jogando pedaços de sujeira e ervas daninhas para trás.

Jackie agachou atrás de um tronco de árvore, trabalhando desesperadamente para combater o medo.

Isso não era real. Não estava acontecendo. Nem sequer estava aqui.

Mas Iain estava. Chegou à porta assim que o primeiro demônio atacou. Sua espada estava levantada, sua boca aberta em torno de um selvagem grito de batalha. Girou-a para baixo, cortando a parte de trás do demônio peludo.



O monstro soltou um grito sibilante, e sangue negro espirrou da ferida. Iain chutou-o para longe, fazendo-o colidir com o próximo atrás dele. Recuou um par de passos para a porta para que pudesse assumir os demônios um de cada vez.

Havia pelo menos seis deles. Os negros e peludos corpos se misturaram à paisagem escura. Foi só quando Jackie viu seus olhos que foi capaz de dizer quantos estavam realmente lá.

Iain continuou a lutar, cortando a cabeça de um demônio, enquanto outro saltava sobre suas costas para ir para sua cabeça. Ele se abaixou na hora certa, mas o demônio foi embora em direção à porta, para a cozinha da pequena casa de campo.

Onde Serena estava.

Jackie correu todo o caminho para avisá-la, mas quando se aproximava, já era tarde demais. O demônio estava dentro e Serena estava se enfrentando com ele, empunhando sua própria espada.

Era rápida, mais rápida ainda do que Iain era. Havia menos poder por trás de seus balanços e estocadas, mas manteve o demônio sob controle enquanto Iain trabalhava para matar os dois últimos lá fora.

À distância, Jackie viu um novo conjunto de luzes se aproximando e ouviu o estrondo de algo grande chegando perto. As luzes eram amarelas, e não verdes, e quando o som ficou mais alto, só pôde distinguir a silhueta de pessoas. Alguns estavam a cavalo, outros em uma carroça.

Eram humanos, e, com base nas espadas que muitos deles levavam, Sentinelas. Uma mulher em um vestido verde claro estava na parte de trás da carroça enquanto essa desacelerava. Em uma mão segurava um globo de fogo. Arremessou-o para a luta. Fogo branco se derramou sobre os demônios e Iain. O fogo deslizou através de sua pele, deixando-o intacto, mas os demônios gritavam enquanto sua pele ardia.

Iain virou antes mesmo de eles terminarem de cair, e correu para dentro para lidar com o demônio que lutava contra Serena.

Jackie só conseguia ver movimentos, o grande corpo de Iain se movimentando e flashes de pele preta e uma saia de algodão pálido. Prendeu a respiração, se aproximando da casa, onde pelo menos uma dúzia de pessoas estavam falando em vozes apressadas.

Um segundo depois, a cabeça do demônio veio voando pela porta e atravessou o corpo de Jackie. Engoliu uma onda de náusea.

Iain saiu, seu braço em volta de Serena. Seu rosto estava vermelho pelo esforço, o que apenas parecia torná-la ainda mais bela.

— Estamos sob ataque, — disse um homem em um dos cavalos.

— De onde vêm?, — Iain perguntou.

— De todos os lugares. Precisamos nos abrigar aqui. Mais estão a caminho.

— Mais Synestryn ou mais Sentinelas?

— Ambos, — disse a mulher de vestido verde. — Serena, sua mãe está fazendo o que pode para atrasá-los para podermos avisá-los.

— Vamos entrar, — Serena disse.

— Não!, — gritou outro homem. — Estão aqui!



E estavam. Dezenas de demônios saíram da linha das árvores e começaram a atacar.

— Entre, — Iain ordenou a Serena. — Tranque as portas e janelas.

— Aonde vai?, — perguntou.

Iain agarrou as rédeas de um cavalo e o montou. Deu-lhe um olhar de arrependimento. — Não devia ter esperado.

— Foi minha decisão.

— Devia ter feito você mudar de ideia. Quando voltar...

Ela assentiu. — Sim. Agora vá, e não se atreva a morrer.

Dez homens formaram uma fila e contiveram a horda de demônios que avançava. Outros dois ficaram na casa, junto com duas mulheres. Jackie assistiu a batalha, incapaz de acreditar em seus olhos. Esse era o tipo de coisa que acontecia nos filmes, não na vida real. E então um dos homens caiu e três animais babando desceram sobre ele, rasgando seu corpo em pedaços. Tudo levou três segundos, e foi aí que Jackie percebeu que isso não era uma fantasia. Isso realmente aconteceu.

No alto, uma forte luz azul atravessou o ar. Ninguém pareceu notar, todos estavam muito ocupados lutando. Mas Jackie viu.

A luz atingiu a casa. Preparou-se para algum tipo de explosão, mas nada ocorreu. Um segundo depois, a luz voltou para o céu noturno e saltou para longe, como se tivesse sido ligada a um elástico. Era mais escura quando saiu.

Não houve gritos na casa. O contorno da mulher de vestido verde era facilmente perceptível na varanda. Um homem estava nas proximidades, observando do outro lado da casa como se esperasse mais companhia.

Os guerreiros terminaram com o último dos demônios e recuaram em direção a casa. Levaram o que restava do homem morto com eles, seus rostos sombrios.

Jackie se adiantou, incapaz de olhar para as partes desmembradas sem se sentir doente.

— Vê algo mais? — Iain perguntou ao homem que vigiava.

— Ainda não, — respondeu a mulher. — Mas estão vindo. Gilda acabou de me enviar uma mensagem que eles também estão sob ataque. Não estamos sozinhos.

Iain franziu a testa. — Onde está Serena?

— Lá dentro. Está segura lá.

Iain passou por eles e entrou. Jackie o viu parar bruscamente. Seu corpo ficou estranhamente imóvel. Então deu um lento e medido passo para frente e caiu de joelhos. Um gemido baixo de angústia vibrou dele, ficando mais alto à medida que continuava. Dor ecoava em sua voz, silenciando todos ao seu redor.

— Iain?

Jackie sabia como isso terminou. Serena morreu. Iain já havia dito a ela há muito tempo. Mas não tinha expressado o quanto a amava, ou quanto sua morte o machucou.

Entrou no meio da multidão, incapaz de se impedir de se aproximar dele. Sabia que não podia consolá-lo, mas também não podia simplesmente ficar ali e não fazer nada mais que escutar sua dor.



Viu a massa ardente de cachos estendidos no chão da cozinha, ao lado de uma pequena poça de tecido, o mesmo tecido que Serena estava usando. Tanto o cabelo como o tecido foram cortados, deixando um ligeiro chamuscado ao redor das bordas.

— Onde está?, — a mulher perguntou.

— Se foi, — Iain disse, sua voz embargada pela emoção.

— O que quer dizer?

— Não posso senti-la mais. Há apenas um vazio... onde costumava estar.

Os rostos no grupo diziam a Jackie o que aquilo significava. Uma vez que o choque desvaneceu, pesar o substituiu. Uma forte tristeza pairava no ar.

— O que aconteceu com ela?, — um dos homens perguntou.

— Foi lutar. Sabe como ela é, — a mulher disse, como se tentasse convencer a si mesma.

— Não, — Iain disse, levantando-se. Enfiou uma mecha de cabelo no bolso e sacou a espada. Lá se foi seu sorriso e a única covinha que tinha visto anteriormente. Tudo o que restou foi uma raiva fria e escura que parecia extinguir a luz de seus olhos. — Está morta. Eles a mataram. E agora vou fazê-los pagar.

Este era o homem que conhecia, essa versão mais dura e sombria de Iain. Nasceu naquela noite, a noite que a mulher que amava morreu.

Simpatia por ele se concentrou dentro de seu peito. Não era o tipo de homem que queria piedade, mas era difícil não sentir algo por sua perda.

Fechou os olhos para bloquear a visão de seu sofrimento, e quando os abriu novamente, estava de volta dentro da caminhonete. A mão de Iain ainda estava enfiada dentro do cós da calça, e ele tornou-se ainda mais pálido.

Jackie viu morte o suficiente por uma noite. Não iria testemunhar a de Iain também. Fosse qual fosse à magia que agora possuía, era tempo para encontrá-la e estabilizá-lo. Rápido.

Capítulo 9

Os monstros não deixariam Beth morrer. Estava tão fraca, flutuava dentro e fora da consciência, às vezes acordando para se encontrar num lugar diferente do que quando desmaiou. Desta vez, quando acordou, havia um prédio de tijolos elevando-se sobre ela. Podia sentir o cheiro de lixo nas proximidades, bem como o cheiro oleoso dos gases de canos de escape.

Sabia o que estava por vir, mas estava cansada demais para ter medo. Simplesmente não se importava mais com o que fariam com ela, desde que a deixassem morrer. Talvez desta vez a coisa que se alimentava com seu sangue tomariam muito e lhe matasse, dando-lhe paz.

Não conseguia recordar de sua vida antes das cavernas, antes dos monstros. Parecia tão distante e irreal, que se questionava se alguma vez existiu fora de seus sonhos.

Uma mão com garras a agarrou pelo braço e a arrastou. Não lutou. Não havia nenhum sentido em lutar. No início, tinha tentado, esperando que pudesse fugir, e mais tarde o tentou,



esperando que a matasse. Nada havia funcionado, e só acabou mais fraca e doente do que antes.

A aceitação era mais fácil. Desconectar-se. Ir a um lugar calmo e silencioso onde o medo e a dor não podiam alcançá-la.

Seu sangue é a chave para sua fuga.

A frase vinha aparecendo em sua mente por um longo tempo, ressoando como se devesse saber o que a criatura queria dizer. Parecia sincero, embora não tinha ideia de por que gostaria de ajudá-la a escapar quando isso significaria que seu ticket refeição desapareceria. Disse outras coisas naquela noite, sacudindo-a para que prestasse atenção, mas estava tão fraca e amedrontada, que não foi capaz de reter mais do que essas poucas palavras.

Os monstros usavam seu sangue. Também a utilizaram para outras coisas, mas seu sangue era a causa de seu cativeiro. Se não fosse por seu sangue sujo, a criatura crescendo em seu ventre nunca teria despertado para a vida.

Não sabia o que era aquilo que carregava, humano ou outra coisa, mas o queria fora.

O demônio que a trouxe aqui a mantinha em pé. Seu rosto era vagamente humano, mas mais largo e angular. Havia escamas cobrindo sua cabeça e descendo em torno de seus olhos. Abaixo delas a pele era azulada.

Viu essa coisa antes. Era um dos demônios sob o comando de Zillah.

Uma onda de gritos de ódio se lançaram através dela ao mero pensamento de seu nome. Era seu filho o que carregava, e quase a matou para colocá-lo lá. A atroz violência dentro dele só poderia ser causada por pura maldade, e se pudesse ter um desejo atendido, seria ver seus olhos fixos na morte, com a boca escancarada de tanto gritar de dor.

O demônio que a segurava de pé farejou o ar como se cheirasse algo errado. Empurrou-a para baixo em uma pilha de estrados de madeira e sussurrou algo quase incompreensível, — Fique.

Oscilou quando a deixou. Sua cabeça girou, mas isso não era novidade. Estar sozinha do lado de fora, no entanto, era uma novidade.

Olhou em volta. Era algum tipo de edifício com várias portas grandes para veículos pesados. As luzes no lado de fora estavam danificadas, e o pavimento estava rachado e endurecido com as ervas daninhas mortas. Havia uma cerca de arame alta ao redor da área, zombando dela por sua incapacidade de escalá-la. Podia ouvir o tráfego passando não muito longe dali, mas não via os faróis.

Tentou se levantar. Levou três tentativas, mas conseguiu ficar de pé e não cair.

A cerca estava a apenas poucos metros de distância. Se fosse capaz de superá-la, talvez conseguisse escapar. E se caísse, então, a queda poderia matá-la.

Era uma situação de ganhar ou ganhar no que lhe dizia respeito.

Cambaleou avançando alguns metros. Perdeu o equilíbrio e bateu no concreto, esfolando as mãos. O sangue escorria de sua pele, e olhou para aquilo sabendo o que significava.

Toda vez que sangrava, demônios vinham correndo. Era como se pudessem farejá-lo e corriam para uma mordida.

Estava muito fraca para combatê-los. Era mais fácil cair de lado e deixá-los tomar o que



desejavam.

A calçada estava fria contra sua bochecha. Seu cabelo desgrenhado caiu sobre seus olhos, bloqueando sua visão. Não teve força para empurrar os fios sujos para longe, e se o fizesse, não gostaria do que veria se aproximando.

Beth esperou pelo ataque, pela intensa dor dos dentes se afundando em sua carne. Quando os segundos passaram e nenhum demônio veio, ficou confusa.

O som de uma luta explodiu não muito longe dali. Reuniu força o suficiente para levantar a cabeça e viu o demônio que a trouxera aqui lutando contra um homem. Um brilho de metal passou entre eles, mas naquela profunda escuridão era tudo que podia ver.

Se alguma vez houve uma chance para fugir, era essa.

Forçou-se a rastejar em suas mãos e joelhos em direção à cerca. Parecia impossivelmente longe, mas tinha que tentar.

Não sabia se foi trazida aqui para alimentar o homem e algo deu errado, ou se simplesmente tropeçou em cima deles, mas não ia esperar para descobrir.

Os grunhidos e zumbidos de metal continuavam a soar atrás dela. Chegou a cerca e se agarrou ao metal frio, lutando para se erguer.

Seus músculos tremiam com o esforço de simplesmente ficar em pé. Não tinha ideia de como ia subir aqueles dois metros e meio.

Enfiou o pé descalço em uma abertura e empurrou seu corpo para cima com toda a força que tinha. O suor irrompeu em sua pele, deixando-a gelada. O metal mordeu sua carne, mas a dor não era nada novo. Poderia suportar a dor enquanto seu corpo não se esgotasse.

Subiu alguns centímetros, encontrou outro ponto de apoio, e avançou de novo. Depois do que pareceu uma hora, olhou para baixo. Estava a menos de meio metro do chão, com muito mais pela frente, queria desistir.

Os sons de luta pararam de repente, e lançou um rápido olhar sobre o ombro. O demônio estava agachado sobre o homem, bebendo seu sangue.

Uma inútil sensação de perda a encheu. O homem não viveria. A menos que fosse especial como os outros homens que os demônios conservavam por seu sangue, aí seria usado e jogado fora.

Não podia salvá-lo. Tudo o que podia fazer era tentar salvar a si mesma.

Seus dedos deslizaram sobre o arame, fazendo-a grunhir. Apenas se segurou antes que caísse. Um pequeno pedaço de pele foi arrancada quando escorregou, fazendo que seu dedo encharcasse com sangue.

Passos soaram atrás dela, muito rápidos para ser humano. Olhou e viu o demônio vindo diretamente para ela, seus olhos brilhando de um verde raivoso, e seus dentes cobertos do sangue do homem.

O medo lhe deu uma explosão de força. Voltou a escalar. Sua mão se apoiou na barra superior, e então seu corpo foi arrancado da cerca quando o demônio a puxou para baixo.

Foi esmagada sob o peso do fracasso. O ar foi espremido de seus pulmões. Manchas se formaram em sua visão, e o mundo se inclinou. Podia ver o homem no chão, deitado nas sombras.



O brilho do seu casaco de couro mudou, como se tivesse se movido.

Não que isso importasse. Estava ficando cada vez mais longe a cada segundo que passava enquanto o demônio corria, carregando-a.

Não sabia qual seria sua punição por tentar escapar, mas realmente não se importava. Eles não podiam fazer mais nada para machucá-la agora. Estava à deriva em seu calmo lugar onde nenhuma dor ou medo poderia alcançá-la. Com alguma sorte, ficaria lá até que a matassem.

Ronan acordou, perguntando-se por que ainda estava vivo. O demônio tinha devorado seu sangue tão rápido que estava certo de que tinha a intenção de drená-lo por completo.

Fechou suas feridas e reuniu os restos do veneno em sua corrente sanguínea da saliva do demônio, forçando-o para fora através de suas próprias glândulas salivares, e cuspiu no chão.

A fome rugiu em seu interior, mas poderia suportá-la. Havia algo mais importante aqui. Algo vital dava voltas em sua cabeça e não conseguia se lembrar.

Sangue. Sangue poderoso. Havia o sentido antes, uma leve nota no ar. Era por isso que veio. Ainda conseguia sentir o cheiro, embora não tão intensamente como antes.

Levantou-se, recolhendo sua espada da calçada. Só havia dado um bom golpe no demônio, e suas escamas o haviam protegido completamente. O fato de que foi para o combate fraco e faminto não fazia sua técnica de luta muito boa.

Ainda assim, não poderia simplesmente ir embora e deixar a mulher nas mãos do demônio sem fazer alguma coisa.

O cheiro do sangue dela fez sua fome aumentar. Jurou que quase podia saboreá-la no ar.

Seu nariz o levou para a cerca que escalava. Ali, agarrando-se ao metal frio, haviam pequenas manchas de sangue. Tocou-as com o dedo e as levou para sua língua.

Poder permanecia nessa pequena amostra, mas junto com ela estava a mancha de sangue do demônio, e outra coisa que conhecia, mas não podia localizar.

Ronan cuspiu o sangue contaminado de sua boca e se dirigiu a sua van.

Faróis balançaram quando outro veículo se deteve com a porta aberta. O primeiro pensamento de Ronan foi de que quem estava lá poderia ser um sangue puro, capaz de aliviar sua fome. Seu segundo pensamento foi de que poderia ser o segurança humano vindo prendê-lo por invasão. Tão fraco como estava, não tinha certeza se poderia lutar contra qualquer tentativa de capturá-lo.

Tropeçou em direção a sua van, segurando as costelas doloridas. Antes de fazer todo o percurso, um homem saiu do outro carro e se dirigiu a ele correndo.

Faróis atingiram um lado do rosto do homem, e Ronan imediatamente o reconheceu como um companheiro Sanguinar. — Connal. O que está fazendo aqui?

Houve um lampejo de hesitação antes de responder. — Eu deveria estar perguntando isso. O que aconteceu?

— Senti cheiro de sangue. Trouxe-me até aqui.

— Eu também. Aqui, deixe-me ajudá-lo. — Connal enfiou seu ombro sob o braço de Ronan e o ajudou a chegar até seu veículo.



— Havia uma mulher aqui. Acho que era isca em algum tipo de armadilha, — Ronan disse.

— Tenho certeza que está certo. Deve ser mais prudente no futuro.

Ronan se deixou cair sobre o assento. — Preciso de sangue.

Connal recuou subitamente. — Sinto muito, irmão. Não posso te ajudar. Estou muito fraco.

Não parecia fraco, mas Ronan não disse nada, simplesmente assentiu.

— Vá. Vou ficar bem.

— Poderia levá-lo a algum lugar, talvez a um dos Geraí.

Ronan negou com a cabeça, recusando a oferta. Tinha muito em que pensar, e Connal ainda não tinha aprendido o valor do silêncio.

— A mulher foi embora, então?, — perguntou.

— Levada por um demônio. Estava se movendo muito rápido para que o perseguisse.

Um amargo pesar torceu a boca de Connal. — Seguirei seu caminho. A menos que necessite de algo mais de mim?

— Não. Vá. Obrigado por parar.

Connal se virou e saiu, correndo de volta para seu veículo como se demônios estivessem mordendo seus calcanhares.

Ronan não tinha tempo para averiguar porque Connal estava com tanta pressa. Precisava encontrar essa mulher, mas primeiro, precisava caçar e recuperar sua força. Havia uma boate não muito longe dali que frequentava. Várias mulheres de sangue puro iam lá regularmente, e cada uma delas estava mais do que disposta a gastar um pouco de tempo a sós com ele. Ele tomava o sangue, tanto quanto era seguro, e as deixava com memórias de um encontro sexual incrível. A relação simbiótica funcionava para ambos os lados, e mesmo que não fosse assim, estava desesperado.

Quando estava atrás do volante, percebeu que se tratava do sangue dela, no qual não poderia colocar seu dedo. Havia uma faísca extra de energia persistente dentro dela, escondendo-se sob a mácula Synestryn. Não só era sangue puro, mas estava grávida, e a criança que carregava também era sangue puro. Quem quer que fosse, era capaz de carregar uma criança Synestryn.

Tinha que ser encontrada. Imediatamente. E se não conseguisse tirá-la das mãos dos demônios, então teria que encontrar uma maneira de matá-la antes de sua cria nascer.

Jackie não tinha ideia do que estava fazendo, mas era inteligente. Podia descobrir como aproveitar toda a magia que Iain detinha e usá-la para salvá-lo. Suas irmãs e as outras mulheres como ela faziam isso o tempo todo. Quão difícil podia ser?

Fechou os olhos e focou na luceria em torno de sua garganta, o vínculo para o poder dentro de Iain. Várias das cicatrizes no pescoço estavam dormentes, devido às terminações nervosas cortadas, mas restava o suficiente para sentir a sensação do colar ali, perto de sua pele. Vibrava, mais rápido que o pulso de Iain, mas em ritmo com ele. Estava quente, e parecia estar aquecendo mais a cada segundo que passava.

As vibrações aceleraram, e um formigamento passou ao longo do interior das veias de Jackie. Havia uma vibração no peito, e uma espécie ressonante de energia pairando em volta dela.



Despertando ao longo de sua pele, especialmente onde os dedos de lain roçavam seu estômago.

Deixou o formigamento entrar nela, reunindo-os em uma bola. Essa bola cresceu até se encher, derramando-se de modo que estava certa de que o caminhoneiro do outro lado poderia vê-lo. Uma brilhante e pulsante batida golpeou contra o calor do ar e sacudiu as janelas. O poder continuou a inchar, mas não fez mais nada. Não sabia como fazer qualquer coisa.

— Pare o veneno, — ordenou, mas nada aconteceu. Falar em voz alta não serviu de nada.

O poder começou a se tornar desconfortável à medida que crescia, saltando em torno de suas entranhas, até que foi desencadeando-se em seus ossos e órgãos. Tentou impedi-lo, mas não adiantou nada em diminuir a tensão crescente que estava sentindo. Mais energia se filtrou para ela através da luceria, e não conseguia encontrar a forma de desligar o fluxo.

O banco debaixo deles tremeu, e ouviu um barulho no porta-copo. As chaves penduradas na ignição tilintaram. Seus pelos se arrepiaram, e houve um leve crepitar de eletricidade estática no ar.

Se não parasse isso logo, acabaria matando os dois.

Colocou as mãos sobre o peito nu de lain e tentou visualizar o que queria que acontecesse. O veneno era apenas um produto químico, uma molécula de coisas que não pertenciam ao seu corpo. Tudo o que tinha a fazer era encontrá-lo, recolhê-lo, e expulsá-lo por algum orifício ou outro.

No suor. Poderia fazer isso. Nem sequer era tão complicado.

Pelo menos é o que dizia a si mesma enquanto examinava seu corpo buscando alguma maneira de encontrar o veneno.

Um músculo no peito dele estremeceu violentamente. Abriu os olhos. A visão de seus dedos estendidos em algo tão bonito quanto seu corpo nu a chocou. A árvore em seu peito era tão real, que tinha certeza de poder sentir a textura da casca roçando-lhe os dedos. Pesadas camadas de músculos cobriam suas costelas, mas sua pele estava muito pálida e fria ao toque.

Três arranhões cruzavam seu ombro, e estavam vermelhos e inchados, como se estivessem infectados. Não estava mais sangrando, mas junto com as feridas havia brilhantes manchas amarelas.

Amarelas, como a saliva escorrendo da boca do demônio. Era isso. Esse era o veneno.

Agora que sabia o que procurar, fechou os olhos novamente e enviou o crescente poder em seu interior de volta para ele, para vasculhar sua corrente sanguínea em busca deste invasor amarelo brilhante.

Podia sentir algo acontecendo, algum tipo de mudança no zumbido do poder que vibrava através dela. Tinha um propósito agora, e se direcionava a esse objetivo, ansioso por cumprir sua ordem. Em sua mente, podia ver pontinhos brilhantes de energia vasculhando suas veias, recolhendo cada pedaço brilhante de veneno que poderia encontrar.

Sob seu aperto, lain se moveu, seu poderoso corpo arqueou sob suas mãos. Ele respirou profundamente, deixando-a sair em um grunhido de dor.

As limpadoras bolhas mágicas tinham acumulado um pouco do veneno agora, e teria que enviar aquilo para algum lugar. Realmente não queria fazê-lo vomitar com medo de que sufocasse



com seu próprio vômito, e não acreditava que lhe agradeceria por usar a outra saída óbvia. Em vez disso, guiou o veneno em direção ao corte que recentemente havia feito nele, forçando-o a escoar através de seus capilares até sair em sua pele.

Iain gemeu e começou a se mover debaixo dela. Se não ficasse parado, o veneno iria se espalhar por toda parte. Não sabia se poderia ser reabsorvido pela pele dele ou não, mas não estava disposta a descobrir da maneira mais difícil.

Não tinha nada para limpar o veneno, então retirou a jaqueta de couro que deu a ela, em seguida, o paletó, e o usou para limpar a saliva brilhante do demônio.

Iain agarrou seu pulso e seus olhos se abriram. Seu olhar foi direto para a luceria em torno de sua garganta, olhando-a durante vários segundos. Estava com uma estranha expressão em seu rosto, tanto de reverência como de arrependimento. Não era exatamente o que esperava de um homem cuja vida acabava de salvar.

Por outro lado, quase morreu, assim que não devia levar em conta suas reações.

Ele deslizou seus dedos pela sua cintura, roçando em seu abdômen. Ela estremeceu com o toque, mas tentou esconder sua instável reação.

Agarrou o tecido de sua jaqueta num punho, tirando-o de seu alcance. Então se sentou e terminou de limpar o veneno, enxugando mais de seu braço nu. Abriu a porta e jogou o casaco no chão.

Pensou por uma fração de segundo em reclamar antes de perceber que realmente não queria usar aquele paletó nunca mais, não importasse quantas vezes fosse lavado a seco.

Quando se voltou para encará-la, seu escuro olhar era férreo, mas havia uma frieza gritante em sua expressão que a não entendia. — O que fez?, — perguntou, como se tivesse feito algo errado.

A indignação a fez endireitar sua coluna vertebral. — Me livrei do veneno que o estava matando. De nada, por sinal.

Os olhos dele fecharam em arrependimento antes de recuperar o controle de sua expressão. — Acha que vou te agradecer? Tem alguma ideia do que fez?

Agora estava começando a se preocupar. Toda essa coisa de magia era nova para ela. E se tivesse feito algo errado ou quebrado alguma regra secreta que não sabia? — Não entendo. Fiz o que Helen me disse para fazer, e pensei que gostaria que fizesse.

— Me enganou para me vincular a você.

— Enganei você? Não, não fiz isso.

— Estava delirando. Pensei que estávamos sob ataque.

— Provavelmente estaremos. Tive que te cortar. Podem sentir seu sangue, não é?

Ele assentiu sombriamente, depois examinou a área circundante. — Talvez haja alguma maneira de desfazê-lo.

— Desfazer o quê?

— Seu voto. Ouvi o que disse. Tentei te parar, mas era tarde demais.

Era isso que o estava incomodando? — Sinto muito, Iain, mas não te conheço bem o suficiente para prometer algo semelhante à algo permanente. Sei que é o que vocês homens



esperam, e sei que foi assim que minhas irmãs e os outros acabaram, mas isso é precisamente o que não vai acontecer comigo. Tenho outros planos.

Seu olhar pousou na luceria novamente, como se não conseguisse manter os olhos longe da visão. — Então deveria ter falado com mais cuidado.

— O que quer dizer? Só prometi ficar com você até que estivesse melhor.

— Não, até que esteja *novo em folha*. Isso é o que disse. Essas palavras. Estou *melhor* agora, entretanto minha luceria permanece ao redor de sua garganta. — Estendeu a mão, traçando o colar com o grosso dedo. Seu calor afundou através da faixa e em sua pele, irradiando-se pelo seu corpo. Suas pálpebras vibraram fechadas, e teve que abafar um gemido de prazer. Mesmo através da barreira da luceria, seu toque ainda tinha o poder de fazer balançar seus joelhos em deleite. Não estava certo. Não era o que queria, mas não se conteve.

Forçou seus olhos a abrirem para que não pudesse perceber sua vergonha secreta. A expressão em seu rosto era de espanto e pesar.

Pensou no que havia dito, reviu suas palavras. Estava certo. *Novo em folha*. Isso foi exatamente o que disse.

— Não tem problema, — disse, forçando uma falsa alegria em seu tom de voz para afastar a preocupação que se apoderava dela. — Vamos corrigir tudo aquilo que está errado com você e tudo ficará bem. — Isso esperava. — Então, qual é o problema? Deixei escapar algo do veneno? Se não, não demorará muito para os arranhões em seu peito se curarem, certo?

Seus olhos negros seguiram para o assento do banco da caminhonete, fazendo-o parecer culpado como o inferno. — O que há de errado comigo não é algo que possa consertar. Ninguém pode.

Compreensão floresceu e com ela veio uma forte dose de pavor. Era seu coração partido o problema, não seu corpo físico. Perder Serena tinha-o ferido profundamente. Amava-a, e agora estava morta. Jackie não poderia esperar que ficasse bem.

— Encontrará alguém que possa amar de novo, — disse, com sua voz suave. A última coisa que queria era vê-lo na defensiva e lutando contra ela a cada passo do caminho. Se tivesse que encontrar uma nova namorada para se livrar desta prisão, então era isso o que faria. Não era exatamente um cara carinhoso, mas era quente como o inferno, construído como o sonho favorito de uma mulher. Poderia trabalhar nisso, encontrar uma mulher disposta. Dar uma de casamenteira.

A ideia de Iain com outra mulher a irritava, deixava-a furiosa. Era ridículo que sofresse sequer um momento de ciúme, mas era muito prática para mentir para si mesma e fingir que não aconteceu. Duas vezes.

Iain apertou a mandíbula em frustração. — Não entendeu, não é? Não é com um pouco de tristeza que estou lidando.

— Então me diga. Qual é o problema?

— Não importa, — disse. — Não há nada que possa fazer.



Capítulo 10

Iain se esforçou em manter o controle sobre suas furiosas emoções. Existiam muitas para contar, muitas para distinguir. Queria rir e gritar ao mesmo tempo. Queria chorar por tudo o que perdeu, e cantar de alegria pela chance que lhe foi dada para viver a vida que queria ter. Queria despir Jackie, nua para que pudesse tomá-la forte e rápido, prendendo-os ainda mais perto juntos, e queria puxá-la e abraçá-la apertado, onde nenhum mal poderia vir até ela. Mas principalmente, queria matar.

Sua dor se foi, levada por Jackie, mas a raiva se apoderava dele, exigindo libertação. O monstro gritava dentro de seu crânio, confundindo seus pensamentos até que estivessem misturados e não pudesse dar sentido a qualquer um deles. Seu corpo inteiro estava tenso, morrendo por uma luta, mas a única aqui era Jackie.

Se vinculou a ele. Deixou isso acontecer. Claro, estava incoerente no momento, mas isso não era desculpa.

Novo em folha.

Sua alma estava morta. Nunca estaria novo em folha outra vez.

Não podia dizer isso a ela. A vergonha era grande demais. Era tudo o que podia fazer para não jogar a cabeça pra trás e gritar ao mundo pelo que havia sido roubado dele.

Seu monstro estava mais poderoso do que nunca. Foi tão cuidadoso para mantê-lo contido por tanto tempo, mas viu Jackie e agora a queria. Iain podia senti-lo esticando suas asas e estendendo suas garras, testando sua jaula. Precisava fugir dela antes que fizesse algo violento e permanente.

Iain alcançou a porta, mas as mãos de Jackie se enrolaram em torno do seu braço, o impedindo. A sensação dos seus delicados dedos contra sua pele nua era praticamente mais do que poderia aguentar. Era suave, quente, tão vulnerável.

Virou-se para dizer a ela para lhe deixar ir, que não era seguro tocá-lo. Antes que pudesse sequer abrir a boca, a fúria que gritava dentro dele acalmou, como se ansiosa para ouvi-la falar.

Era linda. Realmente não notou isso antes. Mas definitivamente via isso agora. Seus olhos eram de um suave cinza pálido, enormes com preocupação. Os lábios dela se separaram, e teve um forte impulso de correr os dedos sobre eles e ver se eram tão suaves quanto pareciam. Sua luceria brilhava em sua garganta, o enchendo com um sentimento de orgulho e *posse* absoluta. Não importava quão grande fosse o erro, ou o quanto sabia que iria se ressentir com sua união. Por enquanto, sentia uma paz que não teve desde que segurou o bebê Samson em seus braços.

Era um presente, e de algum jeito teria que encontrar uma maneira de deixá-la ir.

Ela respirou profundamente, o que pressionou seus seios contra sua camiseta abotoada. Seu olhar disparou pra baixo. Ele era obvio. Nem sequer tentou fazer outra coisa. Enquanto observava, os mamilos dela endureceram sobre o fino tecido, fazendo água na boca.

Também o queria. Viu o desejo escurecer seus olhos antes, assim como estava fazendo agora. Sua respiração acelerou, e um rubor rosa tomava conta de suas bochechas.



Não teve uma mulher em um longo tempo. Nem sequer pensou sobre sexo antes dela chegar.

Seu pau inchou contra seu jeans, doendo com a necessidade. Um suor irrompeu ao longo da sua coluna e seu corpo aqueceu com pressa. O cheiro da pele dela enchia a cabine da caminhonete, fazendo sua cabeça girar. Precisava de mais dela.

Iain se inclinou em sua direção, com a intenção de acariciar seu pescoço e cheirá-la. Assim que seu caminho se tornou obvio, ela endureceu e congelou.

— O que está fazendo? — perguntou, sua voz oscilando com medo.

Olhou para o rosto dela, vendo o terror mal controlado flutuando em seus olhos cinzentos. A mão dela alisou a garganta, num gesto inconsciente de autodefesa. O grande tremor em seus dedos o fazia querer esmagar o que a assustou.

Então viu as cicatrizes que revestiam o pescoço dela e percebeu que foi o único a assustá-la.

Esteve alimentando-os por dois anos. Suas cicatrizes comprovavam isso. Apenas podia imaginar como sua aproximação era vista por ela.

Precisava ir. Agora. Enquanto as emoções estavam quietas o bastante, podia pensar e se lembrar de sua honra.

— Partindo. — Mesmo uma simples palavra era difícil de formular. Sua mandíbula estava cerrada apertada, a garganta restrita em um grito, que se recusava a deixar passar.

— Está me deixando aqui? Sozinha? Pensei que isso era algo inadmissível. Helen está mandando ajuda, mas não sei quanto tempo vai levar para chegarem até nós.

Sua boca era muito bonita. Ele a observava se mover, estendendo-se para tocá-la. Se pudesse beijá-la uma vez, sabia que acalmaria suas furiosas emoções. Não podia confiar em se sentar tão perto dela e não reagir. Não agora, quando o escolheu para se vincular.

Seu dedo deslizou sobre o lábio inferior. Era suave e incrivelmente macio. Podia sentir o menor tremor debaixo da ponta do dedo, mas não se afastou. Ao invés disso, suas pupilas tornaram-se enormes e lambeu os lábios, passando a língua em seu dedo em uma carícia quente.

Precisava prová-la, beijá-la. Apenas uma vez antes que a raiva tempestuosa viesse furiosa de novo, antes que seu monstro começasse a uivar outra vez. Não podia confiar em si mesmo depois. Era perigoso demais. Mas agora, nesse precioso momento, era mais homem que monstro, e o homem queria apenas uma prova.

Iain se inclinou para frente, fechando o espaço entre eles. Sua respiração acelerou e podia ver o pulso dela batendo forte e rápido em sua garganta.

Moveu-se lentamente, não querendo assustá-la.

— O-o que está fazendo? — sussurrou.

Não confiava nas palavras. Diria a coisa errada, o que estragaria essa oportunidade para descobrir se ela teria o sabor tão doce como parecia.

Iain enfiou os dedos pelos cabelos dela, segurando a parte de trás de sua cabeça. Seu corpo movendo-se mais perto, até que podia sentir o calor do seu joelho tocando sua coxa. Inclinou-se e cobriu os lábios entreabertos dela com os seus.



Jackie fez um pequeno som de surpresa, seguida por um suspiro de prazer, que bebeu avidamente. Pretendia se puxar de volta depois de um rápido beijo, mas não conseguia. Não era tão forte.

Sua boca se moldava a sua, e aprofundou o beijo, afundando sua língua nos lábios dela. Suas mãos agarraram seus ombros, e se inclinou em sua direção, ansiosa por mais.

Iain a levantou para escarranchá-la em seu colo, e depois deixou suas mãos se moverem acima em sua cintura para puxá-la totalmente sobre seu corpo. Sentiu seus mamilos endurecerem contra seu peito nu, e amaldiçoou o tecido da camisa dela por ficar no caminho.

Ela fazia doces ruídos de necessidade enquanto o beijava de volta, enrolando sua língua com a dele. Era como mel quente que deslizava sobre ele, aquecendo sua pele. Encaixava-se contra ele corretamente, mas havia também algumas malditas roupas no caminho. Se não a tivesse nua e levasse seu pau dentro dela, isso poderia realmente matá-lo.

Sua mão se moveu para sua gola para trabalhar em abrir os botões. Ficou dura em seus braços, movendo-se para trás.

— Não. Não posso, — disse. Mas sua pele estava rosada e sua boca estava vermelha e inchada por seus beijos.

— Quer isso tanto quanto quero, — Iain disse, sua voz mal soando humana. Seu monstro estava acordando, esticando suas asas.

Ela tragou e desviou o olhar, culpa e arrependimento expressas em suas características.

Como ousava negar-lhe depois do que fez? Foi a única que forçou sua união. Não ele.

Começou a tirar os dedos de seu braço nu, mas bateu a palma da mão sobre os dedos dela, a segurando no lugar. Ainda não queria que parasse de tocá-lo.

Ela olhou para baixo, depois para cima até que o estava olhando bem nos olhos. Suas palavras saíram precisas e afiadas. — Me. Deixe. Ir.

Possessividade ondulou através dele, trazendo com isso outra enxurrada de raiva feroz. O monstro acordou, faminto e irritado. Era sua. Uniu-se a ele e merecia o que lhe aconteceria.

Espere. Isso não estava certo. Uma infundada dúvida arrastou seu caminho em seus pensamentos. Deveria proteger e cuidar dela, não forçá-la a fazer coisas que eram contra sua vontade. Não era?

Havia muitas coisas acontecendo dentro dele. Não conseguia decidir isso. Não conseguia descobrir a diferença entre o que queria fazer e o que devia fazer. E o monstro não iria calar a maldita boca e lhe dar um minuto para pensar. Aquilo se debatia nele, pedindo para ser liberado. Tudo estava muito atrapalhado e confuso para ter qualquer esperança de resolver isso.

— Preciso ir, — disse à ela, sua voz tremendo com emoção. Se não estivesse por perto, não poderia machucá-la. Era o único jeito que conseguia pensar para protegê-la.

— Está debilitado. Não posso deixá-lo sozinho, mas nós não podemos fazer... mais *nada*, também.

— Estou bem. — Isso era uma mentira enorme. Estava sendo esmagado por dentro pela necessidade de tocá-la de novo. — Só preciso sair e limpar minha mente.



Antes que pudesse detê-lo, pegou a espada do chão, e se lançou para fora da caminhonete, batendo a porta atrás dele. Andou alguns metros antes que o frio atingisse seu peito nu.

Não importava. O ar frio não iria matá-lo. Mas se fizesse algo para machucar Jackie, ele mesmo se mataria.

Respirou profundamente o ar frio e se manteve de costas pra ela. Não conseguia ver nenhum Synestryn, mas isso não significava que não estivessem lá. Mesmo que os vestígios de sangue que limpou fossem pequenos, isso era tudo que precisavam.

Parte dele desejava que viessem. Queria lutar, matar. Precisava descarregar um pouco dessa raiva antes que fizesse algo horrível.

Iain andava como um animal enjaulado. Como podia ter deixado isso acontecer? Deveria ter escolhido outra pessoa. Salvado outra pessoa.

Ouviu a porta da caminhonete abrir e fechar de novo, mas não se atreveu a olhar para ela. Manteve seus olhos nas árvores distantes, esperando que pegasse a dica e fosse embora.

— Está bem? — perguntou.

Podia sentir a presença dela em suas costas, como se a luz do sol brilhasse em sua pele. — Deveria voltar para Dabyr.

— E te deixar aqui? Acho que não. Volte para a caminhonete. Irá congelar até a morte aqui fora.

Ainda estava queimando por dentro por aquele beijo, mas ouviu o estremecimento em sua voz e era impotente para controlar suas reações a isso. Sua jaqueta de couro estava no banco. Voltou e a pegou, pendurando-a em seus ombros, tomando cuidado para não tocá-la. Se sentisse o calor da suave pele dela, poderia esquecer o que era real e o que não era.

Parecia pequena e vulnerável, encolhida em si mesma com sua jaqueta a engolindo. Isso o fazia querer mostrar os dentes e rosnar ao mundo em alerta para ficar longe dela.

— Acho que deveria ser o único a estar vestindo, não eu, — disse.

Não confiava em si mesmo para responder. Olhou para ela por um longo tempo, observando seu cabelo escuro chicotear ao vento em torno do seu rosto. Olhar para ela o aliviava de alguma forma, acalmava um pouco o caos agitado dentro dele. Poderia olhar para ela toda a noite, mas estavam expostos aqui fora. Não estava mais sangrando, mas havia vestígios de sangue em sua jaqueta. Não demoraria muito para que um dos demônios pegasse seu cheiro.

Pegou a jaqueta, e a jogou em uma lixeira de metal perto dos banheiros da parada de descanso, e ateou fogo com um maçarico que escondeu na parte traseira de sua caminhonete. Esperando que isso impedisse os demônios de virem aqui uma vez que fossem embora. Não havia garantias, mas era o melhor que podia fazer, dada a situação.

Era hora de levar Jackie de volta para casa. Nunca confiou em ninguém o suficiente para dizer sobre seu estado sem alma, mas teria agora. Precisava de ajuda para descobrir como tirá-la da confusão que inadvertidamente entrou, e agora que Gilda e Angus estavam mortos, só conseguia pensar em uma pessoa que podia ter algumas respostas.

— Hora de ir, — disse.



Iain ajudou Jackie a entrar na caminhonete, e depois deslizou atrás do volante. Pegou a rodovia, abrindo caminho nos quilômetros em um ritmo acelerado. Jackie ficou em silêncio ao seu lado, dividindo sua atenção entre o que estava na frente deles e o que estava atrás. Podia sentir sua ansiedade correndo através de sua vinculação recém-nascida.

Deleitava-se com a conexão enquanto amaldiçoava. Era assim que supostamente seria. Estar vinculado a ela cumpria seu propósito de vida. Era uma sensação de complementação, era difícil lembrar que isso era totalmente errado pra ela, uma mistura de depressiva inutilidade e perigo. E ainda assim não podia negar o poder de seu dom com ele. Sua dor se foi. Não toda, mas a maior parte desapareceu quando tomou sua luceria e usou seu poder para expulsar o veneno. A pressão que se construiu dentre dele havia diminuído, deixando um sentimento de... leveza. Depois de todas essas décadas de agonia, finalmente estava livre. Não importava que isso não durasse por muito tempo. Absorveria a trégua que lhe deu, deleitando-se nela.

Iain não sentia alegria verdadeira em um longo, longo tempo, mas se lembrava agora. Sentia muito com isso, e agradeceria a Jackie por restaurar um pouco do que estava perdido para ele. A restauração era temporária, então estava determinado a apreciá-la enquanto durasse. Depois que retornasse para o jeito como as coisas deveriam ser, poderia se lembrar de como se sentia agora.

Assim que conseguiu, pegou uma saída para chegar às estradas secundárias. As chances de ficar perto de patrulhas rodoviárias eram muito mais escassas aqui, e se tivesse que parar para lutar com um Synestryn, haveria menos pessoas para ver isso acontecer, ou para ficarem no caminho.

— Vê algo? — perguntou, sua voz trêmula com medo.

Odiava que estivesse com medo, e desejava que pudesse fazer algo para removê-lo.

O pensamento o atingiu fortemente, provocando uma memória de um sonho, enquanto estava envenenado. Jackie teve medo. Fria e desesperada. Agora que estava acordado, entendeu o que o sonho era. Era uma visão que a luceria escolheu em compartilhar com ele, mas agora era difícil relembrar, apenas pedaços e fragmentos cintilavam em sua mente.

Jackie estava prisioneira em uma caverna, se encolhendo, junto com uma menina em busca de calor. Estava com medo de enlouquecer e fraca da última rodada de alimentação. Zillah a drenou a deixando quase seca antes de jogá-la de volta em sua cela. Seus braços e pernas estavam frios e entorpecidos. Estava tremendo, e mesmo assim seus pensamentos estavam centrados em volta de uma criança ao lado dela e como iria protegê-la.

Isso foi durante os primeiros dias de seu cativeiro. Como suportou mais dois anos, estava além de Iain. Como continuou sã era ainda mais um mistério.

Mas estava, e agora estava aqui, vinculada a ele de uma forma que não entendia. Não tinha a intenção de que fosse permanente. Destinava-se apenas a salvar sua vida.

Como diria a ela agora que estava vinculada de forma irrevogável a um homem sem alma?

Ela franziu o cenho e olhou para ele. — Esta na minha cabeça? Lendo meus pensamentos?

Reprimiu a fúria apressada que sua pergunta causou. Disse como se não tivesse o direito de se conectar com ela dessa forma, como se o conceito a revoltasse muito.

— Não, — rebateu.



Iain precisava se controlar e as suas furiosas emoções. Precisava encontrar o entorpecimento feliz que teve por tanto tempo. Era simplesmente uma questão de disciplina. Tudo o que precisava era fazer exatamente como instruiu seus companheiros do Bando dos Áridos a fazerem: fingirem que eram honrados como foram uma vez. Fingirem que os sentimentos que os golpeavam não existiam.

—Pensei ter ouvido alguma coisa. — sacudiu a cabeça em confusão. — Estou apenas paranoica. Drake e Helen estão sempre tendo essas conversas silenciosas um com o outro. Ela alega que gosta de tê-lo em sua cabeça, mas meu cérebro tem um letreiro luminoso de *fique fora*, ok?

Iain assentiu e tomou o controle de seus pensamentos rebeldes, caso fossem altos o suficiente para vazarem para Jackie. Não a queria em sua cabeça também, descobrindo o que estava errado com ele. Pelo menos ainda não. Não até que tivesse tempo para pensar e planejar um modo de libertá-la. Nesse momento, o único jeito que conhecia de quebrar seu vínculo, terminaria mal para ele.

Ainda não estava pronto para morrer. Seus irmãos ainda precisavam dele.

— Para onde estamos indo? — perguntou.

— Dabyr.

— Esse não é o caminho que viemos.

— Estou tomando outro caminho.

Sua cabeça bateu de volta contra o banco em frustração. —Nunca sairei de lá, não é?

A tristeza que ouviu em sua voz lhe causou dor. A necessidade de tranquilizá-la se abateu sobre ele, e teve que segurar firmemente o volante para se impedir de alcançá-la. Não gostaria de receber seu toque. Deixou isso bem claro. — Vai. Só que não hoje.

A temperatura dentro da caminhonete elevou, graças a uma constante corrente de calor na ventilação. Jackie tirou a jaqueta e a colocou sobre o assento entre eles. Sabia que a próxima vez que a usasse, seria capaz de sentir o cheiro dela agarrada ao forro. Esperava com impaciência a intimidade tanto quanto a temia.

— Não pertenço ali, você sabe. Pertenço ao meu velho mundo. É o único lugar que faz sentido.

—Sei que acha que não pertence a nós, mas está errada. Não pode vê-lo agora, mas um dia vai ser uma guerreira feroz.

Ela bufou como se achasse a ideia ridícula.

— Helen é. Porque seria menos que sua irmã?

— Como seria vivendo minha vida, na gestão de indústrias, ser de alguma forma menos? O que faço é importante. Dou emprego às pessoas e me certifico que estão seguros enquanto trabalham. Mantenho a paz e resolvendo conflitos. Aumentando a produtividade, reduzindo os acidentes, e fazendo uma montanha de dinheiro para minha empresa para que todos recebam um bom e gordo bônus.

— *Fazia*, — sentiu-se compelido a lembrá-la. — Não faz mais isso.



Ela esfregou as têmporas. — Sim. Fazia. E agora descanso demais, com medo de sair do meu quarto. Decai um longo caminho abaixo, Iain.

Adorava o som do seu nome em sua língua. Isso enviava uma emoção correndo através dele, o tornando ansioso para ouvi-lo novamente. Só que na próxima vez, desejava que tivesse menos tristeza e mais alegria. Ou desejo. Gostaria disso cada vez mais. — Estará salvando vidas agora. Assim como fazia quando estava presa.

Em sua visão periférica, viu o corpo dela enrijecer. — Como sabe sobre isso?

— A luceria me mostrou.

— Teve uma visão?

— Tive lembranças de uma, como se fosse um sonho. — Mesmo enquanto falava, mais pedaços de sua visão se tornavam visíveis, como se estivesse vendo algo entre o deslocamento das folhas de um árvore. — Você?

Ela hesitou, e podia vê-la olhando para ele pelo canto do olho. Queria olhar para ela para que pudesse avaliar melhor suas emoções, mas não se atrevia a tirar seu foco fora da estrada de terra esburacada, tão rápido como estava dirigindo.

— Eu a vi, — disse finalmente.

— Quem?

— A mulher que quebrou seu coração quando morreu.

Serena. Pesar o atravessou, o deixando frio e tremendo. Não lamentou por ela por um longo tempo e agora a dor estava de volta. Sombria, o frio pesar pressionava contra ele, fazendo seu tom áspero. — Não quero falar sobre ela. Esqueça isso.

Jackie ficou em silêncio, mas jurava que podia sentir sua curiosidade deslizando entre eles, através da luceria. Era misturada com uma saudável dose de culpa, provavelmente porque deixava suas emoções irem através de suas nuances.

Iain rangeu os dentes em frustração. Teria que aprender a se controlar. Era muito mais fácil de fazer quando estava dormente. Não sabia como encontraria o autocontrole, mas por Jackie tentaria. Isso é o que um homem honrado faria.

— Obrigado, a propósito, — disse, se referindo a sua declaração anterior. — Por me salvar.

Ela deu de ombros e continuou olhando pela janela lateral. — Qualquer um teria feito a mesma coisa.

Estava errada sobre isso, mas não via como argumentar. Jackie ajudava os outros, não importando o custo para si mesma. Conseguia ver isso agora, com os fragmentos de mais uma de suas visões que começava a se revelar. Cada uma delas lhe mostrava outras vezes que tomou conta de uma mulher ou criança durante seu cativeiro, dando aos outros sua comida, e até mesmo um precioso cobertor que conseguiu roubar. Lutava por eles, grunhia implorando aos demônios água e restos de lixo, trocando seu próprio sangue por seus favores.

Era nobre, uma mulher altruísta, uma que não merecia ser atada a um monstro sem alma. Iain precisava encontrar um jeito de quebrar sua união. Não podia ficar com ele. Iria destruí-la quando descobrisse que não tinha uma alma, que estava destinado a ser enviado aos Slayers para



morrer se alguém descobrisse a verdade. Era muito preciosa para arriscar, e não importava o quando se doasse, não conseguiria salvar o que já estava perdido.

Isso era o que a luceria estava tentando lhe dizer com as visões. Se não encontrasse uma maneira de liberá-la, se destruiria tentando salvá-lo. Não podia deixar isso acontecer. Não importava o que lhe custasse.

Havia um borrão de movimento a sua direita. Tentou diminuir e desviar para evitá-lo, mas já era tarde demais. O borrão atingiu o capô de sua caminhonete e bateu na janela, quebrando-a.

A princípio pensou que fosse um cervo. Então viu um brilho assustador de olhos verdes. Olhos de Synestryn.

Aquilo se agarrou ao capô da sua caminhonete. Sua mandíbula larga estava cheia com dentes pontudos, e no final de seus membros longos estavam garras espessas que agarravam ao metal. Era o mesmo tipo de demônio que encontraram no hotel. Na verdade, a julgar pelos remendos irregulares recém cicatrizados, a pele sem pelo, essa era a mesma criatura em que Jackie atirou diversas vezes.

O demônio moveu seu aperto, rastejando perto de Jackie. Uma saliva amarela brilhante escorria da boca dele e passava sobre o para-brisa, dificultando a visão de Iain. Aquilo escalava mais perto, deslizando pelo capô quando Iain freou em uma parada brusca. Suas garras desfiaram o capô com as patas traseiras enquanto começava a arranhar o vidro trincando-o com suas garras da frente.

Ao lado dele, Jackie deu um único grito, então ficou em silêncio. Podia sentir o medo dela o atingindo através da luceria, exigindo que removesse a ameaça. Para seu crédito, não perdeu a cabeça. Ao invés disso, pegou sua bolsa e a arma que sabia que havia escondido dentro.

Dentro dele o monstro rugiu por liberdade, com a necessidade de matar. Apertou seu controle sobre ele, com medo do que poderia acontecer se o deixasse sair em um espaço tão apertado. Jackie estava muito perto.

— Não pode matá-lo com isso, — Iain disse. — Fique aqui. Já volto.

Iain deslizou em sua jaqueta blindada, depois saltou da caminhonete para atrair o demônio para longe.

A necessidade de matar emergiu prontamente à superfície quando deu ao monstro dentro dele um pouco de liberdade. Não sentia medo por si mesmo, apenas o grito distante de Jackie o segurava.

Assim que Iain estava livre da proteção da caminhonete, o demônio se lançou para ele, a boca escancarada. Uma luz feroz de reconhecimento brilhava em seus olhos, como se soubesse quem era Iain.

Iain deslizou sua espada livre em um arco suave antes que a coisa tivesse tempo de pousar. Sua lamina cortou através de um dos braços do demônio, fazendo-o gritar de dor e fúria. Sangue negro se espalhou sobre a estrada de terra, crepitando enquanto aquilo o atingiu.

O demônio caiu a poucos metros. Pegou um pouco de pedras da estrada e enfiou em sua boca.

O inferno que deixaria isso acontecer de novo.



Terra envenenada voou em seu rosto desprotegido. Iain mergulhou abaixo daquilo, se dobrando enquanto rolava pelo chão.

— Há outro! — Jackie gritou, há alguns metros de distância.

A advertência foi registrada, e levou uma fração de segundo para avaliar a ameaça. Outro desses demônios estava saltitando pelo chão nas quatro patas, correndo em direção a eles. Estava longe o suficiente, ainda tinha seis ou oito segundos, não era tempo suficiente para fazer isso sem ajuda.

Não tinha escolha. A vida de Jackie estava em jogo. Tanto quanto odiasse deixá-la ver esse lado dele, era melhor do que deixá-la morrer.

Iain respirou fundo, pedindo em silêncio desculpas e depois deixou ir seu controle, liberando seu monstro. Ele estourou para fora, rugindo em desafio, aumentando a força de seu corpo e sua velocidade. Se movendo em puro instinto e raiva, golpeou o demônio, cortando uma de suas pernas. Antes que tivesse terminado de cair ao chão, sua lâmina caiu decepando sua cabeça.

Virou-se para se desfazer do próximo demônio apenas para descobrir que estava preso ao chão, rosnando e arranhando uma cúpula suave, coberta de luz. Faíscas saíam de onde suas garras a atingiam, mas não conseguia se libertar.

Jackie. Ela fez isso.

Caminhou até o demônio e o golpeou com sua espada. O golpe deslizou pela luz, vibrando em seus braços.

Seu monstro silvou em indignação. Essa era sua matança e estava tirando isso dele.

— Liberte-o, — rosnou para ela, mal capaz de formular as palavras.

A luz tremeu e morreu e Iain fez um trabalho rápido na besta debruçada diante dele.

Examinou melhor a área, seu corpo tremendo com a necessidade de violência. Irregulares respirações serravam dentro e fora de seus pulmões, e sua pele parecia que estava pegando fogo. Precisava matar de novo, impulsionar sua lâmina em outra criatura e vê-la se contorcer até morrer.

Estava perdendo o controle. O monstro estava assumindo, se libertando da coleira que tentava manter em torno dele.

— Iain? — a voz de Jackie o alcançou.

O monstro a viu parada a menos de dez metros de distância. Estava tão fodicamente bonita, com o cabelo batendo em seu rosto com o vento, e os olhos cinzentos iluminados com preocupação. Seus mamilos estavam enrugados sob a fina camisa que usava, queria tirá-la dela para que pudesse vê-los, senti-los contra sua língua.

Deu um passo na direção dela com a intenção de fazer exatamente isso, mas percebeu que não estava mais no controle. A besta dentro dele a protegeu e agora queria seu pagamento em troca.

Iain não podia deixar isso acontecer. Recuperou suficiente controle para fechar os olhos, se impedindo da visão tentadora dela tão perto. O monstro jogou sua cabeça pra trás e deu um uivo animalesco de frustração.

— Está bem? — Jackie perguntou.



Podia ouvi-la mais perto agora. Seus passos hesitantes rangiam na terra, levando-a mais perto do perigo.

Iain se virou e forçou suas pernas a se moverem, para colocar distância entre eles. Não adiantava. Ela continuava se aproximando, ignorando a ameaça que se colocava.

— Pare. — Cuspiu a palavra, mas seus passos pararam.

Podia sentir seu cheiro no vento, um leve perfume tentador de mulher misturada com um pouco de primavera.

Suas mãos alcançaram seus ombros. A besta sorriu em vitória e começou a se aproximar dela. Iain não podia deixá-la sujeita ao que viria a seguir. Acabaria no chão frio, rochoso, estuprada e sangrando.

Não sua Jackie. Não enquanto vivesse.

Com uma força de vontade que não sabia que possuía, encontrou a força que precisava para empurrar o monstro de volta em sua jaula. Aquilo lutou contra ele, rosnando e rangendo os dentes, mas conseguiu bater a porta fechada.

Iain ficou suando e tremendo pelo esforço.

Suas mãos alcançaram seu rosto, tão suaves como borboletas. Abriu os olhos e olhou para ela.

Preocupação delineava sua testa e mantinha sua boca apertada. Iain deixou cair a espada no chão e passou os dedos sobre sua testa, na esperança de apagar o que a estava incomodando. Sua pele era suave e quente, e sua boca se relaxou com seu toque.

Queria beijá-la de novo, mas sabia que era um erro. Ainda assim, era difícil se lembrar de sua honra quando se sentia tão maltratado, machucado e cansado. Lutando contra ele mesmo tomava toda a sua força, não sabia o quanto mais conseguiria se segurar.

— Está bem? — perguntou.

Não estava. Estava longe de estar bem, o que era ridículo, mas não podia suportar sobrecarregá-la com seus problemas. — Sim.

— Tem algum veneno em você?

Não sentia nenhuma picada nele, mas poderia ter alguma em sua jaqueta, uma que ela estava muito perto.

Iain deu um passo para trás e revistou sua roupa por sinais de sangue ou saliva. Não havia nenhuma, exceto em sua espada.

Pegou sua arma e a limpou em um pedaço da pele do demônio. — Não posso ver através do para-brisa, — disse, na esperança de encontrar um tópico seguro para se distrair. — Você vai congelar até a morte se tentarmos seguir sem ele. Vamos ter que esperar aqui por um novo par de rodas.

Pegou seu telefone e mandou uma mensagem para Nicholas com os detalhes de sua situação. Esse homem era mais conectado que todos eles, com um amor por dispositivos tecnológicos que confundiam Iain.

Nicholas confirmou que entendeu a mensagem e cancelou com o Sanguinar que estava a caminho para livrar Iain do veneno que Jackie já o havia curado, o que Helen enviou.



— Poderia fazer um para-brisa. Preciso entender como Andra faz a coisa do escudo. Acho que poderia usar essa mesma técnica para segurar o vento.

— Vale a pena a tentativa. — Qualquer coisa que os impedisse de passar um tempo aqui sozinhos juntos no escuro, valia a pena tentar. — Afaste-se um segundo.

Ela assentiu com a cabeça, e entrou na caminhonete, usou seus pés para empurrar a maior parte do vidro fora do caminho em segurança.

— Ok. Vamos tentar isso.

Iain sentiu um puxão em seu poder, então, um fluxo corrente constante dele enquanto ela colocava a plana cúpula de energia em cima do buraco do para-brisa quebrado que caiu. Não sabia com certeza quanto tempo poderia mantê-lo, então mandou uma mensagem para Nicholas com a atualização, disparando a caminhonete, e dirigindo tão rápido quanto fosse seguro.

Meia hora depois, ela havia afundado completamente em silêncio. Lhe deu um rápido olhar, e viu que estava pálida e suando pelo esforço mantido.

— Vamos parar por aqui, —disse a ela. — Precisa descansar.

— Não. Estou bem. Vamos continuar.

Quase discutiu com ela, mas podia sentir sua determinação deslizando através de sua conexão. Queria fazer isso e não podia resistir em lhe dar o que queria.

Quanto mais cedo se afastasse dele, melhor seria para ela.

Capítulo 11

Murak encontrou a casa da garota sem esforço. Estava aglomerada ao redor de outras cinquenta casas exatamente como aquela, gado em suas cercas.

O quarto dela era no segundo andar, como se isso fosse impedi-lo de chegar a ela. Os humanos eram tão divertidos, criaturas sem imaginação. Não era de se admirar que estivessem abaixo na cadeia alimentar.

Convocou uma rajada de energia e se levantou do chão para espiar pela janela. A escuridão camuflava sua presença, lhe poupando o problema.

A luz de uma TV lançava um brilho cintilante sobre o corpo magro dela. Encolhida em si mesma, balançando, enquanto olhava para a tela da TV. Podia sentir o sangue de sua espécie correndo nela, chamando por ele.

Recuperá-la seria tão fácil como seria agradável.

Ela levantou um telefone celular, e seus dedos tremiam enquanto digitava uma mensagem de texto.

Murak achava interessante que tivesse começado a se estabelecer novamente em uma vida humana normal tão rápido. Isso mostrava uma resistência que serviria bem nos próximos anos. Ter novos Synestryn era difícil em humanos, e apenas um pequeno número deles sobrevivia



tempo suficiente para procriar uma segunda vez. Estava certo de que essa criança seria uma dessas criaturas especiais.

Mais uma razão para devolvê-la a seu lugar, abaixo da terra.

Destrancou e removeu a tela com um simples pensamento. Destrancar a janela era fácil, embora aproveitasse o tempo para fazê-lo lentamente, não permitindo nenhum som para dar a graça de sua presença. A menina continuava dividindo sua atenção entre o telefone e a TV, com os joelhos bem apertados contra o peito em uma postura defensiva.

Assim que seu caminho não estivesse mais bloqueado, seria hora de se mover mais rápido. Saltou sobre a janela e entrou pela abertura, batendo as leves cortinas de seu caminho enquanto se movia.

A menina o viu e imediatamente congelou em terror. Seus lábios se separaram ao redor de um grito silencioso.

Murak caiu no chão ao lado da cama, perto o suficiente para tocá-la.

A pobre criatura tremia se deslocando um pouco, um segundo depois, uma luz brilhante ligeiramente queimou seus olhos.

Assoviou de dor e instintivamente trouxe um braço para se proteger.

Uma câmera. A luz tinha vindo de uma câmera em seu telefone.

Assim que percebeu que não havia ameaça de luz solar, foi para ela. Seu cabelo escovou seus dedos enquanto rolava pra longe dele, caindo do outro lado da cama.

— Pai!, — gritou, um som feroz de pânico doloroso.

Murak tinha apenas alguns segundos antes que o pai da menina chegasse, e nesse tempo ia tê-la firmemente em suas mãos e fora dessa janela.

Pulou sobre a cama, estendendo um longo braço. Ela se arrastou para trás como um caranguejo, olhando com terror seus dedos com garras.

A menina era rápida. Concederia-lhe isso. Mas estava presa contra uma cômoda agora, sem mais lugar para correr.

Um sorriso se esticou em sua boca, mostrando os dentes. A menina começou a tremer violentamente, e sabia que devia estar lembrando todas as vezes que sua espécie se alimentou de sua macia garganta.

— Não se preocupe, — disse a ela. — Não vou beber demais. Nós precisamos de você.

Agarrou o braço dela, ignorando suas tentativas ineficazes de forçar seus dedos fora. Ela lutou, chutando e o arranhando, mas sua pele estava muito grossa para danificá-lo. Tudo o que a estava fazendo era se desgastar, o que tornaria o resto de sua viagem muito mais tranquila.

— Pai!, — a menina gritou de novo, seu grito estridente zumbia em seus ouvidos.

A porta do quarto se abriu tanto que a madeira rachou. Um homem humano furioso correu, apontando uma espingarda de cano duplo para Murak.

Girou a menina ao redor, com a intenção de usá-la como um escudo para que seu pai não atirasse, mas antes que pudesse, ela caiu no chão, seu peso morto quase rasgando o braço de seu ombro.



A arma disparou. Dor estilhaçou o corpo de Murak, lançando-o para trás contra a janela aberta. Podia sentir seu sangue, e a repentina fome voraz que o varreu.

Não foi até que a menina deslizou se afastando em suas mãos e joelhos que percebeu que perdeu seu agarre sobre o braço dela. Sua presa foi embora e o pai dela estava se preparando para outro doloroso ataque.

Murak jogou seu peso para trás e caiu pela janela. Usou seu poder para diminuir a queda e depois se escondeu de ser visto.

O homem olhou pela janela, o cano de sua arma o antecedendo. Olhou para a escuridão por alguns segundos, escaneando a área. — Está bem, Autumn?, —perguntou a sua filha.

Murak ouviu um choramigo, um som lamentável, mas não conseguiu distinguir as palavras.

— Está bem, querida. Não se preocupe. Não vai voltar e mesmo que volte, não vamos estar aqui. Pegue seu casaco. Nós vamos embora.

O que significava que Murak não só não teria tempo para curar suas feridas, também teria que encontrar sua presa novamente. Mas primeiro, precisava se alimentar e havia um bairro inteiro de gado apenas esperando para servi-lo.

No momento que chegaram a Dabyr, Jackie estava abalada em seu assento. Exaustão se abatia sobre ela, o que tornava difícil manter os olhos ardentes no céu aberto. Entretanto, o sentimento de satisfação que ganhou em fazer o que precisava ser feito era um que quase se esqueceu. Aquilo resplandecia dentro dela, energizando seu espírito e lhe recordando que possuía uma força a ser levada em conta. Foi forte antes e capaz.

Perdeu essa sensação, mas até agora, não percebeu o quanto.

Iain desligou o motor. Tentou alcançar a porta para abri-la, mas seu braço estava muito pesado, os dedos muito fracos. Seu corpo inteiro tremia, a fazendo perguntar-se como conseguiria ir de volta para dentro.

Ele deu a volta para o lado dela e abriu a porta. Olhou pra ela, o rosto impassível. — Está fraca demais para andar, não é?

— Ficarei bem.

— Posso levar você para dentro.

Odiava a ideia de estar fraca e indefesa. Mais ainda, odiava a ideia das pessoas a verem como fraca e indefesa. — Não. Por favor.

Seu peito se expandiu com um suspiro que sabia que sairia como um suspiro de frustração. Ao invés disso, se inclinou para frente e segurou sua mão esquerda na sua nuca.

Sentiu o sutil clique quando se o anel travou no colar que usava. O calor de sua mão nua penetrava em sua pele, enquanto uma corrente de energia fluía por ela, afastando seu cansaço. Um arrepio quente sacudiu sua espinha e se estabeleceu em sua barriga.

Deu um suspiro de contentamento e sentiu sua boca puxar em um sorriso. — Isso é incrível.

— Deveria ter feito isso enquanto dirigia, mas não conseguia te alcançar, e não achei que seria uma boa ideia você se deitar no meu colo.



Parecia uma ótima ideia pra ela, mas agora não estava pensando exatamente com clareza. Sua cabeça estava embaçada com o calor e ressoando com o zumbido do poder. Seu toque era intoxicante, diminuindo suas inibições e a fazendo se esquecer o que era realmente importante.

Um momento depois, se afastou e todas aquelas quentes sensações foram embora. Lamentou pela perda de seu toque, mas não disse nada.

— Melhor? — perguntou.

Ela assentiu, não confiando em si mesma para falar.

— Agora precisa dormir.

— Estou bem. Além disso, não tenho tempo a perder. Há muito que fazer.

Moveu-se para sair da caminhonete, mas o grande corpo de Iain bloqueava seu caminho. Sua expressão era dura e exigente. — Vai dormir ou vou encontrar uma maneira de fazer isso. O que fiz é temporário, e só fiz isso para que não sentisse vergonha por estar fraca. Não faça me arrepender dessa decisão.

Argumentar com ele seria insensato, então decidiu ceder a ele. — Tudo bem.

— Ótimo.

Ele a acompanhou para dentro, seguindo seus passos todo o caminho até sua suíte. No caminho, considerou a sensatez de convidá-lo para entrar, mas sua decisão foi tirada de suas mãos quando encontrou Joseph esperando por eles fora de sua suíte. O olhar em seu rosto era sombrio, e seus ombros caídos pelo cansaço.

— O que está fazendo aqui? — Iain perguntou.

— Nicholas disse que vocês acabaram de chegar. Achei que iria querer estar nisso.

— Nisso o que? — Jackie perguntou.

— Não aqui. No meu escritório.

Jackie seguiu atrás, ambas, a curiosidade e a apreensão sobre o que estava acontecendo. O que quer que fosse, não era bom. Com cada passo que dava, parte da energia revigorante que borbulhava nela começou a desaparecer.

Iain estava certo. O que quer que tivesse feito não duraria muito tempo.

Entraram em fila no escritório de Joseph que já estava cheio de gente. Helen e Drake estavam de pé em um canto, com as cabeças próxima uma da outra, em uma conversa tranquila. Nika estava sentada em um canto da mesa de Joseph com Madoc a rodeando. Ele parecia pálido e se não o conhecesse melhor, com medo. Tynan descansava na cadeira de Joseph, seus dedos elegantes alongados sobre seu queixo. Era de longe a pessoa mais bonita na sala, incluindo as mulheres, mas Jackie o apreciava tanto quanto fazia aos demônios que a fizeram refém. Qualquer criatura que vivesse de sangue dos outros não era confiável.

— Feche a porta, — Joseph ordenou quando entraram.

Iain era o último, fechou a porta atrás dele. Jackie se viu indo em sua direção, buscando um tipo de conforto em uma sala onde não deveria estar.

— Duas horas atrás, Henry Mason fez contato comigo. Um Synestryn tentou levar sua filha de dez anos essa noite.



Jackie balançou em seus pés quando compreendeu o significado das palavras dele. Uma criança, uma menininha, foi atacada por demônios.

O braço de Iain deslizou ao redor dos seus ombros, a equilibrando. Não pode evitar se encostar nele. Isso fazia dela uma pessoa mais fraca, mas o horror que viu naquelas cavernas chegaram golpeando-a, lhe recordando em quanto perigo essa criança esteve.

— De novo? — Tynan perguntou, se levantando.

— O que quer dizer com, de novo? — Helen perguntou.

As narinas de Joseph queimaram de raiva quando sacudiu a cabeça. — Autumn era uma das meninas que salvamos na noite que encontramos Jackie.

Aquela menininha esteve no mesmo sistema de cavernas? Jackie provavelmente a viu, mas não sabia seu nome. Houveram muitas delas vindo ou indo. Depois de um tempo, parou de querer saber sobre elas. Tudo o que precisava saber era que fez seu trabalho para mantê-las tão seguras quanto podia, enquanto conseguiu.

Ela falhou. Mas e mais as decepcionava. Foram estupradas, mortas. Consumidas. Não foi capaz de detê-los.

— Nos estamos saindo, — Iain anunciou, seu aperto reforçou em volta dela. — Isso é pedir demais dela agora.

Iain estava falando de Jackie, sobre seu desconforto. Estava tão acostumada a estar sozinha que sentia-se estranha em ter alguém a defendendo.

Olhou para Iain e pegou a mão dele. Seus dedos se enroscaram nos dele. Eram grossos e fortes, calejados pela luta, e tão incrivelmente quentes. — Estou bem, — lhe assegurou.

— Está pálida, tremendo, e assustada dentro de sua mente. Posso senti-la. E não posso deixá-la ficar.

— Autumn é inteligente. Tirou uma foto do Synestryn que tentou levá-la, — Joseph disse.

— Uma foto?

— Com seu telefone. Henry a enviou pra mim. — Joseph puxou uma pasta de sua mesa e a estendeu para Jackie. — Gostaria de olhá-la e me dizer se o reconhece?

Iain pegou a pasta a afastando, encarando Joseph. — Que parte do *isso é pedir demais dela agora* você não entendeu?

Joseph não estava amedrontado. — Poderia perguntar às crianças que encontramos naquela noite, mas os Sanguinar retiraram suas memórias. Tudo o que poderia fazer era assustá-las.

Jackie não podia deixar isso acontecer. — Vou fazer isso. Vou olhar a foto. Se for ele, Zillah, não pode deixar essas crianças se lembrarem de nada que fez.

A postura de Iain gritava que estava irritado, mas entregou a pasta. Jackie a abriu, se abraçando para enfrentar o demônio que acabou e destruiu tantas vidas. Ao invés disso, o rosto que a saudou não era de Zillah. Definitivamente não era humano, com os brilhantes olhos verdes e os lábios finos que mal cobriam seus dentes pontudos, mas não era o que esperava.

Havia algo familiar nele. A foto estava ampliada em um ângulo estranho, apontando para cima, de modo que teve uma boa vista do interior do nariz. A pele do pescoço era texturizada, como se tivesse algum tipo de escamas. Talvez tenha sido um truque de luz.



Sua mão ossuda estava como se bloqueando o flash, assim podia ver as veias negras sobre a pálida pele e que eram salientes em seu pulso. A expressão em seu rosto era de um ódio feroz e de fome.

Era isso, o indicio que precisava.

— Me lembro dele. Visitou as cavernas onde estava presa. Zillah o deixava se alimentar de uma mulher como um tipo de oferta de paz. — Foi repulsivamente educado, de um jeito que seria como oferecer a um hospede uma xícara de café.

Jackie não se importava com a política que encobria a capacidade dos demônios para negociar a vida humana. Tudo que sabia era que o que fez a assustou de morte, pensando que uma das crianças seria a próxima.

— Murak, — Jackie sussurrou, repentinamente se lembrando do que Zillah o chamou.

— Conhece esse demônio? — Iain perguntou, suas palavras soando frias e duras. — Te machucou? Vou arrancar sua fodida cabeça fora.

— Esteve lá apenas uma vez que tenha visto, mas havia algum tipo de dinâmica acontecendo entre ele e Zillah. Uma luta pelo poder? Negociações, talvez? Não tenho certeza. — Jackie olhou para Joseph. — Onde Autumn está agora?

— Queria que viesse para cá, mas seu pai teme por sua saúde mental se permanecessem nessa área. Sua família está abrigada com parentes perto de Chicago. Apenas algumas pessoas sabem sobre a mudança. Tenho um par de guerreiros se encaminhando para proteger a família.

Jackie pensou no passado, tentando se lembrar o que viu e ouviu. Talvez fosse ajudá-los a encontrar esse monstro antes que atacasse de novo.

— Nós poderíamos realmente aproveitar sua ajuda, — Joseph disse, olhando para Jackie. — Esteve presa com eles por muito tempo. Sabe de seus padrões.

— Caos não tem padrão, — Iain disse. — Estaria indo para algo que não estaria lá.

— Talvez, — Joseph concordou. — Mas estaremos fazendo isso. Nós iremos atrás dele. Com ou sem sua ajuda.

Eles o encontrariam no subsolo, onde ele e sua espécie viviam. A ideia de ir para as cavernas fazia sua pele gelada e úmida com o medo. — Não acredito que possa voltar para lá, — sussurrou envergonhada.

— É obvio que não voltaremos lá, — Iain disse. — Ninguém está pedindo para ir.

— Na verdade, nós estamos, — Joseph disse. — Eu estou. Esse Murak está atrás de Autumn por causa da sua idade. Fizeram com ela o que fizeram com Tori. Estão a alimentando com seu sangue num esforço para lhe tornar uma parceira de criação viável. Não vou deixar isso acontecer.

A expressão de Iain se tornou sombria. — Estive procurando por essas cavernas de reprodução por meses, e só encontrei algumas. Como sequer poderíamos saber para onde olhar?

Joseph ignorou Iain e falou com Jackie. — Tudo o que estou pedindo é para ir fazer um reconhecimento. Poderia reconhecer algo.

— Nem pensar, Joseph, — Iain alertou.

Jackie tentou encontrar uma desculpa para não fazer isso. Não era forte o suficiente. — Ele deslocava vários de nós, mas sempre à noite e em vans sem janelas.



— A menos que conduzissem as vans para dentro da caverna, poderia ter visto alguma coisa.

Ela viu, mas estava tão aterrorizada e fraca, não tinha certeza se lembrava direito, e se o que viu não era algum tipo de ponto de referência distinto, apenas enredos conflitantes e inclinações de terra.

Jackie ofereceria o que podia. — As viagens não eram longas, algumas horas. As cavernas estavam perto uma das outras.

Iain sacudiu a cabeça. — Procurei nessas áreas. As cavernas estão lá e não há provas de atividades Synestryn, mas no momento que cheguei lá, foram embora em sua maioria. Apenas alguns retardatários foram deixados.

Se não fizesse alguma coisa, mais crianças seriam tiradas de suas famílias. Mais pessoas seriam usadas para alimentação, deixando-as sofrerem e morrerem na escuridão. A juventude de Autumn seria destruída antes de ser interrompida. Jackie viu isso antes. Não podia simplesmente ficar de lado e ignorar o problema. Precisava pensar em algo que pudesse fazer, mas algo que não pudesse colocá-la de volta na caverna.

Odiava estar prestes a forçar-se a dizer, o que estava se esforçando a pensar, mas era necessário. — Tudo que tem que fazer é pegá-los no momento certo. Quando são incapazes de se moverem.

— Do que está falando? — Joseph perguntou.

— Eles têm essas criaturas gigantes. Vi uma vez. Era maior que qualquer animal que já vi. — Era enorme, pulsava com movimento, como uma larva do tamanho de um ônibus. — É a única coisa que dava vida a alguns de seus demônios. Ouvi Zillah e seu laçao falarem sobre isso lá fora em meu celular, quando acharam que estava inconsciente. — Estava tão gelada, tão fraca. Zillah quase a matou, tirando tanto sangue que seu coração corria para mantê-la viva.

— Não tem que falar sobre isso, — Iain disse, a acariciando nas costas com um leve movimento de suas mãos. — Não se não estiver pronta.

Nunca estaria pronta para falar sobre seu tempo nas cavernas, mas isso não importava. Se os demônios estivessem tentando roubar mais crianças, precisava ajudar a impedi-los. — Essas coisas são necessárias durante alguns meses para produzir uma ninhada, mas quando estão perto de terminar esse tempo, não podem se mover. Eles são muito grandes e muito valiosos para abandoná-los. Se conseguirmos encontrar um ninho durante esse período, então estarão encurralados. Ou pelo menos terão que deixar para trás aquelas coisas para nós matarmos.

— Quanto tempo? — Joseph perguntou. — Sabe de mais detalhes?

Sacudiu a cabeça. — Estavam falando sobre não serem capazes de se mover por mais uma semana. Não sei quanto tempo precisavam ficar.

— Onde era isso? — Iain perguntou.

— Na segunda caverna que estava. Estive lá por mais tempo.

— Se lembra de onde estava? — Joseph perguntou, apontando para um mapa. — Esse é o lugar onde a encontramos. Todos os outros pontos negros representam as localizações de ninhos Synestryn descobertos.



Jackie avançou. Tentou se lembrar, mas tudo o que recordava era o medo e o frio. Ainda não aceitou seu destino e parou de usar a pouca força que tinha para combatê-lo. O que tomou vários de seus meses de dolorosas lições para aprender.

Juntou as mãos em um círculo ao redor de uma das áreas. — Aqui seria a melhor estimativa. Como disse, não se movem muito, por isso tem que estar por perto.

— Essa área está repleta de cavernas, e é perto da cidade dos Mason. É possível que perdemos outro ninho. Terei Nicholas recolhendo as imagens que temos desses sites e faremos catálogos para que olhe através delas. Pode ter uma foto de algo que reconheça. Enquanto isso, prepare o resto do que precise. Você sairá em poucas horas. Precisamos de todos focados em destruir esses locais de ninhadas de demônios ao chão.

— Nós não podemos ir, — Madoc falou depressa.

Joseph se virou e o olhou. — Porque não?

Madoc passou os dedos pelos cabelos em angustia. — Não tenho certeza se eu mesmo acredito nisso.

— Acredita no que?

— Diga a eles, Nika.

Nika sacudiu a cabeça, fazendo a abundância de cabelos brancos em torno de seus ombros. Um sorriso brilhante iluminou seu rosto. — Não. Sabe que todos pensam que estou louca. Não vão acreditar em mim.

— Vocês podem, por favor, se apressar com isso? — Joseph perguntou.

— Desculpe, — Madoc disse, olhando acanhado. Limpou a garganta. — Nós não podemos ir porque Nika esta grávida.

A sala explodiu em surpresa. Tynan se deslocou para a frente de Nika. O rosto de Helen se dividiu em um enorme sorriso. Drake ficou lá atordoado, e Iain ficou completamente parado e em silêncio.

— Como é possível? — Joseph perguntou, a voz cheia com uma boa dose de desconfiança.

— Bem, — Nika disse. — Quando um menino Theronai e uma menina Theronai se amam muito...

— Sabe o que quis dizer Nika, — Joseph retrucou. — Será que não foi traído Madoc?

Madoc tirou sua espada e foi em direção a Joseph para matá-lo. Nika foi mais rápida e se colocou na frente dele, impedindo-o de caminhar. — Devagar, garoto. Não quis dizer como um insulto.

— Deveria ter pensado melhor antes de lhe chamar de puta traidora, então, — Madoc rosnou.

Tynan levantou as mãos e sua voz pareceu encher a sala, abafando todo o resto. — O soro que dei para Madoc para restaurar sua fertilidade deve ter funcionado. — olhou para Nika, em seguida, para Madoc. — Posso?

— Pode o que? — Madoc perguntou, sua lâmina ainda fora e brilhando como um aviso letal.

— Confirmar se é verdade.

— Está chamando Nika de mentirosa? — Madoc perguntou.



— Não, claro que não. Isso é estritamente para minha pesquisa.

A raiva de Madoc desinflou. Olhou para Nika. — Quer tocar em você. Se importa?

Nika deu negligentemente de ombros. — Ok, mas não será capaz de ouvi-la.

— Ouvi-la? — Tynan perguntou.

— Ela? — Madoc gritou, balançando como se pudesse desmaiar.

— Ela é pequena. Sem batimentos cardíacos ainda.

— Tudo bem, — Tynan disse. — Ainda serei capaz de senti-la.

Nika deu de ombros de novo e puxou para cima sua camisa. A calça jeans solta como um saco em torno de sua cintura fina, pendurada em seus quadris. Tynan deslizou sua mão sobre a barriga dela, as pontas dos dedos nuas mergulhando abaixo de sua cintura.

Madoc rosnou.

— Quietos, — Nika disse. — Deixe-o fazer isso. É o único jeito dos outros acreditarem.

A boca de Tynan se ergueu em um sorriso de pura alegria. — Esta certa. Está grávida.

O grande corpo de Madoc começou a se inclinar para o lado, e Drake agarrou seu braço com as duas mãos. — Sente-se antes que caia.

Todos se dirigiram a Nika e Madoc, lhes dando os parabéns pela assombrosa surpresa.

Iain disse que todos os homens foram esterilizados pelos Synestryn, mas aparentemente isso mudou. O soro de Tynan deve ter curado o que estava causando o problema.

Jackie ficou para trás, observando toda a confusão sobre Nika. Não conhecia bem aquelas pessoas para alegrar-se, mas não queria destruir claramente o que era um evento tão importante para eles.

Desabou em uma cadeira, tentando lutar contra a fadiga a drenando.

Estavam felizes, principalmente Helen, que sorriu a Drake com um olhar esperançoso. Ele lhe deu um malicioso sorriso e um rubor se espalhou por seu pescoço. Não disseram uma palavra em voz alta, mas a conexão que compartilhavam era palpável e firme.

Jackie invejava sua irmã por isso.

Seu olhar deslizou para Iain. Ele levantou a vista e a encarou por um longo tempo. Sua expressão estava em branco, mas a emoção fervilhava em seus escuros olhos. Curiosa pelo que estava pensando, estendeu a mão, tentando senti-lo através de seu vínculo da maneira como Helen havia dito.

Não sentiu nada, o que deixou um sentimento de desolação de algum jeito.

Veio para o lado dela e estendeu a mão. — Está cansada. Deveríamos ir.

— Só mais um minuto, — Joseph disse. — Nika, Madoc, vocês dois ficarão aqui e fora de perigo.

— Mas posso ajudar, — Nika disse. — Isso não machucara o bebê.

— Nós não correremos nenhuma merda de risco, — Madoc disse. — Se tiver que fazer, vou amarrar você.

Nika sorriu como se revivesse uma lembrança agradável. — Acho que isso é o que nos levou a essa condição.



Madoc olhou para Joseph. — Se ficar e ouvir, vai querer ajudar, por isso estamos indo agora. — não esperou permissão, simplesmente recolheu Nika sob seu braço e marchou para fora através da porta.

O cara de jogador de Joseph estava firmemente de volta no lugar. — Nika foi fundamental para o anterior resgate, e ninguém pode fazer o que faz, então teremos que repensar nossa estratégia.

— O que faz? — Jackie perguntou, querendo saber se poderia ocupar o lugar de Nika a distância.

— Entra na mente dos demônios, assumindo o controle de seus corpos. E então faz seu cérebro explodir.

Sim. Jackie não faria isso. Não nessa vida.

— Estamos dispersos com Zach e Lexi ainda trabalhando na África, e Gilda e Angus... — Tristeza apertou sua boca antes que continuasse. — Todo mundo terá que fazer sua parte. — Olhou para Jackie. — Você também.

— Não está pronta. Ainda nem sabe o que pode fazer, — Iain disse.

— Aparentemente, tem bastante habilidade com veneno, — Helen disse, o orgulho soando em sua voz. — Salvou a vida de Iain.

— Isso virá a calhar, — Joseph disse, olhando para Jackie. — Não vou fazer você entrar nas cavernas, mas precisamos de sua ajuda de qualquer modo que possa dar. Enquanto nós estaremos trabalhando nos detalhes, precisa ver o que mais pode fazer, mas não podemos esperar muito tempo, assim aprenda rápido. Perto do lago, apenas no caso do dom de fogo correr na família.

— Vamos, — Iain disse. — Nós não temos muito tempo. — Olhou para Tynan. — Pode vir conosco e me analisar? Ainda não estou me sentindo como eu mesmo.

— Certamente, — Tynan disse.

— Deixei um pouco de veneno? — Jackie ficou horrorizada com a ideia de que não tivesse feito um bom trabalho, e que tivesse sofrido nas últimas horas.

— Você fez bem, — a assegurou.

Os três saíram, fechando a porta atrás deles. Iain liderou o caminho, caminhando rapidamente pelos sinuosos corredores.

— Não tem muitas pessoas lá dentro para ajudar a planejar a missão, — Jackie disse.

Iain olhou por cima do ombro. — Farão funcionar. O que estamos fazendo é tão importante quanto.

— O que estamos fazendo exatamente? — perguntou.

— Vou levar você para sua suíte para que possa dormir um pouco. Enquanto faz isso, Tynan estará se certificando de que não restou veneno.

— E então? — perguntou.

— Não se preocupe com essa parte ainda. Um passo de cada vez. — Disse como se tivesse algum outro significado ali, um que não conseguia descobrir.

Temia que o que estava fazendo era dizer a ela, que era muito pior do que qualquer coisa que pudesse imaginar.



Capítulo 12

Iain seguiu Tynan para sua suíte em silêncio. Se concentrou em colocar um pé na frente do outro, para não parar para bater os punhos nas paredes ou puxar sua espada e começar a golpeá-la.

Assim que a porta se fechou atrás de Tynan, deixou sua fachada cair.

Tynan recuou, sua mão indo a cintura.

— Começou a carregar uma espada? — Iain perguntou numa raiva descrente.

— Ter seu pescoço quebrado tem esse tipo de efeito em um homem.

— Não vou te machucar. Mas antes de prosseguirmos, preciso de sua promessa de que nunca vai dizer a ninguém o que estou prestes a revelar a você.

— Claro, — Tynan disse. — Segredos não são nenhum problema pra mim.

Bastardo dissimulado. Por outro lado, era uma das razões que Iain sentia que Tynan era o único que poderia considerar confiável. — Diga.

— Prometo não falar sobre o que me disser aqui e agora.

O peso do voto do homem atingiu fortemente Iain, fazendo-o rosnar. Não importava que tivesse pedido uma promessa. A lógica não desempenhava um papel importante nesse momento na mente de Iain. Era toda uma raiva frenética e uma caótica ira. Manter seu monstro em controle durante a reunião tomou todo seu autocontrole.

— Não sei quanto tempo demorará para que Jackie desperte, então vou fazer isso rápido. — Tão pouco estava seguro de quanto tempo conseguiria se segurar em bater o punho no bonito rosto de Tynan. — Jackie esta vinculada contra minha vontade.

— Isso não é possível.

— Foi quando estava delirando pelo veneno.

— Parece chateado pela vinculação. Imaginava que estaria satisfeito ou pelo menos, aliviado.

Não estava nem um e nem outro. Estava chateado, e a raiva estava crescendo rapidamente a cada segundo que estava longe de Jackie. Sua presença parecia acalmar seu monstro o suficiente para mantê-lo preso, mas agora que ela não estava, seu controle estava deslizando rapidamente. — Quero que me ajude a encontrar um jeito de desfazê-lo.

— Qual voto lhe ofereceu?

Iain olhou pela janela ao iluminado jardim. — De ficar comigo até que estivesse novo em folha.

— Ah. Então o que quer é que termine sua cura para completar sua promessa e libertá-la. Mas por quê? Não quer estar com ela?



Queria. Queria se impregnar de seu espírito e desinteresse. Queria se deleitar em sua beleza e ser o tipo de homem que poderia lhe oferecer o futuro que merecia. Mas nada disso era possível. — Outros homens estão mais necessitados do que eu. Deve ficar com um deles.

— Escolheu você.

— Escolheu errado.

Tynan ergueu as mãos, os dedos longos e elegantes afastaram longe um pouco da raiva de Iain. — Farei o que v pede, mas haverá um preço. Quero sangue em troca de curá-lo.

— Você ainda não entendeu. Não há nada que possa fazer para me consertar. Nunca estarei novo em folha. O que preciso de você é para encontrar um jeito de romper o vínculo.

Tynan sacudiu a cabeça. — Sinto muito. Não posso te ajudar. E mesmo se pudesse, não faria.

— Porque não?

— A gravidez de Nika. Isso o muda as coisas. Para todos.

Iain ainda não digeriu a notícia da cura que Tynan trabalhou. As implicações eram enormes.

Poderia ter um filho.

Enquanto que em um canto de sua mente se enchesse de alegria com o pensamento, o outro ria com zombaria. Um pai sem alma. É isso o que ofereceria a uma criança?

— Há dezenas de outros homens que podem se relacionar com Jackie. Não precisa de mim para isso.

— Escolheu você por uma razão.

— Porque sabia que nunca poderia funcionar entre nós. Tudo o que queria fazer era sair daqui e viver uma vida normal. Ainda não aceitou que isso não é uma opção.

— Então mude sua mente. — Tynan disse como se fosse fácil, como apenas querer que Jackie fizesse alguma coisa para que isso acontecesse. Se esse fosse o caso, então sua luceria já teria caído de seu pescoço.

Frustração crescia dentro dele, alimentando sua raiva. — Não posso. Mal estou me mantendo unido. Tenho medo de machucá-la.

— Madoc se sentia da mesma forma com Nika. Funcionou muito bem. Melhor que isso.

— Não sou Madoc, — Iain grunhiu.

— Poderia ser. Pode estar vinculado a uma mulher que ama, com uma criança a caminho. O que tem que o torna mais merecedor dessa graça?

— Uma alma, — Iain cuspiu antes que pudesse parar. Não queria admitir isso a ninguém. Passou tantos anos protegendo seu segredo, e agora que Tynan sabia, era só uma questão de tempo antes que os outros também o fizessem. Promessa de silêncio ou não.

Se estivesse vinculado a Jackie, eventualmente, veria a verdade disso, sombria e crescente dentro dele.

Os gelados olhos azuis de Tynan se arregalaram e recuou, desembainhando a espada de um anel de aço silenciosamente. — Mudou?

— Estou bem. Expressei-me mal.

Tynan inclinou a cabeça. — Não, não fez. Posso ver isso agora. Um espaço vazio dentro de você. Esteve lá por um tempo. Não sei por que não vi isso antes.



— Não o deixava. Ninguém sabe.

— Devo avisar Joseph.

— Não pode. Deu-me sua palavra.

A boca de Tynan se ergueu em um sorriso de desprezo. — Me enganou.

— Assim como Jackie me enganou. Nós dois queremos a mesma coisa aqui, Tynan. Só preciso de você para me ajudar a fazer isso acontecer.

— Sua morte poderia libertá-la.

— Sei. Se essa for à única opção... — deixou suas palavras se apagassem antes que o monstro se debatesse em seu peito, gritando que nunca se renderia.

— O que supostamente tenho que fazer? — Tynan perguntou.

— Tem que fazer alguma coisa. Tudo o que preciso é estar inteiro novamente por um momento, que é tudo o que demorará para Jackie ficar livre.

As sobancelhas de Tynan retraíram-se sobre seus olhos gelados com a ideia. — Se concordar, se fizer isso, vou querer um pagamento.

— Tanto sangue quanto precisar enquanto eu viver.

— Feito, — Tynan concordou.

O voto de Iain ameaçou curvar seus joelhos. Rangeu os dentes e sofreu com isso. — Agora, — disse ao Sanguinar. — Faça isso agora.

Tynan sorriu. — Com prazer.

Tynan não perdeu tempo em agir. Foi direto para a garganta de Iain, afundando seus dentes na carne do outro homem. Bebeu profundamente, pondo o Theronai para dormir, por isso não haveria medo de violência.

Madoc quebrou o pescoço de Tynan não muito tempo atrás, e não era o tipo de coisa que se esquecia facilmente. Tynan não teria nenhuma chance agora, especialmente com um guerreiro sem alma e com as habilidades de Iain.

Iain ficou mole e Tynan repousou seu volumoso corpo no chão. Poder rugia dentro de Iain, e quando Tynan bebeu se alimentando, a fome desapareceu e seu corpo expandiu com força. Tirou sangue tanto quanto se atreveu, sabendo que o combate seria apenas em algumas horas.

Então, por outro lado, se Iain estivesse fraco demais para lutar bem, cairia em uma batalha sem ninguém ter que saber sobre o estado morto de sua alma. Poderia entrar no Salão dos Caídos com honra, com o trabalho de sua vida intacto e puro.

Por mais que Tynan odiasse a ideia de causar a morte de Iain, não estava no topo de ser tão necessário. Jackie era importante nessa equação. Era a única que precisava proteger a qualquer custo para que seus filhos pudessem vir a este mundo e salvar o povo de Tynan da fome.

Ainda não teve tempo para digerir a notícia de que sua cura havia funcionado. Todo seu povo ficaria contente com a notícia. Mais crianças Theronai, mudava tudo.

Tynan se forçou a tomar nas mãos a tarefa e ver se Iain estava tão mal como temia. Fechou as feridas na garganta de Iain e abriu sua camisa.



Havia várias folhas em sua marca da vida, mas algo estava errado com elas. Estavam paradas e inexpressivas, como se estivessem mortas. Talvez fosse o mesmo tipo de magia que conservou a alma de Madoc estagnada por tanto tempo, lhe dando o tempo que precisava para encontrar Nika.

Tynan passou a ponta do dedo sobre uma folha, concentrando-se nela. Foi então que sentiu a nuances metalizadas do pigmento.

A folha era uma farsa, uma tatuagem sujeita a enganar os outros.

Raiva cresceu profundamente dentro do peito de Tynan. Como Iain se atrevia a colocar em perigo suas vidas mentindo assim? Poderia ter se rompido e começado a matar todos dentro de Dabyr a qualquer momento. O fato de que não fez era apenas uma prova de sua teimosia.

Tynan afundou na mente de Iain, nem sequer tentando ser gentil. Esse homem não merecia gentileza. Era um perigo para todos eles.

Teceu seu caminho através da mente de Iain, procurando suas intenções. Raiva o acertou, quase o derrubando de volta em seu corpo. Havia tanta disso nele, levantando-se em ondas ameaçadoras, pairando sobre tudo, colidindo em volta tão violentamente que Tynan não sabia como Iain aguentava isso.

Com força de vontade, Tynan reuniu sua raiva e a empurrou de lado, dando-lhe espaço para passar. O que restava dentro de Iain parecia uma casca queimada de um prédio bombardeado. Não havia nenhuma estrutura existente, apenas um incêndio de confusão e de caos. Seus pensamentos eram uma massa confusa de ganância, violência e luxúria. Era incrível que ainda não tivesse ferido as pessoas ao seu redor.

Acima de tudo havia uma película brilhante de algo que Tynan nunca viu antes. Quando inspecionou mais de perto, empurrando isso em um pensamento incerto, percebeu o que eram. Controle, ordem e honra.

Iain estava de fato mantendo a si mesmo dominado todo esse tempo, controlando suas ações de modo que suas emoções não aparecessem completamente.

E havia algo mais, também. Uma pequena fita brilhando, fina como um fio de cabelo, tecida através do escuro caos, brilhando onde quer que passasse. Quando a cutucou para ver se isso era algum indício de uma alma, sentiu uma passagem de energia distintamente feminina por ele.

Jackie. Isso era ela, a conexão que fez com Iain através da luceria.

Talvez pudesse cortá-la, libertando-a.

Tynan canalizou um pouco do poder na fita, testando para ter certeza que não iria machucar Jackie com suas ações. Quando mandou uma faísca deslizando por ela, aquilo se encolheu, puxando-se para longe do seu toque como se a tivesse queimado.

Claramente, essa ideia não funcionaria. Não podia por em risco a Jackie.

Iain era outra história.

Antes de tomar qualquer decisão definitiva, precisava ter certeza de que estava condenado à morte. Não poderia ter sequer uma centelha de sua alma para ser abandonada, ou o que Tynan estava prestes a fazer seria imperdoável.



Procurou mais profundamente, deixando sua consciência se expandir em todas as direções, procurando algum indício de vida deixada dentro do homem. Quanto mais profundamente ia, mais caos e raiva encontrava. Laços mortos do que havia sido a alma de Iain se dividiam, se enrolavam tentando se envolver em torno da essência de Tynan. Se esquivava facilmente dos ataques, movendo-se mais profundamente até não ter nenhum lugar para ir.

Uma massa negra gigante surgia onde a alma de Iain deveria estar. Tentáculos feitos de oleosa escuridão serpenteavam ao redor, se contorcendo em agonia.

Não restava nada. Nenhum brilho. Nenhuma faísca. Nada. Tudo que restava aqui estava morto e podre.

Laços grossos sacudiram em direção a Tynan como se procurassem uma presa. Se moveu para fora do seu caminho, e quando fez, viu uma minúscula mancha de algo. Não sabia o que era, mas brilhava contra a escuridão, se destacando num forte contraste.

Mexeu-se para ter uma visão melhor e viu a fita.

A fita de Jackie.

Ela se entrelaçou em seus tentáculos, se envolvendo em torno e ao redor até que estava amarrada em sua pulsação, na massa escura, se unindo a ela. Enquanto observava, enrolava a si mesma em volta de outro tentáculo sinuoso, contorcendo em torno dela como se quisesse estar perto. Onde quer que ela tocasse, os tentáculos se acalmavam, como se estivessem dormindo.

Tynan recuou em estado de choque, aterrissando duramente dentro de sua própria pele. Não sabia o que aquilo significava. Certamente, se estava se incorporando a ele profundamente, teria sentido as coisas mortas apodrecendo dentro de Iain.

Não teria?

Mais importante, se estava alojada profundamente, o que aconteceria com ela se Iain morresse?

Tynan olhou para o anel de Iain. Estava branco como a neve, com apenas um toque muito fraco de ouro se deslocando no interior. Sua vinculação não estava completa.

Novo em folha.

Isso não seria fácil de conseguir. Alguns pequenos arranhões e contusões eram fáceis o bastante para reparar. Tynan fez isso com um simples pensamento, agora que seu corpo estava alimentado com o poder do sangue de Iain. Quando não havia mais nada fisicamente para reparar, a única coisa que podia pensar em fazer era usar sua magia vinculativa de paz em Iain. Era comum o suficiente em sua espécie para forçar uma daquelas promessas de cura, de modo que nunca poderiam levantar a mão contra eles no futuro. A prática era útil nas ocasionais guerras entre as raças quando estouravam.

Ou para quando um dos Theronai perdia sua alma.

Se Tynan não podia quebrar o vínculo entre eles, e não sabia o que a morte de Iain faria em Jackie, então, ao menos, poderia evitar que o guerreiro fizesse algo para prejudicá-lo. Isso lhe daria tempo para trabalhar no problema e pesquisá-lo. Talvez essa não fosse a primeira vez que algo assim acontecia.



Essa raiva de Iain era a preocupação imediata. Nenhum homem poderia andar por aí com tanta raiva e não reagir sobre isso eventualmente. Se pudesse se livrar dessa raiva, então Jackie estaria segura. Pelo menos por agora.

Então é isso que Tynan faria. Agrupou tanto de sua raiva pulsante quanto podia, e a trouxe para si. Não havia outro jeito de se livrar tanto disso de uma só vez. Teria que arcar com o ônus e esperava que seus anos de exercícios de autocontrole dessem resultados.

A fúria de Iain lhe acertou com força, fazendo-o gritar de dor. Sentiu como se estivesse tentando engolir um rolo de arame farpado elétrico. Chicoteava ao redor e dentro dele, golpeando seus limites, procurando uma saída.

Tynan alcançou seu poder e fez o que pode para empurrar essa raiva violenta dentro do menor espaço possível. O esforço o deixou tremendo e enfraquecido, deitado no chão, arfando em suas costas, mas pelo menos conseguia respirar de novo.

Iain acordou com um gemido. Se inclinou sobre Tynan, seu rosto expressando confusão. — Isso funcionou?

Tynan mal podia falar. Sua garganta estava apertada e por dentro dele sentia-se arruinado. — Não posso quebrá-la. Poderia machucá-la.

Iain deu um longo suspiro de resignação. — Não posso deixar você fazer isso. Vou encontrar outro jeito.

Havia apenas outro jeito. A morte de Iain. — Rápido, — Tynan disse. — Está se atando a você. Se se envolver completamente e você morrer, pode levar anos antes que escolha outro homem.

O Theronai acenou concordando. — Me sinto diferente. Melhor. O que fez?

— Nada, — Tynan mentiu. — Vai. Preciso descansar.

— Parece doente. Te machuquei?

— Vai! — gritou, sentindo a barreira em torno da raiva de Iain saliente pela pressão.

Iain se levantou e saiu. Tynan se empurrou em seus pés, logo que teve certeza de que Iain estava fora do alcance de sua voz, e começou a quebrar os moveis com as próprias mãos.

Capítulo 13

Jackie se jogou em sua cama e caiu em um sono, rápido, sem sequer retirar seus sapatos. Despertou sobressaltada um pouco depois, segura de que algo estava terrivelmente errado. Era como se alguém tivesse tirado a espetadas um boi de seu cérebro.

Estava imaginando coisas. Não havia nada em volta, e estava simplesmente reagindo a todas as emoções e o estresse das últimas vinte e quatro horas. Vinculo-se a um homem que mal conhecia, foi atacada, duas vezes, e afastou a oportunidade de ajudá-los, como a covarde que era.

Dormir agora seria impossível. Não precisava fechar os olhos para saber que as imagens das crianças sequestradas e famintos demônios a esperavam.



Alguma coisa estava errada. Podia senti-lo. Iain estava escondendo algo, e apesar de ter-lhe pedido que ficasse fora de sua cabeça, ela mesma continuava alcançando a conexão que fez com ele para fuçar em sua mente em busca de respostas.

Cava vez que se dava conta do que estava fazendo, recuava e repreendia a si mesma por ser tão hipócrita.

Nesses poucos e breves vislumbres que teve, havia sentido raiva, tanta que ofuscava todo o resto. Não estava certa do que havia acontecido para lhe deixar tão irritada, mas o que fosse, o escondia bem.

O que só servia para que se perguntasse o que mais estava escondendo.

Jackie encontrou algumas roupas limpas que foram deixadas dentro de sua porta. Não sabia como chegaram ali, mas estava agradecida por ter algo limpo para vestir.

Retirou suas roupas, parando quando se moveu automaticamente para tirar o colar. Claro que não sairia, mas parecia errado usá-lo no banho, como se estivesse carregando um pequeno pedaço de Iain junto com ela.

Por outro lado, se estivesse aqui, duvidava que pudesse pensar em alguma coisa além de ter suas mãos ensaboando seu corpo. E se o beijo do homem fosse qualquer indicação, não estaria pensando em nada, apenas sentindo.

Mesmo agora, simplesmente em se lembrar daquele beijo tinha o poder de fazer que a pele dela esquentasse e os mamilos endurecessem. Não se esqueceria disso tão cedo, não importando quanta distância tentasse colocar entre eles.

Fez um trabalho rápido no chuveiro, se vestiu e saiu em busca de alguma distração. Estar em volta de Iain era estimulante demais, mas estar sozinha lhe deixava tempo demais para pensar. Agora que pensava nisso, sentiu que podia sair da suíte e ir em busca de comida. Chega de se esconder aqui com medo que alguém pudesse tocá-la.

A pesar de que faltava muito para amanhecer, Jackie encontrou algumas pessoas reunidas no refeitório e na área de lazer. Pessoas que se mantinham em horários estranhos em Dabyr, em apoio aos Sentinelas, se assegurando de que o lugar estivesse funcionando, inclusive a noite.

Uma mulher mais velha estava sentada tomando café e lendo um livro, sozinha em um canto do salão. Por alguma razão, Jackie sentiu uma afinidade imediata com ela, como se as duas fossem capazes de estar sozinhas, mesmo quando estavam rodeadas de pessoas.

— Posso me sentar? — perguntou a mulher.

— Suponho que suas pernas funcionem bem o suficiente. Ou quis me perguntar se te *permito* que se sente? — A boca da mulher estava pintada de vermelho, com linhas de batom espalhadas em suas rugas. Um lápis amarelo prendia seu coque pesado em sua nuca.

Jackie tentou esconder seu sorriso. — Permite que me sente?

— Por favor. Helen me falou muito sobre você.

— Conhece Helen?

A mulher assentiu com a cabeça. — Sou Mabel Hennesy. Senhorita Mabel para a maioria das pessoas aqui. Sua irmã e eu somos amigas há alguns anos. Ela me trouxe aqui.

— Helen te trouxe para viver aqui?



— No começo houve um pouco de resistência, mas acho que combina comigo. É bom estar ensinando de novo, mas depois de tantos anos, não pensei que sentiria tanta falta. — Marcou um local em seu livro com uma fita de seda e o fechou. As paginas eram grossas e amareladas pela idade. A capa era de um couro escuro desgastado, manchado pelo toque de muitas mãos. Não possuía título, apenas uma árvore em relevo se alastrando pela capa.

— Você ensina? Aqui?

— Alguém tem que enfiar um pouco de juízo na cabeça desses adolescentes. Não preciso mais do meu andador, mas me certifico que os desordeiros saibam que ainda sei como usá-lo.

Jackie não sabia o que quis dizer, mas lhe pareceu mal educado perguntar, assim deixou passar.

— Não tenho te visto muito desde que veio viver conosco, — Mabel disse. — Helen disse que Logan e Tynan não foram capazes de apagar as lembranças do que aconteceu com você, como fizeram com as menores.

— Não os deixei. Não tem nenhum jeito de que aceite que alguém tome mais sangue meu.

— Oh, não é ruim ter um homem atraente colocando a boca em você. Deveria tentar isso algum dia. Fez um mundo de diferença pra mim.

O único homem atraente cuja boca não se importava que a tocasse era Iain, e ambos sabiam que isso não ia a lugar nenhum. — Acho que vou passar.

Uma jovem adolescente loira veio até a mesma com um pequeno bloco de notas. Colocou um copo de água na frente de Jackie. — Quer algo para comer? — perguntou.

— Claro. O que tiver está bom.

A menina listou várias opções, e Jackie escolheu uma, realmente não se importava com o que era. Estava com fome o suficiente para comer qualquer coisa, o que não acontecia há muito tempo.

Senhorita Mabel levantou sua xícara. — Vou dar um aquecimento quando voltar. Então precisará voltar para seu quarto e estudar. Tem uma prova surpresa amanhã sobre o capítulo sete.

A menina sorriu com a insinuação, e saiu correndo.

— Ela é tão nova, — Jackie disse. — O que está fazendo trabalhando no meio da noite?

— É sua vez de trabalhar no turno da noite. Fiz uns ajustes nos horários das crianças, mas todos têm que aprender a desenvolver e assumir as responsabilidades. Esse lugar requer um grande esforço para seguir funcionando, e todos temos que ganhar nosso sustento.

— Mas não pode ter mais que quinze anos. Precisa descansar.

— Ela dá um jeito. Além disso, não dorme muito há dias, não desde que sua família foi morta e devorada no ano passado.

Jackie engoliu em seco, perdendo seu apetite em um segundo. — Isso é horrível.

— Não mais horrível do que aquilo que você sofreu, aposte. Todas as crianças aqui têm sua dose de pesadelos. A triste verdade é que são sortudos. Os Sentinelas os encontraram a tempo para salvá-los.

Assim como a salvaram. E ainda assim, aqui estava ela, se recusando a ajudá-los a encontrar Murak por medo de que fosse obrigada a voltar para uma caverna.



E sobre as crianças que estavam presas no subsolo agora? Será que seriam encontradas a tempo de serem salvas? Ou seriam como tantas outras, mortas antes mesmo que tivessem a oportunidade de realmente viverem?

— Você está bem, filha? — senhorita Mabel perguntou. — Está pálida.

— Estou bem. Estou apenas tentando dar sentido às coisas.

— Que coisas? Estou aqui há algum tempo. Poderia ser capaz de lhe dar alguma luz sobre o assunto, seja qual for.

Jackie tomou um gole de água, sentindo o frio deslizar todo o caminho. — Não quero essa vida. Não pertenço aqui.

Senhorita Mabel apontou a luceria. — Me parece que se encaixa muito bem.

— Isso é apenas um acaso temporário, algo que tive que fazer para salvar a vida de um homem. Depois que isso sair, não pretendo colocar outra de novo.

— Se arrepende do que fez? Lamenta tê-la colocado?

— Não. Claro que não.

Senhorita Mabel assentiu. — Veja. Aí está sua resposta.

— Não vejo nada, especialmente não uma resposta.

A mulher mais velha suspirou como se tratasse de uma aluna teimosa. — Estava disposta a dar sua vida para salvar a vida de outro.

— Sim. Então?

— Então, já fez essa escolha uma vez e não se arrependeu. Tudo que tem que fazer é fazer a mesma escolha e não se arrependerá disso também.

Jackie sacudiu a cabeça. — Não segui sua lógica.

— É simples. Você não é o tipo de pessoa que abandona suas responsabilidades apenas porque são difíceis. Já ouvi sobre o que fez para as mulheres nessas cavernas. Meu palpite é que fez a mesma coisa pelas crianças.

Jackie olhou para o outro lado, não querendo pensar nesses momentos. Era muito triste, muito perturbador para estar em primeiro plano em sua mente. — Por favor, não faça isso.

— Meu ponto é que é uma boa pessoa. Coloca o bem estar dos outros antes do seu. Se você se afastar de alguma tarefa que possa fazer, nunca perdoaria a si mesma.

— Não sou a única que pode fazer isso.

Senhorita Mabel lhe deu um olhar incrédulo. — Sabe que é mentira. É especial. Pode muito bem se acostumar com isso.

— Não quero ser especial, pelo menos não assim.

— E eu não quero morrer antes que termine de ler todos os livros do planeta. Não podemos ter tudo o que queremos. Diabos! A metade do que queremos nem se quer é bom para nós.

— Não posso voltar ali — Jackie sussurrou. — Não posso enfrentar a escuridão de novo.

— Claro que pode. Nesse momento há crianças nesse lugar, rezando por um milagre. Não gosto de ser a que te dá a notícia, mas você é esse milagre. Tem que ser você. Ninguém mais sabe o que você faz e tem o poder de atuar sobre esse conhecimento.



A menina voltou e colocou um prato de massa na frente de Jackie, que olhou para aquilo como se fosse algum tipo de prato alienígena.

— Há algo errado? — a menina perguntou.

— Não, querida. Tudo está bem, — senhorita Mabel disse. — Jackie só precisa de um momento. Deixe-a pensar em como fazer isso em paz.

A menina se afastou, olhando por cima do ombro como se esperasse que Jackie caísse.

— Não estou tendo um momento — Jackie argumentou.

— Claro que está. Você está sentada aí, decidindo fazer a coisa certa.

— Não sabe disso.

— Inferno, se não sei.

A irritação fez as palavras de Jackie se entrecortarem. — Como pode saber isso?

A boca vermelha da senhorita Mabel se levantou em um sorriso triste. — Porque tenho passado muito tempo com as pessoas que saíram vivas das cavernas com você. Falam sobre o que fez, dizem que sempre fazia a coisa certa, inclusive quando suas escolhas eram impossíveis. Vai fazer isso de novo agora, porque isso é quem você é.

— Não me conhece. Nunca nos conhecemos antes dessa noite.

— Não, mais conheço o resultado do seu trabalho, e tem vários desses pequenos corpos quentes, dormindo a salvo em seus quartos essa noite por sua causa. Não tenho nenhuma dúvida de que vai continuar leal a sua forma de ser.

Senhorita Mabel se levantou e saiu, pegando seu livro, mas deixando para trás suas declarações perturbadoras, penduradas no ar.

Jackie não era uma heroína. Fez o que qualquer um teria feito em sua situação. Senhorita Mabel estava errada. E mesmo que estivesse certa e Jackie tivesse sido algum tipo de santa, então era hora de um período de férias.

Não era?

Olhou pelas grandes janelas, bem consciente que a vida fora dessas paredes passava por ela. Aí era onde pertencia. Pelos menos queria acreditar que esse era o caso.

Brincou com a luceria, deslizando os dedos sobre a suave faixa. Aquilo parecia ter calor próprio, vibrando um pouco, em resposta ao seu toque. Meio que gostava disso. Não que isso importasse. Em qualquer segundo agora, Tynan curaria Iain e sua luceria cairia. Estaria de volta onde começou, com os homens caindo sobre ela para ter a chance de tocá-la.

A menos que fizesse a Iain uma nova promessa, que durasse mais algumas horas. Talvez uma que durasse tempo suficiente para matar Murak por se atrever a perseguir Autumn.

Apenas a ideia de voltar às cavernas a assustava de morte, ao mesmo tempo em que a preenchia com uma emoção vingativa. Devolver o que haviam feito era o mínimo que os demônios mereciam. E quem melhor para infringir um pouco de justiça sobre eles do que ela?

Mas o que se passava com sua vida real? A que queria tão desesperadamente.

Era difícil agora se imaginar em uma sala de reuniões, repassando os valores de produção e declarações de perda/lucro. Era onde pertencia, onde as coisas faziam mais sentido, mas pareciam



estar tão longes de onde estava agora. Como poderia alguma vez voltar para lá? E se fizesse, como deixaria o passado para trás?

Não sabia as respostas, e por hora, era um ponto discutível. Por enquanto usaria a luceria de Iain, e estaria atada a seu mundo. E enquanto estivesse aqui, sua única real opção era matar tantos demônios quanto pudesse.

Era hora de ir e ver do que exatamente era capaz.

Iain não estava certo do que Tynan fez, mas o que quer que fosse, não estava mais gritando por dentro, lutando contra a constante necessidade de matar. Podia pensar com clareza pela primeira vez desde que Jackie havia colocado sua luceria. As emoções que estava experimentando não desapareceram, mas também estavam silenciosas, lhe dando espaço para pensar. Inclusive o monstro dormia profundamente.

Sua primeira reação era que queria compartilhar sua sorte com Jackie, mas em seguida percebeu que não podia dizer uma palavra. Nem mesmo para ela.

Tynan não foi capaz de quebrar o vínculo, o que significava que não havia nenhuma maneira de libertá-la. Teria que morrer. A pergunta era, quanto tempo seguiria com essa farsa antes de aceitar seu destino? Quanto tempo demoraria em convencê-la a escolher Cain?

Sentiu um disparo de seu poder e supôs que Jackie estava acordada. Seguiu esse fio de poder para fora onde um par de Pedras Sentinelas se assentava ao lado do campo de treinamento. Eram mais altas que um homem e estavam esculpidas com intrincadas runas. Uma delas havia estado ali há muito tempo, e estava coberta de líquen², enquanto a outra tinha certamente sido transportada até aqui. Foi encontrada no porão de um prédio antigo na cidade de Kansas, e possuía uma mancha escura espalhada em vários metros desde a base, onde a pedra estava apoiada na água.

Esses monólitos³ serviam como portais entre os mundos, e mantê-los seguros atrás dos muros de Dabyr era vital para evitar que os Synestryn espalhassem seu mal fora da Terra.

Jackie estava ofuscada pelas Pedras, parada sobre o céu noturno.

— Porque não está dormindo? — perguntou.

Ela se manteve de costas para ele. — Algo me acordou. Não consegui voltar a dormir.

A lua brilhava em seu cabelo brilhante e destacava sua estrutura óssea delicada. Um longo casaco de couro escondia suas curvas, mantendo-a quente. Estava entre as duas Pedras, olhando para as estrelas.

— O que está fazendo aqui?

— Gosto daqui. Estou sozinha, mas não me sinto só, sabe?

A ideia de que estivesse sozinha o incomodava. Deu um passo mais perto, pegando seu perfume pela brisa da noite. — Vou te fazer companhia, se quiser.

² Líquen: vegetal que vive no solo, nas árvores, nas pedras, formando um talo achatado e ramos, que estão associados aos cogumelos e algas.

³ Monólito: Pedra de enormes dimensões.



Ela assentiu distraidamente, olhando para algo, colocando sua mão perto entre as Pedras. — Pode sentir isso? — perguntou.

Iain olhou e não viu nada. Não sentiu nada. — Não. Do que está falando?

Ela pegou a mão dele, enrolando os dedos em volta da palma dele. Em seguida a colocou no ar. — É mais quente aqui.

— Não sinto nenhuma diferença. — Exceto o modo como suas células se animaram com seu toque.

— Nem Helen consegue. Deve ser apenas eu. — suspirou em decepção e sua mão caiu ao seu lado. Iain manteve seus dedos juntos ainda não estando disposto a renunciar tocá-la.

— Quer que investigue? Poderia ser algum tipo de arma Synestryn.

Jackie negou com a cabeça. — Não se sente sinistro. Se sente... familiar, como um abraço de um velho amigo.

— Talvez isso seja o que querem que sinta.

Lançou-lhe um olhar aguçado. — Vivi com eles dois anos. Não saberiam como é abraçar um amigo, mesmo em seus sonhos mais selvagens. Não são como nós, Iain. São maus, monstros sem alma.

Ele mal sufocou o estremecimento com suas palavras. Elas não deveriam tê-lo machucado, não deveria nem mesmo ser capaz de sentir dor. Mas sentiu.

Soltou seus dedos dos dedos finos dela e enfiou as mãos nos bolsos. Se sua verdadeira natureza alguma vez fosse revelada antes dele morrer, não lhe agradeceria por ter sido tocada por um monstro sem alma.

— Deve voltar para dentro. Precisa descansar.

— Não, o que precisava era encontrar minha motivação, a que achei. Vou com eles.

— Ir para onde com quem? —perguntou.

— Caçar. Com os outros. Joseph está certo. Conheço mais sobre essas cavernas do que ninguém. Deveria estar lá fora, procurando a fonte de toda essa maldade.

Começou a negar com a cabeça antes mesmo que acabasse de falar. — É muito perigoso. Não está pronta.

Estendeu a mão e uma pequena chama brilhante brotou de sua pele. — Estou pronta. A magia é coisa simples. Cansativa, mas simples.

— A conexão entre nós é muito nova e pequena para que possa usá-la muito.

— Sinto isso crescendo. Você não sente?

Sentia. Muito rápido. Logo, não seria capaz de bloquear seus pensamentos dela e saberia que estava sem alma. Não queria que isso acontecesse. Queria morrer com o resto de sua honra intacta. — Está sofrendo com efeitos negativos?

Ela franziu o cenho como se estivesse tentando decifrar algo. —Notei uns sentimentos estranhos, mas não é ruim.

— Que tipo de estranhos?



Jackie hesitou um momento como estivesse tentando encontrar as palavras certas. — É como se fosse cercada por um vazio negro, e às vezes uma pouco de luz cintila para a vida. Isso aconteceu logo depois de aprender algumas coisas novas que posso fazer.

Iain nunca ouviu falar de tal coisa, e isso só o incomodava. Ela havia estado à mercê de Synestryn durante muito tempo, não havia como saber o que poderiam ter feito para ela. — Devemos dizer a Joseph e Tynan. Gilda provavelmente teria tido algumas respostas...

— Mas agora está morta.

Assentiu com a cabeça.

— Ela e seu marido morreram na noite que te libertamos. Eram o casal vinculado mais antigo entre nós. Agora essa honra corresponde a Helen e Drake.

— E eles não são exatamente especialistas.

— Há um casal na Inglaterra e outro na Austrália. Estão juntos quase tanto tempo como Gilda e Angus estiveram. Pode ser que saibam alguma coisa.

Jackie negou com a cabeça. — Tenho certeza de que não é nada para se preocupar. Não é como se fosse lidar com isso por muito tempo.

A princípio pensou que sabia dos planos para acabar com sua vida, e logo percebeu que achava que só precisava superar um caso de sofrimento. Não podia permitir que tivesse crenças falsas. Não era justo. Precisava saber da situação. — Tynan não foi capaz de romper nosso vínculo. Se ele não pode, não sei quem pode.

Deu-lhe um triste sorriso. — Como pode consertar um coração partido?

O desejo de deixar escapar que não era seu coração, mas sua alma que precisava ser consertada pressionou em seus lábios. — Não quero que se preocupe que vai ficar presa, atada a mim.

— Sinto falta da minha antiga vida, e realmente quero voltar, mas primeiro preciso fazer isso. Estar vinculada a você me dá mais poder do que jamais imaginei ser possível. E se você nunca superar Serena, então vou aprender a viver com isso, de alguma forma. Vou seguir em frente com minha vida, e você pode fazer o mesmo. Vamos seguir nossos caminhos separados. Pelo menos não morrerá agora, certo?

Seu olhar deslizou para longe dela. Não podia olhar em seus olhos, enquanto mentia. Merecia mais do que isso. — O que vai fazer quando não estivermos mais vinculados?

— Voltar para minha vida, é claro. Nunca escondi o fato do que é o que quero.

— E sobre os outros homens? Poderia salvar um deles enquanto faz isso?

A boca de Jackie caiu aberta. — Não sei, Iain. Quero ser o tipo de pessoa que ajudaria, mas sinto que já dei muito de minha vida para os demônios. Se aceitar outra união, então o que me impediria de ser puxada de volta para seu mundo?

— É o seu mundo, também. Pertence aqui.

— Sei que pensa assim, mas tenho que fazer o que é certo para mim. Estou me esforçando para ser uma boa jogadora sobre nossa acidental situação. Nem sequer pirei quando disse que Tynan não conseguiu me libertar.

— Porque já esta com a cabeça feita para seguir em frente, com ou sem nosso vínculo.



—Vou ajudá-lo a encontrar os locais de reprodução, mas uma vez que a ameaça se for, tenho que seguir em frente. Vou ficar louca se toda minha vida acabar sendo uma serie de terror e dor.

Como foi nos últimos dois anos.

Tentou esconder sua simpatia por ela, sabendo que seria interpretada como compaixão. Sua Jackie não queria compaixão de ninguém. Era independente demais para isso.

— Está falando serio sobre ajudar a encontrar esses ninhos? — perguntou.

— Estou. Vamos fazer isso juntos, e depois disso, preciso que você, que todos vocês, me deixem ir.

Esse era provavelmente o único presente que seria incapaz de dar a ela, não queria que ela passasse por isso. — Eu vou. Vou deixá-la ir. — De uma forma ou de outra.

Capítulo 14

Jackie examinou as fotos que Nicholas lhe deu, buscando algo que parecesse familiar. Muitas das entradas das cavernas estavam protegidas por matagais, mas apenas uma delas era um buraco que ia diretamente para o chão.

Assim que a viu, ser lembrou... lembrou de olhar por cima da borda, sabendo que uma vez que estivesse lá embaixo, nunca seria capaz de rastejar para cima de volta. A descida era muito íngreme e os braços estavam muitos fracos pela fome e pela perda de sangue.

— Essa, — disse, entregando a foto a Iain. — Essa parece a certa.

Ele assentiu, sua expressão dura. — Vamos precisar de equipamentos de rapel. E você vai precisar de roupas quentes. Uma frente fria está se deslocando.

— Quando nós iremos?

— Assim que estiver pronta. Deveria dormir um pouco primeiro.

Não havia maneira de que pudesse dormir, sabendo que logo que acordasse, estaria voltando para a fonte de seus pesadelos. —Vou dormir no carro, — mentiu. — Só quero acabar com isso.

— Te encontro na garagem em vinte minutos. Irá encontrar tudo o que precisa na sala de armazenamento. Vou deixá-la lá no caminho.

Vinte minutos mais tarde, estava com uma bolsa de viagem cheia com mudas de roupa, produtos de higiene e uma arma totalmente carregada e balas de reposição. Ficou ao lado da porta da garagem subterrânea, observando Iain caminhar pelo corredor. Suas pernas longas e grossas comiam a distancia, e os braços inchavam com o peso do equipamento que carregava.

Ele a avaliou de cima a baixo, os olhos negros brilhando com respeito. — Foi rápida.

— É fácil fazer as malas quando não possui nada.

Seu comentário impertinente o fez franzir o cenho. — Vamos corrigir isso quando voltarmos. Deve ter coisas que te fazem feliz.



— Coisas não fazem uma pessoa feliz.

— Vai me fazer feliz te ver com elas.

Tentou imaginá-lo sorrindo, e a única imagem que conseguia evocar era a dele sorrindo para Serena, o amor enchendo seu olhar. Teria gostado de tê-lo olhando para ela com metade dessa emoção. Inferno, mesmo um simples sorriso seria um milagre.

— Por que nunca sorri? — lhe perguntou quando entraram na garagem.

— Demônios vagam pela terra. As pessoas que considero minha família continuam morrendo. Possivelmente não vou viver para ver o verão. Que motivos tenho para sorrir?

A ideia de sua morte a deixou fria. Sua voz saiu em um vacilante sussurro. — Por que acha que vai morrer?

— Essas coisas acontecem, — foi tudo o que disse.

Jackie estava certa de que havia mais alguma coisa do que isso. — Só isso? Essas coisas acontecem?

Abriu as portas do grande SUV e arrumou seus equipamentos na parte de trás. Tomou a alça da bolsa dela do ombro e a acrescentou ao monte. — Vivi muito tempo. Tive mais sorte que a maioria. Não posso envelhecer e morrer como um humano, mas posso ser morto. Eventualmente, serei. Não é algo que precise se preocupar.

— Claro que vou me preocupar. Especialmente quando fala assim. Eu... me importo com você.

Sua mandíbula se apertou e seu olhar ficou frio. — Não, — foi tudo o que disse, e então se virou e foi para trás do volante.

Jackie entrou e prendeu o cinto de segurança. — Sabe, se não relaxar, ou pelo menos, tentar superar seu passado, então vai ficar preso a mim por um longo tempo.

— Não precisa se preocupar com isso.

— Quer dizer que não preciso me preocupar ou que não é assunto meu?

— Tome-o do jeito que a faça deixar de falar disso mais rápido.

Jackie não estava disposta a desistir disso. Iain era frio, mas era só porque estava ferido. Perdeu a mulher que amava. Isso deixaria qualquer pessoa um pouco fria. E se isso tratasse somente dele, poderia ter respeitado sua decisão de se afundar em sofrimento. Mas não era. Seu afundamento a afetava diretamente. Enquanto estivesse sofrendo, iria estar vinculada a ele, e não importa quão maravilhosamente quentes seus beijos fossem, nenhum deles queria isso. Não estava só insistindo por ela, mas também por ele.

— Entendo por que a amava. Poderia ter sido a mulher mais linda que já nasceu. E destemida, também.

— Jackie, — a advertiu.

— Na minha visão, parecia que vocês estavam juntos por um tempo e ainda assim não tomou sua luceria. Porque não?

Um músculo em sua mandíbula palpitou e os nós de seus dedos ficaram brancos quando o controle sobre o volante apertou. A princípio, não achou que fosse responder, mas esperou, com esperança de que o silêncio se expandisse até que não tivesse escolha, ao não ser preenchê-lo.



— Sua mãe, — disse entre dentes. — Sua mãe a proibiu. Eu não era bom o suficiente para Serena, e sua mãe a obrigou a esperar, com esperança de que outro companheiro compatível se apresentasse.

— Isso nunca aconteceu, — Jackie adivinhou.

Iain negou com a cabeça. — Não, isso aconteceu. Dois dias antes dela... — Ele parou, em seguida esclareceu a garganta. — Outro guerreiro veio até a cidade onde estávamos hospedados. Seu anel reagiu, e a mãe de Serena, a entregou a ele.

— Entregou?

— Os costumes eram diferentes naquela época. A mãe de Serena havia vivido durante séculos e seguia os velhos costumes. Achava que Serena era sua propriedade e que podia fazer o que quisesse com ela. Assim fez.

— Mas a vi com você. Parecia que vocês dois estavam planejando... você sabe.

— Serena fugiu e veio para minha casa. Decidimos nos vincular um ao outro naquela noite. Não queria esperar, mas ela queria que tudo fosse perfeito. Eu a conhecia. Sabia que o voto que me daria seria para sempre. Não teria deixado espaço para sua mãe nos separar, ao não ser a morte.

— Mas vocês foram atacados, — Jackie disse, se lembrando de sua visão. — Nunca teve tempo de lhe dar um voto.

Assentiu levemente com a cabeça. — Ela morreu por minha causa, porque não tive coragem de roubá-la de sua mãe autoritária. Queria que me aceitasse como um filho, para que fossemos uma família. Pensei que Serena quisesse isso, então joguei para ser agradável. Custou a vida de Serena. Se tivesse acesso ao meu poder, poderia ter se defendido. Teria sobrevivido.

E ainda estaria com ela, feliz como todos os outros casais Theronai.

A perda daquela felicidade era tão trágica quanto à morte de Serena. E ainda, se estivesse vinculado à outra mulher, Jackie não teria tido coragem de escolher qualquer outro homem. Ele era o único que poderia ter escolhido. Todos os outros, teria decepcionado. Foi a falta de esperança de Iain que havia lhe permitido ter uma oportunidade, a mesma falta de esperança que ainda o impedia de seguir em frente.

Talvez um homem como ele nunca conseguisse superar a morte da mulher que amava.

Talvez fosse o que roubou sua esperança.

Sua cabeça caiu para trás contra o assento em frustração. Essa situação parecia impossível, e quanto mais pensava sobre isso, mais as coisas pioravam.

Estava vinculada a um homem que estava apaixonado por uma mulher morta, quando o que realmente queria era que a amasse.

Jackie endureceu em seu assento quando a compreensão a acertou.

Não. Isso não podia ser verdade. Não queria seu amor. O que diabos faria com isso, mesmo que o tivesse? Estava forte e independente e pronta para retornar a sua antiga vida.

Não estava?



Será que isso realmente importava? Não havia como um homem como Iain pudesse amá-la. Não era nenhuma beleza exótica que iria de igual para igual com os demônios, armada apenas com uma fina espada e reflexos incrivelmente rápidos.

Olhou para ele, apreciando a visão. Sabia que não deveria olhar, mas estavam muito próximos para resistir, e olhá-lo acalmava um pouco do medo que vibrava dentro dela.

Havia algo reconfortante em sua evidente força, na espessura de seus membros e largura de seus ombros. Ao mesmo tempo, se consideraria superficial por pensar nessas coisas, mas depois de ter visto o que fazia em uma luta, se deu conta de que tais ativos estavam sendo mais que simplesmente um colírio para os olhos.

Seu corpo preenchia o espaço, irradiando calor e energia. Não precisava tocá-lo mais para sentir a reserva de poder que abrigava. Ela se tecia através de sua conexão, aumentando o canal a cada hora que passava.

Perguntou-se o que estava pensando, mas não se atreveu a tentar alcançar e ler sua mente. Isso era muito íntimo, muito invasivo. Se tivesse feito isso com ela, teria estado de mau humor, então manteve sua mente para si mesma como uma boa menina, apesar de sua curiosidade.

— Não pode se culpar pela morte de Serena, — disse. — Se quiser culpar alguém, culpe sua mãe e suas crenças arcaicas.

— Acho que seria melhor não discutirmos sobre isso.

— Preciso de algo que distraia minha mente do que estamos prestes a fazer. Ainda não posso acreditar que me deixei convencer a voltar a uma dessas cavernas. Se os demônios me encontrarem e me arrastarem...

— Não vão. Não vou permitir isso. — Disse essas palavras como se realmente acreditasse, como se pudesse controlar o resultado através de sua pura força de vontade.

— Você pode não ser capaz de detê-los. E se for envenenado de novo?

— Você tem meu poder agora. Não está mais indefesa.

Isso era verdade. Às vezes, sabia que podia sentir uma nova habilidade saindo do nada. Helen lutou para aprender a usar o fogo. Lexi teve problemas para fazer qualquer coisa por um tempo. Mas ao contrário de suas irmãs, o conhecimento parecia surgir em sua cabeça quando precisava dele, como se tivesse nascido sabendo o que fazer. Mesmo as coisas que nunca tentou realmente antes, estava certa de que poderia conseguir.

Pelo menos sua confiança não foi destruída com o resto de sua vida.

Viajaram em silêncio por mais de uma hora. O cansaço começando a se arrastar por ela. Não dormiu muito em dias, e temia que atrasasse seus reflexos ou dificultasse seu discernimento. Fechou os olhos, na esperança de tirar um cochilo e caiu em um sono profundo sem sonhos.

O motor do carro ficou em silêncio, acordando Jackie num sobressalto.

— Tranquila, — Iain disse, colocando uma mão reconfortante em sua coxa. — Está tudo bem.

Tinha despertado tantas vezes no terror e desgraça durante seu cativeiro, era difícil se lembrar que estava a salvo agora. Naqueles poucos segundos antes que se lembrasse que estava livre, seu corpo reagia, enchendo seu sistema de adrenalina.



Seu coração disparou, e era difícil respirar normalmente. Focou-se no calor da mão de Iain sobre sua perna, penetrando através de seus jeans. Isso era real. Solido. Não iria deixar que nada acontecesse com ela.

Lentamente, seus nervos abalados relaxaram, e encheu seus pulmões com oxigênio para desacelerar suas respirações.

— A próxima vez me certificarei de que acorde mais suavemente, — disse, a olhando imóvel.

Esse comentário enviou todo tipo de ideia interessante flutuando por sua cabeça. Sua boca era suave. Poderia definitivamente usá-la em bom proveito. Não se importaria nada de acordar encontrando sua boca sobre a dela.

Não que isso fosse acontecer, mas era bom para se pensar, e Iain deu outra coisa para ocupar sua mente que não tinha nada a ver com medo.

Estavam estacionados fora de uma pequena casa onde os vizinhos estavam tão longe que mal conseguia vê-los. O sol estava baixo no céu, lançando sombras sobre o chão duro. Dormiu durante horas, provavelmente graças ao efeito calmante de sua proximidade.

— Onde estamos? — perguntou.

— Você queria visitar Samson. Essa é sua casa.

Surpresa e alegria deslizaram por ela, a aquecendo. — Você arranjou isso?

Encolheu os ombros pesados e puxou a mão de sua coxa. — Joseph não sabe, mas os pais adotivos de Samson estão nos esperando.

Estava tão animada em vê-lo e mantê-lo perto. Era tão precioso, e o fato de que ainda estava vivo depois de várias semanas era um milagre.

Estendeu a mão para a maçaneta da porta do carro, e correu em direção a casa. Iain deslizou suavemente na frente dela, bloqueando seu caminho. — Há algo que você precisa saber antes de entrar.

Havia algo errado com Samson? Estava doente ou morrendo como tantos outros bebês meio Synestryn?

O medo se assentou em seu estômago, frio e duro. Não sabia se queria saber. — O que?

— Ele não tem um crescimento normal.

Ela agarrou seu braço para se firmar. Isso não podia estar acontecendo, não depois de ter superado as probabilidades e sobreviver.

Negação veio para defender Samson, protegendo Jackie de seus piores medos. — Não podem saber ainda. Ele tem apenas algumas semanas de vida. Não tem como dizerem que ainda não está crescendo. Dê-lhe tempo.

As mãos de Iain alisaram seu cabelo em uma carícia reconfortante. — Não, não é isso. Está crescendo, mas está crescendo rápido demais. Não é a criança que você se lembra. Não quero que você fique chocada em vê-lo.

— É grande demais?

Iain assentiu, colocando suas mãos em seus ombros. — Tenho certeza que tem exatamente o tamanho que deveria ter, mas não é normal para um humano. É possível que tenha sido



alterado de alguma forma para que pudesse crescer rapidamente, ou simplesmente ser um efeito colateral de sua filiação.

Enquanto ele a estava tocando, seu medo por Samson era administrável. Havia alguma coisa em estar perto de Iain que fazia as piores coisas não parecerem tão ruins.

Assentiu com compreensão, e em seguida pegou sua mão, enfiando os dedos entre os dele. Precisava ser forte por Samson, e se isso significava se agarrar a Iain como uma colegial apaixonada, então é isso que faria. — Quero vê-lo, mas não podemos ficar muito tempo. Está quase escuro. Não vou trazer qualquer perigo para ele.

— Ok. Vamos.

Hope passou todo o dia se hidratando e descansando sob o sol, absorvendo tanto quanto podia. Ele penetrou em suas células, revivendo-as de um jeito que ainda não entendia. Antes que o crepúsculo caísse, correu de volta para a suíte que dividia com Logan.

Retirou suas roupas e se deitou na cama ao lado dele. Ainda estava frio lá fora, e seu calor vital se envolveu ao seu redor, fazendo-a tremer. Mesmo tão profundamente quanto ele dormia, deve ter sentido sua presença e se virou para colocar seus braços em volta dela.

Hope acariciou seu braço, maravilhada como seu corpo mudou desde a primeira vez que o viu. Possuía ângulos finos e ossos pontudos, morrendo de fome por seu sustento. Foi arrebatadoramente bonito, mas agora era ainda mais. Densos planos de seus músculos se destacavam sobre sua pele macia, tentando seus dedos a vaguearem sobre eles, memorizando cada canto e cavidade.

Sua respiração era profunda e uniforme, mas a medida que o céu escurecia, começava a se mexer e acordar.

Precisava do momento exato. Se estivesse com muito sono, não poderia responder, mas se despertasse completamente, iria rejeitar o que queria. E Hope estava determinada a ser do seu jeito nisso. A vida de Grace dependia disso.

Cobriu seu corpo nu sobre o seu e se esfregou contra ele. Seu pau se contraiu e endureceu, e deu um gemido baixo de prazer. Ela já estava molhada, depois de ter planejado sua sedução durante todo o dia. Um leve zumbido de excitação a inundou, fazendo-a se sentir fraca e forte, tudo ao mesmo tempo.

Hope o montou e mexeu seus quadris, se deslizando em lentas e apertadas investidas. Sua respiração se acelerou, e seus lindos olhos começaram a agitar-se quanto mais despertava.

Qualquer segundo agora, seu cérebro se colocaria em marcha e sua necessidade de protegê-la retrocederia. Ele se alimentou dela há apenas dois dias atrás, e sabia que iria resistir em fazê-lo de novo tão cedo com medo de machucá-la. Não importava o quanto discutisse com ele que estava bem, que tudo o que levava para se recuperar era um pouco de tempo ao sol e um pouco de água, ainda se recusava. Mas não essa noite. Essa noite faria do seu jeito.

Puxou-o pelos ombros, incitando-o a sentar-se. Moveu-se lentamente, sem sua habitual graça, mas fez o que pediu.



Hope se deitou completamente sobre ele, amando a sensação dele enterrado tão profundamente como pudesse estar dentro dela. Embalou sua cabeça, trazendo sua boca para a garganta. — Beba, — sussurrou.

Logan deu um pequeno grunhido, animalesco, mas manteve seus lábios fortemente fechados.

E se esperou muito tempo e ele já tivesse acordado o suficiente para saber o que estava fazendo?

Era difícil pensar com sua ereção a estirando, e a pressão do seu corpo contra o dela. Pensou que poderia manter melhor a cabeça do que isso. Estiveram juntos tantas vezes desde que se conheceram. Não era como se tivesse algo novo. — Por favor? — disse, usando seus dedos para abrir suavemente seus lábios. — Eu preciso disso. Morda-me.

O grunhido aprofundou, vibrando em seu peito. Um segundo depois, se virou e caiu duramente na cama. Os quadris de Longa bombeando, se impulsionando contra ela com golpes profundos e fortes. Seus dentes roçaram seu pescoço, em seguida, uma dor aguda a fez suspirar.

A boca de Logan selada em sua pele, enquanto bebia, a ligeira sensação de sucção fazendo sua cabeça girar. Seu pau continuou se movendo dentro dela, afastando sua capacidade de pensar. Deixou-se levar, cedendo às exigências do seu corpo, e começou a se mover ao mesmo tempo que ele.

Prazer se envolveu dentro dela, puxando-a mais e mais a cada investida, cada sucção em seu pescoço. Nem se quer se preocupou em tentar pará-lo. Deixou-se ir e deixou o orgasmo vir, ricocheteando dentro dela.

O som de seus gritos encheram o quarto e os braços de Logan apertaram em torno dela enquanto se introduzia profundamente. Solto um áspero gemido e entrou dentro dela, a enchendo enquanto as últimas ondas que pulsavam de sua própria liberação diminuía.

Sonolenta e saciada, estava lá, curtindo o curso da língua dele em sua pele e o calor de seus corpos unidos.

— Você me manipulou, — Logan disse. Se ergueu em seus braços e a olhava com um suave brilho emanando de seus pálidos olhos.

— Talvez um pouco. Mas não estava mentindo. Precisava que fizesse isso.

— Por quê? — Sua mandíbula ficou tensa, cheio de raiva.

— Aquela mulher que lhe falei? Aquela que me enviou aqui? Lembrei-me de como fazer contato com ela usando as Pedras Sentinelas, e vou precisar de sua ajuda.

— Você não precisa me enganar para fazer isso.

— Precisava e você sabe disso. Todo seu esforço estava centrado em curar as crianças, livrando-os do sangue envenenado que fluía em suas veias. Você estava cansado o tempo todo. Não tente fingir o contrário.

— Não quero que você se preocupe, — disse, apartando seu cabelo longe do rosto. Ainda estava duro dentro dela, aparentemente sem pressa em liberar seus corpos.



Estaria se afastando dela, se estivesse realmente irritado, não estaria? Ou talvez estivesse fazendo isso para distraí-la. Uma mulher não conseguiria pensar direito nessa posição. Simplesmente não era possível.

— Você disse que mexer com os portais era perigoso. Não quero nenhum de nós dois fracos demais para fazer isso, então passei o dia no sol para me recarregar de modo que nós dois poderíamos estar fortes.

Seus olhos correram por seu rosto, olhando pra ela com tanto amor que ainda não podia acreditar na sorte que teve. Nunca esperou que alguém a amasse da forma que Logan fazia... e certamente não com um físico de um deus.

— Vamos fazer essa coisa, então, — disse. — E então voltaremos aqui onde poderei fazer amor com você corretamente.

Sorriu pra isso. — Corretamente? Há algo errado com o que fizemos?

— Sim. Você precisa de beijos e carícias preliminares e muito mais orgasmos. — Ele se afastou dela e se dirigiu para o chuveiro.

Não se atrevia a segui-lo com medo que cumprisse sua promessa e passassem o resto da noite na cama. A triste verdade era que Grace podia não ter tanto tempo.

Poucos minutos depois, Hope levou Logan para fora para a Pedra Sentinela que foi recentemente localizado no velho edifício Tyler. Necessitaram de um caminhão e a magia de várias mulheres poderosas para conseguir trazê-la de lá, mas o esforço valeu a pena.

— O que vamos fazer? — Logan perguntou.

Hope pegou o amuleto de madeira em torno do seu pescoço — um que estava escrito seu nome. Foi o único item que havia chegado com ela até o portal. Ainda não possuía suas memórias para guiá-la, apenas essa única coisa que oferecia mais perguntas do que respostas.

Até que conheceu Logan. Ele a ajudou a abrir a porta de seu passado, permitindo que descobrisse quem era, pela primeira vez em anos.

Enrolou a mensagem que escreveu e a envolveu no cordão de couro segurando o amuleto. — Nós iremos abrir o portal e jogar isso dentro. Com alguma sorte, alguém vai encontrá-lo e enviará ajuda para Grace.

Ele colocou seu cabelo atrás da orelha e passou os dedos abaixo em sua garganta, nunca quente carícia. — Você tem certeza que vale a pena o risco?

Hope assentiu. — Grace vale à pena.

— Vale, mas você tem certeza que há alguma esperança em encontrar ajuda desse modo?

— Se a mulher que me enviou aqui é tão poderosa como eu acho que é, há uma chance real de poder criar algum tipo de cura. Tudo que tem que fazer é lançá-la pelo portal e nos iremos ser capazes de salvar Grace.

Logan respirou profundamente e assentiu com a cabeça. — Como quiser, amor.

Capítulo 15



Iain sentia as furiosas emoções de Jackie pulsando através da luceria. Estava empolgada e com medo, repleta de esperança e negação. Não era tola. Sabia que as probabilidades de Samson sobreviver eram poucas - não só porque tantas crianças como ele haviam morrido poucas horas depois de seu nascimento, mas também porque se mostrasse até mesmo o menor sinal de tendências Synestryn, seria enjaulado ou morto.

Seus dedos tremiam entre os dele, e isso lhe trazia instintos protetores que pensava que estavam mortos há muito tempo. Uma coisa era saber que seu trabalho consistia em manter alguém seguro, mas outra coisa completamente diferente era *querer* fazê-lo. Esse desejo foi embora há tanto tempo, que era difícil mantê-lo controlado.

Não fazia ideia do que estava acontecendo - se suas próprias emoções estavam sendo restauradas, ou se estava simplesmente se apropriando de algumas de Jackie, mas seja qual for o caso, estava achando difícil se lembrar de seu dever além de onde se referia a ela.

Havia um potencial ninho de reprodução de demônio não muito longe daqui. Era para lá que deveriam ter ido, mas não podia controlar o impulso de fazê-la feliz - dar-lhe a chance de ver a criança que salvou com sua perspicácia.

Se Jackie não notasse que o sol parecia afastar a mácula Synestryn que existia dentro de Samson, as chances eram de que já estivesse morto. Parecia justo deixar que o visitasse e visse com seus próprios olhos como estava.

Iain bateu na porta, e esta se abriu para revelar um homem jovem. Estava bem barbeado, vestindo uma amarrotada camisa de botões e uma gravata frouxa, como se tivesse acabado de chegar do trabalho. — Sim?

— Sou Iain Terra. Essa é Jackie Patton.

O rosto do homem se iluminou com reconhecimento. — Nós estávamos os esperando. Entrem. — deu um passo atrás para dar espaço para que eles passassem.

— Sou Will, e esta é a minha esposa, Dana.

Dana levantou do sofá. Também era jovem, bonita, e estava usando um moletom amarrotado e uma camiseta manchada. Cansaço pairava sobre ela, mas também havia um ar de felicidade. Ofereceu-lhes um sorriso cansado. — Estamos contentes que puderam vir. Esperem um pouco. Vou pegar Samson. Tenho certeza que está acordado agora.

— Não o acorde se estiver dormindo, — disse Jackie. — Não quero perturbá-lo.

Seus dedos apertaram os de Iain, e tentou enviar-lhe conforto através de seu vínculo. Não sabia exatamente como fazê-lo, ou se era mesmo capaz de tais coisas, mas precisava tentar.

A cada minuto que passava, a ira crescia dentro dele. Não estava tão ruim como estava antes de seu encontro com Tynan, mas sentia que se espalhava, aumentando com o passar do tempo. Por enquanto era capaz de pensar claramente e dar a Jackie o que precisava, mas não sabia com certeza quanto tempo teria até que tudo o que pudesse pensar fosse em encontrar algo para matar.



Seus dias estavam contados. Não queria gastar os últimos que possuía lutando contra a raiva, quando poderia usá-los para tentar ajudar Jackie a ver que seu mundo não era tão ruim. Que pertencia a ele.

— Estamos muito felizes de que Joseph tenha decidido nos deixar ficar com Samson. Trouxe tanta alegria para nossas vidas, — disse Will.

— Então não há sinais de que é mau?, — Perguntou Jackie.

Will hesitou. — Ele é... diferente da maioria das crianças. Como disse à Iain, está crescendo rapidamente. Come muito, e parece preferir carne a outros alimentos.

— Carne?, — perguntou Jackie. — É muito jovem para comer carne.

Dana entrou na sala de estar. Uma criança caminhava ao seu lado, cambaleando em seus pés.

O choque de Jackie explodiu através de seu vínculo, e uma fração de segundo depois, seu corpo começou a ceder. Agarrou-a pela cintura e puxou-a contra ele, para mantê-la em seus pés.

— Está tão grande, — sussurrou Jackie. — Como isso é possível?

— Por favor, — disse Dana, — tenha cuidado com o que diz. É inteligente e capta as emoções dos outros com muita facilidade. Se estiver aborrecida, vai perturbá-lo.

— Sinto muito. Só estou surpresa.

Samson olhou para eles com brilhantes olhos azuis. Iain pensou ter visto algumas manchas negras flutuando através das íris de Samson, mas não podia ter certeza sem olhar mais de perto.

— Tem certeza de que fica exposto o suficiente à luz solar?, — Iain perguntou.

— Sim. Exatamente como Joseph disse. Samson gosta, por isso, brinca muito do lado de fora. Will vai construir uma estufa para podermos estar lá fora no inverno, também.

Jackie olhou para Dana, depois de volta para Samson. O olhar em seu rosto era de assombro e ternura. — Posso segurá-lo?, — perguntou.

— Isso é com Samson. — Dana se ajoelhou e perguntou ao filho, — Quer ir com a Srta. Jackie?

Samson olhou para Jackie, depois de volta para sua mãe adotiva. Assentiu.

Jackie avançou, saindo dos braços de Iain. Não gostou que saísse, e teve que lutar contra uma onda de irritação irracional.

Estendeu seus braços para Samson, esperando para ver o que faria.

Cambaleou para seu abraço, e ela o ergueu, sorrindo enquanto o abraçava apertado. Um olhar de desejo consumiu seus traços, mal encobertos pela alegria que irradiava dela. — Ficou tão grande. Senti tanta saudade.

Samson se empurrou para trás, uma sombra em seu olhar enquanto estudava o rosto dela. Suas mãos gordinhas afagaram seu rosto, e depois apontou para o olho dela, e então para os seus.

— Se lembra de você, — Dana disse.

— Claro que não. Era muito pequeno.

— Não, está lhe dizendo que já a viu antes. Demorou um tempo para compreendermos os sinais de suas mãos, mas estou muito boa nisso agora.



— Se lembra de mim, Samson?

Os olhos de Jackie se arregalaram e cambaleou um pouco sobre seus pés. Iain correu para frente e abraçou os dois, para que não caísse com a criança.

— Ele... — Jackie parou de falar, choque empalidecendo sua pele.

— Está tudo bem, — disse Will. — É parte de como se comunica. Não tenha medo.

— O que fez? — Iain exigiu, lutando para manter sua voz controlada.

— Vi um flash da noite em que nasceu. Vi meu próprio rosto iluminado pelo sol.

Dana assentiu e tirou Samson dos braços de Jackie como se estivesse preocupada com sua segurança. — É o que viu naquela noite. Disse que se lembra de você. Parece se lembrar de tudo.

— Mostra quaisquer sinais de que é perigoso?, — Iain perguntou.

Um segundo depois, sua mente estava repleta com uma imagem dele carrancudo, elevando-se sobre Jackie, enquanto segurava um Samson recém-nascido. Ele ameaçou matar a criança, pensando que era um demônio, mas Jackie o impediu.

Naquela noite, Iain era o único perigoso. Percebia agora como deveria ter olhado para Samson, tão pequeno e indefeso, o medo que deve ter sentido.

— É um bom menino, — disse Dana. — É diferente, mas não mau. Estamos o criando corretamente.

— Sei que estão, — disse Jackie. Depois, olhou para Samson. — Sempre soube que era um bom menino desde o momento que te vi. Estaremos orgulhosos de você.

Iain não gostou disso. A criança era um risco, ou no mínimo uma incógnita. Não podia deixar Jackie permanecer aqui. A noite caía, e não era mais seguro. Para qualquer um deles.

— Devemos ir agora. Está ficando escuro e ainda temos trabalho a fazer.

Jackie assentiu e se inclinou para beijar Samson na bochecha. Apontou para seu olho, e então para o dela. — Vou te ver de novo em breve.

Deixaram a modesta casa e voltaram a sair no frio. Jackie se abraçou, e pode sentir uma tristeza melancólica irradiando dela. Precisava afastá-la, mas não havia nada que pudesse pensar em fazer.

Uma vez que estavam no carro, disse, — Obrigada. Por me trazer aqui. É bom saber que está bem.

— Isso a deixou triste.

Estava quieta enquanto saía da entrada da garagem e voltava para a estrada. — Me fez desejar que fosse capaz de mantê-lo. Perdi tanto em tão pouco tempo. Já está andando. Vai estar falando a qualquer momento, a este ritmo. Odeio não poder ser parte disto, sabe?

— Se lembrou de você.

Sorriu, balançando a cabeça. — Lembrou. É difícil de acreditar, mas lembrou.

— Irá se lembrar desta visita, também.

— Lembrará. — Jackie olhou pela janela lateral, inclinando a cabeça contra o vidro. — Não vou deixar Joseph me impedir de vê-lo novamente. Não vou deixar que essa criança pense que não quero ser uma parte de sua vida.



— Mesmo que seja perigoso? Nós não temos ideia do que será quando crescer, ou do que é capaz até mesmo agora.

— Não me importo. Entendo que Joseph não queira correr o risco de tê-lo dentro de Dabyr, mas não tem nada a dizer sobre quais riscos tomo por minha conta.

— E eu? Posso dizer alguma coisa? , — perguntou, sabendo que era estúpido até mesmo esperar tais coisas.

Se virou para ele. — Acha que é mau?, — perguntou.

— O mal não é algo que você é, é o que faz. — Tinha que ser isso, ou Iain seria um grande hipócrita por não ter se matado a muito tempo, da maneira que fazia com outras criaturas sem alma. — Contanto que suas ações sejam boas, então merece viver.

Jackie soltou um profundo suspiro. — Nunca irá se encaixar em nenhum lugar, não é? Os humanos sabem que não é normal, e seu povo vai evitá-lo por causa de quem era seu pai.

— Nosso povo. Continua se esquecendo que é uma de nós.

— Sou muito parecida com Samson, sabe? Nós dois estamos arruinados por causa de quem era nosso pai. Ele e eu teremos que ficar juntos.

Iain reprimiu seu comentário de que não estava arruinada, apenas não aceitava ainda seu destino. Se Samson a fazia se sentir melhor, então a deixaria pensar o que quisesse. — Como irá fazer parte da vida dele e ter sua antiga vida de volta?

— Não sei, mas vou encontrar um jeito. Sou inteligente. Samson é obviamente inteligente. Vamos fazer funcionar.

Como ele, queria tudo. Não tinha coragem de lhe dizer que não era possível. Não podia viver uma vida humana com Samson, mais do que podia recuperar uma vida nova para sua alma e ser o homem que merecia. Ambos estavam se enganando e, mais cedo ou mais tarde, os dois teriam que escolher entre o que queriam e que era certo.

Estava certo que sabia como terminaria para ambos. Apenas desejava que pudesse viver o suficiente para vê-la aceitar o lugar que era seu por direito.

Logan odiava correr riscos como este com Hope. Não imaginava quão preciosa era. E até hoje, ele não fazia ideia de quão fácil era de manipular.

Ainda assim, não poderia estar bravo com ela. Estava fazendo o que achava certo. Não podia culpar ninguém por isso, ou morreria como um hipócrita.

Fez exatamente como disse, canalizando sua energia em um conjunto específico de runas esculpidas na lateral da Pedra Sentinela. Começaram a brilhar com um fogo azul, e uma linha de luz brilhante expandiu, ampliando enquanto mantinha seu foco sobre essas runas.

— Continue, — disse. — Apenas por mais um segundo. — jogou seu amuleto e a nota anexa à luz e recuou. — Ai. Deixe-o ir.

Logan fez. Liberou seu poder, deixando fluir de volta para si. Esperava que o portal se fechasse, mas em vez disso, permaneceu aberto aqueles quinze escassos centímetros.

E então começou a se ampliar.



O medo apoderou-se dele, e agarrou Hope, empurrando-a para trás dele. Sabia que os portais eram perigosos, e mesmo assim a deixou ficar ao seu lado enquanto fazia isso, arriscando sua vida como um idiota.

Concentrou-se nas runas e tentou canalizar energia para longe delas. — Vá buscar ajuda, — ordenou. — Posso não ser capaz de detê-lo.

E não havia nenhuma maneira de saber o que poderia vir através dele. Se Hope estivesse certa, então este lugar, esta Tempocia, era rústica, mas não muito hostil. Mas se estivesse errada ou se acessou as runas erradas, então não havia nenhuma maneira de saber o que poderia em breve entrar em seus domínios.

Os esforços de Logan não pareciam estar fazendo nada de bom. A abertura continuava a aumentar.

Parou de desperdiçar sua energia tentando fechá-lo e se preparou para o ataque. Momentos depois, vários Theronai vieram correndo para fora do edifício principal, espadas desembainhadas.

— Hope disse que havia problemas, — disse Nicholas, que se colocou ao seu lado, a espada em sua mão.

— Talvez. Não consigo fechar o portal. Não sei o que pode vir através dele.

— Estaremos prontos para isso, — disse Nicholas, irradiando confiança.

A voz irritada de Joseph soou atrás dele. — Que porra está fazendo?

— Não é culpa dele, — disse Hope. — Foi ideia minha.

— Sim? Bem, da próxima vez que tiver uma ideia, ignore-a.

Logan mal controlava a raiva atacando dentro dele. — Não fale com ela desse jeito. Foi minha escolha participar. Estamos tentando salvar a vida de Grace.

— Provocando um ataque de outro mundo? Grande ideia, — disse Joseph.

Havia uma espécie de som agudo furioso, e um momento depois, uma figura apareceu dentro da luz. Tudo o que podia ver era uma silhueta, mas parecia ser humana, e estar sozinha.

A figura deu um passo a frente, e a luz piscou, revelando uma mulher de idade indeterminada. Estava envolvida por camadas de pele de lã felpuda, couro e tecido áspero, tudo em cores suaves e naturais. Longo cabelo prateado fluía sobre os ombros e abaixo dos quadris. Seu rosto suave era uma mistura perfeita de beleza e força. A cor e o movimento em seus olhos lembrava-lhe ondas cinzentas levantadas pelos ventos de uma tempestade. Aqueles olhos também traíam sua origem. Esta mulher era Athanasian.

Ficou parada, avaliando ao grupo de pessoas que se reuniram. Assim que seu olhar caiu sobre Hope, torceu os lábios num leve sorriso de alívio. Abriu os braços e Hope correu antes que alguém pudesse impedi-la, abraçando a mulher.

Logan moveu-se protetoramente um passo mais perto, sem saber se devia afastar Hope ou confiar em seus instintos.

Hope virou-se e ofereceu-lhe um sorriso com lágrimas. — Essa é Brenya, a mulher que me criou.

Brenya tocou rosto de Hope com suas mãos. — Está bem, filha?

Hope assentiu. — Perfeita. Tudo acabou bem, como disse que acabaria.



— Então, se lembra? — A voz da mulher era suave e melódica, quase hipnotizante.

— Algumas coisas. Logan ajudou a restaurar o que perdi. Mais partes do meu passado voltam para mim em pedaços, mas lembro de você. Precisamos da sua ajuda.

Brenya abriu a mão, e havia nela o amuleto de Hope e o papel enrolado em que escreveu o bilhete. — Não devo ficar muito tempo. O tempo flui mais rapidamente em Temprocia, e cada momento que estou longe, meu povo está em perigo.

Joseph avançou. — Sou Joseph, líder deste lugar e destas pessoas.

— Então deve me levar para Grace. — Seu tom era imperial, exigindo obediência, como lhe era devido de direito.

— Primeiro me diga quem é, — disse Joseph.

Poder parecia irradiar dela, fazendo-a parecer mais alta do que realmente era. — Sou uma curadora. Isso é tudo que precisa saber.

— Não, não é.

— Deixe-a ajudar, — disse Logan. — Essa pode ser a única chance de Grace.

A boca de Joseph se torceu com frustração, mas no final, assentiu. — Vou com você.

— Ótimo. Pode ser de utilidade, — disse Brenya.

— Logan, você e Hope venham conosco. O resto fica aqui. Certifiquem-se de que mais nada venha atrás dela.

— Me ocuparei disso, — disse Nicholas.

Os quatro correram para o quarto onde Grace permanecia, quase sem vida. Torr estava do outro lado da cama, mas quando entraram, levantou-se, a mão dele indo para a sua espada. — Quem é?

— Minha mãe, — disse Hope. — Está aqui para ver Grace.

— Não a tua mãe, filha. Serrien, unicamente, detém essa honra. Apenas peguei o que ela de boa vontade sacrificou.

— Não entendo. Serrien é meu sobrenome.

— O nome de sua mãe. Deu-me você para que pudesse voltar ao mundo dela antes que o Solarc soubesse de sua desobediência. Mas isso é uma história para quando tivermos mais tempo.

Solarc governava Athanasia com autoridade absoluta. Era um bastardo megalomaniaco por tudo que lhe contavam, e o único responsável pelo tipo de fome que Logan sofreu. O Solarc era um dos que ordenaram que o portal fosse fechado, cortando a fonte de sangue que os Sanguinar necessitam para sobreviver - uma maldição como um castigo sobre os filhos daqueles que ousaram desafiá-lo. Se essa mulher trabalhou contra o Solarc, então era provavelmente mais amiga do que inimiga.

Brenya se aproximou da cama, observando Torr como faria com uma cobra venenosa. — Reclama a essa mulher morrendo?

— Sim. Machuque-a e a farei se arrepender.

Brenya deu-lhe um aceno satisfeito e pousou a mão com dedos longos na testa pálida de Grace. Fechou os olhos por um momento, e quando os abriu, havia mais de uma insinuação de surpresa em seu olhar. — Fez isso por você?



Torr engoliu em seco e assentiu, a vergonha brilhava em seu rosto.

— Pode ajudá-la?, — Hope perguntou.

— Talvez. Se viver tempo o suficiente. O tempo que resta para ela pode ser medido em batimentos cardíacos.

A voz de Torr encheu-se de exigência. — Então, faça alguma coisa. Agora. Antes que seja tarde demais.

— Não posso. Pelo menos não aqui. Vai demorar mais do que uma noite para fazer o que deve ser feito, e o Solarc saberá que estou aqui quando o sol nascer.

— Quem se importa com o que esse fodido idiota sabe? — Torr quase gritou.

— A você quando enviar seus Guardiões aqui para me cortarem.

— Sim, — disse Hope. — Definitivamente não irá querer mexer com esses caras.

— Tem razão, — disse Logan. — Um deles quase nos matou.

— Então o que faremos?, — Perguntou Torr. — Não pode ir embora.

— Posso e irei, — disse Brenya. — Levar Grace depende de você.

— De mim? — Perguntou Torr.

— O que me pede é perigoso. Poderia me matar.

— Assim como eu poderia, — alertou Torr.

Joseph pegou o braço Torr e em voz baixa disse, — As ameaças não são exatamente úteis aqui. Que tal tentar um pouco de respeito por uma mulher que é provavelmente mais poderosa do que todos nós juntos.

A mandíbula de Torr ficou tensa, e rangeu, — O que quer que faça?

— O que está disposto a fazer?

— Qualquer coisa, — disse Torr depressa. Havia algo sobre a maneira como disse isso que preocupou Logan, fazendo-o se perguntar se sua marca de vida ainda era saudável como estava a algumas semanas.

Brenya sorriu, mas não havia calor ali, apenas satisfação. — Ótimo. Retire sua camisa e ajoelhe-se.

Torr fez como pediu, caindo de joelhos na frente da mulher.

— Vou marcá-lo, e quando fizer isso, serei capaz de convocá-lo, a qualquer hora em qualquer lugar. Vai me prometer sua espada e sua lealdade, prometendo defender a mim e ao meu povo na batalha, mesmo ao custo de sua própria vida. Então você jura?

— Juro, — disse Torr sem hesitação.

Brenya colocou a mão em seu ombro. Torr sibilou de dor. Não o deixou retroceder, mas o segurou forte, forçando o contato por alguns segundos. Quando puxou a mão, havia uma marca vermelha com a forma de uma lua crescente.

— É meu agora.

— Não importa, — disse Torr. — Basta salvar Grace. Por favor.

— Vou tentar. Traga-a.

Logan disse, — Não podemos desligá-la das máquinas. Não consegue respirar sozinha.

Brenya olhou para Torr. — Ele vai respirar por ela.



— Antes que vá, — disse Logan, — há algo que preciso saber. Existem mais mulheres como Hope?

Os olhos acinzentados de Brenya escureceram com tristeza. — Existem. Preciosas almas ocultas perdidas em um mundo estranho.

— Como posso encontrá-las?

Negou com a cabeça, fazendo seu longo cabelo prateado balançar sobre seus quadris. — Não sei. As despojei de seu passado e as coloquei no meio dos seres humanos para protegê-las. Irá encontrá-las ou não por conta própria.

— Deu a cada uma um amuleto como o meu?, — Perguntou Hope.

— As filhas de Celentia e Lahrien vieram antes, — disse Brenya, uma tristeza pesada puxando sua boca. — Não lhes dei nada, nem mesmo seus nomes. Isso me assombrou, então quando te mandei embora, o fiz com o seu nome, esperando que fosse dar-lhe algum conforto em saber que era amada o suficiente para lhe ser dado o mais básico dos bens.

Hope agarrou o braço de Logan, e pode ouvir a velocidade de seu pulso. — Me lembro delas. Brinquei com elas quando era pequena.

— Talvez possa encontrá-las e ver se estão seguras? Gostaria muito de saber que estão bem.

— Nós iremos encontrá-las, — disse Logan.

Joseph disse, — E se enviar mais algumas pessoas através da Pedra Sentinela, elas virão para nós, seguramente atrás de nossos muros. Vamos protegê-las como faríamos as nossas.

Brenya assentiu uma vez em gratidão.

Andra precipitou-se no quarto, o rosto vermelho e seu peito ofegante com o esforço. Olhou para Brenya e congelou. — É verdade? É uma curadora?

— Sou.

— Tem que vir ver minha irmã. Precisa de você.

— Preciso ir. Não há mais tempo.

— Por favor. Pode apenas ver minha irmã? Os Sanguinar tentaram ajudá-la, mas ...

Brenya olhou Andra, desde suas botas de combate até o topo da sua cabeça, que era vários centímetros acima de Brenya. — É uma guerreira?

— Explodo a merda quando tenho a chance. Isso faz alguma diferença?

— Reclama sua irmã?

Andra franziu a testa, olhando ao redor da sala para se orientar. — Reclamá-la?

— É sua? Sob sua guarda?

— Sim. Cuido dela.

Brenya olhou para Joseph. — O que está errado com essa mulher?

Logan falou antes que Joseph pudesse. — Tori foi levada quando tinha oito anos. Foi alimentada com sangue Synestryn por dez anos. Isso a fez violenta. Nenhum de nós foi capaz de filtrar a mancha de seu sangue.

— Já tentou?, — Perguntou Brenya.

— Muitos de nós tentaram. Esteve com eles por muito tempo. Isso ... a mudou.



Andra fechou os olhos em agonia. — Deveria ter escutado Nika. Deveria tê-la encontrado antes que fosse tarde demais.

Brenya olhou para Joseph. — Vou levar essa criança.

Joseph parecia contar em silêncio antes de responder, como se estivesse tentando conter seu temperamento. — Está pedindo ou está afirmando?

— Estou fazendo isso. Traga-a até o portal.

— Precisa levá-la?, — Perguntou Andra. — É tão frágil.

— Então não irá sobreviver ao que devo fazer para limpá-la. Talvez não devesse me preocupar.

— Não, — Andra se apressou a dizer. — Não quero dizer isso. É forte. Mas sua mente está perturbada. Me preocupo se ira a algum lugar sem mim.

— Não tenho tempo para isso. Vou agora, com ou sem sua irmã.

— Com ela. Por favor. O que for preciso.

Brenya estudou Andra por um longo momento. — Retire sua camisa, e ajoelhe-se.

Capítulo 16

Jackie esperava que algo a distraísse da falta que sentia de Samson, mas enfrentar uma caverna não era exatamente sua primeira escolha.

Iain dirigiu o SUV por um caminho esburacado e mal discernível e estacionou. Até mesmo de dentro do carro, este lugar parecia familiar. Havia folhas nas árvores quando esteve aqui a última vez, não apenas os primeiros brotos da primavera. Não estava ventando tanto, e fazia muito, muito mais calor.

— Já estive aqui antes, — disse Jackie. — Foi à segunda caverna que me prenderam.

— Tem certeza?

As coisas que viu não seriam facilmente esquecidas. Mesmo a alguns metros de distância, podia ver o buraco no chão, escondido, apenas parcialmente encoberto. A inclinação do terreno o escondia para qualquer um a mais de cinquenta metros de distância, fazendo dele um excelente lugar para se esconder.

Passaram por uma casa de fazenda desmoronando no caminho, e restos esqueléticos de um celeiro. Ninguém vivia aqui por um bom tempo. Quem possuía esta terra provavelmente não fazia ideia que estava infestada de demônios.

Isso a fez querer pesquisar os registros do município e fazer alguns telefonemas para avisar as pessoas para ficarem longe. Claro que isso pareceria apenas loucura, e possivelmente até mesmo trouxesse as pessoas aqui para verem suas loucas afirmações.

— Essa é apenas uma missão de reconhecimento, — disse Iain.

— O que significa isso?



— Isso significa que nós não estamos aqui para lutar, a menos que seja necessário. Vou entrar e ver se posso encontrar esse demônio Synestryn reprodutor que falou, e então voltarei.

— E o que vou fazer?

— Sentar no carro, completamente segura e aquecida. Já fez sua parte, identificando a caverna. Se tiver problemas, lance um escudo, que já sabe como fazer e estarei aqui tão rápido quanto possa.

— Como saberá que estou com problemas?

— Saberei. Sentirei seu medo.

— Está na minha cabeça? Te disse que não queria.

— Não é algo que estou fazendo. Suas emoções fluem para mim. Não posso deixar de senti-las.

— Não gosto disso, — resmungou.

— Eu mesmo não sou exatamente um fã, mas estamos presos a isso por enquanto. Teremos que aprender a lidar com isso.

Iain saiu do SUV e foi inspecionar a entrada da caverna. À medida que caminhava a parte traseira, os faróis bateram nele, iluminando sua jaqueta de couro preta. Não demonstrava medo, ainda que estivesse prestes a mergulhar em um buraco de monstros. Seu andar era firme e determinado, suas coxas poderosas agrupavam-se debaixo de seus jeans com cada passo.

Abriu a porta traseira e começou a inspecionar o equipamento. Vento frio chicoteava através do SUV, sugando todo o calor que havia se formado dentro. Jackie estremeceu, fechando a frente do seu casaco novo para afastar o frio.

Não gostava de nada disso. Não era o tipo de pessoa que se sentava e deixava os outros fazerem o trabalho. E se tivesse problemas? Aquela caverna poderia estar repleta com dezenas de demônios, ou mesmo centenas. Não havia nenhuma maneira de que pudesse encarar essas probabilidades sozinho e sobreviver.

A ideia de ir até lá dava um medo de morte. As coisas que viu foram terríveis demais para enfrentar, e sabia que se fosse lá em baixo, essas memórias forçariam seu caminho para a frente de sua mente, exigindo que as revivesse.

Não poderia fazer isso. Não era forte o suficiente.

Mas também não podia deixar o homem com que se importava mergulhar sozinho em uma situação perigosa quando sua presença poderia significar a diferença entre a vida e a morte. Por mais que odiasse, sabia o que precisava fazer.

Com uma maldição silenciosa por ter sido arrastada para essa situação - para esse mundo que não queria participar - saiu do carro e pisoteou até a parte traseira do SUV. — Vou com você.

— De jeito nenhum, — disse, seu tom neutro e definitivo.

De jeito nenhum estaria deixando-o tomar essa decisão por ela. Era uma mulher adulta, e em alguns aspectos mais poderosa do que ele. Não seria o chefe ao redor dela. — Posso ir com você, ou posso esperar até que esteja lá, e depois entrar. Não sei muito sobre equipamentos de rapel, então poderia quebrar meu pescoço entrando, mas vou entrar.



Levantou a cabeça das cordas com que estava jogando e deu-lhe um olhar duro. — Foi presa aqui.

— Sei.

— Pensar em descer até lá te assusta como o inferno. Senti isso.

— Sei. Também estou com medo de ficar aqui sozinha. Estou praticamente condenada a estar com medo hoje a noite, então poderia muito bem fazer a coisa certa.

— Não há nenhuma maneira de saber o que encontraremos.

— Não sou uma criança.

— Não, mas poderia haver uma lá em baixo. Se houver, podemos não ser capazes de resgatá-las, pelo menos não sem apoio. Será capaz de fazer isso? Será capaz de deixar uma criança que te necessita?

Sabia que isso estava além dela, mas não mudava nada. Se descesse, então qualquer criança em cativeiro teria uma melhor oportunidade de sobreviver com sua ajuda. — Irei até lá, Iain.

A raiva apertou sua mandíbula, fazendo os músculos sob a pele salientes. — Poderia grudar sua bunda no assento com fita adesiva.

— E me deixar impotente para me defender? Nunca faria isso.

— Não posso arriscar sua vida deixando-a ir lá em baixo. Meus irmãos precisam muito de você.

— Não é sua vida para arriscar. É minha.

Suas narinas dilataram e balançou a cabeça, xingando sob sua respiração. — Por que está sendo tão obstinada?

— Porque precisa de mim. Porque apesar do fato de que parece ter pouco respeito por sua própria vida, acontece que a tenho em alto estima.

Seu olhar deslizou para longe como se estivesse tentando esconder algo. — Não fique muito apegada a mim. Nós não vamos trabalhar juntos muito tempo.

— Então descobriu uma maneira de quebrar nosso vínculo? — Por alguma razão, a ideia não parecia tão atraente como antes. Talvez fosse algum tipo de magia inerente a luceria que os unia, ou talvez já não estivesse mais tão chocada com a ideia de compartilhar suas emoções, mas seja qual for o caso, estava se acostumando a tê-lo ao seu redor. Estava se acostumando a ter tanto poder assim, mas mesmo se a vinculassem a outro homem, com certeza não sentiria o mesmo. Não sabia se ainda queria sentir o mesmo, como se isso de alguma forma fosse uma traição.

— Estou trabalhando nisso, — disse.

— Como?

— Não se preocupe com isso agora. Nós temos que concentrar no que estamos fazendo aqui e agora.

Nós. Um estremecimento de vitória disparou através dela quando percebeu que ganhou. Depois tudo o que sentiu era medo, porque ganhou. Iria para dentro da caverna com ele.



Iain manteve uma atenta vigilância sobre Jackie, abrindo-se para deixar suas caóticas emoções entrarem nele. Isso parecia alimentar sua raiva, mas não podia dizer se era porque isso estava de alguma forma abastecendo seus próprios sentimentos, ou se era uma reação a trêmula pilha de medo que a estava transtornando.

De qualquer maneira, o monstro dentro dele - o que Tynan colocou para dormir de alguma forma - estava lentamente despertando e aumentando em força. Podia sentir isso acontecendo e sabia que não demoraria muito para que voltasse onde esteve, lutando contra a constante necessidade de matar.

Afivelou Jackie em um arnês⁴, certificando-se que sua viseira estivesse no lugar. O casaco impermeável magicamente melhorado que usava iria protegê-la de alguns ataques, mas não pretendia deixá-la chegar perto o suficiente para precisar dele.

Desceram. Manteve o controle sobre seu progresso, permanecendo ao lado dela caso começasse a entrar em pânico. Para seu crédito, se manteve no controle, mesmo que pudesse sentir como desesperadamente estava lutando contra o medo.

Uma vez que isso estivesse feito, informaria a Joseph que precisava ser mantida fora de situações de combate. Não estava pronta para isso. Era pedir muito dela, não importava o quanto corajosamente o encarava.

Bateram no chão da caverna. A respiração de Jackie era superficial e rápida, e pode sentir pequenos surtos de pânico que tremulavam através de seu vínculo, batendo ao ritmo frenético de seus batimentos cardíacos.

Vasculhou a área, não notando nenhum sinal de demônios perto da entrada. Durante o dia, seria um lugar perigoso para Synestryn, então as chances eram que estivessem mais profundamente, onde a luz não poderia chegar.

Iain desconectou sua corda do cinto e colocou as mãos no rosto dela. Era tão bonita, mesmo que estivesse muito pálida e com os olhos cinzentos arregalados de medo. Queria fazer algo para aliviá-la, mas estava fora de prática com essas coisas, sem saber o que fazer para confortá-la.

O melhor que poderia oferecer era uma distração.

Abaixou a boca para a dela, dando-lhe um beijo breve, fugaz. Sabia que se deixasse ir mais longe, se esqueceria do perigo que havia à espreita nas proximidades. Ela lhe subiu à cabeça, expulsando todos os pensamentos racionais.

Iain se retirou e tentou dar-lhe um sorriso tranquilizador. Não conseguia se lembrar de como fazer aqueles músculos se movimentarem, ou talvez estivessem fracos pela falta de uso. De qualquer maneira, tudo o que teve certeza era que estava fazendo uma careta dolorosa.

— O que foi isso?, — Perguntou.

— Sorte, — disse, escondendo seu verdadeiro propósito.

Suas bochechas estavam rosadas, e suas pupilas estavam dilatadas, mas não parecia tão apavorada. Na verdade, o que sentia agora vindo através da luceria era um misto de confusão e uma leve sugestão de desejo.

⁴ Arnês: (cadeirinha, arreio) é uma espécie de cinto de segurança para escalada, iatismo etc...



Ela o desejava, e aquele conhecimento inchou dentro dele, fazendo-o sentir-se poderoso.

Seu monstro levantou a cabeça como se farejasse a presa, mas Iain o ignorou. — Nós deveríamos ir.

Assentiu, lambendo os lábios.

A beijaria novamente. Não agora, não quando isso pudesse levá-la a morte, mas em breve. Prometeu a si mesmo que a beijaria mais uma vez antes de morrer. Isso não era pedir muito como uma espécie de prêmio de consolação.

Iain afastou-se, mudando seu foco para o trabalho em suas mãos. — Fique atrás de mim e se mova o mais silenciosamente possível.

— Preciso de uma luz.

— Pode ver no escuro. Basta puxar meu poder e os direcionar para seus olhos.

— Oh, — sussurrou. — Wow. Isso é incrível.

A velocidade com que aprendia é que era incrível. A maioria das mulheres levava semanas, às vezes anos, para fazer o que parecia ser capaz de fazer quase que instantaneamente. Não sabia por que, mas se Tynan ou um dos outros Sanguinar descobrissem, poderiam querer fazer experiências com ela.

O que aconteceria sobre seu fodido cadáver.

Abaixou-se sob uma rocha saliente, seguindo a abertura natural da pedra. Jackie estava às suas costas, tão perto que podia sentir o calor que vinha dela. O túnel áspero inclinava-se abaixo, virando acentuadamente para a esquerda em torno de uma estalagmite⁵ gigante e uma estalactite⁶ que estava lá tempo suficiente para se encontrarem e se tornarem uma sólida coluna. Moveu-se para dar a volta nela quando sentiu um puxão de Jackie na parte de trás da jaqueta.

Iain parou e a olhou. Estava com a testa franzida, observando a área como se estivesse confusa. — Já estive aqui antes, — sussurrou.

— Já disse isso.

— Não, aqui, — disse, caminhando para o que parecia ser uma fenda na parede da pedra. Em vez disso, era uma abertura estreita que levava a outro túnel. — Esse caminho.

— Um passo para trás.

Ela o fez, e se espremeu através da abertura escassa. Precisou deixar sair todo ar para que o peito encolhesse o suficiente para passar completamente. Jackie escorregou com facilidade.

Depois de alguns passos, Iain conseguiu sentir o cheiro fétido de Synestryn. Era exageradamente doce e rançoso, preenchendo o túnel como uma névoa. Tentou não respirar, mas o reflexo era forte.

— Ugh, — Jackie disse.

Um momento depois, sentiu um pouco de poder comprimido pairando sobre sua boca e nariz. O ar estava limpo, e o respirou.

— Melhor?, — perguntou.

⁵ Estalagmite: é uma formação rochosa, sedimentar, que cresce a partir do solo de uma gruta ou caverna, em direção ao teto.

⁶ Estalactite: semelhante a estalagmite porém cresce do teto em direção ao solo.



Iain virou quando compreendeu que ela fez isso. Nunca ouviu falar de tal coisa, mas, novamente, Jackie não era nada ao não ser surpreendente. — Não sei como fez isso, mas é útil. — Sua voz saiu ligeiramente suavizada, como se tivesse as mãos em concha sobre a boca.

A dela também estava assim. — Era necessário.

Continuou a descer o túnel, espada na mão. As rochas sob os seus pés estavam soltas, misturadas com pedaços estranhos de ossos. Ouviu Jackie tropeçar, ouviu as pedras se deslocando de repente e sua rápida inalação de fôlego. Os reflexos o fizeram girar antes que pudesse pensar sobre isso, e agarrou seu braço para segurá-la.

Seus lábios se separaram em choque e à vontade de beijá-la novamente se chocou contra ele, do nada.

Este não era o momento ou o lugar. Sabia disso, mas seu corpo ignorava os fatos, os dedos coçando para sentir sua pele nua, seu pau se contraindo em interesse abaixo de seus jeans. O que não daria para um lugar agradável, seguro e tranquilo, onde pudesse tê-la nua e tomar seu tempo para beijá-la da cabeça aos pés. Não que fosse querer isso, mas Iain não iria querer nada por um tempo muito, muito longo.

Antes que fizesse algo estúpido, soltou os braços delgados e se afastou.

O túnel inclinava para baixo, alargando-se enquanto seguia.

— Acho que estamos perto, — disse em um suave sussurro.

Seu medo não estava escorrendo para dentro dele - estava fluindo, cada vez mais espumante e caótico, a cada segundo que passava.

Iain tentou tranquilizá-la, forçando pensamentos calmantes de segurança e conforto através de seu vínculo. Não sabia se o que fez estava funcionando, ou se sequer a alcançou. Talvez houvesse algo de errado com ele - algo sobre sua alma morta que o impedia de fazer a conexão correta. Tudo o que sabia era que estava com medo, e a necessidade de violência, a necessidade de matar o que a estava assustando, estava crescendo mais rápido do que podia controlar.

O monstro se levantou e começou a andar nos limites de sua jaula.

Iain avançou com cautela. Dentro de sua cabeça, havia uma imagem momentânea de uma caverna com três saídas. Uma delas estava iluminada, brilhando com uma fraca luz dourada. No segundo seguinte, a imagem foi embora, fazendo-o se sentir estranhamente só.

Ignorou-a, arrastando-se na curva do túnel. Que se abria em uma caverna quase idêntica a que viu há pouco.

Esquerda, sussurrou em sua mente, a que correspondia com a saída iluminada.

Jackie. Esteve dentro dele, guiando-o a frente.

A compreensão o deixou humilhado e abalado. Por mais que odiasse ser parte do seu mundo, estava fazendo o que precisava ser feito. Precisava respeitá-la como inferno por isso.

Claro que também significava que estava atando-se a ele com mais força, ou nunca teria sido capaz de se comunicar com ele assim.

Era um idiota por lhe dar falsas esperanças desse modo. Quanto mais perto estivesse dele, mais difícil seria quando morresse. E se decidisse não se relacionar com outro homem, como Tynan temia?



Iain virou-se para lhe dizer para voltar para o veículo. Precisava acabar com isso aqui. Agora. Não a queria em qualquer lugar perto da violência que estava prestes a desencadear, e com certeza não queria que testemunhasse sua morte.

Por trás dela, esgueirando-se ao longo do caminho estava um pequeno demônio, do tamanho de um gato.

Empurrou Jackie de lado e atacou o monstro antes que pudesse soar qualquer tipo de alarme. Sua cabeça voou pelo ar e atingiu a parede da caverna, deslizando até que bateu contra o pé de Jackie.

Que soltou um grito de medo e se moveu rapidamente para trás, batendo a cabeça em uma fenda de rochas que sobressaíam da parede.

Seu corpo cedeu, mas trancou seus joelhos e segurou-se tempo suficiente para que chegasse até ela.

— Está bem?

Tirou a mão fora da parte de trás de sua cabeça e seus dedos estavam sujos de sangue.

— Oh, merda, — sussurrou.

Iain não perdeu tempo repetindo sua emoção. Agarrou seu braço e começou a arrastar seu traseiro de volta pra fora pelo caminho que vieram. Não havia nenhum vento aqui embaixo para empurrar o cheiro de sangue dela ao redor, mas isso pouco importava. Contavam com apenas alguns minutos, no máximo, para dar o fora daqui antes que todos os demônios no lugar viessem para caçar um lanche.

Jackie ouviu os demônios vindo. Lembrava-se do som de sua fome muito bem. Os pequenos faziam esses sons estranhos gorjeando, enquanto as maiores sibilavam ou gorgolejavam quando cheiravam uma refeição.

Durante seu cativeiro, Zillah comandava os demônios, mantendo-os todos à distância, permitindo que somente aqueles que escolhia se alimentassem dela. Não percebeu até esse momento como teve sorte .

Abriram uma curva do túnel e ficaram frente a frente com pelo menos uma dúzia de pares de olhos brilhantes. Não havia como saírem disso com vida .

— Vou abrir um caminho, — disse Iain. — Corre como o inferno, protegendo-se contra eles.

Se lembrou da cicatriz na parte de trás de sua mão – uma que conseguiu em uma luta de seis contra um. As probabilidades aqui estavam tão boas como essa, e ele disse que quase morreu naquela noite. Se recusava a deixar que isso acontecesse.

— Não vou sair sem você.

— Vai fazer o que for preciso para sair viva.

— Com você, — insistiu. Até mesmo o pensamento de subir essas cavernas sozinha a deixava tremendo e fria. Precisava dele ao seu lado para ficar forte e não quebrar em uma massa trêmula de covardia mijando em suas calças.

Iain soltou o braço dela e caminhou à frente, como se estivesse realmente assumindo todas essas coisas sozinho.



Antes que pudesse, Jackie puxou seu poder e atirou uma bola de fogo contra os demônios mais próximos.

Suas peles ficaram em chamas, e eles gritaram, pulando de volta para seu próprio grupo. Vários mais pegaram fogo, até que eram uma massa gigante de pelos chamuscados e chamas.

Iain pressionou-a contra a parede, protegendo-a da ameaça com seu corpo. — Precisamos nos mover. Está vindo mais.

Certo. Sabia disso. Estava tão distraída pelo fato de que sua magia funcionou que seu cérebro parou de trabalhar por um momento.

O cheiro de pelo queimado e demônio rançoso encheu o túnel. A magia que usou para filtrar o ar falhou quando perdeu a concentração.

A colocou de volta no lugar, e, em seguida, ergueu um escudo em forma de um canudo. O cilindro empurrou através da massa de demônios que se contorciam morrendo, o azul brilhava como o coração de uma chama. Ordenou que o fino canudo dobrasse para seguir a curva da rocha, em seguida, alargou, abrindo um túnel para que passassem através dele.

Jackie tentou enviar a Iain uma imagem do que estava fazendo, mas não sabia se a mensagem foi recebida. O que sabia era que, se passasse por aquele túnel, ele também passaria.

Assim que estava grande o suficiente para os enormes ombros dele passarem, mergulhou nele, lutando para alcançar o outro lado do tubo.

O sangue em sua mão esfregava contra a parede que criou. Aqueles demônios que não estavam sendo consumidos pelo fogo agarraram-se ao escudo, tentando chegar até ela.

O pânico a rodeou, dificultando sua respiração. Mais demônios estavam à espera na outra extremidade. Não podia vê-los ainda, mas sabia que estavam lá.

Não podia permitir que a pegassem viva. Não poderia voltar a ser utilizada por eles, passando fome e sendo torturada diariamente. Preferia morrer do que viver isso de novo.

— Maldição não se afaste de mim!, — rosnou Iain a sua direita atrás dela. — Mova-se!

Antes de sua brusca ordem, não percebeu que havia parado de rastejar. As palavras dele fizeram seus braços e pernas se movimentarem, como se ele tivesse simplesmente tomado o controle deles. Não sabia como fez isso, mas agora, suas preocupações eram outras.

Ou seja, o que estaria esperando por ela do outro lado da curva.

— Feche-o atrás de mim, — gritou Iain. — Estão nos seguindo através dele.

Sua cabeça latejava, e uma rotação lenta de vertigens começaram a dificultar seu equilíbrio. Não pensou que houvesse batido com a cabeça tão duramente, mas agora estava começando a pensar diferente.

Talvez fosse apenas toda a magia que estivesse usando.

Jackie tentou fazer o que Iain disse, tomando cuidado para fechar o lado correto. Realmente não queria cortar as pernas dele acidentalmente. Eram bonitas demais para isso.

Se manteve em movimento, diminuindo enquanto chegava sua vez. Teve certeza de que um dos demônios voaria através do túnel a qualquer momento, arranhando seu rosto.

Como se em resposta a essa preocupação, sentiu o fluxo de energia através dela, e um fraco brilho azul encheu sua visão.



Havia uma barreira diretamente sobre seu rosto no escudo - um que Iain insistiu para usar no caso deles correrem para demônios que cuspiam veneno. A barreira se movia com ela, ao invés de impedi-la de seguir adiante. Parecia se agarrar a ela, o que a fez pensar se não poderia simplesmente usá-la a sua volta como uma armadura.

O pensamento se perdeu retinindo em torno da parte de trás de sua mente enquanto se obrigava a fazer essa curva final e enfrentar o que estava por vir. Logo que o fez - viu o que estava esperando - desesperadamente desejou que tivesse deixado Iain ir primeiro.

Capítulo 17

Torr, seguiu Brenya até onde estava a Pedra Sentinela. Grace estava mole em seus braços. A cada poucos passos, cobria a boca dela com a sua e forçava uma respiração em seus pulmões.

Estava apavorado. Era tão frágil, tão leve. Seu corpo estava ainda mais fraco agora do que estava em algumas poucas horas antes. Podia vê-lo em sua pele pálida e em seus batimentos cardíacos. E se Brenya não pudesse ajudar? E se o simples processo de mover Grace fosse o suficiente para matá-la?

Torr nunca se perdoaria por ter deixado isso acontecer. Deveria ter visto isso chegando. Deveria saber que Grace possuía um coração tão terno que faria qualquer coisa para aliviar seu sofrimento. Deveria ter visto isso na última vez que foi visitá-lo para lhe dizer que tiraria umas férias. Estava lá, brilhando em seus olhos, sua determinação, sua despedida cheia de tristeza. Tudo o que precisava ter feito era prestar atenção e poderia tê-la impedido de se sacrificar por ele.

Mas era tarde demais para isso. Tudo o que podia fazer era levar seu corpo enfraquecido e dar-lhe ar em seus pulmões.

Não era suficiente depois do que deu a ele. Nem mesmo perto.

Brenya inclinou a cabeça para o lado como se estivesse ouvindo e então se virou para Joseph. — Tem uma visitante. No muro de trás. Está esperando por um longo tempo para que alguém a liberte de sua prisão. Aparentemente, nenhum de vocês consegue ouvir seus gritos por ajuda como eu o faço.

— Do que está falando?, — Joseph perguntou.

— Já a libertei. Vá e descubra por si mesmo.

Joseph acenou para um par de homens, e eles partiram, correndo para a direção onde Brenya disse.

Torr não se preocupava com a visitante, bem-vinda ou não. Seu foco estava todo sobre Grace, em manter sua respiração. Abraçou-a, tentando mantê-la aquecida do ar frio. O cobertor dobrado em torno de seu corpo não era suficiente com esse vento.

Andra segurava Tori pelo braço, lutando contra o agarre de sua irmã.

— Não quero ir, — gritou Tori.



— Sinto muito, querida. Não tem escolha.

Tori rosnou e tentou morder a mão de Andra. Brenya deve ter visto isso acontecer, porque apontou o dedo para Tori e disse, — Comporte-se. Esta pode ser a última vez que verá sua família novamente. Quer que seja desse jeito que se lembrem de você?

Tori cuspiu em Brenya, que saiu suavemente fora do caminho tão rápido, que foi um borrão. Um olhar maternal de intenções estrondosas enrugou a pele em volta de sua boca, e deu um passo adiante, pegando um punhado do cabelo de Tori. — Diga adeus a sua irmã agora.

Tori estremeceu e mostrou os dentes para a mulher.

— Sinto muito, — disse Andra. — Não é culpa dela.

— A trata como uma criança. Faz tempo que deixou de sê-lo.

Tori pareceu se acalmar um pouco diante dessas palavras. Brenya levou-a pelos cabelos para a Pedra, e Torr estava exatamente em seus calcanhares, pronto para partir. Continuava respirando por Grace, desejando ter sua boca na dela por qualquer outro motivo.

Seus beijos eram tão doces, incendiando seu sangue e fazendo-o querer ser um homem melhor para merecer tal presente.

Aqueles beijos agora eram passado.

Brenya levantou a mão e uma coluna de luz branca surgiu das esculturas na Pedra. Aquilo dividiu o ar, alcançando o céu noturno. Enquanto a coluna se alargava, se virou para Torr. — Entregue-a para mim. Precisamos ir.

— Vou com você.

— Não.

A raiva cresceu, mas a fez recuar, sabendo que esta mulher poderia ser a única esperança de Grace. — Alguém precisa carregá-la.

No momento seguinte, Grace ficou leve e foi tirada de seus braços. Agarrou-se a ela, alimentando outro fôlego em seus pulmões antes de dizer, — Vou com você.

— Não vou discutir com você. Esta é a maneira como deve ser. Viverá ou morrerá, mas irá fazê-lo sem você.

Mas, e ele? Não sabia se o mesmo poderia ser dito dele. Amava-a muito. Como estaria enfrentando os intermináveis dias sem ela em sua vida? — Por favor. Alguém precisa respirar por ela.

— Farei isso. Você fica. Não remova o disco.

Brenya queria dizer sobre o disco fundido em sua carne - que ira igual ao de Grace, aquele que transferiu magicamente sua saúde perfeita para ele e seu veneno para ela. — Por que não?

— Isso pode matá-la. Se cair, saberá que falhei e que estará morta.

Com essas poucas informações, Grace saiu completamente de seu alcance e flutuou pelo ar em direção à luz. Torr assistiu as três desaparecerem. A luz se apagou. O calor onde o corpo de Grace esteve a apenas momentos atrás esfriou. A multidão se dissipou. Até esmo Andra se foi, fungando enquanto Paul levava-a embora em seus braços.

Torr ficou lá por um longo tempo, sentindo-se perdido e vazio. Grace se foi. Não havia como alcançá-la. Não podia falar com ela. Não podia tocá-la. Não podia olhá-la.



Nem sequer possuía uma foto dela.

Trilhas frias caíam em seu rosto, e percebeu que estava chorando, grossas lágrimas pela perda. Grace foi embora, e a dor disso era pior que qualquer uma que já sentiu antes.

Não havia nenhuma jeito de segui-la, mas faria se pudesse. Seu futuro se prolongaria, triste e desolado sem ela. Não sabia se queria um futuro. Por que viver quando sabia que estava destinado a sofrer por todo tempo que respirasse?

Tinha o que queria, era pelo que havia rezado. Seu corpo estava inteiro, e era capaz de lutar como nasceu para fazer, como desejou fazer por tanto tempo, enquanto estava preso em sua cama, preso em seu inútil corpo.

Mas pelo que devia lutar, quando pessoas boas como Grace estavam apenas morrendo de qualquer jeito?

Voltou para sua suíte, reuniu algumas coisas. Tristeza pairando sobre ele, fazendo seus passos fracos e lentos. Não havia nada aqui para ele. Não mais. Não sabia se havia alguma coisa para ele em qualquer lugar, mas não podia ficar aqui, com todas as lembranças do que havia ido embora.

Torr se sentia perdido e completamente sozinho enquanto se dirigia pelas portas de Dabyr. Já deixou seu telefone celular para trás, e destruiu o dispositivo de rastreamento em seu carro para que ninguém pudesse encontrá-lo. Não queria sua piedade ou sua companhia. Tudo o que queria era estar sozinho.

Grace se foi deste mundo, e não havia nada que ninguém pudesse fazer para que tudo ficasse bem.

Iain escutou o pânico de Jackie e sabia que o que estava esperando por eles não era bom. Uma frustração impotente fervia sob sua pele. Não podia empurrá-la para trás e enfrentar a ameaça primeiro. Não havia espaço. Estaria sozinha por mais alguns segundos.

Fumaça subia no escudo brilhante em forma de tubo, bloqueando sua visão. Aquilo encheu seus pulmões, fazendo-o tossir com o odor acre. Sua próxima respiração foi de ar puro e fresco, mas a fumaça ainda estava lá.

A magia de Jackie. Deve tê-lo ouvido tossir e deu-lhe o que precisava.

Iain se levantou no segundo que o escudo clareou, erguendo sua espada. Os gritos de demônios enchiam a caverna. Podia ver através das nuvens de fumaça que vários demônios estavam pegando fogo, mas não podia ver Jackie. Não poderia dizer se estava em perigo.

O monstro dentro dele jogou sua cabeça para trás, uivando de raiva. Iain o conteve, dizendo-lhe para calar a boca.

Ainda podia sentir Jackie, como o sol brilhando contra seu lado, então moveu-se nessa direção, dando passos cuidadosos para que não a derrubasse e sua cabeça batesse em outra parede.

Mesmo a memória da visão de seu sangue era suficiente para fazer seu controle diluir-se.

Uma forma escura saltou em sua direção, e virou-se para atacar, rompendo uma das patas dianteiras do demônio. A coisa sibilou, e não foi até que esteve a apenas alguns metros de



distância que foi capaz de ver seu rosto. Era humano. Era perturbador. O corpo do demônio era de membros longos e animais, mas o rosto poderia facilmente ter pertencido a um adolescente.

Iain hesitou, algo que não teria feito há poucos dias atrás - e a hesitação quase lhe custou seu braço. A coisa disparou contra ele, travando seus dentes logo abaixo do ombro. Sua mandíbula se distendeu e abriu mais amplamente do que era humanamente possível, e seus olhos retrocederam em sua cabeça.

O escudo protetor no casaco manteve os dentes longe de fazerem contato com sua pele, mas estaria com uma contusão pela pressão da mordida.

Iain enfiou a lâmina debaixo do pescoço da coisa e saiu pelo peito. Ficou mole quando a medula espinhal foi cortada, e caiu ao chão.

Chutou aquilo longe e se aproximou de onde sentia que Jackie estava.

Iain a encontrou, finalmente, pressionada em uma fresta profunda. Suas mãos estavam erguidas, como para repelir o ataque, e estava pálida e suando. Sangue manchava seus dedos trêmulos, e de suas palmas, podia sentir um fluxo quase imperceptível de poder.

Olhou para ver o que estava fazendo, só para descobrir, pelo menos, vinte tipos diferentes de demônios lutando entre si. Rosnavam e mordiam, rasgando a carne com seus dentes. Abaixo deles, uma piscina de sangue negro espalhado, aumentando enquanto observava.

— Que diabos?

Ela não disse uma palavra, mas podia sentir seu cansaço. Estava tomando mais poder dele do que nunca, e a tensão era demais.

Iain precisava tirá-la daqui.

— Coloque um escudo em nossas costas e corra, — disse.

Para seu crédito, não parou para discutir ou questioná-lo. Compreendeu imediatamente o que queria dizer e sentiu uma mudança no poder que tirava dele enquanto fazia o que pediu.

Iain a pegou pelo braço e ergueu-a para fora da fresta em direção à saída. Ainda teriam que se espremer através da abertura estreita, mas se pudessem chegar tão longe, poderia conter o que viesse a seu encontro.

Jackie se movia lenta demais para seu gosto, mas estava ferida e esgotada. Não podia esperar que fosse mais rápida e permanecesse de pé. Tentou tomar um pouco de seu peso, mas quando o túnel se estreitou, tiveram que seguir um na frente do outro e teve que deixá-la com suas próprias forças.

A raiva se agrupou dentro dele. Nunca deveria ter permitido que viesse até aqui. Deveria tê-la colado em seu banco como ameaçou. Pelo menos, estaria segura na superfície.

Iain examinou o perigo do outro lado da fresta, e quando não viu nenhum, se moveu para Jackie poder passar primeiro. Demorou muito mais tempo para passar através da estreita abertura, e quando o fez, três demônios havia os encontrado.

Esse maldito ferimento na cabeça estava os atraindo, tentando-os com o cheiro do seu sangue.

Jackie vacilou. Podia senti-la atraindo seu poder, mas estava mais lenta agora, como se estivesse muito cansada para lidar com mais.



O fogo oscilou em seus dedos, crepitando enquanto se acabava. Duas das bestas saltaram em seu caminho, investindo em sua direção.

Iain se adiantou e os cortou com um par de cortes rápidos. Não foi nada gracioso, mas não tinha tempo para estilo nesse momento. Era tudo sobre eficiência.

Pegou-a pelo braço novamente e correu em direção à abertura. Assim que teve uma linha clara de visão, seu ritmo diminuiu.

O SUV foi puxado para dentro do buraco pelas cordas de rapel e agora estava amassado e bloqueando sua saída.

— Merda!

— Iain, — Jackie disse em um tom temeroso que sabia que significava problemas.

Virou a cabeça e viu o túnel começar a encher com brilhantes pontos de luz verde. Dezenas deles. Talvez centenas. Não havia nenhum jeito no inferno que pudessem enfrentar tantos de uma só vez, mesmo que Jackie estivesse em plena força.

— O que fazemos?, — perguntou.

Iain a puxou para trás, tentando lhe oferecer cobertura. — Os manterei longe. Saia daqui.

— Como?

— Levitando, use correntes de vento, faça uma corda com magia. Não sei. Basta fazê-lo.

Rápido.

— Estou tão cansada.

— Eu sei. Mas pode fazer isso, — disse, tentando parecer confiante. — *Vai* fazer isso.

Ela não desperdiçou seu fôlego falando. O leve puxão na luceria lhe disse que estava fazendo um esforço.

Retirou sua mão e colocou-a na parte de trás da curva de seu delgado pescoço, deixando que as duas metades da luceria acoplassem uma na outra. Isso facilitou o fluxo de energia entre eles, mas só poderia fazê-lo por alguns segundos. Os demônios estavam os cercando, era hora de lutar.

Jackie nunca esteve tão cansada como estava agora. Cada célula de seu corpo doía pelo cansaço. Suas articulações estavam frágeis e sentia sua pele como se tivesse sido revestida de chumbo. Até mesmo respirar era difícil.

O conhecimento de como levantaria ela e Iain fora desta caverna estava dentro dela, brilhando com a promessa, mas poderia dizer que não seria uma tarefa fácil. Era um homem grande, e movê-lo levaria uma força de vontade monumental - que não sabia se existia dentro dela.

Claro, a única alternativa era deixá-lo para trás, o que se recusava a fazer.

O calor de sua mão em seu pescoço a impregnou. Energia deslizou pela luceria, se acumulando em seus membros, tornando-os ainda mais pesados. Absorveu o máximo que conseguiu, o mais rápido que pode, olhando enquanto toda a horda de demônios rastejava cada vez mais próximo.



Iain se afastou para lutar, mas Jackie ainda não estava pronta. Precisava de mais tempo, mais energia para alimentar sua levitação. Era melhor fazer direito, para não subir até a metade dos quinze metros que precisavam, apenas para cair sobre um enxame de dentes e garras.

O corpo dele se movia com uma graça letal, balançando sua espada em um arco prateado. A cada golpe poderoso, outro demônio caía. Mas havia muitos deles. Um deslizou em torno da borda mais distante e estava tentando pegar Iain de lado.

Era agora ou nunca.

Jackie desbloqueou o conhecimento dentro dela que mostrava o que precisava fazer e libertou o poder em seu interior. Isso a golpeou, tirando-a do chão, impulsionando-a acima em um ritmo enjoativamente rápido.

Iain estava bem atrás dela. Podia sentir o arrastar de seu peso contra sua vontade e cerrou os dentes para manter sua concentração.

No meio do caminho, seu corpo começou a tremer com o esforço. Continuou puxando o poder de Iain dentro dela, canalizando-o diretamente para seu peso. O céu tornou-se visível, com estrelas agradavelmente brilhando.

Abaixo, os demônios começaram a forçar seu caminho acima, escalando as paredes em direção à superfície.

Mesmo que tirasse os dois, não havia carro de fuga. Teriam que correr, e sabia que não teriam sorte. Mal tinha forças para respirar, muito menos para correr.

Manchas escuras começaram a borrar sua visão, tornando difícil enxergar. Olhou para cima, precisava memorizar onde guiá-los para que não batessem nas paredes de pedra.

Um flash de grama seca passou pelo canto do olho. Estava fora. Agora tudo o que precisava fazer era trazer Iain o resto do caminho para cima.

Jackie se inclinou para o lado e se deixou cair na grama. Deixando de lado esse esforço deu-lhe a parte restante de força que precisava para puxar seu traseiro pesado para cima e ao longo da borda do buraco. Ouviu-o bater no chão com um grunhido, e deixou ir o fio de poder.

Aquilo estalou de volta para Iain como um elástico esticado, deixando-a sentir-se fraca demais para respirar. Os demônios estavam chegando. Podia ouvir suas garras raspando na rocha há alguns metros de distância, e ainda assim estava cansada demais para se importar.

— Corra, — ofegou, esperando que Iain fosse, pelo menos, salvar a si mesmo.

— Se levante, — virou-se para ela.

Teria rido por esse pensamento ridículo, mas era muito trabalho.

Ele ergueu o corpo dela e atirou-a sobre seu ombro. Começou uma corrida de morte, seu corpo batia contra o dele, era forte o suficiente para deixá-la doente do estômago. Nem sequer possuía energia o suficiente para reclamar.

— Se prepare, — ordenou. — Estão justamente em nossos calcanhares.

Estava tão preparada como poderia. Estava espremida, com tonturas, e lutando para simplesmente respirar.

— Use-me, porra!



A parte louca da mente dela pensou que soava como uma ideia adorável. Poderia tê-lo para seu prazer, e levar seu tempo em explorar seu corpo. Os poucos vislumbres que teve de seu peito nu eram o suficiente para aguçar seu apetite e fazê-la querer mais.

Pena que estivesse muito cansada e com tonturas para fazer alguma coisa sobre isso.

Capítulo 18

Iain virou-se para enfrentar os demônios que se aproximavam. Parou de costas no que restava do antigo celeiro e deslizou o corpo mole de Jackie para o chão frio. Não gostava de deixá-la ali, mas era mais seguro do que ficar pendurada em seu ombro, enquanto mergulhava na batalha.

Havia demônios demais para se preocupar em contá-los. Muitos deles eram pequenos, mas todos eram mortais se estivessem vivos. Aqui fora, em um campo aberto como esse, sozinho, estava muito fácil de ser flanqueado. Enfrentou dificuldades piores do que esta antes, mas nunca com alguém ao seu lado que precisava de sua proteção. Se fosse apenas ele, teria desencadeado seu monstro e deixado fazê-lo mais forte e mais rápido. Mas não era só ele, e toda vez que deixava aquele fodido fora de sua jaula, era mais e mais difícil coloca-lo de volta.

E se não pudesse? A besta queria Jackie. E se depois que a matança acabasse, aquilo tomaria o que queria dela?

Não se atreveria a assumir esse risco.

Iain avançou para cumprir seu dever, dando-se espaço suficiente para que não pisasse em Jackie, mas não tanto para que qualquer um dos demônios tivesse a chance de esgueirar-se atrás dele para chegar até ela. Começou a cortá-los, liberando-se de toda a sutileza pelo poder, puro e brutal.

Os demônios saltaram para ele, dois a três de uma vez, seus dentes serrilhados e descobertos e suas garras estendidas. Um que era maior e com espinhos prateados começou a vibrar à sua esquerda, como se preparando para fazer algo.

Iain não daria a chance para que pudesse lançar aqueles espinhos - não com o risco de que Jackie fosse atingida. Deixou seu lado direito desprotegido, esperando que a jaqueta absorvesse o pior de qualquer golpe, e cortou o demônio no meio.

Espinhas de prata explodiram em direções diferentes, ricocheteando no casaco blindado de Iain e batendo na madeira podre com uma *forte* pancada. Três demônios felinos foram golpeados no processo, espetando-os, fazendo-os gritar e rolar de dor.

Enquanto estava ocupado lidando com essa ameaça, um par de Synestryn maiores deslizaram por trás dele, se concentrando em Jackie.

Estava fora de posição, muito longe para impedi-los a tempo.

Medo e raiva explodiram em seu peito, e sem sua permissão, o monstro dentro dele se libertou, controlando seu corpo. Sentiu os músculos incharem, ouviu rugido rasgar de sua



garganta, viu o mundo desvanecer enquanto corria sobre o terreno. O primeiro demônio se chocou contra ele, derrubando-o em suas costas. Parecia surpreso que aparecesse, deslizando sobre as patas para enfrentar a nova ameaça.

O segundo demônio estava uma fração de segundo atrás e retrocedeu a tempo de evitar uma colisão. Grama seca e pedaços de terra voaram onde suas poderosas garras arranharam o chão.

Iain recuperou o equilíbrio e bateu com o punho esquerdo em um lado da cabeça do demônio. Girou, gritando de dor. Seu corpo se movia sem pensar, sua lâmina cortando o ar suficientemente rápido fazendo um som sibilante. Atravessou a cabeça da coisa, cortando seus olhos e focinho. Aquilo continuou a se debater e arranhar enquanto sangrava contra a grama.

O segundo demônio era mais esperto, mantendo distância. Esperando por uma abertura enquanto as criaturas menores se lançavam em Iain.

Tão rápido como se movia, tão forte quanto cada ataque era, simplesmente havia muitos deles. Não conseguia mantê-los longe. Uma agarrou-se em seu casaco de couro e começou a subir por suas costas para sua cabeça.

Foi quando o demônio maior fez seu movimento.

Não havia tempo para combatê-lo e remover a ameaça de suas costas, então centrou-se no maior, encorajando seu monstro a aparecer de uma puta vez.

Seu corpo fluía através dos movimentos com suavidade, e por um momento, desfrutou do puro poder que abrigava. A ponta de sua espada acertou a perna de um pequeno demônio enquanto estava concentrado em seu alvo real. A leve hesitação em seu ataque causou o contato que foi planejado, permitindo-lhe atingir o demônio maior no ponto exato. Cortando uma artéria, o sangue bombeando para fora, arqueando vários metros no ar.

Iain moveu seu corpo e girou, deixando o sangue atingir suas costas, ao invés de aterrissar em Jackie. Não podia sentir mais o pequeno demônio em suas costas, e enquanto olhava para Jackie, percebeu o porquê.

Ela ergueu-se e estava sentada contra a fundação do celeiro. Sua mão estava levantada, e a seus pés ardente o ardente cadáver do demônio que o montou.

O cansaço refletia a sua volta, fazendo seus ombros se encurvarem, e seus olhos queimavam com um vermelho furioso. Estava ofegante com o esforço, mas não havia sinal de que estivesse desistindo.

Uma onda poderosa de desejo acertou-o do nada. O monstro empurrou Iain uma polegada mais perto. Ele a queria. A boca de Iain fazia água por prová-la, suas mãos ansiavam sentir sua pele nua.

— Atrás de você, — ofegou.

Iain virou, seu instinto guiando-o. Ergueu a espada, e o demônio que voava em sua direção foi dividido ao meio quando sua lâmina o atingiu, espirrando em sua máscara sangue negro e oleoso.

Arrancou a máscara, agora que o impedia de ver alguma coisa, e procurou a área por mais demônios.



Ao longe, havia gritos fracos de fome e agitação, mas os que saíram da caverna para persegui-los agora se foram.

— Protegi minha ferida para que não possam cheirar meu sangue, — disse.

Tentou dizer-lhe como era inteligente, mas quando foi abrir a boca, nada aconteceu. O monstro ainda estava no controle.

Andou na sua direção, fome e desejo crescendo a cada passo. A besta pretendia tomá-la aqui, no chão, rodeada por cadáveres de demônios vazando. Iain podia sentir sua intenção tão claramente quanto podia sentir seu próprio pulso pesado.

Iain lutava para recuperar o controle. Medo por Jackie o fazia desesperado e o monstro sabia disso. Sua cabeça começou a pulsar, e seus passos reduziram enquanto travava sua batalha interna. Toda vez que pensava que havia ganho, a besta surgia com uma força maior e o empurrava longe.

— Iain? Está bem?

Não, estava tão longe de estar bem que era ridículo. Seria tão fácil só deixar ir. Deixar o monstro vencer. Ainda estaria aqui, capaz de sentir o que sentia. Finalmente saberia o que era sentir o calor do corpo de Jackie enquanto empurrava seu pau dentro dela, mais e mais. Ainda conseguiria sentir a adrenalina do orgasmo e da emoção da conquista.

Mas o que aconteceria com Jackie e seus sentimentos? Não gostaria do que seu monstro ofereceria. Seria duro, rápido e brutal - provavelmente o mesmo tipo de coisa que havia sido forçada a testemunhar enquanto estava presa pelos Synestryn.

— Iain? — sua voz agora estava inquieta, misturada com preocupação crescente e medo.

Não podia deixar que isso acontecesse, não importava quão fácil seria simplesmente se deixar ir. Tinha sua honra, mesmo que esmigalhada e manchada como estava. Era tudo o que possuía, e não se quebraria deixando nenhum fodido monstro vencer.

Com um grunhido audível, forçou a besta profundamente dentro de si mesmo, enterrando-o sob os escombros de sua alma. O monstro gritou e lutou, mas no final, estava trancado, preso. Pelo menos por agora.

— Estou bem, — disse, dando vários passos para longe dela. Não confiava em si mesmo para olhá-la de novo tão cedo. Seu pau ainda estava duro, e seu sangue ainda estava batendo com a necessidade de possuí-la. A adrenalina da batalha não estava resolvendo os problemas, também. Precisava de um minuto para reunir seu controle esfarrapado e consertá-lo.

— Precisamos nos mover. Pode me ajudar a levantar?, — perguntou.

Não podia tocá-la agora. Ainda não.

— Em um minuto.

— Não sei quanto tempo mais posso mantê-los longe. Precisamos nos mover agora.

Sem olhá-la, perguntou, — Mantê-los longe?

— Ergui um muro entre nós e a caverna. Está mantendo-os a distância, mas é realmente difícil de fazer, e estou tão cansada. — estava ofegante. Podia ouvir agora, junto com a tensão em sua voz.



Não tinha escolha. Precisavam se mover agora, antes que fosse tarde demais. Seu controle esfarrapado teria que ser o suficiente.

Iain puxou-a para seus pés e deu um passo atrás. Cambaleou instável, ameaçando cair no gramado sangrento.

Com uma maldição em voz baixa, a puxou contra seu lado, envolvendo o braço delgado dela sobre seus ombros. Passou o braço em volta de sua cintura e levou parte de seu peso para fora de seus pés.

— Por aqui, — disse. — Vi luzes por ali.

Ela assentiu e fez seu melhor para manter-se no ritmo que estabeleceu. Seu corpo estremeceu ao longo de seu lado, lembrando-lhe o quanto estava vulnerável.

— Está com frio?

— Vou ficar bem.

O que não era um não.

Caminharam por cerca de oitocentos metros quando sentiu Jackie endurecer em seu abraço, o constante puxão sobre seu poder de repente desapareceu.

— Sinto muito, — disse. — Não posso mantê-lo por mais tempo. Estão vindo.

— Se puder, tente manter sua ferida selada. Talvez não sejam capazes de sentir nosso cheiro. — não estava contando com isso, mas isso poderia ganhar algum tempo.

Chegaram a uma casa com as luzes acesas dentro. Podia ver o brilho colorido do que supôs ser uma tela de TV, e viu uma sombra que se movia do outro lado das cortinas. Havia um carro apodrecido estacionado na calçada de cascalho. A pintura dele há muito tempo perdeu seu brilho, e estava sobrando mais ferrugem do que metal, mas quando olhou para dentro, as chaves estavam na ignição.

Ajudou Jackie a entrar no banco da frente, e colocou o carro em ponto morto, empurrando-o na direção da estrada que passava por ali. Assim que estava longe o suficiente, supondo que não levariam um tiro se o proprietário os pegasse roubando seu carro velho, ligou-o e foi embora tão silenciosamente quanto conseguiu, mantendo as luzes apagadas.

Jackie se atrapalhou com os controles do aquecedor. — Tão frio.

— Eu sei. Basta dar um minuto para o motor aquecer.

Preocupação atormentava no fundo de sua mente. Não estava frio, mesmo para os humanos. Fresco, mas não demais, o que o fez pensar se não estava sofrendo por outra coisa - talvez algum tipo de veneno.

— Está ferida?, — perguntou, olhando para ela.

Seus olhos estavam fechados e sua cabeça pendia para trás contra o assento. — Minha cabeça.

— Algum outro lugar?

Não respondeu, então se estendeu para seus pensamentos, apesar de suas instruções muito explicitamente declaradas para ficar fora da mente dela.



Estava congelando, e não apenas de frio. Seus músculos estavam tensos, contraindo-se em uma tentativa inútil de criar calor. O cansaço sobrecarregava seu corpo, prendendo-a no lugar. Mesmo falar era difícil.

Não sentiu qualquer dor além daquela em sua cabeça, e algum desconforto quando seu ombro havia cavado em seu estômago.

A faixa brilhante de poder que fluía entre eles, estava muito mais ampla do que teria suposto. Ainda estava usando-a para selar seu ferimento na cabeça, apesar do esforço que era preciso para manter esse nível de concentração.

Iain virou o ar quente ao máximo, o que fez um som horrível de lamentação antes de parar com um golpe. Fumaça saiu das aberturas, com cheiro de borracha queimada.

— Merda, — cuspiu, então regulando seu tom para ser mais suave. — Nós não estamos longe de um lugar seguro. Basta se segurar e vou deixá-la quente em breve.

Ela não respondeu, assim ficou em sua mente, avaliando seu bem-estar enquanto acelerava ao longo das estradas de cascalho.

Estava lutando para manter até mesmo o pequeno fluxo de energia necessária para proteger sua ferida. Se não fizesse algo, aquilo também cairia, e estariam de volta onde começaram, cercados por demônios caçando seu sangue.

— Quero que coloque sua cabeça no meu colo, ok?

— Por quê?, — murmurou.

— Apenas faça isso, por favor?

Ela meio que caiu, e precisou impedi-la de bater no volante, mas conseguiu acomodá-la com segurança, e envolveu sua mão em torno de sua garganta. As duas partes da luceria se conectaram, fechando-se juntas. Sentiu o fluxo de poder fluindo e ouviu Jackie soltar um suspiro audível de alívio.

Seu corpo tremeu violentamente, e desejou um meio de aquecê-la. Estavam a menos de uma hora de distância de uma casa Gerai, mas não podia suportar pensar em seu sofrimento por tanto tempo.

Parou o carro tempo suficiente para retirar seu casaco e envolvê-lo sobre ela. No segundo que quebrou a conexão com a luceria, a sentiu lutando para manter o escudo, então se apressou e permaneceu onde poderia tocá-la novamente.

Os quilômetros pareciam se arrastar lentamente, não importava o quão forte apertava o acelerador. Sem pensar, começou a acariciar seu pescoço, deleitando-se com a sensação de sua pele macia sob seus dedos.

Sua temperatura corporal aumentou, e desejava que pudesse de alguma forma canalizar isso para ela.

Ainda estava tremendo quando entraram na garagem da casa Gerai. A luz da varanda estava acesa, e havia luzes em três outras casas visíveis à distância. Esta área era excessivamente cultivada, e as casas estavam espalhadas, deixando muito espaço para lavouras e pastagens do gado.



Iain desligou o motor barulhento, e ergueu Jackie para fora do carro. O fato de que não dissesse a ele para colocá-la para baixo indicava muito sobre como estava realmente mal.

A colocou de pé no alpendre, e encontrou a chave colada na parte de baixo da luz da varanda.

O aquecedor dentro estava ligado, mas ajustado no baixo pela ausência de pessoas. Colocou Jackie no sofá e virou o termostato para cima.

Não havia lareira aqui, nenhuma maneira de aquecê-la rápido o suficiente para seu gosto. Exceto no chuveiro.

Entrou no banheiro e a água começou a correr. Fez um rápido trabalho despindo o casaco e os sapatos dela, tirando as suas próprias, antes de carregá-la e a levar direto para a banheira, sob o jato de água quente.

Jackie engasgou e cuspiu, agarrando-se a ele em estado de choque. Um momento depois, gemia de prazer e se inclinava na direção dele, ficando frouxa contra o seu peito.

Um profundo sentimento de satisfação o preencheu, fazendo-o se sentir mais forte e mais como o homem que havia sido a um longo, longo tempo. Era o mesmo tipo de sentimento que teve quando tomou sua luceria anteriormente, algo correto, como se a ordem universal fosse toda ajustada em linha reta.

Era apenas um truque da mente, ou de sua biologia. Sabia disso. Não havia felizes para sempre para um homem sem alma. Era melhor se aceitasse seu destino e simplesmente aproveitasse cada momento desses que lhe era oferecido, ao invés de pensar no futuro.

Que era um lugar sombrio para ele, e que visitaria mais cedo do que queria.

Os dedos de Jackie se moveram ao longo de sua pele. — Obrigada.

— Melhor?, — perguntou.

Ele sentiu seu aceno. — Ainda com frio, mas não me sinto mais completamente congelada.

— Pode ficar de pé?

— Acho que sim.

Colocou seus pés para baixo, mantendo-a firmemente segura no caso dela estar mais fraca do que pensava. A água batia em sua cabeça, descendo em cascata sobre seu corpo mais completamente agora. Seu cabelo escuro estava quase preto, e um rubor rosa começou a substituir a palidez de cera que estava apenas a momentos atrás. Virou-se dentro de seu agarre, de costas para ele. Passou os braços em volta dela, segurando sua cintura, desfrutando da sensação dela contra as palmas de suas mãos. A cabeça dela caiu para trás sobre seu peito, enquanto as gotas de água o atingiam, podia ver o fraco azul do escudo piscando sobre a ferida.

— Podemos lavar seu sangue agora. Vire-se, e lhe direi quando deixar cair o escudo.

Fez o que pediu, olhando para ele, esperando que dissesse quando agir. Seus olhos cinzentos eram tão bonitos de perto. Podia ver pálidos pontinhos prateados em torno de suas pupilas, que desapareciam quando os olhos dilatavam.

— Agora?, — perguntou.

Iain se obrigou a prestar atenção a onde a água espirrava, guiando sua cabeça de modo que todo o sangue seria lavado o mais rápido possível. — Agora.



Estremeceu quando a água quente bateu na cabeça. A maioria do sangue secou, fechando a ferida, mas um pouco estava em seu cabelo.

— Deveríamos lavá-lo, só para ter certeza.

Cedeu diante da ideia, mas inclinou-se para alcançar um frasco de xampu. Iain arrancou-o das mãos dela. — Fique sob a água e se aqueça. Posso fazer isso.

A verdade era que queria. Não sabia porquê, mas o pensamento de cuidar dela assim deu-lhe um profundo sentimento de satisfação. Gostava de cuidar dela.

Fazia tanto tempo que realmente se importou de uma maneira ou outra sobre qualquer coisa, encontrar prazer era tão peculiar como era bem-vindo. Não sabia se era porque sua conexão com Jackie havia restaurado parte do homem que costumava ser, mas estava feliz pelo passeio, por quanto tempo durasse.

Ensaioava seus cabelos, tendo cuidado com sua ferida, tomando seu tempo, acariciando o couro cabeludo dela e descendo o músculos apertado na parte de trás de seu pescoço. A gola de sua camisa o irritava, assim que soltou um botão e puxou-a para baixo na parte de trás para que pudesse sentir melhor sua pele.

Seus dedos deslizaram sobre ela, demorando-se na tarefa, enquanto observava as mudanças no minuto que mudava sua expressão dizendo-lhe o que mais gostava. O leve franzir da boca dela, lhe disse que estava acertando um ponto sensível, enquanto o arquear das sobrancelhas e as pálpebras tremulando disse-lhe que estava fazendo isso perfeitamente.

Enxaguou a espuma, certificando-se que foi tudo embora, de modo que nenhuma poderia entrar em seus olhos. Ela o olhou, abrindo a boca para dizer alguma coisa. As palavras pareciam morrer em seus lábios enquanto continuava a olhá-lo fixamente. Seus cílios estavam molhados e espetados. Suas mãos estavam espalmadas contra seu peito para manter-se estável. Elas começaram a deslizar por seus ombros e pescoço. Seus seios esfregavam por seu peito, fazendo seus músculos tencionarem com a necessidade de empurrar suas costas contra a parede do chuveiro e segurá-la lá enquanto suas mãos percorriam seu corpo. Podia até imaginar a sensação de seus pequenos mamilos duros apontados contra a palma de sua mão, ou, melhor ainda, sua língua.

Não sabia o que ela estava fazendo, mas com seu corpo pressionado diretamente contra o dele, sabia que podia sentir o tamanho de sua ereção dura contra seu estômago.

A honra ditava que recuasse e fugisse desta situação, antes que se esquecesse.

Iain ordenou que seus músculos se movessem, mas todos eles ficaram parados no lugar, rígidos e inflexíveis. O monstro dentro dele salivava, morrendo por uma chance de se soltar e pegar o que a honra de Iain ditava que não pertencia a ele.

Jackie escolheria outro homem logo, e odiava tanto a ideia, quanto fazia seu monstro que gritava de raiva, sabia que ficaria muito grata a ele mais tarde por não ceder a seus impulsos básicos. Poderia ir para seu verdadeiro companheiro - o que deveria estar com ela agora - sem culpa ou arrependimento.

Antes que tivesse tempo para encontrar forças para dar aquele passo para trás a tempo, subiu na ponta dos pés, e beijou-o.



A respiração de Iain deixou seu corpo em uma explosão de surpresa. De todas as coisas que poderia ter dito ou feito, essa era algo que não esperava. Ainda assim, sua reação foi visceral, rápida e incontrolável. Tudo dentro dele, tanto o homem quanto o monstro, levantaram-se e aplaudiram enquanto a beijava. Suas mãos deslizavam em torno dela, tocando sua bunda e puxando-a mais perto de sua boca. Deu toquinhos com a língua através de seus lábios, implorando para entrar. Abriu a boca para ele facilmente, como se estivesse ansiosa por seu sabor.

Seu suspiro doce de prazer encheu sua boca. Inclinou a cabeça dela para trás, pegando tanto de seu beijo como lhe permitia. O gosto dela subiu à sua cabeça, expulsando seus pensamentos e preocupações. Tudo que importava agora era a sensação dela em seus braços e o perfume de sua pele, quente pelo banho.

Pela primeira vez que podia se lembrar, as duas partes dele estavam em completo acordo, trabalhando em conjunto para um objetivo comum.

Os dedos dela serpenteavam por baixo de sua camisa encharcada. Tremeram, mas se era fadiga, frio, ou qualquer outra coisa, não sabia dizer. Sabia que devia parar e perguntar, parar e ter certeza que estava bem, mas não conseguia encontrar forças para se afastar de sua boca, suave e doce.

Puxou sua camisa, fazendo um leve ruído de irritação. Levou um minuto para descobrir que estava tentando retirá-la, mas ele não estava cooperando, e o tecido estava agarrado à sua pele, tornando a tarefa impossível para ela.

Iain a retirou e voltou a beijá-la. Sua conexão anterior à mente dela queimou de volta à vida, ardendo em seus pensamentos. Podia sentir sua frenética necessidade, sentir o vazio doloroso abaixo de seu ventre, e o calor inchado em seus seios. Existia uma excitação dentro dela que estava além da luxúria. Era mais do que isso, mais desesperada. Mal se segurava em seu controle, à beira de um colapso emocional de desespero e um amontoado de insegurança. Havia passado por muito, estava segurando muita emoção dentro dela. Decidiu deixá-la sair, e estava indo para ajudá-la.

Se era isso que precisava, era incapaz de negar a ela.

Num piscar de olhos, mudou a marcha, descartando suas boas intenções por outras melhores. Daria-lhe tudo que queria, e mais. O fato de que era exatamente o que queria apenas tornava a tarefa muito mais doce.

Jackie trabalhou nos botões de sua camisa e colocou os braços para fora das alças do sutiã para desnudar seus seios. Se esfregou contra o peito dele, e a sensação de sua pele nua na dele deu-lhe uma pontada brilhante com a sensação.

Soltou um ruído que era mais monstro do que homem e colocou os ombros dela contra a parede. Segurou-a lá para que pudesse olhar enquanto a preenchia, observando como a água escorria sobre sua pele ruborizada.

Seus mamilos estavam apontando duramente, seus seios inchados e implorando por sua boca. Nem sequer tentou resistir, abaixando a cabeça para passar sua língua sobre um mamilo primeiro, depois o outro. Respirou fundo, e quando cobriu o bico do seu peito com a boca e sugou, ela deixou escapar novamente um longo suspiro de prazer.



Suas unhas cavaram no couro cabeludo dele, e o monstro rosnou sua aprovação.

A água começou a se sentir fria em sua pele aquecida, e seus instintos de proteção romperam a névoa da luxúria tempo suficiente para lembrá-lo de mantê-la aquecida. A queria quente e relaxada, para o que faria com ela, não encolhida e tremendo.

Iain desligou a água e desabotoou as calças. O tecido molhado agarrava-se as pernas dela, mas a teve gloriosamente nua em segundos, em seguida, fez um rápido trabalho em deixar cair o que restava de sua própria roupa encharcada.

Envolveu-a em uma toalha e levou-a para o quarto próximo. Ela beijou seu pescoço enquanto caminhava, sua língua deslizando sobre sua pele onde costumava usar sua luceria. Era ultrasensível ao toque, fazendo com que todo seu corpo retesasse de desejo. Apenas teve o bom senso de atirar para trás as mantas antes de colocá-la na cama.

O olhar de Jackie vagava sobre seu corpo nu, seus olhos escurecendo com luxúria enquanto fazia o caminho até seu pau. Ficou mais duro do que já estava, doendo com a necessidade de deslizar dentro dela.

Um lampejo momentâneo de dúvida cintilou através dele, mas não podia dizer se era dele ou dela. Estava muito estritamente conectado a ela, muito distraído pela visão de seu corpo glorioso, para separar os dois.

Estava tão foddidamente bonita, todas as doce linhas elegantes e femininas e harmoniosas curvas. Seus seios eram do tamanho perfeito para preencher suas mãos. Sua cintura fina alargava-se para os quadris femininos, e o caminho úmido de cachos entre suas coxas o fez querer abrir suas pernas amplamente para que pudesse ver tudo dela, prová-la. Não seria sempre sua, mas por agora, neste momento, era, e estava indo para certificá-la que soubesse disso.

Iain deslizou na cama ao lado dela. Seu pau esfregou contra seu quadril, e precisou cerrar os dentes para não perder o controle. Ela se virou para ele, empurrando suas costas contra a cama. Seus braços tremiam com o esforço, mas segurou-se sobre ele, olhando em seus olhos. — Faz um longo tempo para mim. Posso estar fora de prática.

— Maldição, não importa, — conseguiu dizer, sua voz áspera com a insaciável luxúria. Poderia garantir que para ele era muito mais, pois não esteve com uma mulher desde muito antes dela nascer. Não tinha nem pensado nisso.

— Bom, — disse, e então o beijou, sugando seu lábio inferior em sua boca.

Se a tempestade com raios saindo de seu cérebro fosse qualquer indicação, ela não esqueceu o que fazer. Seu pau deslocou-se contra o estômago dela, e pode sentir a escorregadia umidade se concentrando na ponta.

Nunca esteve mais preparado por uma mulher em sua vida, e ainda assim não se atreveu a apressar isso. Merecia seu melhor esforço, e ele merecia levar seu tempo e aproveitar isso, tanto quanto podia.

O monstro queria que se apressasse em fodê-la e enfiar o pau nela, fazendo-a tomar tudo e preenchê-la com a sua semente, mais e mais. Iain disse a besta para calar a boca e curtir o passeio.

Sua perna escorregou entre a dela, e ela esfregou seu monte ao longo de sua coxa. Podia sentir o calor escorregadio se juntando entre suas pernas enquanto o montava. O doce arrastar



contra sua carne enviava fragmentos de corrente elétrica até sua espinha, fazendo suas bolas apertarem. Teria sido tão fácil gozar assim com ela, mas não era como queria que fosse. Queria que gozasse primeiro, para que pudesse ouvir seus gritos de prazer, enquanto ainda pudesse prestar atenção suficiente para guardá-los em sua memória para sempre. Se houvesse um som que queria se lembrar quando morresse, seriam os doces gritos de Jackie enquanto gozava.

Outra opção teceu um caminho em sua mente, mas lançou de lado como impossível e egoísta. Homens sem alma não mereciam crianças, para não mencionar o fato de que não poderia ter uma, mesmo se quisesse, pelo menos não sem a ajuda de Tynan.

O eco de esperança do riso de uma criança não era para ele. Mas isso, os suaves suspiros de Jackie e a sensação de seus dedos acariciando a pele dele era mais do que poderia pedir.

Se moveu para se escarranchar sobre ele, e sabia que se deixasse sua doce vagina em qualquer lugar perto de seu pau, esqueceria de si mesmo e o monstro assumiria. Em vez disso, a virou de costas na cama e prendeu-a com sua coxa, enquanto a beijava.

Tocou seu seio, deixando seu polegar escorregar sobre o mamilo aveludado. Arqueou as costas e agarrou sua cabeça, empurrando-o contra o peito, enquanto ao mesmo tempo, sua mente estava inundada com a imagem da sua boca a sugando.

Pelo menos sabia exatamente o que precisava. Agora era a vez dele ver se poderia mostrar-lhe o que pretendia fazer.

Iain criou uma imagem de sua cabeça escura entre as coxas dela, sua língua acariciando-a, empurrando os dedos profundamente. Impulsionou o pensamento através de seu vínculo, e ouviu seu suspiro silencioso de desejo.

Tomou isso como um convite, e beijou seu caminho pelo corpo dela, lambendo trilhas quentes sobre as costelas dela e ao redor do oco de seu umbigo. Quanto mais baixo ia, mais amplamente as pernas dela se abriam para receber seu corpo.

Quente, carne rosada o cumprimentou, e o cheiro de sua excitação era quase mais do que podia suportar. Encontrou seu olhar enquanto teve seu primeiro gosto, e, em seguida, seus olhos fecharam com um estremecimento e sua cabeça caiu para trás sobre o travesseiro.

Tão doce, tão molhada para ele, o deixava louco, sem sequer tentar. Balançou sua língua em seu clitóris, e os quadris dela sacudiram fora da cama.

Iain prendeu-a com um braço enquanto deslizava os dedos em suas dobras, provocando-a.

Desejo cresceu entre eles, uma necessidade, desesperada. Não sabia se era o desejo dela ou o seu, mas de quem quer que fosse, não era forte o suficiente para demorar mais tempo.

Enfiou dois dedos dentro dela, sentindo o quanto estava apertada ao seu redor, como estava molhada. Tentou ir devagar, dando ao corpo dela tempo para se esticar e se ajustar a sua invasão, mas a luxúria o estava dirigindo, obrigando-o a fazê-la gozar. Uma vez que se liberasse, relaxaria e seria capaz de tomar seu pau muito mais facilmente. Muito mais profundamente. Precisava desta proximidade. Precisava de tudo o que tivesse para dar, porque as chances eram, de que nunca mais sentisse o toque de uma mulher.

Esse pensamento estimulou-o. Sugou seu clitóris, e trabalhou outro dedo dentro de seu corpo.



Os músculos de Jackie apertaram, e seus movimentos se tornaram mais fortes, enquanto rebojava contra ele. Sua respiração acelerou, e começou a fazer um som suave avisando seu orgasmo iminente.

Acelerou o ritmo. Através de seu vínculo, enviou seu desejo de vê-la gozar, senti-la em seus dedos e saboreá-la em sua língua. Isso pareceu enviá-la sobre a borda e seu corpo começou a tremer enquanto alcançava o prazer. Ficou com ela, puxando seu orgasmo até que tudo o que restou foram as vibrações de prazer percorrendo o corpo dela.

Iain lambia sua boceta, acomodando-a de volta abaixo. Seu próprio desejo estava agarrando sobre ele, mas a satisfação de vê-la gozar lhe deu força para ignorar tudo isso. O que não podia ignorar era a crescente necessidade de fazê-la gozar novamente. Só que desta vez, o faria em torno de seu pau.

Capítulo 19

Jackie estava tremendo com o prazer. Seu corpo tremia com isso, até que teve certeza que estava irradiando para fora de seus poros.

Ninguém nunca a fez ter um orgasmo assim antes, mas do jeito como ele estava olhando para ela, seus olhos escuros encobertos e suas bochechas coradas com a luxúria, estava convencida de que tentaria fazê-lo novamente.

Deveria estar muito cansada para se importar. Essa noite, canalizar tanto poder a havia drenado. Combater o frio minou sua força. E enquanto estava mole e sem ossos, não estava nem considerando dizer-lhe para parar e deixá-la descansar.

Jackie podia sentir a necessidade dele cavalgando ao lado do seu próprio desejo abrandado. A dele era mais nítida, mais quente, com bordas afiada que o rasgava até que não sabia como conseguia suportar. O fato de que podia sentir tudo isso deveria ter sido algum tipo de advertência, mas agora, com seu corpo cantarolando e aquecido, não se importava em averiguar o que significava. Por enquanto, era suficiente saber que estava com o homem mais delicioso da face da terra nu na cama com ela, desejando-a com uma ferocidade que a chocava, e não deixaria isso ser desperdiçado.

Se arrastou por cima dela, segurando as pernas dela bem abertas com seu corpo. Os lençóis abaixo dela estavam molhados, mas isso era culpa tanto dele quanto sua. Mesmo agora, podia sentir o calor escorregadio facilitando-a enquanto seu corpo doía para ser preenchido.

Jackie agarrou a cabeça dele e o puxou para um beijo. Enquanto sua boca encontrava a dela, um pulso de algo escuro e perigoso se chocou contra ela através da luceria. Aquilo trouxe consigo uma crescente onda de luxúria e necessidade física, e uma pitada de algo... mortal. Iluminado por uma fração de segundo, como um relâmpago, o sentimento desapareceu, e tudo o que restou era a batida vibrante de seu próprio coração. Era como se Iain a tivesse a afastando dele, empurrando-a pra fora.



E ela não gostou.

O empurrou para trás e olhou em seus olhos. — Deixe-me entrar.

— Não. Você não pertence ali.

Besteira. Aquilo se sentia muito correto para que não pertencesse a ela. Estava escondendo algo, e estava indo descobrir o que era.

Pegou seu pau, deslizando os dedos sobre ele, espalhando a gota de umidade para baixo da ponta. A mandíbula de Iain apertou enquanto soltava uma sibilante maldição.

— Quero sentir de novo o que você sente. Deixe-me entrar, — ordenou.

Os tendões no pescoço dele se destacaram, e seu corpo tremeu enquanto se apoiava sobre o dela. — Não.

Não era o tipo de mulher que levava um não como resposta. No agarre apertado dela, acelerou o ritmo de seus movimentos enquanto se apressava para alinhar seus corpos. — Preciso disso. Me dê isso.

Iain soltou um gemido triste e fechou os olhos. — Não quero que veja isso.

— Ver o quê?

Não respondeu, então deslizou a ponta de sua ereção contra suas dobras, cobrindo-o com seu úmido calor.

— Não, — sufocou, mas qualquer outra coisa que ia dizer foi engolido por um rosnado. Seus olhos se abriram e sentiu as comportas se abrirem entre eles.

As emoções dispararam para ela em uma mistura caótica de raiva e luxúria, proteção e solidão. Tudo girava em conjunto até que não podia distinguir uma coisa da outra.

Iain deixou escapar um som abafado, mas olhou para ela enquanto seus quadris avançavam. Seu pênis deslizou nela vários centímetros, e depois tudo o que podia pensar era na maneira como a estirava e preenchia. O prazer físico bloqueou o resto quando começou a se mover.

Seu poderoso corpo a envolveu, segurando-a perto enquanto seus quadris trabalhavam, balançando, forçando-a a tomar mais dele a cada estocada. Tentou lhe dizer para ir mais devagar, mas não havia ar para falar, e seu corpo estava se contorcendo, lutando para ficar ainda mais perto dele.

Havia estímulos demais. O corpo dela estava brilhando com a sensação. Sua mente estava recheada de pensamentos e sentimentos que não eram dela. Prazer banhava cada respiração sua, e com cada mudança dele deslizando dentro dela, avançava mais perto de outro clímax devastador.

Palavras baixas se agitavam em sua cabeça - palavras frenéticas de desculpas e arrependimento. Não conseguia entender qualquer uma delas, mas o tom amarrando-as juntas era claro. Ele estava triste por que estava fazendo isso.

Ela não estava. Nem mesmo perto. Ficou arrasada com isso, se estendeu em tantas direções que não tinha noção de onde estava indo, mas nada disso importava. As únicas coisas que se preocupava era na sensação de seu corpo que se movia contra o dela, e a satisfação, profunda e ressonante ronronando em sua mente.

— Está tudo bem, — ofegou. — É bom. Tão bom.



Um rugido feroz retumbou através dele, e ergueu os quadris dela, dobrando seus corpos para que pudesse deslizar mais profundamente.

Isso foi o suficiente. Seu corpo contraiu, então emergiu em uma explosão de prazer e luz. Antes que sequer tivesse tempo para puxar uma respiração, sentiu Iain tencionar e avançar profundamente. Seu sêmen bombeou dentro dela, fazendo-a gritar enquanto a empurrou ainda mais alto. Ficou ali, suspensa na pura sensação e alegria física pelo que pareceram horas. Então, finalmente, a tempestade diminuiu, e ficou mole em seus braços.

Iain continuou se movendo dentro dela em golpes lentos e firmes que enviaram tremores riscando através dela. Estava abalada todo o caminho até sua alma, completamente destruída e ainda assim de algum modo restaurada.

Não sabia que teria um prazer como este em sua vida novamente depois do que passou. Mas agora, com Iain ainda duro dentro dela, e seu poderoso corpo envolvendo o seu, teve esperança de que pelo menos uma parte de sua antiga vida seria normal. Mesmo se o que havia acabado de experimentar tivesse qualquer indicação de melhorar.

Nunca foi tão bom antes, e uma parte dela se perguntou se alguma vez seria tão bom com alguém além de Iain.

Iain observou Jackie dormir. A pele dela ainda estava corada, e seus lábios ainda estavam inchados e separados como se esperasse outro beijo.

Manteve seu controle, grato por seu monstro se arrastar de volta para sua cela úmida e o deixar sozinho no inferno. Iain se sentia... em paz. Não estava lutando contra si mesmo ou demônios ou até mesmo sua própria espécie. Simplesmente existia neste espaço tranquilo, onde podia ouvir o som fraco da respiração de Jackie no mesmo ritmo do seu próprio coração.

Segurando Samson teve algo muito parecido com isto - deu-lhe um sentido de retidão que não pensou que existisse no mundo. Pelo menos não para ele, não mais.

Ainda a queria, mas a furiosa necessidade havia sido acalmada e, agora, estava contente de estar perto dela, sabendo que estava segura.

Isso não duraria. Seja qual for a magia que operou com seu toque, logo estaria lutando contra as forças ao redor e dentro dele mais uma vez.

Iain moveu seu corpo mais perto, envolvendo seu braço sobre a cintura dela. Ela se virou para ele, aninhando o rosto contra seu peito e deixando escapar um suspiro feliz. Prendeu a respiração, tentando sentir alguma mudança em sua marca de vida, alguma inclinação sutil de ramos que poderiam ter dito à ele que de alguma forma trouxe sua alma de volta à vida.

Sabia que não era possível, mas quanto mais tempo estava ao seu redor - conectado a ela, mais esperançoso se tornava. Não se preocupava com muita coisa antes. Fez o que deveria fazer a partir de um senso de honra e dever, funcionando com o pequeno pensamento de que era a forma mais eficiente para salvar seus irmãos e matar os demônios. Como um robô, fazia as coisas sem se importar, movendo-se de um trabalho para o próximo sem julgar suas ações.



Estar vinculado a Jackie mudou isso. Queria coisas agora - coisas impossíveis e bonitas. E enquanto suas emoções lhe dessem a capacidade de estar com ela assim, no rescaldo da paixão, também tornavam difícil aceitar o que sabia, o que o aguardava.

Não poderia enganá-la por muito tempo. Aprendeu a tocar em seus pensamentos. Quase viu seu monstro. Era só uma questão de tempo antes que não pudesse protegê-la do que se escondia dentro dele - do que realmente era. Descobriria sobre sua alma morta e tudo o que compartilharam seria para sempre maculado com esse conhecimento.

Não queria isso. Queria que se lembrasse dele com carinho, não com horror. Não podia suportar a ideia de que ela se arrependeria do que compartilharam, ou que, ao fazê-lo, olhasse para seus irmãos com ceticismo e desconfiança. Por mais que odiasse a ideia, precisava seguir em frente para encontrar outro companheiro - um que estivesse inteiro e pudesse dar a ela tudo o que merecia.

Seus dedos deslizaram sobre seu quadril numa carícia sonolenta. Luxúria começou a se reunir nele de novo, obscurecendo seus pensamentos com o quanto seria fácil virá-la em suas costas e a tomar. Ainda estava escorregadia de sua semente. Seu pau deslizaria facilmente. Nem sequer perceberia o que estava fazendo até que a tivesse onde queria, aberta debaixo dele, recebendo cada centímetro.

Isso não estava certo. Um homem com honra não se aproveitava assim de uma mulher dormindo. Um homem com honra se levantaria e guardaria seu sono, garantindo que estivesse segura, enquanto tivesse o descanso que precisava.

Então isso é o que faria. Se ajoelhou ao lado da cama com sua espada na frente dele, e deixou-se derivar para o estado meditativo, onde seu pau latejante já não importava. Se o perigo se aproximasse, saberia disso. Se levantasse da cama, ouviria. Mas até que essas coisas acontecessem, flutuaria aqui, neste lugar cinzento, deixando seu corpo dissipar-se na neblina.

Não havia pensamento aqui. Não havia pesar por aquilo que logo perderia. Era o mais perto da felicidade que conseguia.

Enquanto Logan dirigia para a cidade do Kansas, Hope vasculhava a internet por sinais das mulheres que brincaram com ela quando criança – essas que Brenya enviou através da Pedra Sentinela. Sabia o que era ser totalmente sozinha neste mundo, sem um único amigo ou parente para reivindicá-la. Irmã Olive cuidou de Hope, mas será que alguém foi gentil com essas mulheres?

A culpa pesava sobre ela enquanto sua busca continuava. Não conseguia sequer lembrar o nome dessas meninas, não importava o quanto tentasse. Podia ver seus rostos, e ouvir suas vozes, mas isso era tudo o que poderia recuperar de seu passado sombrio.

Logan dirigiu-se para um estacionamento e parou a van. Sua mão curvou sobre seu ombro, massageando seu dolorido pescoço. — Está nisso por horas. É hora de fazer uma pausa, amor.

— Achou que não seria tão difícil encontrar algum tipo de registro de duas mulheres aparecendo em uma cidade com amnésia.

— É bom agradecer que seja difícil. Tenho certeza de que a falta de atenção delas tem servido para protegê-las.



Soltou um longo suspiro e encostou a bochecha contra a sua mão. — Temos que encontrá-las.

— Nós vamos. Você e eu iremos para a cidade e as encontraremos nós mesmos.

— Não sei nem por onde começar. Os artigos que pude encontrar sobre mulheres com amnésia são de pessoas que têm famílias. A maioria delas são idosas, e nenhuma das imagens eram das meninas que eu lembro.

— Relaxe, — disse Logan, e pode sentir uma insinuação de poder deslizando através de sua voz, drenando a tensão de seus músculos. — Nós vamos encontrá-las. Depois que te mostrar uma coisa.

— Me mostrar o quê?

— Tenho um presente para você. Pensei que agora seria um bom momento para te dar, considerando todas as coisas.

Era tão doce. Aqui estava, muito preocupada, e ele estava trabalhando para encontrar uma maneira de fazê-la se sentir melhor.

Hope deu-lhe um sorriso que a fez se sentir um pouco relaxada. — Me desculpe, estou sendo uma companhia horrível.

Acariciou sua bochecha. — Está preocupada. Estou também. Mas vamos encontrar suas amigas. Confie em mim.

— Confio. — Sabia que moveria céus e terra para dar-lhe tudo o que precisava. Se aquelas mulheres ainda estivessem lá, iriam encontrá-las.

Sorriu e, num instante, se tornou o homem mais bonito que já caminhou no planeta. — Olhe para cima, amor.

Hope olhou pela janela da frente de sua van e viu que chegaram ao edifício Tyler - o que antes abrigou a Pedra Sentinela, aquele em que ela chegou sem memória de quem era ou por que estava aqui.

— O que estamos fazendo aqui?, — perguntou.

— Este é o seu presente.

— O quê? Meu presente?

Seu sorriso se alargou. — Comprei o edifício. Já contratei uma equipe de construção para reconstruir o interior, e um diretor para supervisionar o projeto.

— Me comprou um *prédio*? — não fazia ideia de por que faria uma coisa dessas.

— Comprei-lhe um abrigo para moradores de rua - para substituir o que queimou. Pensei que poderíamos nomeá-lo depois de Irmã Olive.

A estrutura de tijolo maciço vacilou em sua visão enquanto as lágrimas encheram seus olhos. Passou anos trabalhando no velho abrigo. Era como uma casa para ela. Irmã Olive a levou pra lá e cuidou dela quando ninguém mais se importou. E agora se foi - morta por um Synestryn. O antigo abrigo queimou até o chão. Hope tentou seguir, mas seus pensamentos estavam muitas vezes nas pessoas deixadas para trás, muitas que já não possuíam um lugar seguro para ir.

Logan deve ter compreendido. Não era o tipo de homem que poderia saber sobre a necessidade sem trabalhar para preenchê-la.



Essa era mais uma razão porque o amava profundamente.

— Obrigada, — sussurrou, incapaz de falar claramente através da gratidão entupindo sua garganta. Soltou o cinto de segurança e se inclinou, beijando-o, tentando mostrar-lhe como se sentia diante de palavras que não fluíam.

O beijo terminou, e segurou o rosto dela, olhando abaixo para ela com olhos que pulsavam com uma luz tênue. — Deveria comprar edifícios para você com mais frequência.

Riu. — É ridículo, mas te amo mesmo assim.

— Então não vou ultrapassar meus limites? — perguntou. — Sei que nada pode substituir o vazio que a Irmã Olive deixou para trás, mas pensei que isso honraria sua memória.

— Faz. É perfeito. E você também.

Jackie acordou quando o céu clareava. Seus olhos se abriram para ver Iain ajoelhado, nu, os olhos fechados e seu corpo relaxado. Olhou para ele por um longo tempo, olhando-o respirar. A árvore em seu peito estava quase vazia de folhas, ao contrário dos maridos de suas irmãs. Suas árvores brotaram e surgiam com novas folhas. Não entendia o processo, mas sabia que era algo a ver com uma mulher tomando a lúcia de um homem.

Por que a marca de vida de Iain ainda estava nua?

Talvez fosse porque sabia que não iriam ficar juntos.

O pensamento a incomodava mais do que deveria. Não poderia voltar para sua antiga vida com um guerreiro gigante manejando uma espada seguindo-a para o escritório. E ele faria. Não duvidava disso nem por um segundo. Iain não era o tipo que a deixaria desprotegida.

Mesmo agora, enquanto havia uma mulher nua e quente deitada aqui, escolheu sair da cama e ficar de guarda, ao invés de ter seu próprio conforto. Homens como este não existiam mais - ou se o faziam, nunca encontrou nenhum.

Jackie saiu da cama, foi ao banheiro e tomou banho. Quando saiu, Iain estava em pé na frente dela, nu e glorioso. Seu corpo estava envolto em músculos, coberto de pele lisa, e completamente delicioso. Enquanto o observava, se tornou extremamente duro. Isso fez água em sua boca e seus joelhos enfraqueceram à medida que se lembrava exatamente como poderia fazê-la se sentir. Não podia deixar de olhar.

Desejo girava abaixo em seu ventre, e sentia seus mamilos endurecerem, apertando na esperança dele tocá-la novamente, ou usar sua boca quente para deixá-la selvagem.

— Deve se vestir, — disse, sua voz rouca e baixa.

— Mais tarde. — Quando terminasse com ele.

Deu um passo a frente e colocou a mão sobre seu coração. A batida firme e forte acalmou algo profundamente dentro dela, permitindo que um pouco da tensão que carregava por muito tempo aliviasse.

Curvou os dedos na carne dele, desfrutando da força de aço de seus peitorais. O cheiro da pele dele preencheu o espaço entre eles, inflamando seus sentidos ao mesmo tempo que a acalmava.



Fora deste lugar se escondiam monstros. Tanto real quanto metaforicamente. Precisava tomar grandes decisões que poderiam alterar o curso da vida das pessoas. Mas agora, aqui mesmo, incluído esta pequena casa no meio do nada, se sentia segura e feliz. Sabia que precisavam sair em breve - que o mundo exterior não esperaria para sempre, mas não havia pressa para fazer isso acontecer.

Jackie chegou mais perto, pressionando seu corpo nu ao dele. Estremeceu e respirou fundo, e depois suas pálpebras se fecharam com prazer. Um borbulhante formigamento a encharcaram onde quer que a pele dele encontrava a dela. Estava tão quente, não podia se impedir de tentar chegar mais perto.

— Nós devemos ir, — disse, mas podia ouvir um toque de indecisão em seu tom. Queria ficar tanto quanto ela o fazia.

— Vamos. — Puxou a cabeça dele para baixo para que pudesse beijar sua boca, na esperança de livrá-lo de mais pensamentos sobre sair.

Cedeu a seu beijo com um gemido, e então agarrou seus quadris em suas mãos grandes. Sua ereção pulsava contra sua barriga, e sentiu uma crescente umidade escorregadia em resposta. Precisava senti-lo dentro dela novamente, mas primeiro, queria mostrar-lhe o mesmo tipo de prazer que deu a ela na última noite.

Beijou seu queixo, seu pescoço e, em seguida, demorou-se na faixa de pele mais clara, onde sua luceria havia estado. Toda vez que a língua cintilava sobre esse caminho, seu corpo apertava e respirava fundo. Uma onda de poder feminino cresceu dentro dela enquanto percebeu mais uma forma que podia fazê-lo sentir-se bem.

Jackie apertou os dentes em seu pescoço, mordiscando e sugando forte o suficiente para deixar marcas. Gostava da ideia de que os outros soubessem que o reclamou, - pelo menos por agora. Foi contra tudo o que estava trabalhando, mas agora, simplesmente não ligava.

A mão dele serpenteou entre eles e cobriu o seio dela, esfregando o polegar em seu mamilo duro. Solavancos da sensação se espalharam em seu ventre, fazendo-a tremer com a força de sua crescente necessidade.

Suor gotejava descendo ao longo de sua coluna enquanto beijava um caminho no peito e abdômen dele, até que estava de joelhos a seus pés. Ele a olhou, o rosto dele escuro e sua boca apertada com a luxúria. Poderia lhe dizer que sabia o que queria fazer, e que o que queria era o mesmo que ela.

Jackie colocou os dedos em torno de sua ereção e lambeu de um lado ao outro. Todo o seu corpo apertou duramente e realmente tremeu. Agarrou a cabeça dela e puxou-a para longe, olhando para ela com um feroz olhar escurecido. — Não faça isso. Não serei capaz de me controlar.

Sorriu para ele, a vitória correndo em suas veias. Não queria seu controle. Queria ele. Todo ele. — Bom, — disse à ele, e então deslizou sua boca sobre seu pau.

Um gemido baixo, surdo, vibrou através do corpo dele, para o dela, formigando ao longo de suas terminações nervosas. Sem nenhum pensamento consciente, a mente dela o alcançou, ansiando pela conexão mais profunda que compartilharam na noite passada. Era contra os



princípios dela invadir a privacidade dele, mas não se conteve. Precisava dele, do jeito que precisava do gosto dele em sua língua e a sensação dele estendendo-a enquanto a preenchia.

Sentia seu controle, faixas apertadas que se estendiam através de sua mente. O esforço era cansativo e doloroso para ele. Tentou dizer para parar, mas sua boca estava ocupada, e as palavras voavam através de seus pensamentos que estavam confusos demais para que tivesse qualquer esperança de que entenderia. A única coisa que poderia pensar em fazer era reafirmar que era isso o que queria.

Jackie mostrou-lhe seu desejo, enviando-o através de seu vínculo, quentes ondas pulsantes. O eco retumbante que voltou era mais escuro e mais duro, matizado com uma ferocidade animal. E havia medo. Por ela. Estava com medo de machucá-la ou assustá-la, talvez. Não podia ter certeza, mas era mais forte do que pensava. Poderia levar tudo o que tivesse pra dar.

Isso é o que queria.

Sua mensagem foi recebida. Podia sentir o conhecimento inchando em sua mente, brilhando como um farol, iluminando toda a escuridão que insistia em tentar manter em segredo. Olhou para ele, gemendo com a necessidade.

Puxou a boca de sua ereção sugando com um estalo, e olhou para ele. — Isso é o que quero - o homem real dentro, não o que mostra ao mundo.

Jackie sentiu aquelas faixas de controle apertarem enquanto lutava para combater seus impulsos. E então se partiram. Tudo o que tentou segurar estava desencadeado. Viu seu corpo mudar e esticar como se restabelecesse em sua própria pele. Revirou os ombros em um movimento poderoso e olhou para ela. Aqueles não eram os olhos de Iain. Pareciam dele, mas podia ver a diferença. O homem que a olhava com fome não era mais Iain.

Capítulo 20

O monstro estava livre. Uivando em vitória. Jackie o libertou e não havia nada que Iain pudesse fazer, apenas rezar para recuperar o controle de novo antes que a machucasse.

Agarrou a parte de trás de sua cabeça em uma mão e seu pau latejante na outra. — Abra, — rosnou, esfregando-se contra os lábios dela.

Ela sorriu, e fez como seu monstro pediu, levando seu pau em sua doce boca mais uma vez. A quente sucção o deixava louco, fazendo-o foder sua boca com golpes curtos e rasos. Tomava-o tão profundamente quanto podia, mas não era suficiente. Nunca seria o suficiente.

A pressão se construía em suas bolas, enquanto observava a cavidade de suas bochechas com cada golpe. Suas unhas raspavam em seu saco, fazendo-o puxar uma dura respiração. Eram muitas sensações e ainda assim não eram suficientes.



Seus quadris começaram a ondular, e viu que estava com a mão entre suas próprias coxas. Um gemido de prazer vibrou em sua garganta, fazendo cócegas em seu pau. Não podia controlar sua luxúria, não podia controlar sua besta, mas podia pelo menos ter certeza de que estava ali com ele, girando fora de controle.

Iain reuniu seus desejos e todas as sensações físicas e as empurrou através de seu vínculo, forçando-a a sentir o que estava sentindo. O corpo dela ficou tenso e em seguida derreteu com feminina suavidade quando aceitou o que forçava dentro dela.

O monstro zombou de seus esforços, e parecia inchar com poder. — Vou gozar, — o monstro disse à Jackie, sua voz desumana. — E você vai engolir.

Iain sentiu um tremor de excitação através dela. Sua respiração acelerou, assim como a mão entre suas pernas.

Apenas a visão era o suficiente para mandá-lo cambaleando sobre a borda. Seu monstro agarrou com mais força sua cabeça e segurou-a no lugar enquanto seu orgasmo explodia de seu corpo. Seu sêmen bombeou dentro de sua boca e ela continuou firme. Sabia que teria nojo dele, mas logo em seguida sentiu a pulsação de prazer em seu vínculo, e o chupou mais duramente quando explodiu.

O regozijo de satisfação do monstro arranhava contra Iain, e ele trabalhava para recuperar o controle agora que o monstro estava saciado.

Mas não estava saciado. Gostava de estar livre. Gostava de tomar Jackie, e não pararia até que estivesse farto dela.

Estava caída ao seu lado no chão, ofegando para recuperar o fôlego. Um rubor rosado cobria seu corpo, e um líquido escorregadio brilhava na parte interna de suas coxas.

O monstro a levantou e jogou na cama. Olhou-o com surpresa, sem perceber que Iain já não estava no comando.

Sem permissão ou preâmbulos, o monstro separou suas coxas e colocou seu pau profundamente.

Jackie deixou escapar um gemido, que se transformou em um suspiro quando a esticou, enchendo-a. — Não precisa de um minuto? — perguntou.

O monstro rosnou em resposta e começou a se mover.

Iain lutava pelo controle. Estava tão vulnerável assim, tão confiante. Não imaginava o perigo que enfrentaria se a besta decidisse se tornar violenta. Suas ações o haviam acalmado até agora, mas não havia como saber se continuaria a fazê-lo.

Reuniu poder em seu corpo, as mesmas partículas minúsculas que flutuavam através da atmosfera. Não estava forte o suficiente para travar esta batalha ainda, e sabia que teria apenas uma chance. A besta estava distraída com o calor do seu corpo escorregadio, encantado com a maneira como os seios se moviam com cada impulso poderoso. Luxúria crescia dentro dele, conduzindo-o para frente com um único propósito.

Queria reivindicar Jackie. A queria para si mesmo.

De nenhuma fodida maneira Iain deixaria isso acontecer.



Empurrou as defesas do monstro, fazendo-o rosnar. Jackie estendeu a mão tocando seu rosto. — Está bem?, — perguntou.

A besta empurrou suas pernas para cima e acelerou seu ritmo.

Não merecia isso - não merecia ser fodida por um monstro que não se preocupava com nada, apenas com o prazer que poderia encontrar em seu corpo. Merecia estar com um homem que pudesse amá-la.

Isso estava além de Iain, mas pelo menos sobrava o suficiente de honra para saber isso. A besta não.

Esperou até que o prazer aumentasse, até que o monstro estivesse movendo-se duramente dentro dela, fazendo-a arquejar a cada estocada com um suspiro pesado. Em seguida, atacou.

Iain reuniu toda a energia borbulhando em sua pele e lançou-a no monstro. A besta rosnou, e Iain não sabia dizer se aquele barulho conseguiu sair de sua boca ou não. O prazer em seu corpo se alastrou, e enquanto recuperava uma centelha de controle, quase se perdeu na onda de sensações o atingindo.

— Iain? — Ouviu Jackie dizer, tanto em seus ouvidos como em seus pensamentos.

Estava o alcançando... se enfiando em sua mente. Veria suas batalhas internas e saberia que permitiu que um monstro a tocasse. Não podia deixar isso acontecer.

Com uma força de vontade monumental estimulada por seu pânico, lançou o monstro uivando de volta para sua gaiola e fechou a porta.

Uma presença calmante encheu sua mente. Jackie. Estava com ele, mas não sabia o quanto presenciou.

Seu pau ainda estava dentro de seu doce corpo. Sua própria necessidade estava no auge, tão perto da liberação que estava difícil respirar.

— Estou bem, — ofegou, na esperança de tranquilizá-la.

Começou a se afastar, deslizando para fora de sua boceta. Agarrou seus quadris para detê-lo, olhando em seus olhos. — É você de novo, não é?

Odiou que soubesse. Vergonha se abateu sobre ele, e tudo o que queria fazer era ir para algum lugar onde não pudesse vê-lo. Deixou seu olhar esgueirar-se para longe como um covarde, incapaz de olhar nos olhos dela.

— O que quer que fosse, já passou. Senti combatê-lo. Por mim.

Não podia ficar aqui e falar sobre isso. Precisava ir embora.

Num segundo estava deslocando seu peso para sair da cama, e no próximo, estava deitado de costas na cama com Jackie escarranchada sobre ele. Ela convocou seu poder, usando-o para ter uma explosão de força. — Não vou deixar fugir de mim assim. Não precisa se envergonhar.

— Não sabe o que está falando.

— Não tenho medo de você. Não tenho medo de qualquer parte de você.

— Deveria ter.

— Por quê? Porque você poderia me machucar? Porque não gostei disso? — ela mexia os quadris, deslizando-se contra o seu pau. Tão escorregadia e quente. Estava morrendo de vontade



de estar dentro dela de novo, mesmo que odiasse a si mesmo por considerá-lo. — Eu gostei. E se não tivesse gostado, poderia ter te empurrado para o teto com um simples pensamento.

Tinha razão, mas Iain estava tendo um momento difícil para dar sentido a isso agora. Tudo o que conseguia pensar era no jeito que ondulava em cima dele, o modo como as curvas do seu corpo e os seios rogavam por atenção.

— Não precisa ficar com receio por mim. Sou uma menina grande. — Arrastou o dedo através de sua garganta, fazendo com que a sensível pele formigasse de prazer. — E graças a você, tenho o poder para cuidar de mim.

— É um monstro, — disse Iain, lutando para pensar com clareza. Todo seu sangue estava em seu pau, privando seu cérebro.

— É parte de você.

Iain queria negar isso. Odiava que estivesse certa. Essa coisa dentro dele não havia sido colocada ali por um demônio ou alguma magia Synestryn. Havia nascido ali. Crescido ali. O havia alimentado com uma dieta constante de raiva e medo, e se converteu na única coisa que poderia tornar-se: um monstro. — Não quero que isso toque em você.

— Ótimo. Então faça isso você. — Levantando suas mãos para seus seios.

Não podia resistir a um convite assim. Seus dedos se envolveram em torno dela, segurando sua carne, e sentiu o impulso de veludo de seus mamilos apertados contra cada palma.

Ela fechou os olhos e sua cabeça caiu para trás com prazer.

O monstro ergueu sua cabeça, mas empurrou-o de volta e disse para ficar malditamente longe. Essa era sua vez, e iria aproveitar cada segundo disso.

Jackie inclinou seu corpo e deslizou para baixo, empalando-se em seu pau. O agarre apertado era perfeito, e soube naquele momento que nunca conseguiria estar totalmente satisfeito dela, nem se vivesse para sempre.

Apertou as mãos sobre suas costelas e começou a se mover, circulando seus quadris de uma forma que provocava suas terminações nervosas e fazia sua pele incendiar-se. Olhou em seus olhos, observando-o cuidadosamente, como se buscasse sinais do monstro.

— Não vou deixá-lo voltar, — disse.

Ela lhe deu um sorriso sensual tão cheio de calor, que estava certo que seus cílios se queimaram. — Pare de se preocupar e me faça explodir.

Nunca esteve mais ansioso para obedecer a uma ordem em sua vida.

Iain sentou-se e puxou-a mais perto, beijando sua boca. Ela gemeu contra sua língua e suas unhas raspavam em suas costas. Sua doce Jackie ficou feroz e exigente, mostrando-lhe o que queria com os sinuosos movimentos de seus quadris, e nos sons suaves de prazer que saiam de seus lábios.

Seu vínculo queimava vividamente, maior do que antes. Podia sentir sua necessidade se aprofundando nele, sentindo as suas próprias fluindo de volta para ela. As ondas se fundiam, ampliando uma a outra até que não havia como dizer quem estava sentindo o quê.



Não conseguia estar o suficientemente dentro, não podia se mover rápido o suficiente assim, então a deitou de costas na cama. Agora, poderia deslizar agradável e profundamente, atingindo todos os pontos que faziam a respiração dela ficar presa em seus pulmões.

Se inclinou, pegando a ponta do seio dela na boca, sugando duramente da forma como sabia que gostava. A vagina dela vibrou ao seu redor, as costas arquearam enquanto dava um suspiro. Estava perto. Podia sentir vibrando através de seu vínculo, induzindo-o a continuar, com uma necessidade urgente para fazê-la explodir novamente.

O monstro gritou por sua vez, mas Iain o ignorou, sua atenção totalmente em Jackie e nos sinais sutis de seu orgasmo iminente.

Alcançou entre eles e encontrou seu pequeno clitóris o apertando com o dedo. Estava tão molhada, era fácil deslizar por ele e fazê-la gritar, mais e mais. Se enrolava mais em volta dele com cada toque...

Iain abriu-se, deixando-a sentir tudo que sentia. Sabia que era perigoso, que se arriscaria deixando-a saber de sua alma morta, mas não conseguia evitar. Precisava dessa conexão de um modo que não entendia. Precisava ser uma parte dela, de estar no mesmo espaço, enquanto Ihe dava o máximo de prazer.

Ela deixou escapar um suspiro ofegante e então explodiu, seu corpo pulsando com as ondas de seu orgasmo.

Iain se afastou um pouco, observando-a, absorvendo a visão de seu prazer. Seus olhos estavam fechados, a boca aberta num grito silencioso. Os tendões em seu pescoço se destacavam e um rubor escuro se espalhou para baixo sobre seu peito.

Continuou se movimento, mantendo o ritmo que sabia que mais gostava. Finalmente, enquanto as últimas ondas vibravam passando por ela, abriu os olhos e olhou para ele com total confiança. Tão linda.

Iain perdeu o controle. Seu corpo sofreu um espasmo enquanto seu orgasmo rasgava através dele, sufocando o ar de seus pulmões. Onda após onda o atingiu enquanto seu pau jorrava dentro dela, alojado profundamente, perto da boca do seu ventre.

Observava-o o tempo todo, um sorriso satisfeito brincava no canto de sua boca. Abaixou sua testa para a dela enquanto suspirava, sem vontade de parar de olhá-la. Não se esquivou dele, nem mesmo depois que viu o que estava escondido dentro dele. Era tão corajosa como era bonita.

Quem tivesse a sorte de terminar com Jackie ao seu lado era alguém a ser invejado.

Se afastou o suficiente para tocar seu rosto. Sua luceria brilhava dourada sob a fraca luz, encantadora contra sua garganta. Não havia nenhum movimento dentro da faixa, e nem mesmo as cicatrizes irregulares que revestiam o pescoço dela poderiam diminuir a beleza daquela visão. Eles estavam unidos. Completamente.

Se tivesse uma alma, teria se alegrado com o conhecimento. Em vez disso, chorava por ela e pelo que poderia ter agora se tivesse estado com um homem completo.

— Está se fechando para mim outra vez, — disse.

Precisava fazer. Não havia outra escolha ao não ser protegê-la de seu segredo. Não mudaria nada se soubesse. Não havia nada que pudesse fazer para salvá-lo. Todo o conhecimento Ihe daria



a responsabilidade de denunciá-lo, ou o fardo de também manter seu segredo. Não podia fazer isso com ela. Não merecia tê-lo despejando tudo sobre ela assim quando o ajudou a se sentir como o homem que costumava ser em poucas horas.

Iain lamentava que precisasse se afastar dela. Estar tão perto dela, tocando sua mente, era uma alegria que nunca pensou em experimentar. E agora que possuía, teria que negar a si mesmo mais uma coisa.

— Preciso ligar, — disse a ela, rolando para longe para se sentar na borda da cama. — Vou informar a Joseph e aos outros que encontramos a caverna.

— Nós não sabemos se é a correta.

— Estava cheia de demônios. Tem que ser limpa, de uma forma ou de outra.

— E depois? — Havia raiva em sua voz. — Vai me pedir para ir à caça de novo? Para encontrar o local de reprodução de verdade desta vez? Não posso continuar fazendo isso, Iain. Não sou boa no que faço, e isso assusta mais que o inferno.

Não podia negar-lhe conforto, não quando podia ouvir tão claramente como estava abalada. Não sabia o que poderia fazer para corrigi-lo, mas precisava tentar.

Iain virou-se na direção dela. Ela puxou o lençol para cobrir sua nudez. O rubor de excitação ainda estava claro em seu rosto e garganta, mas o prazer lânguido que brilhava em seus olhos se foi. — Nós vamos voltar para casa. Você vai ficar lá enquanto o resto de nós lida com o problema. Não deveria ter sido solicitada a voltar onde você esteve presa. Isso não é justo.

Seu queixo ergueu. — Não sou uma covarde.

— Eu sei, — a assegurou.

— Mas não sou uma lutadora, também.

Era. Ela não queria admitir isso, mas se não tivesse sido uma lutadora, não teria sobrevivido no cativeiro por tanto tempo. O fato de que não estivesse confortável no papel ainda, provavelmente era culpa dele. Deveria tê-la facilitado sua entrada em combate, levando-a em situações mais seguras, gradativamente, trabalhando seu caminho até as grandes coisas.

Se tivesse gasto dez minutos pensando sobre o que ela precisava, teria descoberto isso antes. Em vez disso, estava muito ocupado lutando contra sua raiva e tentando manter sua maldita alma morta em segredo.

Não sabia o que dizer para que se sentisse melhor. Não sabia se seria capaz de tal delicadeza. — Quando estivermos... separados, precisará escolher um homem gentil. Alguém que possa ter tempo para treiná-la direito e fazer com que se sinta confortável com seu poder.

— Quando nos separarmos, não ficarei com ninguém. Vou viver por minha própria conta. Além disso, você não parece estar fazendo nenhum avanço com a coisa do coração quebrado. Como acha que poderemos nos separar?

Ignorou a pergunta porque não podia lhe contar a verdade. Pelo menos ainda não. — Cain é uma boa escolha. É paciente. Amável. Se assegurará de ter uma vida o mais perto do normal como qualquer um de nossa espécie possa ter.

Seus lábios aplainaram com raiva. — Cain? Me fode e depois me diz para ir para os braços de outro homem, como se fosse tão simples como mudar de camisa?



A ideia era terrível. Mesmo agora, queria rasgar a cabeça de Cain e chutá-la de um penhasco. Iain teve que tomar várias respirações lentas e profundas antes que pudesse passar por sua raiva o suficiente para conseguir falar. — Foi um longo tempo. Para nós dois. Precisávamos da liberação. Mas isso não muda as coisas. Não é? Você de uma forma ou de outra magicamente quer ficar comigo agora?

Prendeu sua respiração, esperando a resposta a essa pergunta com mais expectativa do que sentia ter direito.

— Não, — retrucou. — Não quero. Não quero estar com qualquer um de vocês. Acho que havia deixado isso bem claro.

Não podia deixá-la pensar que tivesse uma escolha. Sua vida dependia dela aceitar sua situação. — Cain é o homem com quem você deve ficar. Precisa de você tanto quanto você precisa dele. Prometa-me que irá para ele quando estivermos separados.

— Não farei nenhuma promessa a você ou a qualquer outra pessoa.

Era tão malditamente teimosa. Era hora de jogar sujo.

Abaixou a voz para um tom baixo e persuasivo. — Vi como você estava com Samson. Vi a saudade em seus olhos. Cain lhe dará o filho que quer.

Se não a estivesse observando tão de perto, não teria visto o modo como seus olhos escureceram de desejo enquanto dizia as palavras. Mas estava, e viu.

E o desejo tornou-se dor quando olhou para ele. — Como pode dizer isso? Como pode falar tão calmamente sobre outro homem dando-me uma criança quando ainda nem lavei seu sêmen do meu corpo? Você é realmente assim tão frio?

Seu estômago apertou como se tivesse levado um soco. — Não tomei o soro da fertilidade. Não posso lhe dar um filho.

Ela abraçou os joelhos contra o peito. — Nem sabe se quero um bebê.

— Vi você. Estive em sua mente. Sei.

— Fique fora da minha cabeça. Digo isso a sério. — Puxou o lençol da cama e envolveu-o em torno de seu corpo enquanto se levantava.

A estava perdendo. Estava indo embora, criando uma barreira entre eles.

O desespero de vê-la segura o impulsionou, procurando alguma maneira de fazê-la ver a razão. — Cain vai permitir que Tynan lhe administre o soro da fertilidade. Vai pagar a taxa de sangue que tenho certeza que está associada com a cura. O que você quiser, vai dar a você.

Ela ficou ao lado da cama, tremendo de raiva. — Será que vai me deixar em paz? Será que vai me deixar viver minha vida em paz?

— Se certificará que viva. Isso é tudo que importa.

Jackie negou com a cabeça, e viu o brilho das lágrimas nos olhos dela. — Não, não é. E se você se importasse comigo um pouco, teria visto isso.

Desapareceu no banheiro, fechando a porta atrás dela. Tentou alcançá-la através de seu vínculo, para se certificar de que estava bem, mas tudo o que sentia era uma parede fria, dura bloqueando-o.



Jackie manteve sua boca fechada durante todo o caminho de volta para Dabyr. Um casal de jovens havia chegado e os apanhou, dizendo-lhes que Joseph ordenou sua volta. Da maneira como disseram, havia claramente algo acontecendo, mas ninguém parecia saber o quê.

Francamente, Jackie realmente não se importava. Fosse o que fosse, estava certa de que seria mais uma coisa a ficar no caminho de sua busca para uma vida real para si.

Parte dela queria desistir e aceitar seu destino, mas toda vez que considerava isso, uma pequena parte de seu velho eu morria. Trabalhou tão duro por tanto tempo para manter algo de si mesma vivo, enquanto enfrentava os horrores do seu cativeiro. Havia abrigado esse profundo e secreto núcleo que a fazia ser quem era, e manteve-o escondido, protegido. Não importava quantas vezes tomaram seu sangue, a fizeram passar fome, ou a humilharam, não importava quantos gritos de crianças ouviu, ou quantos bebês viu morrer - esse núcleo de si mesma que a fazia ser quem era estava trancado, protegido pela esperança de que seria um dia livre.

E agora que estava livre, percebeu que não era realmente qualquer tipo de liberdade. Negociou uma jaula por outra. Claro, esta era mais confortável, mas ainda a controlava, com medo do que poderia acontecer se saísse, ou com culpa das vidas que seriam destruídas se não os ajudasse a lutar sua guerra.

Como diabos supostamente poderia ignorar essas coisas e simplesmente seguir em frente?

Toda vez que a traziam de volta à Dabyr, perdia um pouco mais de si mesma. Estavam lentamente corroendo sua determinação, sugando-a em um mundo onde não pertencia.

Seria mais fácil desistir e se render. Permitir que a usassem como uma arma. Ficando com Cain como Iain havia sugerido e simplesmente se conformar.

Apenas o pensamento parecia esmagar a alma de seu corpo. Sabia que era egoísta por não se lançar a oportunidade de ajudar, mas estava apavorada de que se aceitasse seu destino e jogasse sua sorte com essas pessoas, passaria o resto de sua vida lutando e vendo as pessoas que se preocupava morrerem.

Fez o suficiente daquilo por uma vida. Pagou suas dívidas a esta guerra com sangue e lágrimas. Não podia permitir que isso tirasse mais dela, ou não restaria nada.

Joseph estava esperando por eles na porta, parecia em estado de choque. Seu cabelo parecia estar um pouco mais grisalho do que se lembrava, e seus ombros um pouco mais curvados.

— O que está acontecendo?, — Perguntou Iain.

— Venha comigo, — ordenou Joseph.

Levou-os através de salas a uma porta sem marcas. A maioria dos quartos aqui eram numerados para torná-los fáceis de encontrar, mas não nesta. Ao contrário das outras portas de madeira, esta era de metal. Não havia olho mágico, e, em vez do leitor de chave de cartão padrão, havia uma almofada numerada e algum tipo de tela.

Joseph colocou a mão na tela. A luz deslizou sobre a palma da mão. Então, uma luz ficou verde. Teclou um código, e a segunda luz ficou verde. A trava fez um clique.

— Prepare-se, — disse, olhando para Iain. — Isso pode ser um truque.

— O que pode ser um truque?, — perguntou Iain, carrancudo.



— Só tome cuidado com o que diz. Nós ainda não estamos certos de quem ela é, mas estamos esperando que possa dar alguma luz sobre isso.

Joseph girou a maçaneta e abriu a porta. Os três entraram. A sala era mal iluminada, simples e pintada em cinza fosco. Havia um balcão preenchido com algum equipamento eletrônico sobre uma parede, e uma grande janela na parede adjacente. A janela mostrava do outro lado do vidro, outro quarto, pintado com o mesmo cinza opaco, mas com apenas uma mesa e cadeiras aparafusadas ao chão. Andando em volta da mesa estava a mais bela mulher que Jackie já viu.

Serena.

Capítulo 21

Iain ficou ali por um longo tempo, olhando, incapaz de acreditar em seus olhos. Serena, ou alguém que fazia um inferno de uma representação dela, estava a apenas alguns metros de distância, do outro lado de um espelho de duas faces.

Seu longo cabelo vermelho estava cortado em um ângulo estranho, apontando de seu ombro esquerdo até abaixo de seu quadril direito. Uma grande parte de sua saia foi cortada, revelando uma longa e muito bem torneada perna.

Lembrava-se daquele vestido. Estava usando ele na noite que foi morta.

À medida que o choque momentâneo de ver essa criatura desvanecia, a raiva tomava seu lugar. Como alguém se atrevia a profanar sua memória, se exibindo aqui, fingindo ser ela? Serena merecia o melhor.

— Quem é? — exigiu Iain.

— Diz que é sua prometida.

Jackie cobriu a boca com as costas de sua mão e se afastou do espelho.

— É mentira, — disse Iain. — Ela morreu. Isso não pode ser ela.

—Tivemos uma visita enquanto estava fora. Uma mulher de Athanasian a transportou aqui. De alguma forma, sentiu a presença de Serena e libertou-a.

— Libertou-a? De onde diabos veio?

Joseph olhou para Jackie, em seguida, baixou a voz. — Diz que estava presa em algum tipo de bolha de inércia por duzentos anos. Acho que deveria falar com ela, ver se pode verificar sua história.

— Certo, mas se resultar ser uma tentativa de nos enganar, não espere que me contenha, — alertou.

— E se não for?, — perguntou Jackie. — E se é quem diz ser?

— Não é, — disse Iain. Não podia ser. Porque se fosse sua Serena, então a abandonou, deixando-a presa e só durante dois séculos. Nem sequer ele era tão bastardo.

Iain foi para a porta do quarto ao lado e entrou para enfrentar a impostora.



A mulher o viu. Seu rosto se iluminou com a feliz surpresa, e se jogou em seus braços. Seu corpo magro o atingiu, mas se recusava a abraçá-la de volta, não importava o quanto se sentia como Serena. Até mesmo o cheiro dela era o mesmo – grama nova e lavanda.

Se soltou de seu agarre e deu um longo passo a trás. — Quem é você?

Seu sorriso vacilou, sumindo enquanto o olhava como se magoasse seus sentimentos. — Você me conhece, Iain. Sou eu, Serena.

Deixou seu tom encher-se com a raiva que vibrava através dele. — Ela morreu. Quem é você?

A mulher deu um passo atrás. Suas mãos tremiam. — Fui levada na noite que iríamos nos vincular. Arrebatada por uma luz brilhante. Era a Mãe que estava fazendo. Podia sentir seu toque vibrando através da magia, me sufocando.

A mãe de Serena nunca quis que estivessem juntos. Se soubesse qual era sua intenção, teria feito algo para parar isso. Mas ainda assim... — Se o que você diz é verdade, então como sobreviveu todo esse tempo?

Inclinou sua cabeça em cansaço. — Não sei. Nunca fiquei com fome ou sede. Não havia dor, apenas um tédio sem fim. Parecia flutuar amarrada à Pedra Sentinela. Às vezes podia ver as coisas acontecendo fora da minha jaula. Via vislumbres de pessoas. Ouvia vozes e máquinas. Gritei durante anos para alguém me encontrar, mas ninguém veio. *Você* nunca veio. Estava certa de que me sentiria e me encontraria.

Recusava-se a acreditar. Nunca, nenhuma só vez, sentiu sua presença, apesar de ter procurado por ela. Toda vez que tentou, tudo o que encontrou foi absolutamente nada. Estava certo de que era porque estava morta. Mesmo agora, não sentia nada - nenhum calor ou um sutil puxão contra sua pele. Não sabia se era porque essa mulher não era Serena, ou se a sua união a Jackie de alguma forma a bloqueou.

Mas agora, com essa dublê de Serena sentada ali, tão perto, parecendo exatamente como se lembrava, precisava saber a verdade. — Prove-me que é quem diz ser.

— Deixe-me tomar sua luceria e poderá ver dentro dos meus pensamentos. Não serei capaz de esconder nada. — se levantou e veio em sua direção. Seus olhos caíram para seu pescoço nu e parou de repente. Sua garganta moveu-se quando engoliu, e dor apertou suas encantadoras feições. — Eu vejo. Tomou outra.

— Conveniente. Agora não pode me oferecer essa prova.

Suas narinas queimaram com raiva e agarrou a camisa dele em seu punho. — Conveniente? Acha que ficar presa por duzentos anos, apenas para ser liberada e encontrar o homem que amo vinculado à outra mulher é *conveniente*?

O fogo que dançava em seus olhos não podia ser falsificado. A cada segundo que passava, estava ficando mais convencido de que era quem dizia ser.

Iain agarrou seu pulso e fechou os olhos. Uma vez, foi capaz de sentir sua presença tão facilmente quanto podia sentir sua própria pulsação. A luceria não os vinculou, mas aquilo os aproximava.



Sentiu um zumbido fraco dentro de seu anel. Estava silencioso – nada como foi uma vez, mas não sabia se isso era porque esta não era realmente Serena, ou se a culpa era de seu vínculo com Jackie.

— Qual era o nome do seu cavalo favorito? — perguntou.

Ergueu o queixo. — Nunca tive um favorito. Equitação sempre me aterrorizou depois da queda que levei quando era menina.

— O que sua mãe me disse quando a conheci?

— Disse que não era bom o suficiente nem para limpar o penico dela, e que, se tentasse me levar pra longe, te castraria.

Também disse que colocaria sua cabeça no pico de uma lança e cravaria suas entranhas em sinal de advertência para outros homens inadequados.

Iain olhou para o vidro espelhado, sabendo que Joseph estava assistindo. Assim como Jackie, mas não podia pensar nisso agora. Seu foco não poderia se desviar enquanto estivesse lidando com uma potencial ameaça.

Deu a Joseph um leve aceno.

— Passei nos seus testes?, — perguntou.

— Só mais uma coisa. Mostre-me sua marca de nascença. — não entrou em detalhes. Se não soubesse do que estava falando, então a mentira acabava.

A boca da mulher se apertou em indignação e um rubor coloriu suas bochechas. Iain sempre ficava impressionado como ficava bonita quando ficava corada, e tentava fazer surgir o mais rápido possível. Mas agora, tudo o que podia pensar era na sensação de iminente desgraça que sentia agora que retornou.

Afrouxou os laços de seu corpete e se afastou do vidro enquanto se inclinava para frente. Lá, na curva suave do seu seio esquerdo, estava a marca em forma de um anel Theronai feminino.

Olhou para ele, tentando encontrar algo que o lembraria de como se sentia por ela antes... alguma indício do amor que sabia que deveria ter sentido por ela. O amor não desaparecia simplesmente. Persistia. Deixava marcas, e ainda assim Iain não conseguia encontrar nenhuma.

Talvez tivesse morrido com sua alma.

Se virou e saiu da sala, o remorso pesava sobre seus ombros. Não só deixou Serena triste por abandoná-la, mas também a traiu vinculando-se a outra mulher. Estava certo de que Serena estava ferida por suas ações, mas a verdade seja dita, estava mais preocupado sobre como Jackie se sentiria sabendo que a mulher que uma vez amou voltou do túmulo.

Fechou a porta atrás de si, incapaz de olhar nos olhos de Jackie. Em vez disso, manteve seu olhar sobre Joseph. — Todas as suas respostas estavam corretas.

— Acha que é ela?

Queria dizer que não. Era egoísmo de sua parte - algo que um homem honrado não faria. Era mais fácil fingir que estava morta, do que enfrentar seu completo fracasso com ela.

— Acho. Minha luceria reagiu, embora não tão intensamente quanto antes.

Jackie se apoiou no canto, se abraçando.



Joseph balançou a cabeça, olhando para Serena. — Nós iremos mantê-la aqui por mais algum tempo, enquanto tomo as providências para o seu conforto.

— Realmente preciso sair, — disse Jackie.

Estava chateada. Apesar de ter sido expulso de seus pensamentos, poderia ver isso claramente em seu rosto. — Vou com você.

— Não, — disse, um pouco vigorosamente demais, em seguida, num tom mais calmo, — Não. Estarei bem. Só preciso de algum tempo sozinha.

Começou a segui-la, mas Joseph agarrou seu braço. — Deixe-a ir. Isto é muito para absorver. Dê-lhe algum tempo.

Não tinha mais tempo. Cada segundo que passava longe dela nunca o recuperaria. Com o relógio marcando seus últimos minutos, não queria desperdiçá-los parado ao lado de Joseph.

— Serena deve ser observada, — disse a Joseph. — Mesmo se for Serena, não há nenhuma maneira de saber se sua história é verdadeira. Se esteve nas mãos dos Synestryn...

— Cuidarei disso, — disse Joseph com uma expressão sombria. — Isso muda as coisas. Com Jackie.

— Não muda nada.

— Você é compatível com Serena. Jackie pode ser com qualquer um. Precisa deixá-la ir.

— Sei. Já decidi isso. Mas, por favor, me dê tempo para fazer isso do meu jeito.

— Os homens estão sofrendo.

A raiva se ergueu, estragando o estômago de Iain. — Não precisa me lembrar. Estou perfeitamente ciente do que eles estão enfrentando.

— Então vai fazer a coisa certa?

Começava a ficar difícil dizer exatamente o que era a coisa mais certa, mas a parte que se mantinha presa a honra o lembrou de seu curso. — Farei.

Joseph concordou. — Seja rápido sobre isso. Quero alguém vinculado a Serena o mais rápido possível, então saberemos se está planejando alguma coisa.

Iain não poderia ajudá-lo com isso, mas fingiu concordar e saiu da sala.

Deveria ter ido direto para o arsenal por uma lâmina limpa, e depois sair ao encontro de seu destino hoje à noite. Mas não poderia fazê-lo. Ainda não. Precisava ver Jackie novamente e lhe assegurar que tudo ficaria bem. Que não iria abandoná-la por outra mulher.

Simplesmente iria abandoná-la.

Jackie estava uma confusa bagunça de emoções irracionais. Odiava Serena por ter aparecido, mesmo quando se compadecia da pobre mulher por seus dois séculos de cativeiro. Ciúme rasgava através dela, mas por que isso, quando não deveria se importar com o que Iain fazia? Já havia deixado claro que queria que estivesse com outro homem. E nada disso deveria tê-la incomodado, porque tudo o que queria era ser deixada em paz para viver sua vida. Não precisava de Iain. Que ficasse com Serena. Não deveria importar nem um pouco.

Mas importava, e a chateava.



Andava em sua suíte vazia, sentindo o crepitar de magia derramando de seus dedos. Seus pelos estavam arrepiados, e as luzes sobre sua cabeça piscaram.

Precisava se acalmar. Agir racionalmente.

A porta de sua suíte abriu e Iain entrou como se fosse o dono do lugar.

— Como conseguiu entrar?

Levantou um cartão-chave. — Pensei que poderia não me deixar entrar, então, tomei as precauções.

Aquilo a fez parar de repente e andar na direção dele. — Pensou que poderia não deixá-lo entrar, assim que foi e pegou uma chave? Vocês não têm nenhum senso de privacidade, afinal? Dê o fora.

— Precisamos conversar.

— Não. Não temos. Sei o resultado. A mulher que ama está de volta. Deve ficar com ela. Ela precisa de você. — Dizer essas palavras quase a sufocaram, mas se obrigou a colocá-las para fora.

— Não entende. Não é tão simples.

Jackie puxou a luceria em torno de sua garganta, tentando tirar a maldita coisa. — Serena está viva e bem. Faça esta merda cair já, vai fazer?

Olhou para o chão, com as mãos em punhos ao seu lado. — Se pudesse fazê-la cair, teria feito isso. Você é a única que fez essa promessa estúpida.

A raiva explodiu dentro dela e foi diretamente em seu rosto, subindo na ponta dos pés para diminuir a distância entre eles. — Essa promessa salvou sua vida, seu idiota ingrato.

— Deveria ter me deixado morrer. — Não havia calor em suas palavras, apenas o mesmo tom de aceitação.

Isso não fazia sentido, assim que instintivamente o alcançou através de seu vínculo para ver o que estava acontecendo dentro de sua cabeça. Era raiva, mas nada disso mostrava em suas características. Era como se nem sequer fosse suficiente para ele perceber. Sob a raiva estava o arrependimento, culpa e um sentimento de perda, como se tivesse cometido algum erro irrevogável.

— O que é isso?, — perguntou. — O que fez?

— Tantas coisas. — Pegou seu rosto, e não podia deixar de se inclinar para seu toque. Seu corpo traidor não se importava se estava brava com ele, ou que seus sentimentos estavam rasgados em pedaços. Aquilo enfatizava a sensação de sua pele na dela, e o formigamento borbulhante que afundava dentro dela, aquecendo-a. — Tenho que te deixar. Sinto muito. Queria que ouvisse de meus lábios o quanto gostaria que as coisas fossem diferentes.

Jackie sabia que isso aconteceria, mas não havia nenhuma maneira de se preparar para o golpe. Se afastou, tentando segurar as lágrimas que se acumulavam em seus olhos de caírem. — Está tudo bem. Entendo. Você a ama. Claro que tem que ficar com ela.

Suas pálpebras baixaram em arrependimento. — Vá ver Cain. Por favor. Odeio deixá-la desprotegida.

— Vou ficar bem.

— Estará bem quando tiver acesso ao poder de Cain. Prometa-me que irá para ele.



— Não. Não te farei nenhuma promessa.

— Por favor, Jackie. Basta falar com ele. Passe algum tempo com ele. Irá mantê-la segura. Nunca permitirá que seja levada pelos Synestryn novamente.

Estava cansada desse argumento. Que mal poderia haver em fazer o que pedia? Especialmente agora, quando já estava vinculada a Iain e incapaz de tomar qualquer decisão ruim. A que já fez circulava sua garganta, impedindo-a de fazer outra. — Tudo bem. Vou vê-lo se isto te fizer se sentir melhor sobre o que precisa fazer.

Jackie queria que fosse feliz. Realmente queria. Mesmo tão ciumenta quanto estava, tão ferida como estava, se importava com ele. Merecia uma chance de ser feliz, mesmo que assim não tivesse mais nada a ver com ele.

Assentiu com a cabeça, deixando escapar um suspiro de alívio. Seu olhar negro percorreu seu rosto enquanto a memorizava, e então se inclinou e deu um beijo suave e rápido em sua boca. — Adeus, — sussurrou, em seguida, virou-se e deixando-a sozinha.

Era o que queria, não era? O que estava pedindo o tempo todo?

Jackie se recusou a chorar, mas acabaria fazendo exatamente isso, se não se distraísse. Disse a Iain que veria Cain, assim o melhor era fazer isso então estaria livre de sua obrigação. Quanto mais cedo parasse de pensar em Iain, mais fácil seria terminar com essa merda de estar juntos e seguir em frente.

Iain quase saiu sem dizer nada a Serena. Já lhe causou tanta dor, e não conseguia pensar em uma única coisa que poderia dizer agora para diminuir tudo disso. Ainda assim, por respeito ao que eles uma vez compartilharam se sentiu moralmente obrigado a, pelo menos, dizer-lhe adeus.

Foi para a sala de interrogatório, onde estava presa. Joseph teve que construí-la depois que descobriu que havia um traidor entre eles, e construí-la não ajudou em nada a extirpar o culpado. Nem mesmo Nicholas, com seus olhos e ouvidos eletrônicos plantados em toda parte, teve alguma sorte em encontrar o traidor.

Iain não teria que se preocupar com tais coisas muito mais tempo. Causou danos suficientes, agarrando-se ao que pensou que fosse honra, quando era realmente arrogância. Continuou vivo pensando que só ele poderia salvar seus irmãos.

Uma total e completa besteira. Percebia isso agora.

Ou talvez só percebia o que estava fazendo a Jackie, amarrando-a a um homem sem alma. Quase a estuprou. Se tivesse resistido, teria feito. Seu monstro havia saído do controle, e sabia que era só uma questão de tempo antes que acontecesse novamente.

Não apenas possuía um monstro escondido dentro dele - *era* o monstro, usando uma máscara de civilidade, esperando que ninguém percebesse suas garras e presas.

A porta estava trancada. Iain olhou para a câmera e ligou para Joseph. — Preciso ver Serena, — disse

— Não sei se isso é uma boa ideia. Tynan vai tomar um pouco de sangue e verificá-lo com os registros familiares. Quero ter certeza absoluta sobre ela antes de deixá-la sair.

— Não vou deixá-la sair. Só quero falar com ela.



— Iain, eu...

— Maldição, Joseph! Apenas deixe-me falar com ela, explicar sobre Jackie. Devo-lhe muito mais que isso.

Joseph suspirou. — Ótimo. Dê-me um minuto e terei Nicholas abrindo a porta.

Iain caminhou até ouvir o clique e depois entrou. Lá, do outro lado do vidro, Serena estava sentada, a cabeça apoiada nos braços cruzados. Quando se aproximou, levantou a cabeça. — Iain?

Então. Ainda podia senti-lo da forma que faziam.

Iain passou pela porta ao lado, apoiando-a aberta com uma cadeira para não ficarem trancados.

Ela se levantou, endireitando os ombros. Sua majestosa beleza ainda estava lá, mas seu poder sobre ele desapareceu. Ou talvez seja a falta de uma alma que havia diminuído seu apreço por sua aparência. Intelectualmente, podia ver que suas feições eram perfeitamente simétricas e delicadas, mas quando buscava dentro de si mesmo para ver como se sentia sobre ela, tudo o que conseguiu era ar e a poeira. Não havia nada lá, apenas a memória do que já sentiu.

— Como está?, — perguntou. — Precisa de alguma coisa?

— Gostaria de alguma roupa decente. Não gosto de mostrar minhas pernas para qualquer um que entre aqui.

Assentiu e enviou uma mensagem de texto a Joseph para ver se poderia ter uma muda de roupa.

— O que é esse dispositivo?

— Um telefone celular. Muita coisa aconteceu desde que você foi... levada.

— Levada, — disse, uma insinuação de zombaria no tom da sua risada. — Que maneira de expressar minha prisão.

— Não queria fazer pouco do que aconteceu com você.

Seu olhar moveu-se para a garganta dele e uma centelha de dor atravessou seus olhos. — Quanto tempo devo ficar aqui?

— Não depende de mim.

— Então, está aqui para recuperar os velhos tempos? Não posso imaginar que sua mulher aprecie que tenha uma reunião privada comigo.

— Estou aqui por respeito. Pelo que nós compartilhamos.

— Quer dizer que está aqui para dizer que não me ama. Não há necessidade. Já me dei conta de tudo no momento que te vi. Está diferente agora.

Baixou o olhar, com medo que visse a verdade através deles. — Muita coisa aconteceu desde que se foi.

— Nada aconteceu. Pelo menos não para mim.

— Sinto muito, Serena. Realmente sinto. Gostaria que as coisas pudessem ser diferentes.

— Eu também.

— Estará segura aqui. Cuidada.

— Mas não por você, isso que quer dizer?

— Não posso mudar isso, — disse.



— A ama?, — perguntou Serena. — A ama do jeito que me amou?

Desejava poder, mas a verdade é que o amor estava além dele agora. Tanto para Serena quanto para Jackie. — Falar sobre isso só vai te machucar.

Se levantou de um salto, sua saia girando em torno dela. — Não se atreva a me falar de dor. Não sou uma criança para mimar. Nós estávamos apaixonados. Estava disposta a abandonar minha família por você. Mereço saber se ama a mulher que me substituiu.

Levantou-se, procurando uma maneira de diminuir a dor que viu brilhando em seus olhos. — Jackie e eu só nos conhecemos há pouco tempo.

Tremia de raiva quando pegou a mão dele, segurando sua luceria na frente de seu rosto. — Seu anel fala de modo diferente. E sua marca da vida... — Antes que pudesse sequer perceber o que estava fazendo, agarrou a frente de sua camisa e rasgou-a aberta. Botões estalaram no chão.

Olhou para seu peito, e seu rosto ficou pálido, os olhos arregalados. Apertou a mão contra a sua marca de vida, olhando com horror. — Por que sua árvore não está restaurada? Onde estão as folhas? Vejo apenas três, e cada uma delas é falsa.

Iain reuniu as mãos dela em uma das suas e tentou fechar os restos esfarrapados de sua camisa. — Serena, deixe-me explicar.

— Explicar? — sussurrou. — Não pode explicar isso. — olhou em seus olhos quando se afastou. — Agora sei o que foi que vi ... o que estava diferente em você. Não está apenas mais frio. Está ... sem alma.

— Não, — se apressou a dizer, lutando para pensar em algo para apaziguá-la e apagar o medo vibrando por ela.

Quando deu um passo para frente, deu outro para trás, pressionando-se contra a parede.

O monstro dentro de Iain começou a empurrar dentro da sua gaiola, exigindo ser libertado. Queria matar Serena para que a impedisse de divulgar seu segredo. Então Iain poderia mentir e dizer que era uma impostora, que se voltou contra ele. Ninguém jamais questionaria sua decisão de proteger as pessoas daqui.

Nem sequer teve a chance de lutar contra a besta antes que Joseph explodisse na sala, sua espada desembainhada. — O que disse é verdade?

Iain alcançou sua lâmina. Poderia vencer Joseph na batalha. O homem passava mais tempo atrás de uma mesa do que no campo. Estava brando, fora da prática. Nem sequer seria difícil derrubá-lo.

O monstro o aplaudiu, tinindo contra as grades, entoando encorajamento. *Matar, matar, matar.*

Seria tão fácil. Tão rápido. Poderia estar fora daqui em segundos, e ninguém jamais conheceria sua vergonha.

Sentiu a presença de Jackie tocando sua mente, como se algo a tivesse perturbado. Estava preocupada. Com ele. Acabou de abandoná-la, e ainda assim estava preocupada com o que acontecia com ele.

Se matasse Joseph, ela encontraria uma maneira de culpar-se por suas ações por não ter visto o que realmente era.



Iain desembainhou sua espada. O aço se sentia bem em sua mão. Correto. O monstro soltou um silvo de encorajamento.

Matar, matar, matar.

Iain não podia. A única coisa que lhe restava era sua honra, e um homem honrado nunca mataria seu irmão ou uma mulher indefesa.

Abriu seu punho. A espada caiu no chão com um ruído metálico, e Serena se esforçou para erguê-la, apontando para seu peito.

Levantou as mãos lentamente e olhou para Joseph, sabendo que não tinha mais escolha. — Não vou lutar, mas faça o que precisa fazer rápido. Não sei por quanto tempo posso permanecer em meu próprio controle.

Joseph avançou e bateu com a coronha da sua espada duramente na têmpora com força o suficiente para fazer o mundo de Iain ficar preto.

Capítulo 22

Jackie sentiu algo estranho, mas quando buscou Iain para ver qual era o problema, a afastou.

Legal. Realmente não queria saber o que estava acontecendo entre ele e Serena de qualquer modo. Não era assunto seu. Só queria que a maldita luceria se apressasse e caísse já, para que não continuasse a torturando com vislumbres do homem que... o que? Gostou? Cuidou? Amou?

Não. Era apenas uma questão de apego – um sentimento artificial que iria embora logo que a luceria se fosse. Por enquanto, porém, seria bom ter a luceria de Iain, sobre tudo, para o que estava prestes a fazer.

Jackie encontrou Cain na área de treinamento. Tão frio como fazia, ainda estava sem camisa, encharcado de suor. Uma enorme quantidade de peso estava conectada a um alteres, que puxava como se estivesse vazio.

Era um homem grande, com mãos gigantescas, com uma constituição espessa e pesada. Seus olhos eram de um verde-escuro, e a observava fixamente enquanto se aproximava. Foi só quando estava de pé ao lado dele, tornando-se óbvio que veio vê-lo, que parou o que estava fazendo.

— Posso falar com você?, — perguntou.

— Claro. — Sua voz era profunda, rouca e áspera.

— Sozinhos?

Seus olhos dispararam para seu colar, depois voltou para seu rosto. — Sim, minha Dama.

Jackie ouviu esse termo usado antes em referência às outras mulheres Theronai, mas não sabia com certeza se era algum tipo de título cerimonial, ou um termo carinhoso. De qualquer maneira, o ignorou para poder concluir essa nova tarefa o mais breve possível.



Levou-o para a área aberta onde praticavam com espadas. Os outros homens observaram, nem sequer fingindo que não faziam.

Deixou escapar um longo suspiro. —Cheguei à conclusão de que se não quiser me tornar uma vítima dos Synestryn de novo, terei que aceitar minha doença.

— Sua doença?, — perguntou.

— Sim. Essa que meu pai me passou - toda essa besteira de magia.

— Já vejo. E o que exatamente isso significa?

— Isso significa que terei que usar um desses malditos colares para poder chutar a bunda de qualquer demônio que se atreva a vir atrás de mim.

— Um exercício de bom senso.

Bufou com isso. — O problema é que não quero o trabalho que vem com isso. Quero ter uma vida *humana* normal tanto quanto possível. Não fui feita para toda essa merda de caçar-monstros.

— A menos que esses monstros tragam a luta até você.

— Exatamente.

Uma brisa fria a percorreu, e tentou não tremer. Não fazia ideia de como Cain poderia ficar sem camisa, mas precisava admitir que era uma bela vista. Não tão agradável como o peito nu de Iain, mas ...

Antes que essa linha de pensamento pudesse descarrilar completamente, forçou-se a se concentrar. — Iain e eu não está dando certo.

— Odeio discordar, mas a solidificação de cores em sua luceria conta uma história diferente.

— Serena está de volta.

Cain negou com a cabeça em um silêncio atordoado.

— É verdade. Iain confirmou que é ela. Aparentemente estava presa no limbo, em algum lugar, mas está aqui agora, e não há nenhuma maneira que possa competir com ela. Mesmo que não fosse linda de morrer, Iain a ama. — Falar as palavras em voz alta as fazia muito reais, muito devastadoras. Não deveria se importar a quem Iain amava, mas não conseguia deixar de estar ciumenta. Mas não era o ciúmes a pior parte. A pior parte era a dor profunda na boca do estômago que parecia não ir embora. Tanto quanto lutou contra essa união, estava começando a se acostumar a tê-lo a seu redor. Parecia frio às vezes, mas também queimava intensamente depois, fazendo-a se sentir mais viva do que nunca sentiu antes. E no fundo, seu instinto lhe dizia que precisava dela. Tão presunçoso como era pensar que possuía algo a lhe oferecer que Serena não pudesse lhe dar, ainda sentia ... algo.

O que quer que esse algo fosse, nem sequer conseguia explicar para si mesma, muito menos para qualquer outra pessoa. Precisava encontrar uma maneira de deixá-lo ir, e a única maneira de fazer isso com segurança era escolher outro homem que não permitisse que se tornar alimento de demônio de novo.

— Minha pergunta à você, Cain, é se poderia me deixar viver minha vida em paz ou não. Iain parece pensar que poderia.

— O que, exatamente, está me perguntando?



— Se concordar em tomar sua luceria, em troca teria que me prometer deixar-me viver uma vida humana. Pode fazer o que quiser, mas assim também poderia. Teria uma casa, um trabalho... sabe, uma vida normal.

— Nós não trabalharíamos juntos?, — perguntou como se o conceito fosse muito estranho para entender.

— Acho que poderíamos, mas tudo o que fizermos não teria nada a ver com guerra, magia, ou demônios.

— Por quê? Por que quer uma existência mundana quando tem poder para combater o verdadeiro mal?

— Porque não suporto acordar todas as manhãs me perguntando se sobreviverei mais um dia. Porque não posso lidar com o terror do combate. Mas principalmente porque não suporto ver o horror que aqueles monstros causam. Vai me matar se tiver que enfrentar isso todos os dias.

Assentiu com a cabeça lentamente, uma profunda tristeza escurecia seus olhos. — Entendo.

— Entende? Entende que nunca vou superar isso, que não é apenas uma fase, ou entende que só preciso de algum tempo para entrar em razão e ver as coisas da sua maneira? Nunca vou querer ser uma parte de seu mundo.

—Entendo que quer dizer exatamente o que diz. Não estou convencido, porém, que sempre se sentirá dessa forma. Quando se vive tanto tempo quanto nós fazemos, é difícil *não* mudar de ideia sobre as coisas.

— Não estou disposta a continuar discutindo com ninguém sobre isso. A minha pergunta é, acredita ou não que poderia ser o tipo de homem para tirar o inferno fora do meu caminho e me deixe viver, mesmo se estivermos conectados por algum colar mágico.

Ficou em silêncio por tanto tempo, que estava começando a pensar que sua busca ainda não havia terminado. — Tudo bem, — disse finalmente. — Sempre e quando não coloque em perigo sua vida, posso te dar o que quer.

— Isso é exatamente o ponto, não arriscar minha vida todos os dias.

— Tudo bem, então.

Uma onda de alívio se apoderou dela, mas sabia que era muito cedo para comemorar ainda. — Há mais uma coisa.

— O quê?

— Não agora, mas logo, acho que vou querer um bebê. Não tem que ser seu, se for estranho pra você, mas preciso ter certeza de que não muda nada para você. Nós não seremos um casal de verdade nem nada, mas uma criança é um negócio muito grande, então pensei que deveria saber.

Um olhar de intensa impaciência atravessou seu áspero rosto, e teve certeza que balançou um pouco em seus pés. — Isso muda as coisas. Imensamente.

Droga. Esteve tão perto. Deu um suspiro pesado. — Obrigada de qualquer maneira.

Assim que se virou para ir embora, a segurou pelo braço. — Me entendeu mal.

Se virou e olhou para ele, esperando que se explicasse. — Como?

— Por você, desistiria dos meus sonhos de estar vinculado a uma mulher disposta a lutar pela causa à qual dediquei minha vida inteira. Por uma criança... renunciaria a muito, muito mais.



— Oh. — Não esperava isso, mas teve um grande efeito nela. — Ok, então. Está resolvido. Assim que a luceria de Iain cai fora, te chamarei. Não quero outra sessão de ávidas mãos de todos os outros homens, então agradeceria se mantivesse isso para si mesmo.

Assentiu com a cabeça, a garganta se movendo como se fosse incapaz de falar.

Odiava que não estivesse tão entusiasmada com essa ideia como Cain estava, mas pelo menos ter sido abandonada por Iain fez uma pessoa feliz.

Jackie repreendeu-se por ser tão dramática. Iain não estava abandonando-a. Além disso, em apenas um par de dias atrás estava esperando que fosse libertá-la. Estava recebendo exatamente o que queria, ou pelo menos o mais próximo a isso que sua paternidade mágica permitiria. Deveria ficar feliz com isso. A vida normal que tanto queria - a que havia sonhado durante dois longos e terríveis anos - estava apenas virando a esquina.

Se era o que tanto queria, então por que diabos sentia vontade de chorar?

O telefone de Jackie tocou, e o nome de Joseph apareceu na tela. Olhou para Cain. — Te chamarei em breve.

— Não deixarei o complexo até que me dê notícias.

Afastou-se, respondendo à chamada.

— Onde está ? , — Joseph perguntou.

— Aqui fora das janelas de seu escritório. Por quê?

— Nós precisamos conversar.

— Isso não soa bem.

— Não é. Precisa se preparar, Jackie. É tão mal quanto parece.

Jackie desligou e correu pelos corredores de seu escritório. Sua mente repleta de imagens de suas irmãs mortas ou feridas. Nesses poucos e breves segundos, viu o corpo de Helen carbonizado de forma irreconhecível e Lexi sangrando no chão. Não se preocupou em bater à sua porta, mas voou para dentro.

Helen estava lá. Seu rosto estava sombrio, mas estava viva e inteira.

A oscilação momentânea de alívio que sentiu foi de curta duração. — É Lexi? Está machucada?

— Não, — disse Helen, segurando Jackie pelos ombros. — Lexi está bem. Falei com ela ontem à noite.

— Então o quê? O que é essa notícia terrível?

— É Iain, — disse Joseph.

O estômago de Jackie se afundou, e alcançou o colar para tranquilizar a si mesma que ainda estava ali e, ao mesmo tempo, o alcançou com sua mente. Iain estava ali, saudando-a com tranquilidade e conforto. — O que tem ele? Sei que está vivo. Posso senti-lo.

— Isso é tão difícil de dizer, — disse Helen. — Precisa sentar-se.

— Ele está bem, — insistiu Jackie. — Disse que posso senti-lo. — Se não fosse capaz, teria ficado totalmente assustada, mas ainda estava lá, em seus pensamentos, sussurrando-lhe que tudo ia ficar bem.



— Sua alma está morta, — disse Joseph, em um tom frio. — vou levá-lo para os Slayers amanhã para ser executado.

O mundo girou abaixo de seus pés, e se Helen não a tivesse segurando, teria caído.

Drake estava lá, também, colocando-a em uma cadeira. — Isso não é uma maneira suave de dizer isso, Joseph.

— Não há nenhuma maneira suave de lhe dizer o que vai acontecer, então que se foda, Drake. Joseph olhou para Jackie, em seguida, baixou a voz. — Sinto muito, Jackie. Se soubesse que isso acontecia, não teria permitido que ficasse tão perto dele. É um milagre que não tenha te machucado.

Olhou ao redor da sala. Todo mundo estava tão sóbrio, como se já estivesse morto. — Claro que não vai me machucar. Que diabos está falando? Nunca deixou que nada ou ninguém sequer chegasse perto de mim. Se lhe disse que me machucou, está mentindo. Vou testemunhar sob juramento, ou o que quer que as pessoas façam.

O rosto de Joseph era de pedra. — Não há nada que possa dizer para mudar o que vai acontecer.

— No inferno que não existe. Não vou deixar condenar um inocente a morrer.

— Você não entende, Jackie, — disse Joseph. — Não há julgamento. Sua alma está morta. Será condenado à morte amanhã.

— O que fez para merecer isso?

— Não me ouviu? Está sem alma.

— Que merda?, — quase gritou. — Quem matou?

— Ninguém. Ainda.

— Então está me dizendo que irá executá-lo por algo que ainda não fez?

— Vai machucar alguém. É só uma questão de tempo.

Levantou a mão para Joseph. Eletricidade arqueava entre os dedos fazendo o ar crepitar. — Sim, bem, estou a ponto de machucar alguém também. Vai me matar?

A mandíbula de Joseph apertou com raiva. — Você tem uma alma. Iain não tem.

— Como sequer sabe disso? De onde estou sentada, você parece o bastardo sem alma aqui.

— Ele sabe, Jackie, — disse Helen, sua voz suave. — A marca de vida de Iain está nua. Escondeu-a com tatuagens de folhas, mas Serena conhecia muito bem. Não se deixou enganar.

A mão de Jackie caiu, a eletricidade se dissipando com seu choque e dor.

Serena o conhecia bem o suficiente para ver que não tinha alma depois de estar com ele por apenas cinco minutos, e no entanto Jackie esteve nua e intimamente com ele por horas e nunca sentiu nada. Talvez não fosse tão próxima a ele como se enganou em pensar que fosse.

Nada disso importava agora. Precisava encontrar uma maneira de fazer essas pessoas verem a razão. — Não pode matar um homem por algo que poderia fazer. Se fizéssemos isso, então teriam que matar todos vocês, também. É bárbaro.

— É nosso costume, — disse Joseph.

— E quer saber porque não quero qualquer parte de seu fodido mundo. — Virou-se para Helen. — Certamente vê como isso é insano.



— Vi através de Drake o dano que pode acontecer se deixar Iain vivo. Preciso confiar que sabem o que estão fazendo. Estão lidando com isso por milhares de anos. Se esta é a forma mais segura, então devemos aceitar isso.

— Vocês são uns malditos loucos. Quero vê-lo.

— Não, — disse Joseph. — Poderia te machucar.

Com um pensamento e mais força do que provavelmente era necessário, usou um bloco de ar para golpeá-lo pra trás em uma parede. As espadas montadas atrás dele caíram no chão e os papéis rodaram para todos os lugares. — Posso me proteger. Agora, onde diabos está?

— Deixe que o veja, Joseph, — disse Helen. — As mentiras de Iain terminaram. Não vai tentar se esconder. Irá vê-lo como realmente é agora.

— Tudo bem, — Joseph disse entre os dentes cerrados. — Mas não vou deixar ir sozinha. Helen, Drake, vão com ela.

Jackie retirou o ar que o estava segurando, e ele se segurou quando caiu.

Não se preocupou em agradecer-lhe. Não agradeceria ao homem que queria matar Iain.

Cain correu pelos corredores em direção à suíte de Tynan. Bateu na porta com a lateral do seu punho. — Abra.

Tynan abriu de um golpe a porta, franzindo a testa para Cain. — O sol não se deitou completamente. Vá embora até que o faça.

Cain não podia esperar, e não tinha tempo para as manobras calculistas que lhe ganhariam sua entrada. Precisava fazer isso. Agora.

Empurrou a porta aberta. Tynan retrocedeu, incapaz de impedi-lo de entrar.

— O que é tão importante?, — perguntou Tynan, suas palavras entrecortadas com irritação.

— Preciso do soro.

Tynan franziu a testa, as rugas marcavam seu rosto bonito. — Encontrou uma mulher?

Cain estava tremendo de dentro para fora. Ainda não podia acreditar no que Jackie tinha-lhe oferecido.

Bem, tecnicamente, não ofereceu. Disse que queria um filho. Não disse que queria que fosse dele, mas não queria correr nenhum risco. Se tivesse a oportunidade de ter um filho próprio, teria. E a ela.

— Você vai me dar?, — perguntou, não querendo dizer a Tynan sobre Jackie, por medo de que se dissesse isso em voz alta, traria azar e ela mudaria de ideia.

Tynan olhou-o por um bom tempo, seus pálidos olhos azuis, constantemente gelados o analisando. — Você parece desesperado.

— Se alguém tivesse lhe oferecido a chance de ter sua própria criança, como se sentiria?

O Sanguinar assentiu e saiu da sala por um momento. Quando voltou, segurava uma seringa na mão. — Isto vem com um preço.

— Claro que sim. Não esperava menos. O que quer?

— Sangue. E um vínculo de paz.



Cain instantaneamente se rebelou contra a ideia. Se Tynan o submetesse a um vínculo de paz, então nunca mais seria capaz de ferir o homem - mesmo que se tornassem inimigos.

A seringa brilhava sob as luzes do teto da suíte de Tynan, brilhando com a promessa. Fechada dentro daquele pequeno recipiente estava a resposta potencial às suas orações. Tudo o que precisava era fazer um pacto com o diabo.

Jackie queria um filho. Teria um com ou sem o seu envolvimento.

Não havia realmente nenhuma pergunta. Perder Sibyl o estava matando - literalmente. Não podia deixar de estender a mão e agarrar essa oportunidade, não importava o custo.

— Feito, — disse Cain.

Tynan sorriu e mostrou as presas.

Capítulo 23

Assim que o sol se pôs, Ronan levantou-se de seu sono. Havia se refugiado no porão de uma casa Geraí, trancando-se dentro, longe do sol.

Estava ansioso para continuar sua busca pela mulher sangrando. A caçada de ontem à noite o trouxe a esta área, mas o rastro do cheiro de seu sangue tinha esfriado, atrasando-o. Nem sequer sabia se ainda estava nas proximidades, ou se estava sofrendo de um caso se imaginou.

A fome torcia suas entranhas, fazendo-o prosseguir.

Cheirou a presença de outra pessoa, antes de vê-la. Um leve perfume ou, talvez, o sabão em sua roupa misturado com o cheiro de uma mulher humana. Encontrou-a na cozinha, mexendo num saco de mantimentos.

Ela congelou, seus olhos escuros ampliando-se em surpresa.

— Não vou te machucar, — disse-lhe.

Estava na casa dos cinquenta, presumiu, uma figura gorducha e gentil de olhos castanhos. Cobriu seu coração com as mãos e soltou um suspiro de alívio. — Me surpreendeu.

Em uma mão, usava uma aliança de casamento, e na outra um anel Geraí de prata — um anel liso com uma única folha gravada no metal. Ronan deslizou para frente e estendeu a mão para apertar a dela.

O anel Geraí vibrava contra sua pele, comprovando sua autenticidade. Essa mulher era um dos raros seres humanos que possuíam suficiente sangue Athanasian para ser um verdadeiro Geraí — um ser humano a ajudar na guerra contra os Synestryn.

— Sou Ronan. Lamento ter lhe assustado.

— Tudo bem. — Um escuro rubor coloriu suas bochechas quando o olhou, mas estava acostumado com isso. Sua espécie era bonita, e mesmo os seres humanos que havia conhecido durante anos tendiam a deixar seu olhar demorar-se um pouco mais.



Soltou sua mão e deu um passo atrás. O predador nele instigava-o a atacar, em beber seu sangue e saciar sua fome. Em vez disso, colocou outro saco de compras em cima da mesa e começou a remover os itens da sacola.

— Não estou acostumada a encontrar ninguém por aqui, — disse a ele.

— Estava caçando nesta área e tive que me abrigar do sol.

— Está com fome? Poderia arranjar alguma coisa para comer.

Suas mãos congelaram no ato de tirar uma lata de ervilhas.

Ela gaguejou, apressando-se em corrigir-se. — Sinto muito. Não estava pensando. Provavelmente não quer comida de verdade, de qualquer forma.

Sua oferta inocente fez com que sua fome crescesse, abafando todas as outras sensações. — Eu como, — disse, na esperança de acalmá-la. — Comida de verdade, quis dizer.

Percebeu seu olhar e ficou presa. Não havia planejado se alimentar desta mulher, mas estava aqui, e estava morrendo de fome.

Deixou que uma pequena corrente de seu poder deslizasse dele para envolver-se em torno dela. Suas pálpebras fecharam-se e seu corpo curvou-se ligeiramente quando relaxou.

— Mas o que preciso agora é de sangue. Quer dar isso para mim, não é?

Sua presa assentiu.

Ronan chutou a porta da geladeira, fechando-a e levantou-a nos braços. O sofá estava próximo e era perfeito para suas necessidades. Deixou cair a cabeça para trás, expondo sua garganta. — Quer lembrar o que farei com você? — perguntou.

— Não, — sussurrou. — Meu marido...

Isso era melhor. O pobre coitado provavelmente pensaria que sentiu alguma atração por ele e que isso seria a traição de seus votos. Não era. Não podia parar sua reação a ele mais do que poderia ajudar a sua reação a ela. Precisava de seu sangue, de seu poder.

Ronan fez um trabalho rápido para alimentar-se, bebendo até que estivesse pairando à beira de perder muito sangue. Seu poder deslizou para ele, diminuindo a fome voraz o suficiente para permitir-lhe concentrar-se.

Apagou toda a memória de sua presença e encheu-a com a compulsão de descansar e de hidratar-se antes de voltar ao volante de seu carro. Sem marcas permanentes para mostrar o que tinha feito, a deixou dormindo no sofá.

Antes de sair, terminou de arrumar as compras perecíveis e deixou um copo de água sobre a mesa ao lado dela. Com sua consciência aliviada, tirou sua van fora da garagem e partiu com as janelas abertas, esperando por algum indício do rastro que ficou imperceptível.

Pela primeira vez, Iain sabia exatamente como o seu monstro se sentia, estando preso e enjaulado, impotente para agir.

Agarrou as barras da cela, puxando e empurrando-as contra qualquer sinal de fraqueza. Não havia janela aqui. As paredes eram de concreto e vários metros abaixo do solo. E enquanto sabia que deixar-se ser levado em custódia era a coisa certa, agora o lamentava.



Jackie sentia dor. Podia sentir seu choque e raiva derramando-se através de seu vínculo. A negação ofuscava sua dor, levando-o a se perguntar se aceitou o seu destino da mesma maneira que ele.

Precisava estar com ela, para lhe dizer que tudo ia ficar bem. Chegar a ela através do luceria não era suficiente. Queria ver-lhe o rosto e saber que acreditava no que dizia. Não havia nenhuma maneira de aceitar sua morte em paz, se soubesse que foi deixada para trás, confusa e sofrendo.

O bloqueio na entrada principal para a cela de detenção zumbiu ao ser aberta. Iain se esforçou para ver quem era, mas o ângulo era muito fechado. — Quem está aí?

— Sou eu, — disse Jackie, sua voz caindo sobre ele como água limpa e quente.

Deu um longo suspiro e estendeu a mão através das grades para ela.

— Mantenha as mãos para si mesmo, — disse um homem. Então, um segundo depois, Drake entrou em sua visão. — Estou aqui para garantir que tudo ocorra bem e de forma civilizada. Entendeu? Se ver qualquer sinal de perigo, vou arrastá-la para fora daqui.

Iain assentiu e recuou. Seria um bom menino se isso garantisse ver a Jackie novamente antes de morrer. Além disso, a ideia de Drake tocá-la fez seu monstro querer sair e jogar.

Jackie apareceu, e foi muito difícil conter o fôlego. Seus olhos cinzentos brilhavam com lágrimas não derramadas, e mordida o lábio inferior em ansiedade.

— É verdade? — perguntou, se aproximando. — O que disseram sobre a sua alma?

Seu olhar caiu no chão com a vergonha e assentiu. — Não pude te dizer. Sinto muito.

— Mas você não parece... malvado.

— O escondo. Me controlo. Mas está lá, escondido dentro de mim, ficando cada vez mais forte a cada dia.

— Isso é o que vi, não foi? Quando estávamos juntos...

Ainda não conseguia olhá-la nos olhos. — Não queria isso para você. É por isso que queria que escolhesse outro homem. Sabia que nunca seria completo.

— É por isso que a luceria não cairá. Porque nunca vai estar novo em folha.

Os dedos dela deslizaram entre as barras, tão delicados e bonitos. Lembrou-se de como podiam fazê-lo sentir, e quis que o tocasse novamente, quase deixando-o louco ao resistir à necessidade de dar um passo à frente para que pudesse alcançá-lo.

— Isso não é seguro, — disse Drake. — Não me faça forçá-la a sair.

Sua cabeça girou para encará-lo. — Experimente e veja o quão bem isso sairá.

A voz de Helen veio fora de vista, mas próxima. — Está apenas tentando protegê-la.

— Apenas nos deixe em paz por um minuto, ok? Nós merecemos um pouco de privacidade, maldição.

— Sinto muito, — disse Drake. — Isso não vai acontecer.

Jackie agarrou uma explosão de energia de Iain, e depois acenou com a mão. Drake deslizou para fora de vista como se tivesse sido empurrado.

— Ele está certo, — disse Iain. — Não é seguro para você ficar perto de mim.

— Você também não. Estou cansada de ouvir besteiras. Quero que me diga o que preciso fazer para salvá-lo.



— Há uma coisa que você poderia fazer.

— Diga-a.

— Preciso que entregue uma mensagem a alguns homens para mim. — Deu-lhe os nomes dos outros homens da Banda dos Áridos. — Diga-lhes que lhe envie, o que aconteceu comigo, e depois diga-lhes que a Banda está comprometida, e que precisam se esconder.

— Não entendo.

— Basta dizer-lhes isso. Saberão o que quis dizer.

— Como é que isto vai te salvar?, — Perguntou.

— Não vai, mas pode salvar-lhes a vida.

— Não estou preocupada com a vida deles. Estou preocupada com a sua.

— Não há nada que alguém possa fazer para me salvar. Não pode trazer a minha alma de volta à vida mais do que pode trazer de volta as pessoas que morreram naquelas cavernas.

Ela estremeceu, as sobrancelhas apertaram-se juntas com dor. — Não diga isso. Tem que haver um jeito, algum feitiço mágico ou algo assim?

— Morte é morte. Nós dois temos que aprender a viver com isso. Só lamento que ainda estará vinculada a mim no final. Tentarei manter meus pensamentos para mim mesmo, mas terá que me manter longe. Envergonha-me admitir isso, mas talvez não seja capaz de me controlar e evitar alcançá-la.

Uma lágrima deslizou pelo seu rosto, mas não havia fúria oculta sob a tristeza. — Não vou deixá-lo morrer sozinho.

— Não quero você comigo, Jackie. Não quero que sinta a vida escorrer para longe de mim. Isso vai assombrá-la para sempre. Prefiro que se lembre de tudo o que viu em mim que fez com que se importasse o suficiente para estar aqui agora.

— Claro que me importo com você. Como poderia não me importar quando você não pensou em nada além das pessoas ao seu redor desde a noite que nos conhecemos? Devia saber que isso poderia acontecer, que poderia ser preso e condenado à morte. É por isso que era frio, empurrando-me para longe para que não acabasse bem aqui, irritada e devastada por aceitar que o matem. Você não fez nada. Não pode deixá-los fazer isso.

Abaixou a cabeça, incapaz de olhar para a dor que irradiava de seus olhos. Só que, mesmo olhando para longe, ainda podia senti-la pulsando dentro dele, batendo nele através de seu vínculo. — É a única caminho agora.

— O quê? Havia outro caminho antes? Um melhor? Porque se houve, vamos tomá-lo.

Estendeu a mão para ela, envolvendo-lhe as mãos em torno de seus dedos. Estavam frios e tremiam. — Sabia que a única maneira de me libertar era morrendo. Assim quando entrássemos na próxima batalha, com pessoas que iriam cuidar de você, pretendia acabar com tudo.

— Ia se matar? Isso não é uma opção.

— Era para mim. Era uma maneira honrosa de partir, uma que tinha escolhido. Certamente melhor do que a vergonha de ser enviado para os Slayers.

— Não quero que morra.



Seus dedos apertaram-se ao redor dos dela, tentando aquecê-los. — Ficaré bem sem mim. Você é forte. Só me prometa que ficará fora no final. Não sei como vão me matar, mas tenho que saber que não sofrerá junto comigo. Prometa-me.

Balançou a cabeça, fazendo com que mais lágrimas caíssem. — Não vou fazer isso mais fácil pra você. Não vou tornar mais fácil a qualquer um de vocês. Se você fizer isso, irá fazê-lo sem o meu apoio.

— Deve acontecer.

— É apenas mais uma prova que não me encaixo em seu mundo. Como poderia pertencer a um povo que mata sua própria gente por causa do que pode acontecer?

— Se tivesse visto o que alguém como eu é capaz, então entenderia.

— Não quero entender. Só quero acordar e descobrir que isso tudo é um sonho ruim.

Suas mãos deslizaram até os braços dela, colocando-os sobre seus ombros. Seus olhos percorreram seu rosto, memorizando cada detalhe. Colocaria essa imagem em sua mente quando chegasse o momento, e deixaria que isso o confortasse. — Dê-me seu cinto e acabarei com isso agora, para não ter que sofrer durante o tempo que levar para entregarem-me aos Slayers.

— O meu cinto? — perguntou, confusa.

— Levaram o meu. Não tenho nenhuma maneira de me matar aqui. — Considerou bater a cabeça na parede de concreto, mas isso não era garantia de morte. Tinha que fazer isso direito a fim de limitar o sofrimento de Jackie. Se simplesmente mutilasse a si mesmo, ainda estaria ligada a ele. Danos permanentes no cérebro poderiam prendê-la a ele por toda a eternidade. — Ajude-me e tudo isso vai acabar em questão de minutos.

Um olhar de horror atravessou seu rosto e se afastou, balançando a cabeça. — Não vou ajudá-lo a se matar.

— É o que quero. Prefiro morrer por minha próprias mãos do que por alguém que agora chama-se de nosso amigo. Pense sobre o meu futuro carrasco. Como se sentiria se fosse o seu trabalho matar alguém que nem conhece? — Não conseguia pensar em uma maneira de fazê-la entender que não queria manchar o que era uma vida muito nobre, causando a outro a dor como seu último ato na vida.

— Não.

— Por favor. Quero terminar minha vida da maneira mais honrosa possível. Ajude-me a fazer isso.

— Não posso. Não vou. — se virou e correu, o som de um soluço abafado ecoando atrás dela.

Serena andava pela sala, seu estômago torcendo violentamente. Iain mudou. O homem que amou durante tanto tempo estava morto.

Seu coração chorou por aquilo que perdeu. Se tivesse ignorado sua mãe e vindo a ele mais cedo, nada disso teria acontecido. Teria salvado sua alma.



O ódio por sua mãe percorria seu corpo, fazendo-a estremecer com seu poder. Durante duzentos anos sentiu-se aprisionada em uma bolha, incapaz de falar com ninguém, pegando apenas vislumbres fugazes do mundo enquanto este passava por ela.

Não pertencia a esse lugar. Não entendia nada do que via ao seu redor, os brilhantes tubos de luz no teto, ou o esboço de ar quente deslizando através de uma grade no teto. A mesa estava esculpida em metal ao invés de madeira, e estava quase certa que as pessoas a estavam olhando por trás do grande espelho em uma parede.

As coisas eram diferentes agora. Muito diferentes. Mesmo a breve viagem que tinha feito pra fora deste castelo para essa sala havia lhe mostrado um mundo de maravilhas apenas esperando por serem descobertas.

Trocaria cada um delas em uma única folha para aderir-se à marca da vida de Iain.

A porta se abriu e um homem grande com o rosto cheio de terríveis cicatrizes entrou, ofereceu-lhe um sorriso, mas a teia de cicatrizes que cruzavam a boca torciam-na em algo feio. Tentou não recuar, mas seus nervos estavam tão tensos que estava certa de que não havia acobertado o insulto.

Seu sorriso vacilou. — Sou Nicholas Laith. Joseph me enviou aqui para libertá-la.

Imediatamente, começou a entrar em pânico. Estava em um mundo estranho, desprovida do conhecimento que precisava para navegá-lo. — Para onde vou?

— Ir?, — perguntou, parecendo confuso. — Não vai a lugar nenhum. Só quis dizer que pode sair dessa sala agora. Pode ficar aqui com a gente. Tenho uma suíte preparada para você.

Abriu a porta para sair, e levou-a a um longo corredor. — Quais são as suas ordens para mim?, — Perguntou.

— Ordens?

— Seu líder disse para vir e me buscar, certo?

— Disse para ter certeza de que está confortável e pronta para se estabelecer.

— Então, não sou uma prisioneira aqui?

O Sr. Laith negou com a cabeça. — Não.

— Então posso sair se quiser?

Ele a olhou e, apesar de suas cicatrizes, seus vibrantes olhos azuis eram impressionantes. — Sabe como dirigir um carro?

— Posso montar. Ainda não posso pagar por um cavalo, mas prometo que encontrarei uma maneira de ganhar o dinheiro, se fosse tão amável em me conceder um empréstimo. — Odiava equitação, mas faria o que devia agora. Pelo menos estava livre para fazê-lo.

Sorriu novamente, e desta vez, estava acostumada o suficiente com o estranho franzir para não assustar-se. — Nós não temos cavalos. Usamos veículos motorizados que podem mover-se a cento e sessenta quilômetros por hora, por isso até aprender a dirigir um, você provavelmente se mataria.

Certamente estava mentindo sobre viajar a essa velocidade.



Por outro lado, parecia completamente sincero. — Quanto tempo leva para aprender a usar um?

— Depende de quão medrosa é.

Não estava chegando a lugar nenhum com isso. Tanto quanto odiava perder seu orgulho, não tinha escolha, e tinha que ser honesta com ele. — Não posso ficar aqui. Iain... — Engoliu sua dor, tentando manter suas lágrimas longe. — Preciso ficar sozinha para me lamentar.

A boca do Sr. Laith se aplanou, mas não podia dizer se era por simpatia ou irritação. — É seguro aqui.

— Posso me proteger. Se me der uma espada.

— Esse mundo é diferente do que deixou. Como vai lidar com isso?

— Simplesmente quero alguma solidão. Para curar...

— Nós temos algumas cabanas lá trás. São rústicas, mas solitárias. Terei uma delas limpa e preparada para você.

Provavelmente era o melhor que conseguiria por agora. — Obrigada por sua amável oferta, — disse a ele.

Serena aprenderia rapidamente. Estabeleceu para si mesma a tarefa de aprender a navegar nestes tempos estranhos, e, em seguida, uma vez que aprendesse a dirigir um de seus veículos motorizados, partiria em busca de uma nova vida que a distrairia da dor de perder o homem que amava.

Capítulo 24

Jackie liberou Drake e Helen do escudo de proteção enquanto corria para fora do que não conseguia deixar de pensar como um calabouço. Correu subindo vários lances de escadas de concreto, e esbarrando-se com o peito duro de Joseph. Agarrou-a em seus braços, não a deixando partir.

— A câmera de segurança gravou o que fez a Helen e Drake. Não pode usar seu poder da forma irresponsável como o fez.

Olhou-o bem nos olhos. — Foda-se..

Sua expressão apertou com raiva, mas sua voz era modulada e uniforme. — Está sofrendo. É compreensível. Já fiz arranjos para voar para a África para visitar Lexi por alguns dias. Sente sua falta, A distância pode ajudar a... silenciar seu vínculo com Iain.

— Enquanto o mata.

— Estamos apenas fazendo o que temos de fazer. Um dia irá entender isso.

— Besteira. E se acha que vou a algum lugar, está errado. Estarei com Iain em cada segundo de sua morte. Absorverei tudo isso, memorizarei cada detalhe, cada grama⁷ de medo, cada

⁷ *Peso e medida*



fragmento de sofrimento. E então, quando estiver morto, pegarei tudo isso e encontrarei uma maneira de enfiá-lo tão profundamente em seu cérebro que nunca será capaz de dormir de novo.

Seus olhos escureceram e seu rosto se contorceu de raiva. — Acha que quero isso? Acha que se houvesse qualquer outra forma de proteger as pessoas que dependem de mim eu não faria isso?

— Poderia... oh, não sei... não matá-lo. Isso seria um bom começo.

— Não tem ideia de quanto dano é capaz de causar. Poderia matar dezenas antes de sermos capazes de detê-lo. É rápido, mortal, e sem uma alma, deve ser derrubado.

— Então que faça isso sozinho. Não mandem-no para estranhos como um covarde de merda.

— Sei que não compreende nossos costumes, mas existem por uma razão. Esse é o caminho que deve ser seguido.

Usou uma explosão do poder de Iain para afastar-se de seu alcance. — Não aceito isso.

— É melhor aprender a encontrar algum consolo rápido, então, porque isso irá acontecer, mesmo que tenha de lhe aplicar alguma droga Sanguinar, e isso esteja em sua mente para que assim se comporte até que tudo esteja terminado.

Faria isso, também. Podia ver em seus olhos. Não havia misericórdia ali. Lamento, mas não uma sugestão de arrependimento.

O telefone de Joseph tocou. Jackie passou por ele e começou a subir o próximo lance de escadas.

— Onde está?, — Perguntou.

Jackie fez uma pausa. Alguma coisa sobre a forma como pronunciou isso lhe disse que eram más notícias. Notícias, enormemente ruins.

— Diga a Ronan para aguentar. Estamos a caminho.

Mais passos ecoaram na escadaria de concreto.

— Iain não está lutando contra isso, — disse Drake. — Não acho que terá que se preocupar com que possa ferir alguém em qualquer momento, desde que façamos a coisa rapidamente. Não sei como se manteve sob controle por tanto tempo, mas é uma coisa a se ver.

— Gostaria que lutasse, — disse Helen. — Parece tão bárbaro matá-lo quando não está... raivoso.

— Lidaremos com Iain mais tarde, — disse Joseph. — Ronan encontrou uma humana nas mãos dos Synestryn. Os dois vão ajudá-lo a libertá-la.

— Estamos nisso, — disse Drake.

— E Iain?, — Perguntou Helen.

Joseph soltou um pesado suspiro. — Henry Mason ligou e disse que encontrou provas de que demônios estiveram farejando em torno da casa de sua irmã ontem à noite. Está trazendo sua família aqui, enquanto conversamos. Finalmente. Assim que Autumn estabelecer-se com segurança dentro de nossas paredes, levarei Iain aos Slayers. Não há nenhuma bondade em prolongar o inevitável. Especialmente para Jackie.

— Nunca irá te perdoar por isso, — disse Helen.



— Sei. Pode se juntar ao maldito clube, porque tenho certeza de que nunca vou me perdoar. Seus passos ficaram mais altos. Jackie não queria que soubessem que estava ouvindo, mas se se movesse agora, a ouviriam.

O conhecimento do que fazer surgiu em sua cabeça enquanto uma luz trêmula brilhava na vasta paisagem preta na parte de trás de sua mente. Canalizou o poder de Iain e deslocou a luz em torno dela até que não era mais visível.

Empurrou-se contra a parede e prendeu a respiração enquanto o trio passava por ela, saindo pela porta no topo da escada.

Euforia vibrou através dela, quando percebeu o que fez. Não podiam vê-la. Isso significava que as câmeras de segurança, provavelmente, não poderiam, também.

Agora tudo o que precisava fazer era recolher algumas coisas, e poderia sair daqui. Primeiro, pegaria alguns suprimentos, algumas armas e roupas de proteção. E então iria até Iain.

Não havia nenhuma maneira no inferno, que deixasse seu próprio povo assassiná-lo. Iria encontrar uma maneira de tirá-lo dali. Correriam e se esconderiam, e se alguém se aproximasse dele com a intenção de matá-lo, asseguraria-se que o lamentasse.

Joseph não sabia quanto tempo poderia permanecer inteiro. Deveria conduzir essas pessoas, no entanto, como poderia fazer isso quando estava começando a questionar suas próprias escolhas?

A execução de Chris quase tinha lhe matado, e não havia mais nada do homem com quem cresceu. Tudo o que havia permanecido de Chris era uma besta voraz posando como um homem. Espancou e estuprou uma humana, quase matando-a.

Sua morte tinha sido justificada, e, no entanto, ainda assombrava a Joseph. Como diabos mataria Iain quando não havia nenhum sinal exterior de que mudou? Como lidaria com esse tipo de dor e culpa?

Não estava apto para liderar essas pessoas. Seu mandato ainda não tinha acabado, mas precisava deixar seu escritório e escapar das decisões e papeladas e se lembrar do homem que nasceu para ser.

Mas quem mais poderia fazer o seu trabalho? Ninguém queria.

Alguém tinha que fazê-lo. Pena que esse fazer tinha lentamente sugado-lhe a vida.

Uma hesitante batida soou em sua porta. Olhou para cima para ver Lyka em pé na porta, toda dourada e brilhante como um raio de sol. Vê-la aliviou a pressão atrás de seus olhos e acalmou o latejar em sua cabeça.

Era uma Slayer. A única sob seu teto. Veio morar aqui como parte de um acordo com seu irmão, Andreas. Deixou Lyka aqui e levou Carmen, a jovem que Joseph tinha reivindicado como sua filha. A troca incentivou ambas as partes a serem civis e a respeitarem o acordo, garantindo que nenhum dos lados corresse de volta, às pressas para a guerra.

Raramente tinha visto Lyka desde que chegou. Sempre que ia para a sala de jantar e estava lá, parecia desaparecer momentos depois. Não sabia se era coincidência ou se estava evitando-o, mas sua aparência agora era uma distração muito necessária.



— Entre. Sente-se.

Permaneceu perto da porta, seu corpo, muito magro, completamente envolto em um apertado tecido preto. Mesmo suas mãos estavam enroladas e enfiadas dentro de suas mangas, como se tivesse frio. Um capuz macio cobria-lhe ligeiramente as orelhas pontudas e a maioria de seus cabelos dourado. Seus olhos rasgados cor ouro eram velados por cílios espessos, a cabeça inclinada para baixo, evitando seu olhar.

Sua postura e comportamento agora não eram nada comparados com a primeira vez em que a conheceu, com raiva e sibilando para seu irmão. Foi todas garras e dentes, mas agora parecia mais calma, mais moderada.

Lyka não disse nada, apenas ficou lá como se pairando à beira de uma decisão.

Poderia ter olhar para ela por um longo tempo, apreciando a curva de seu corpo e a inclinação intrigante de seus olhos. Sua presença acalmava-o, permitindo que a frustração e a raiva deslizassem, deixando uma mera marca nele. Mas, infelizmente, não podia passar o dia olhando-a. Tinha outras coisas menos agradáveis para fazer. — Estou muito ocupado. Existe algo que precisa?

— Desculpe. Não queria incomodá-lo. Só... ouvi alguém dizer que um de seus homens mudou. Realmente sinto muito pela sua perda.

Queria gritar que Iain não estava morto, mas isso parecia inútil. Sua alma morreu há muito tempo. O resto era uma mera formalidade. — Obrigado.

Tomou uma respiração profunda, e não pôde deixar de notar a maneira como seus seios moldavam-se contra sua camisa.

Sentiu uma agitação de luxúria que não tinha há muito tempo. Sua pele aqueceu-se, e seu sangue começou a ferver. Mesmo seu pau pareceu acordar, inchando dentro de seu jeans.

Talvez só precisasse transar um pouco para sair de sua depressão. Não que nunca tivesse sequer considerado pensar em sexo com a irmã de Andreas. Sabia exatamente como se sentiria se o filho da puta olhasse para Carmen como nada mais do que um precioso tesouro sob sua proteção, um que ia manter as calças por todo o caminho.

Sexo com Lyka não era uma opção, e sexo com alguém não era susceptível de corrigir seus problemas, ou fazer qualquer coisa mais do que dar-lhe alguns fugazes momentos de prazer.

Ainda não tinha deixado a sala. Ficou pairando em sua porta, olhando para ele com seus lindos olhos, torcendo as mãos.

Ignorou seus sentimentos inapropriados para a mulher que sabia que não podia ter, e se levantou da cadeira. — Há mais alguma coisa, Lyka?

Viu-o se aproximar, e pensou que ela começaria a se afastar antes de impedir a si mesma. O movimento foi tão rápido, que era difícil dizer se realmente aconteceu. Seu olhar correu ao redor cautelosamente, como se estivesse esperando que a atacasse.

Não tinha ideia de por que era tão arisca, mas notou que parecia preocupada que pudesse machucá-la. Estava sob sua proteção. Daria a vida para mantê-la segura, se necessário, o que, dado o crescente estado de raiva e agitação dentro de Dabyr, não estava totalmente fora do reino das possibilidades.



Quando falou, suas palavras saíram sem fôlego e velozes. — Queria saber se quando enviar seu homem para o meu povo pode me levar com ele. Assim eu poderia ver minha família novamente. Voltaria para cá depois, é claro.

Joseph tinha estado tão envolvido em seus próprios assuntos, que ainda não tinha considerado seus sentimentos. Foi jogada em um lugar cheio de estranhos, era uma refém para garantir o bom comportamento de seu irmão. Não tinha sido permitido ter contato com a família para evitar quaisquer boatos de espionagem. Não tinha falado com eles nas últimas semanas e tinha, provavelmente, saudades de casa.

Aproximou-se para que pudesse ver-lhe melhor o rosto. Não percebeu sinais de engano, mas isso não significava que confiasse nela. — Esta viagem não vai ser feliz. Tem certeza que quer ir?

Assentiu com a cabeça, retrocedendo alguns centímetros. — Não sei quanto tempo levará até que possa ver minha família novamente.

Seu olhar encontrou o seu, finalmente, e sentiu como se um choque elétrico o percorresse até os dedos dos pés. Queria se aproximar, mas cada vez que avançava, ela retrocedia. Estava no corredor agora como antes.

— Você?, — Perguntou. — Sabe em quanto tempo será?

Não sabia, mas não queria dizer isso a ela. Já parecia tão solitária. Não podia suportar dizer-lhe que poderia passar anos antes que os Slayers e Theronai realmente confiassem uns nos outros. Até que um milagre acontecesse, seria uma eficaz prisioneira, embora vivesse de forma muito confortável. Isso ele garantiria.

— Não, — disse. — Pode ir comigo.

Empalideceu e sua língua rosada percorreu nervosamente os lábios. — Você? Você está indo?

— Não poderia pedir a alguém que levasse um de meus homens até a morte. É o meu trabalho. Farei isso.

— Oh. Pensei que ia mandar um dos seres humanos. — Engoliu em seco. — Não importa. Esperarei por outra oportunidade. Lamento ter-lhe incomodado. — se virou para ir embora.

Alguma coisa estava acontecendo aqui, e Joseph descobriria o que era.

Correu para o corredor para falar com ela. Quase pegou-lhe pelo braço quando se virou, agachando-se em posição de combate, arreganhando os dentes.

Então, não era o gatinha, fraca e indefesa que fingia ser um momento atrás. Isto era mais como a mulher que conheceu— que veio a ele nua, envolta em apenas uma folha, fervendo de raiva, pronta para lutar contra todos os homens reunidos por um único oscilar de seu irmão que a tivesse chateado.

— Não me toque, — alertou-o. — Nunca me toque.

O veneno em seu tom o surpreendeu, mas não tanto quanto o confundiu. Alguém a teria machucado? Ou era simplesmente um caso de que não quisesse que um da sua espécie a tocasse? — Por que não?

— Não gosto disso. Mantenha suas mãos longe.



Joseph enfiou as mãos em seus jeans na esperança de que isso a apaziguasse. — Veja. Sem mãos. Agora me diga por que mudou de repente a sua decisão de ir junto quando descobriu que sou eu quem o levará?

— Talvez te ache repugnante

— Talvez, mas o faz?

— Todos Theronais acham que são muito melhores do que nós. É nojento. Não sentaria nem em um carro com qualquer um de vocês.

— Nem mesmo para visitar sua família?

Um indicio de tristeza brilhou através de seus olhos de ouro antes de ser substituído pela raiva. — Não vale a pena pelo cheiro de sua espécie.

— Wow. E eu que pensei que fosse tudo sobre fazer a pazes.

— Andreas quer a paz, e sempre consegue o que quer.

Joseph sabia que era um erro, mas era um que iria cometer. O comportamento dela era muito suspeito, e descobriria o que estava escondendo, de uma forma ou de outra. Poucas horas presos em um veículo podia ser suficiente para levá-la a confessar seus segredos.

— É assim então?, — falou lentamente, sentindo a boca curvar-se em um sorriso. Antecipação corria por ele, e pela primeira vez em muito tempo, estava realmente se divertindo. — Bem. Aposto que também quer ver que está sã e salva. Arrume as malas, gatinha. Você virá comigo.

Lyka nunca deveria ter aberto a boca. Sabia que isso ia colocá-la em problemas.

Estava indo tão bem, se contendo por semanas, saindo de seu quarto só para comer e brincar com as crianças. Elas eram inofensivas. Não podiam arruinar seu mundo da forma como um Theronai podia.

Da maneira que Joseph podia.

Mas sentia falta de sua família, seus irmãos e irmãs. Queria vê-los novamente e deixá-los saber que estava sã e salva.

O anel em forma de marca de nascença no braço, queimava, lembrava-lhe o erro que sua mãe Slayer tinha cometido. Uma noite. Um único encontro sexual com um estranho, e Lyka havia sido amaldiçoada para viver em dois mundos. Não se encaixava em nenhum deles, mas escolheu qual queria. E o qual desdenhava.

Andreas sabia qual era sua vergonha. Sabia o que sua mãe havia feito, o que Lyka realmente era. Foi por isso que a mandou aqui. Sabia que, no final, nunca iriam matá-la, mesmo que escolhessem quebrar o tratado de paz no qual acreditava tão desesperadamente.

Bastaria apenas um toque de um desses homens para descobrirem seu segredo, e teria que evitar que isso acontecesse a qualquer custo. Nenhum deles podia saber o que era.

Nenhum deles podia saber que era também uma Theronai.

Capítulo 25



Pela primeira vez na vida, Iain ajoelhou-se para meditar, sem a sua brilhante espada na sua frente. O piso de concreto da cela gelava-lhe os joelhos, distraíndo-o e tornando mais difícil o caminho para a tranquilidade.

Seu monstro ficava mais forte a cada momento, desde que Jackie tinha ido. Sabia que em breve seria condenado à morte, e não queria isso. Queria ser livre, para vagar pela terra, matar, transar e comer até que estivesse exausto demais para se mover. Saber que Jackie estava lá, sozinha e desprotegida, inflamava sua besta, tornando-a mais cruel e raivosa.

De forma geral a meditação ajudava-lhe a acalmar seu monstro, mas agora, estava tendo problemas em deslizar para aquele estado tranquilo, onde o corpo se abria e ele simplesmente existia, flutuando entorpecido.

Jackie estava chateada. Irritada. Triste. Com medo. Tantas emoções se deslizando dentro dele, dificultando sua concentração. E enquanto suas emoções eram desconfortáveis, faziam parte dela, e as apreciava mais por isso mesmo. Encontraria o êxtase do nada em breve. Por agora, era melhor se não perdesse os poucos momentos que lhe restavam, mesmo que isso significasse arriscar liberar seu monstro.

Sem pensar, estendeu-lhe a mão, trabalhando em enviar-lhe o conforto que podia. Sentiu que ela afundava-se no conforto, enrolando-se como se estivesse fria e fosse a única coisa que pudesse aquecê-la.

Estava planejando alguma coisa. Quase podia ouvir as rodas de sua trama trabalhando à distância.

Alguma coisa ruim aconteceu. Não sabia o que era, mas agitava velhas memórias de seu tempo nas cavernas. A cada poucos segundos, tinha outra visão de uma memória — um simples flash no tempo, quando as coisas eram escuras, frias e aterrorizantes.

Horas se passaram. Não tinha certeza de quantas. A cada poucos minutos, podia sentir um puxão em seu poder como se Jackie o puxasse para dentro dela. Podia sentir seu desgaste, seu cansaço, mas sua determinação era firme e inabalável. Nem sequer achou que seria possível detê-la.

Uma quantidade enorme de poder deixou seu corpo, embora não tivesse ideia do que Jackie estava fazendo com ele. Em seu atual estado de espírito, poderia ser qualquer coisa.

Fique parado, ouviu a ordem, tão claramente como se estivesse na cela.

Congelou, mais em choque do que em obediência, e um segundo depois, houve uma sequência de luzes balançando em um lado de sua cela. Ele se ampliou, tornando-se maior e maior até que Jackie saiu do portal.

A surpresa o sacudiu, e ficou parado, incapaz de acreditar em seus olhos. A maioria das mulheres trabalhavam durante anos para aprender a manejar esse tipo de poder, e ainda assim Jackie o tinha executado de forma perfeita, desembarcando exatamente onde queria, mais do que apresentado-se dentro de uma parede.



Medo e o instinto de proteção levantaram-se, chocando um no outro, fazendo com que sua voz saísse dura. — Tem alguma ideia de como isso é perigoso?

Se curvou pela cintura, segurando a barriga. Um momento depois, estendeu-lhe a mão. — Não importa. Vamos. Não posso continuar assim por muito tempo.

— Não posso sair, — disse a ela. — Sou um perigo para você e para todos os outros.

— Não discutirei com você sobre isso. Dê-me sua mão.

Podia sentir a tensão de controlar tanta energia, mas não podia deixá-la fazer isso. — Não. Poderia te machucar.

— Eu é que vou te machucar se você não me der sua mão.

Seus dedos foram estendidos em direção a ele, sua palma para cima em expectativa. Ela tremia de cansaço, e o desejo de aliviá-la começou a lhe picar, exigindo que cumprisse seu dever e suas necessidades.

Se fosse com ela, poderia salvá-la de uma montanha de sofrimento e acabar com isso rapidamente. Poderia fazer o que deveria ter feito anos atrás, tornando a sua morte tão rápida e indolor quanto possível. Se estaria presa a ele até o amargo fim, era o mínimo que poderia oferecer.

Bateu a palma da mão contra a dela e enrolou os dedos em volta do fino pulso. — Vamos.

Jackie os teletransportou para o carro que preparou e a levou a alguns quilômetros de distância de Dabyr. Sua cabeça girava, e desabou no chão, agarrando as ervas daninhas secas em um esforço para segurar-se para que não voasse com o girar da terra.

Canalizou mais poder no momento de teletransportar desde que encontrou Iain, e a tensão estava começando a se espalhar pelo seu corpo. Suas articulações doíam, seus músculos latejavam acompanhando seu batimento cardíaco. Seus olhos ardiam como se tivessem passado o dia todo sob o sol escaldante, olhando diretamente para ele.

— Onde estamos?, — Perguntou Iain.

Ainda não podia falar. Sua respiração estava muito ofegante.

Ele veio até onde se agarrava ao chão e deslizou sua mão ao redor de sua nuca. As duas partes da luceria uniram-se com um estalo. Poder fluía dentro dela, sendo absorvida por suas células, restaurando-as.

Bolhas de formigamento a encheram e espalharam através de suas veias, até que esteve aquecida, de dentro pra fora. O rodar parou, e encostou-se na coxa dura, desfrutando de seu toque.

— Melhor?, — perguntou.

— Muito. Obrigada.

Estendeu-lhe a mão grande e ajudou-a a levantar. Levantou-se, praticamente dentro de seu abraço, e não pôde resistir à necessidade de estar mais perto. Seus braços se envolveram em seu pescoço, apertando-se contra ele em um forte abraço.

Seu aroma se afundou dentro dela, firmando seus tumultos e acalmando sua preocupação. Encostou o rosto em seu peito, ouvindo o firme e duro bater de seu coração.



Ainda estava vivo. Conseguiu libertá-lo a tempo, uma façanha que não tinha certeza se seria capaz de fazer. Mas ali estava ele, vivo e bem, e quase foi subjugada pelo alívio.

Com seus braços em volta dela, quase podia enganar-se, e acreditar que estava seguro, e que tudo ficaria bem. Era uma mentira colossal, mas precisava disso, desesperadamente agora mesmo.

Não era tola. Sabia que tentaria encontrar uma maneira de acabar com sua vida. Sua vontade de fazê-lo vibrava entre eles, deixando-a deprimida. Faria tudo em seu poder para detê-lo, mas sabia muito bem que não podia pensar que só porque o salvou estavam fora de perigo.

Jackie piscou para conter as lágrimas. Recusava-se a gastar um momento de seu tempo juntos chorando. Mais tarde, se entregaria e chafurdaria na miséria, mas por agora, tinham trabalho a fazer.

— Onde estamos?, — perguntou de novo.

— A poucos quilômetros ao sul de Dabyr. Abasteci o carro com alimentos, roupas e armas.

— Minha espada?

Negou com a cabeça. — Não. Estava no escritório de Joseph, e não quis arriscar. Isto veio de um dos quartos de armazenamento.

— Do arsenal. Bom. É uma lâmina limpa, então.

— Parecia limpo para mim, toda nova e brilhante.

Ele sacudiu ligeiramente a cabeça. — Não, nunca usei uma arma limpa que não tivesse sido usada para matar demônios antes. Nossas espadas reúnem o poder das coisas que matam, e nas mãos erradas, a espada de um guerreiro poderia ser quebrada, liberando a energia. Seria como desfazer o trabalho de uma vida inteira.

Acariciou-lhe o rosto com as costas da mão. — Quando for embora, quero minha espada — a qual usei por toda minha vida, para descansar no salão dos caídos, não para ser usado por nosso inimigo.

Não podia pensar nisso agora. Precisava ficar forte. — Não vou deixar se matar. Nem sequer ouse tentar.

— Sinto muito, — disse. — Te aborreci novamente. Vamos falar de outra coisa. Me diga como conseguiu sair de Dabyr.

Não negou a acusação, o que só fortaleceu sua convicção de que estava até agora procurando uma boa maneira de morrer.

— Menti, — disse-lhe.

Não tinha sido difícil blefar para conseguir passar pelos portões. Sua triste história sobre o desejo de estar longe de Iain quando morresse agiu como um encantamento. Nicholas era um cara doce, e completamente incapaz de dizer não ao ver suas lágrimas.

O fato de que as lágrimas não haviam sido reais não doía.

— Vejo. Não tem medo de ficar sozinha comigo?

Olhou em seus olhos negros. — Passei horas sozinha com você, e ainda não me machucou.

— Mas poderia ter machucado.



— Sim, bem, estou bastante confiante de que poderia machucá-lo de volta, assim o que parece se não o tentarmos?

Aproximou seu rosto, seu polegar roçando-lhe o rosto. — Há um monstro dentro de mim. Se vê-lo sair, não hesite. Vai te machucar.

Não acreditava nisso nem por um segundo, mas não havia tempo para discutir. Precisavam colocar mais quilômetros entre eles e Dabyr para que ninguém os encontrasse.

Jackie assentiu, fingindo concordar, e entregou-lhe as chaves. Elas tremiam em seu agarre. — Você dirige. Estou muito instável no momento.

— Aonde vamos?

— Para algum lugar seguro. Algum lugar onde não possam encontrá-lo.

— Joseph e os outros nos encontrarão. Sabe disso, — disse Iain.

— Não, não nos acharão. Encontrei o dispositivo de rastreamento e derreti-o. Nenhum de nós tem um telefone celular. A menos que plantassem rastreadores em nossas roupas ou armas, estamos por nossa conta.

Seu tom era grave. — Não será capaz de pedir ajuda.

— Sei. — Era um risco que tinha que correr. Mesmo que houvesse uma chance de que alguma coisa desse errado e não soubesse o que fazer, não deixaria que Iain fosse jogado de volta naquele calabouço para aguardar sua morte.

— Isso é imprudente e perigoso. Está arriscando sua vida por nada.

— Por você. Estou arriscando minha vida por você, e isso não é nada. Agora cale a boca e dirija.

Deu um suspiro profundo e assentiu. — Isso é um dádiva, e não deixarei que se arrependa.

Entraram e pegaram a estrada. Jackie tentou relaxar e recuperar alguma da força que usou, mas sua mente continuava vagando de volta para a única coisa que não queria pensar.

Iain ia se matar. Sabia que era sua intenção, quando entrou no calabouço. Tanto quanto odiava a ideia de estar presa a ele, o pensamento de não tê-lo perto parecia impossível, antinatural e errado. Não estiveram juntos por muito tempo, mas naquele tempo, começou a sentir carinho por ele. Tudo o que fez foi pensando nela. Quase morreu tentando ajudá-la a encontrar uma vida normal. Foi contra as ordens e levou-a para ver o bebê Samson porque pensou que iria fazê-la feliz. Fez amor com ela como ninguém jamais tinha feito, dando-lhe o tipo de prazer que a maioria das mulheres apenas sonhava.

Não se importava com que eles diziam que não tinha mais alma. Viu o homem que foi uma vez, o homem que colocava a segurança dos outros acima da sua, e desistia de seus próprios desejos para que outros pudessem conseguir os deles. Era uma vida boa. Uma vida nobre. E estava feliz por ter sido uma parte dela ao menos um pouco.

Se pudesse impedi-lo de se matar, tinha certeza de que poderia encontrar uma maneira de provar a ele que merecia viver. Só não sabia como.

O cansaço se abateu sobre ela. Usou muita energia, e seu corpo não estava acostumado com a pressão. Precisava dormir, mas temia que se o fizesse, acordaria para encontrá-lo morto.



— Descanse, — disse-lhe, como se percebesse seus pensamentos. — Não a deixarei sem dizer adeus.

Pela primeira vez, não se importava de tê-lo em sua cabeça. Não era como se fosse invasão de privacidade, pensou. Era reconfortante.

Quando fosse embora, sentiria falta desse sentimento quase tanto quanto sentiria falta de Iain.

— Prometa-me, — insistiu. — Diga as palavras.

— Prometo que não vou procurar a minha morte até depois de acordar.

O peso de sua promessa caiu sobre ela, tranquilizando-a, fazendo seu corpo ficasse pesado. Apesar de seus pensamentos sombrios, seus olhos se fecharam e caiu em um sono leve.

A culpa pesava sobre Autumn. Sua família inteira foi desenraizada por causa dela. Seu irmão mais velho nem sequer falava com ela porque teve que desistir de seu papel de liderança nos jogos colegiais. Sua mãe chorava o tempo todo, e seu pai nunca mais dormiu.

Estava arruinando suas vidas.

Parte dela queria que os Sentinelas nunca a tivessem resgatado. Por mais que odiasse ser prisioneira de demônios, pelo menos sua família estaria segura. Agora não só ela ainda estava com medo o tempo todo, mas arrastou a todos com ela.

Se dirigiam a Dabyr. Isso é como seu pai tinha chamado. Tinha ouvido sussurros sobre o local, mas ninguém conhecia quem já tinha a visto, nem mesmo seus pais Gerai.

Olhou para fora da janela do carro, enrolada no menor espaço possível. O sol em breve estaria se pondo, e assim que o fizesse, o medo se instalaria, rastejando na parte mais profunda de seus pensamentos. Seu irmão disse-lhe que era paranoica, mas sabia a verdade. Tinha sangue de demônios dentro dela. Tinha mudado. Podia senti-los agora, à espreita do sol, nas proximidades aguardando ansiosamente.

Especialmente ele. O demônio que apareceu em seu quarto era diferente. Mais forte. Sentiu-o antes na peça da escola. Não o tinha visto, mas sabia que a sentia devido à maneira caótica que fazia suas veias vibrar. Pensou que era tudo fruto de sua cabeça, até o momento em que se lançou para ela.

A boca de Autumn estava seca e as palmas das mãos suavam bastante, deixando manchas úmidas na calça jeans. Abraçou as pernas, trazendo-as mais perto, tentando se lembrar que o sol ainda estava de pé. Ele não podia machucá-la agora. Estariam em segurança dentro de Dabyr antes de escurecer. Não precisava se preocupar.

Seu pai parou em um posto de gasolina e começou a encher o tanque. Ainda tinham horas para seguir até que eles pudessem parar, e depois que já estivesse escuro, não sairia do carro até que estivessem seguros atrás das paredes de Dabyr.

— Mãe, vou ao banheiro.

— Vou com você.



Sua mãe pegou o braço de Autumn e puxou-a para mais perto. Antes de sua captura, Autumn, por frescura, não teria deixado sua mãe fazer isso, mas não mais. Passou meses chorando pela sua mãe, e agora que a tinha de volta, não faria nada para afastá-la.

Autumn fez o que necessitava e saiu da cabine. Um jovem usando gorro segurava sua mãe, as mãos apertadas sobre sua boca. Enquanto lançava-lhe um olhar engraçado, pressionando o revólver contra as costelas de sua mãe.

O choque deixou Autumn enraizada no lugar enquanto tentava compreender o que estava bem na frente dela, tentando fazer que tivesse sentido.

— Autumn Mason?, — perguntou o homem.

— S-sim.

Um sorriso dividiu seu rosto magro e fez seus olhos fundos iluminarem.

— Bom.

A arma disparou. Sua mãe soltou um grito de dor e se desfez. Sua cabeça bateu na pia, e ela caiu no chão, ficando imóvel no piso do imundo banheiro.

Terror e dor explodiram no peito de Autumn. Deu uma guinada em direção a sua mãe, mas nem sequer conseguiu ficar de joelhos. O homem envolveu-a em um braço magro, mas incrivelmente forte em volta de sua cintura e arrastou-a através da porta.

Gritou e chamou por seu pai. Agarrou-se a qualquer coisa que pudesse pará-lo, derrubando comida e pacotes de salgadinhos e lanches. O homem atrás do balcão estava sangrando caído no chão, sua garganta cortada e seu sangue derramando sobre o azulejo quebrado.

— Pai! — Autumn gritou mais alto. Podia ver seu pai lá fora, bombeando o combustível, mas não podia ouvi-la. O vento uivava, e o tráfego corria na estrada.

Lutou contra seu captor, chutando e agarrando-o. Nada ajudava. Continuava a se mover em direção à saída do lado oposto da loja e fora da vista de seu pai.

Autumn pegou uma embalagem com doze refrigerantes de uma prateleira quando passavam, e bateu a pesada caixa no rosto do homem. Grunhiu de dor, mas continuou se movendo. — Comporte-se, puta, ou direi a Murak para dá-la como alimento aos seus animais de estimação.

Murak.

Oh Deus. Conhecia esse nome. Tinha ouvido isso antes. Era o único que foi atrás dela.

Quem quer que esse homem fosse, estava trabalhando para os demônios, levando-a de volta para seu pesadelo.

A fúria trazia força a seus membros magros, e virou-se o suficiente para cavar o polegar em seu olho. Gritou de dor, e um segundo depois, o mundo de Autumn chegou a um impasse chocante. A trave da arma dele contra sua cabeça mal teve tempo de se registrar antes de sua visão apagar e cair na escuridão.

Capítulo 26



Iain olhava à frente, observando a passagem da estrada abaixo deles, então não seria tentado a observar Jackie dormir. Era livre, graças a ela. Livre para encontrar a morte por sua escolha.

Odiava a ideia de deixá-la. Havia também uma pontada momentânea de culpa por deixar seus irmãos, mas que não era nada em comparação com a forma que se sentia por Jackie.

Deixou-se ficar muito perto dela. Se apegou.

Seu monstro passeava dentro de sua jaula, testando a fraqueza das barras. Iain se recusava deixá-lo sair. Só precisava se segurar um pouco mais.

Iain não imaginava para onde estava indo. Simplesmente dirigia, seguindo seus instintos, para onde o levassem. Eventualmente, acabou em uma das casas Geraí mais próximas das cavernas onde encontrou Jackie. Andra usou sua magia para desmoronar a entrada da caverna, impedindo outro Synestryn de usá-la como um local para seu ninho. Gilda e Angus morreram não muito longe daqui, esmagados sob toneladas de pedra. Seus corpos foram recuperados e enterrados em Dabyr, mas ainda havia um sentimento de perda que pairava sobre tudo nas proximidades.

Essas cavernas pareciam um lugar tão bom quanto qualquer outro para morrer. Pelo menos lá, não iria manchar outro lugar com tristeza, ninguém deveria se importar o suficiente para pranteá-lo.

Jackie se importaria. Já chorou por ele em alguns aspectos. O coração dela estava muito sensível para não se sentir mal.

A dor que lhe causou era sua culpa, por deixá-la chegar muito perto. Nunca deveria ter saído de Dabyr com ela. Deveria ter visto que era um risco para ela. Na época, tudo o que sabia era que podia mantê-la segura até que decidisse escolher um de seus irmãos. Nunca poderia prever que fosse acabar se atando a ele. A não ser que estivesse novo em folha.

O que nunca estaria, mas sua morte a libertaria em breve.

Assim que o sol se fosse, deixaria Jackie aqui. Caminharia para as cavernas, se cortaria para atrair os demônios. Então morreria lutando.

O sol se afundava, avançando em direção ao horizonte. Era um dia bonito, com um céu claro e uma leve brisa. Nunca realmente se importou o suficiente para perceber essas coisas antes, mas percebia tudo agora, sabendo que era sua última chance de fazê-lo.

O doce aroma de Jackie encheu seus pulmões. Sua pele era macia e quente sob seus dedos. Até agora, não percebeu que estava segurando a mão dela. Podia ouvir sua respiração constante enquanto dormia.

Seu cabelo escuro escondia seu rosto dele, então o empurrou para trás, absorvendo a visão dela. Tão bonita. Seus lábios se separaram, fazendo água na sua boca por um beijo, mas conteve-se. Precisava de seu sono depois de todo o poder que manipulou a fim de libertá-lo. Não havia sentido em acordá-la até o último minuto, como havia prometido que faria.

Iain simplesmente a observava dormir, apreciando a vista, enquanto a cor do sol aprofundava para um amarelo rico de ouro, que combinava perfeitamente com sua luceria.



A Dama de Ouro. Que lhe convinha. Encheu-o com um sentimento de orgulho, enquanto o monstro nele soltava um rugido possessivo de saudade.

A besta não se entregaria sem uma luta. Não queria morrer. Iain teria que mantê-lo sob controle até o fim, não importava como. Se não o fizesse, o monstro lutaria por seu caminho livre e voltaria para ela.

Não estaria segura até que ambos, ele e seu monstro estivessem mortos.

Jackie abriu os olhos e afastou o sono. Eles estavam vermelhos, um sinal claro de que estava usando demais o seu poder.

Sorriu para ele, e então enquanto a realidade, se estabelecia, aquele sorriso vacilou. Seu olhar se prendeu ao dele, inabalável. —Você esperou.

— Prometi que o faria.

A tristeza apertou sua boca e a sentiu através da seu vínculo, pesada e dolorosa.

Não sabia como fazer isso melhor. Era seu trabalho tornar a vida dela um lugar completo, feliz, e falhou terrivelmente.

—Não fique triste, — ele disse.

Lágrimas encheram seus olhos, brilhando à luz do sol declinando. — Não posso evitá-lo. Não quero que faça isso.

Não podia esperar que entendesse por que não tinha escolha. Não viu a violência e ruína que alguém como ele poderia causar. Antes, quando suas emoções estavam mortas e frias, ele não se importava se machucava a alguém, contanto que ajudasse seus irmãos, mas agora, olhando em seus olhos, se importava. Era pessoa que provavelmente mais machucaria, e isso não era algo que podia se permitir fazer.

—Calma, — disse à ela. —Tudo vai ficar bem.

—Não acredito em você.

As palavras não faziam nada melhor. Não havia mais nada que pudesse dizer que não fosse lhe causar mais dor, mas ainda havia mais alguns minutos da luz do sol à esquerda, e queria passar cada um deles com ela.

—Vamos entrar, — disse.

Ela assentiu, saindo do carro e recolhendo algumas das coisas que trouxe com eles. Iain encontrou a chave sob um vaso de flores e destrancou a porta.

Esteve aqui antes, uma ou duas vezes. Como todas as outras casas Geraí, era modesta e despretensiosa, mantendo as pessoas longe de colocar o nariz muito perto. Não que fossem achar muito. Roupas, alimentos e peças sobressalentes armazenadas. Talvez uma espada escondida em um armário. Lençóis limpos e, às vezes, se tivessem sorte, alimentos frescos abasteciam a geladeira.

Os móveis eram usados e fora de moda, mas limpos e robustos o suficiente para suportar o peso dele e de seus irmãos. Esta casa possuía apenas dois quartos, ambos com grandes camas e armários cheios de roupas limpas. Madeira estava colocada na lareira, e acendeu a lenha, esperando que o calor ajudasse a confortar Jackie.



Não imaginava como faria para escapar dela. Não o deixaria ir facilmente. Poderia amarrá-la, mas ela provavelmente apenas queimaria as restrições. Podia nocauteá-la, mas isso a deixaria vulnerável para ataques, e isso era inaceitável.

Havia apenas uma coisa que poderia pensar em fazer: ligar para Cain vir e contê-la fisicamente enquanto Iain fazia o que precisava fazer.

Iain esperou até que Jackie entrasse no banheiro antes de levantar o telefone da parede da cozinha e ligou para Cain.

—É Iain, — disse.

—Onde diabos está? As pessoas estão virando Dabyr de cabeça para baixo procurando por você. Saí um pouco antes que eles que comessem verificar as marcas de vida. Obrigado pelo aviso, por sinal.

—Preciso que você, venha nos encontrar. Vou fazer a coisa certa, mas se não vier e segurar Jackie, vai me seguir direto para a luta.

—Não sei, — disse Cain. —Se fizer isso, vai me odiar. Não é exatamente como quero que as coisas comecem, sabe?

— Vai perdoar você. Seu coração é muito mole. Mas preciso de você para fazer isso. Por ela, e por mim. Preciso saber que está segura para que possa seguir em frente.

Cain ficou quieto por um momento. —Sim. Tudo bem. Está certo. Sua segurança tem que vir em primeiro lugar. Apenas me diga onde está.

—A casa Geraí perto de onde Angus e Gilda foram mortos.

Houve uma exalação baixa de respiração na outra extremidade da linha, como se Cain estivesse se preparando mentalmente para uma tarefa desagradável. —Estarei aí assim que puder, mas vai demorar um pouco até que possa chegar até você.

—Vou esperar. E por favor, não conte a ninguém onde estamos. Não quero que isso seja mais difícil para Jackie do que tem que ser. Estou no controle.

—Por enquanto.

—Apenas se apresse. Quero que seja feito esta noite.

—Estou a caminho agora.

Iain desligou o telefone, assim que Jackie abriu a porta do banheiro. Seu cabelo estava úmido em suas têmporas, e seu nariz estava vermelho. Parecia como se tivesse chorado, mas com os olhos vermelhos de esforço excessivo, não podia ter certeza.

—Está com fome?, — perguntou.

— Não, mas deveria comer. Faz muito tempo.

Remexeu na geladeira por alguma coisa, mas veio com apenas um par de maçãs. O congelador estava ocupado por vários pratos etiquetados que prometiam. Tirou alguma carne assada e colocou-a no micro-ondas.

Jackie desabou na mesa com exaustão. A tristeza irradiava fora dela em ondas tão fortes que fazia seu anel vibrar.

Isso era culpa dele. Deveria tê-la impedido de ajudá-lo a fugir, ao invés de continuar com seu plano. Não percebeu o quão difícil seria para ela.



—Vai ficar bem, — disse, na esperança de tranquilizá-la.

—Não, não vou. Quero que você me prometa que não vai fazer nada estúpido e se matar.

Ele ignorou seu pedido e pegou um bule de café.

—Estou falando sério, Iain. Isso não é uma piada. Se precisar, vou trancá-lo eu mesma. — O veneno em sua voz teria sido bonito se não acreditasse em cada palavra que disse.

—Não vamos falar sobre isso. Vamos apenas desfrutar de uma refeição juntos.

—A última refeição? Como diabos deveria engolir isso?

Frustração o agarrou com força, esfregando contra sua pele. A besta rosnou, agarrando as barras da jaula. Teria sido tão fácil deixar ir e ceder à tentação, deixar o monstro livre e deixá-la ver do que era que estava protegendo-a.

Mas não podia fazer isso com ela. Já sofreu mais medo e dor nos poucos anos que estava viva, do que merecia. O sol se poria em breve. Cain viria e a conteria. Tudo estaria terminado em poucas horas.

Se ajoelhou na frente dela, tomando-lhe as mãos. Seus dedos estavam frios e trementes. Esfregou-os entre as palmas das mãos e olhou em seus olhos. Não era muito bom em apagar memórias, mas seu vínculo com Jackie tornaria a tarefa mais fácil.

Iain escorregou dentro de seus pensamentos, como se tivesse nascido para a tarefa. Reuniu partículas minúsculas de energia a partir do ar e canalizou-as ao longo de sua pele. Suas mãos aqueceram, e sussurrou pensamentos de conforto e calma à sua mente. Após alguns segundos, as pálpebras caíram e ela balançou em sua cadeira.

Se pudesse, teria apagado todos os traços de si mesmo de sua memória, mas estava além de suas habilidades. Em vez disso, deixou cair um véu diáfano sobre sua tristeza e preocupação, protegendo-a deles.

Procurou por algo animado para alegrar o seu humor, e o que veio instantaneamente a mão era a imagem do pequeno Samson embalado em seus braços, e a memória deles entrelaçados em paixão. Reuniu as imagens e as usou para esconder seus pensamentos escuros, fazendo com que as coisas mais felizes brilhassem mais intensamente de modo que seu foco permanecesse lá.

Pelo menos por um tempo. Sabia que a correção era temporária, mas por agora, seria fácil levá-la pelas próximas horas.

O micro-ondas apitou. Iain deixou suas mãos, agora quentes no colo e acabou de preparar seu jantar. Eles comeram em silêncio, seus movimentos lentos e metódicos. Ele a observava o tempo todo, avaliando os efeitos de seu esforço.

Seu olhar era distante, mas calmo. Parecia adormecida, mas as ondas angustiantes de dor não estavam mais escoando para fora dela.

Uma vez que o prato dela estava vazio, disse, — Deveria descansar um pouco.

Seus olhos levantaram enquanto falava, como se a tivesse assustado. Piscou algumas vezes, olhando ao redor em confusão, como se não reconhecesse onde estava. — Descansar?

Iain levantou de seu assento e deu a volta para o lado dela na mesa. Sua cabeça inclinou para trás, e deu-lhe um sorriso, escuro, feminino que estava repleto com a promessa do paraíso.



Respirou fortemente e apertou o controle sobre seu monstro na hora exata. Ele atirou-se contra as grades, sacudindo Iain até as solas dos seus pés. Ele a queria. Queria segurá-la e transar com ela até que a raiva tivesse ido. O que não iria acontecer nunca.

Um único olhar, e a besta pensava que deveria ser dele.

Iain estava ali, rangendo os dentes em um esforço para manter o controle. Fechou os olhos, esperando que não olhar para ela ajudasse.

Isso não aconteceu. O monstro simplesmente formou sua própria imagem, lembrando a maneira como parecia nua e deitada sobre a cama, sua pele corada, os lábios vermelhos e inchados.

As mãos dela deslizavam sob sua camisa, flexionando contra sua pele nua.

Iain soltou um som baixo, animal que era em parte tormento e parte prazer. Sentindo as mãos dela sobre ele, sentindo seu toque em sua marca de vida, era quase mais do que podia suportar. Também a queria, mas estava tendo problemas para combater ambos, os seus próprios desejos, bem como os da besta.

As unhas raspavam em sua pele, e ouviu o arrastar da cadeira sobre o piso de vinil. A bainha da camisa dele foi arrastada ao longo de suas costelas, e sua boca suave pressionou um beijo em seu coração.

Seus lábios se apertaram, e suas juntas dos dedos estalaram sob a tensão de seus punhos apertados. Muito mal, precisava tocá-la, para deslizar os dedos em seu cabelo e segurar sua cabeça enquanto o beijava.

Não se atreveu a se mexer. Nem as mãos, e nem a boca. Se se mexesse até mesmo um centímetro, seu controle se romperia e ela acabaria dobrada sobre a mesa da cozinha com o jeans em torno de seus tornozelos e seu pau enfiado tão profundamente em sua doce vagina quanto ele pudesse ir.

Outro som subiu de seu peito, uma súplica muda por misericórdia, mas se ela entendeu, não quis ouvir. Em vez disso, a língua jogou para fora através de seu mamilo, enviando uma série de correntes de relâmpagos abaixo por sua espinha. Seu pau pulsava contra a braguilha e suor escorria para fora ao longo da linha do seu cabelo.

Seus dentes fecharam suavemente em seu mamilo, e então aliviou a dor erótica com a língua.

Iain estava lutando uma batalha em duas frentes, combatendo a seus próprios desejos, bem como os da besta. E estava perdendo em ambos. Precisava recuar, para ficar o mais longe dela quanto pudesse.

Moveu o peso do corpo para dar um passo atrás, mas já era tarde demais.

—Beije-me, — sussurrou, enfiando os dedos pelos cabelos dele e puxando sua cabeça abaixo para ela.

Tentou lhe dizer o quanto estava perto de enfrentar seu monstro, mas sua boca não iria funcionar. Arrastou-se por seu vínculo, deixando-a ver que ele estava protegendo-a. A necessidade de violência e a luxúria pairando dentro dele. Aquilo o envergonhou, deixá-la ver aquela parte de si, mas seus sentimentos aqui não eram importantes. Os de Jackie eram.



Seu corpo tremia, e seu agarre em sua cabeça apertou. Forçou seus olhos a se abrirem, certo de que veria desgosto alinhando no rosto dela. Em vez disso, suas pupilas cresceram enormes com o desejo. Um gemido frágil passou por seus lábios, e aquilo estava repleto com som de necessidade e não de medo.

Luxúria pulsava entre eles, tingida com a necessidade feminina. A luxúria dela, não dele. Ela viu a besta e não fugiu para longe com medo.

—Não quer isso, — disse à ela. —Não pode querer isso.

—Quero você. Tudo de você, até mesmo as partes mais escuras.

Não sabia o que estava dizendo. Não havia nenhuma maneira que pudesse realmente entender o que enfrentaria.

Abriu a boca para pedir à ela para fugir, mas antes que as palavras pudessem sair, estava em sua boca, quente e doce e exigente. A língua dela mergulhou dentro, e ela o alimentou com um gemido suave de satisfação.

Desejo irradiava para fora dela, enchendo o vínculo deles com sua necessidade. Podia sentir a pele dela quente e a carne entre as coxas dela aumentar úmida e inchada. Havia um vazio ali que queria que ele preenchesse, uma profunda dor de saudade que só ele poderia mandar embora.

Iain era incapaz de resistir a necessidade dela. Estava impotente, sem vontade de deixá-la sofrer, incapaz de segurar qualquer coisa que precisasse.

Mas não podia deixar o monstro livre. Não desta vez. Não quando a besta sabia que ele estava planejando ir para sua morte hoje à noite. Se o animal se soltasse, seria para se proteger, e Iain nunca poderia ser capaz de recuperar o controle. Seja o que for que precisasse fazer para controlar o monstro, faria. Por ela. Uma última vez.

Iain mudou seu controle, visando cada mínimo esforço para manter o monstro enjaulado. Não deixaria nada para permitir a ele ceder a seus impulsos básicos.

Beijou-a de volta, inclinando sua boca sobre a dela, saboreando-a. As unhas dela raspavam minimamente em seu couro cabeludo, queimando suas terminações nervosas com suas chamas. Seu pau inchou até que teve certeza de que ficaria louco com a necessidade de empurrar dentro dela.

As roupas dela saíam. Precisava dela nua.

Iain tentou desabotoar seu jeans, mas suas mãos tremiam muito. Não conseguia tirar o maldito botão para fora do buraco.

Jackie empurrou as mãos dele de lado e fez o trabalho por ele. Retirou suas roupas num piscar de olhos, o olhar fixo no dele, ardendo de desejo. Os olhos dela escureceram para um cinza escuro, e um rubor já estava se espalhando abaixo de sua garganta para seu peito.

A luzeria brilhava contra sua pele, e por uma fração de segundo, pensou que as cicatrizes que revestiam seu pescoço haviam desaparecido. Não que isso importasse. Com cicatrizes ou não, era a mulher mais bela que alguma vez já tocou.

Seu corpo tremia de antecipação enquanto estava lá, os seios perfeitos subindo e descendo a cada respiração rápida. Iain se atrapalhou para tirar as botas, não querendo desviar o olhar dela.



A curva de sua cintura e os reflexos de seus quadris o deixavam louco com a necessidade de tocar. O comprimento elegante de suas pernas lhe lembrava o quão boas elas ficavam ao estarem envolvidas em torno de seus quadris, e seus lábios rosados trouxeram de volta cada segundo inebriante de seu pau deslizando dentro e fora de sua boca.

Assim que estava livre de suas roupas, a alcançou. Ela caiu em seus braços, sua boca aterrissou em um beijo que roubou seu fôlego. O calor de sua pele nua roçando seu pau fez o monstro uivar de frustração. Queria preenchê-la, para tomar o que queria, sem cuidar de seu prazer.

Nem no inferno, Iain permitiria que isso acontecesse.

Envolveu-a em seus braços e levantou-a para perto do balcão, para que pudesse encontrar sua boca mais fácil. Ela enganchou seus tornozelos em torno de suas coxas e puxando-o perto, fundindo seus corpos juntos da virilha até o peito.

Seus mamilos duros cutucaram seu peito. As dobras lisas de sua boceta deslizaram sobre seu pau, fazendo-o pulsar e vibrar por um contato mais profundo. Precisava estar dentro dela tanto, que não tinha certeza se sobreviveria a espera.

— Não espere, — disse contra sua boca.

Os dedos dela se embrulharam em volta do seu pau, e ergueu seu corpo, alinhando-os. Umidade brotou de sua ereção, fazendo o contato ainda mais escorregadio. Tão grande como era, estava pronta para ele e ele avançou agradável e facilmente, arrancando um suspiro dos pulmões dela.

Estava banhado em seu calor, rodeado por seu perfume. Seus sentimentos se misturavam com o seu, ampliando-os.

O monstro gritou para que Iain se empurrasse completamente dentro. Para tomá-la, fazê-la desejar aquilo.

Se Iain não começasse a se mover, perderia a batalha com sua besta e o libertaria. Então se moveu. Se afastou e avançou, enterrando mais alguns centímetros de si mesmo dentro dela. O deslizamento eficiente contra sua pele fez seu corpo se apertar enquanto lutava para permanecer no controle.

— Mais, — ordenou, arranhando-lhe o couro cabeludo, remexendo os quadris num esforço para alojá-lo mais profundamente.

Queria mais. A besta queria mais. Iain certamente teria que dar.

Levantou-a do balcão com o objetivo de fazê-lo em uma cama agradável, macia. Deu apenas três passos quando ela bateu nele com uma imagem dele transando com ela contra a parede.

Suas bolas se apertaram, e quase chegou lá, sentindo tanta luxúria irradiando para fora dela. Queria isso. Queria isso tanto quanto ele queria, embora não imaginasse como isso era possível.

Iain empurrou de volta para a parede da cozinha, apoiando-a direto entre o telefone e uma pintura de paisagem emoldurada. Sua perna bateu numa cadeira da cozinha, enviando-a voando em cima da mesa. Algo caiu no chão, mas não dava a mínima para o que era.



A respiração dela saía apressada, mas não podia dizer se era porque foi muito duro, ou porque o ato enterrou completamente seu pau dentro dela. Tudo o que sabia era que os olhos dela flutuavam fechados em satisfação, e a cabeça dela caiu para trás, exibindo seu pescoço.

Iain baixou a boca para beijá-la, levantando seu corpo para fazê-la montar seu pau. Sons suaves saíram de sua boca, e os dedos dela cravaram nos ombros dele.

Continuou se movendo, enchendo-a com o ritmo de cada estocada. A vagina dela vibrava em torno dele, e sua respiração se acelerou. Então parou quando prendeu a respiração.

As pernas dela se apertaram em torno de seus quadris uma fração de segundo antes que seus músculos internos retesassem em torno dele e soltasse um grito, alto e longo de realização.

Iain a cavalgou através disso, mantendo o ritmo que a fez tremer ao seu redor. Absorveu seus gritos de volta em seu próprio orgasmo através da força de vontade.

O monstro urrou em fúria, e sacudiu as barras para se libertar para que pudesse assumir.

Enquanto a corrida do seu clímax passava, seu corpo ficou mole, os braços dela envolveram os ombros dele, a cabeça encostada contra a dele.

Não havia terminado com ela ainda. Precisava de mais dela, o suficiente para preencher o vazio dentro de si, suficiente para acalmar o monstro feroz. Não havia muito tempo para ele, e queria passar cada segundo que pudesse fazendo Jackie gritar de prazer.

A cama estava muito longe. O sofá estava muito mais perto. Levou-a para ele, abraçou-a, e aliviou-a de volta. O ângulo de sua penetração moveu-se, e ela arqueou as costas, deixando escapar um gemido ofegante.

Podia sentir o que ela sentia. Seu vínculo estava aberto, e o prazer em cascata infiltrando suas células, fazendo-a frouxa e sem ossos, era dele também. O deslize de pele contra pele, o aquecimento escorregando de seus corpos unidos. O bater forte de seu coração e a cadência mais rápida do dela. Viu a si mesmo através dos olhos dela, seu próprio corpo atraente nesta nova luz. Sobrepondo-se nesta que era a visão dela, espalhando-se por baixo dele, o rubor da pele dela, seu corpo tremendo com a necessidade crescente.

Aquilo bateu em Iain o que supostamente era pra ser assim. Isso era o que sua vida deveria ter sido, se juntar a alguém com tanta força que se tornaria difícil distinguir onde um deles terminava e o outro começava.

Teria sido fácil lamentar o que perderia, mas não poderia ficar parado e gastar o tempo que tinha com lamentações. Queria viver. Para amar.

Não poderia amá-la. Era incapaz de tais coisas, não importa o quanto ela desejasse. Não havia espaço para o amor em uma alma morta, então tudo o que podia oferecer-lhe agora era puramente físico.

Teria que ser suficiente.

Iain levantou os quadris e empurrou duro, inclinando-se de uma forma que fez disparar raios de seu clitóris para seu ventre. Podia sentir a sensação que fluía através dela, levantando-se entre eles, tão facilmente embora pudesse sentir o deslizamento macio de seu corpo enquanto seu pau avolumava profundamente.



Os seios dela doíam, então ele os acariciava e beijava, sugando seus mamilos duros, do jeito que gostava. O bico se destacava, molhado e vermelho de seus esforços enquanto se moveu para lhe dar mais atenção em seu outro seio. Seu próprio corpo enrolava apertado, seus músculos apertando e soltando enquanto empurrava os dois para o limite.

Estava lá com ele, seus quadris se movendo ao mesmo tempo que o dele, as unhas dela mordiam em sua bunda enquanto exigia um ritmo mais duro e rápido.

O monstro cresceu mais forte, mais alto. Iain não seria capaz de mantê-lo à distância por muito tempo. Não queria dividir isso com a besta. Jackie era dele. Toda sua. Ninguém mais, nada mais, poderia tê-la.

Era hora de fazê-la gozar, o tempo para deixar-se ir e entregar antes que fosse tarde demais.

Iain alcançou seus pensamentos, a necessidade de estar tão perto dela quanto pudesse estar. Ela gostava que estivesse quase fora de controle. A ideia de que poderia levá-lo ao abandono a fez se sentir poderosa e bela.

Queria isso para ela. Queria que sempre fosse feliz e soubesse quão preciosa realmente era.

Reuniu seu desejo, sua necessidade de fazê-la feliz, e colocou isso em uma exibição brilhante, com destaque para a sua própria luxúria irregular. Ela fez um ruído suave, alto e sem fôlego. Reconheceu isso das últimas vezes que a fez gozar. Estava perto, no limite, confiando nele para segurá-la enquanto caía.

Essa confiança foi a ruína de Iain. Mesmo tão profundo dentro de seus pensamentos enquanto estava, mesmo com a face brutal da besta se mostrando, ainda confiava nele para ficar no comando e mantê-la segura.

Não a decepcionaria, não no presente, e nem em seu futuro.

Iain cobriu os lábios entreabertos dela com seus e enfiou a língua em sua boca ao mesmo ritmo constante de seu pau. Ela bebeu seu gemido de prazer, e segurou firme enquanto seu orgasmo se chocou contra ele, balançando-o em seu núcleo.

O primeiro jato de sêmen fez o corpo dela apertar quando o seguiu até o orgasmo. Prazer o encheu, o cercou, explodindo por todos os poros, afastando todos os pensamentos, mas a pulsação, a alegria radiante que torceu cada gota de semente de seu corpo.

Jackie tremeu em torno dele, segurando-o perto e ofegante. Um tremor sacudiu o corpo dela, e levantou a cabeça para se certificar de que estava bem. Lágrimas enchiam seus olhos, mas tudo o que sentia vindo dela através da luceria era uma mistura suave de felicidade e satisfação.

Não podia suportar a visão de suas lágrimas, felizes ou não. Embalou a cabeça dela em seu peito e acariciou seus cabelos, esperando que as lágrimas passassem.

Seus músculos se sentiam retorcidos e frouxos, mas estava cheio de uma energia sem limites, como se pudesse lutar por dias sem parar. Mesmo que seu monstro estivesse calmo para dormir.

Enquanto sua respiração desacelerava e sua pele refrescava, se empenhou em guardar todos os detalhes deste momento na memória. O cheiro de sua pele, o som do seu coração, a sensação de seus braços em volta dele, e o sabor de seus lábios nos dele. Este era o momento que levaria para o combate com ele. Esta era a imagem que se agarraria quando a morte viesse.



Este momento cintilante de paz o aliviaria desta vida. Iria confortá-lo e aplacaria a besta para que pudesse fazer a coisa certa. A coisa mais digna.

Jackie estaria livre para encontrar alegria com outro homem, que era capaz de amá-la do jeito que merecia. E pensar naquilo o fez tão feliz quanto sua alma morta permitia.

Iain ouviu um carro parar do lado de fora.

Afastou-se a contragosto de seu corpo. —Cain está aqui.

O olhar de contentamento em seu rosto se fundiu em um olhar firme e acusatório. Correntes ondulantes de traição encheram seu vínculo. — Cain? Ligou para ele, não foi?

—Alguém tem que protegê-la quando for embora.

Ela se levantou do sofá, sua pele corada. Sentiu o momento em que o véu que colocou sobre os pensamentos de sua morte iminente se levantou. A tristeza apunhalou por meio de seu vínculo, e ela balançou em seus pés. — Arrisquei meu traseiro para salvá-lo, e é assim que me paga? Chamando outro homem para tomar conta de mim assim poderia sair e se matar?

Cain estava andando para atravessar por aquela porta em um segundo, e ela estava ali de pé gloriosamente nua, ainda brilhando com os restos de prazer. Iain não poderia suportar a ideia de que o outro homem a visse assim. Era sua, pelo menos por mais alguns minutos. Compartilhar não era algo que poderia tolerar.

A besta se agitou, um rosnado surdo possessivo em seu peito.

—Não há outra maneira. — Iain puxou uma malha de tricô jogada na parte de trás do sofá e envolveu ao seu redor, no momento que Cain entrou.

Seu olhar varreu a sala, tendo uma visão em segundos. Demorou-se nas roupas no chão da cozinha, no prato quebrado, móveis derrubados, e na ligeira depressão no papel de parede.

Sua cor aprofundou a um vermelho de raiva, e os punhos se apertaram em seus lados. Engoliu em seco. Uma vez. Duas vezes. —Vista-se. Rápido. Temos uma situação.

Não disse mais nada, apenas se virou e caminhou de volta para fora, fechando a porta atrás dele.

Iain não fazia ideia de qual era a situação, mas sabia que não gostaria.

Capítulo 27

Jackie estava se contorcendo de raiva, tão furiosa com Iain que mal conseguia vestir suas roupas. Suas mãos tremiam, e um nó amargo havia se formado na boca do estômago.

Chamou Cain para que pudesse se matar, para que não fosse atrás dele como uma espécie de filhote de cachorro doente de amor.

Depois de tudo o que passaram, depois de tudo o que compartilharam, apenas jogaria tudo fora por causa de algum costume estúpido.

Saiu do banheiro, para encontrar Iain e Cain em uma discussão acalorada. Assim que Iain a viu, a conversa imediatamente morreu.



—Não pare por minha causa. Qualquer coisa que disser posso apenas arrancá-lo da sua mente se quiser.

O olhar de Iain moveu-se para cima e para baixo do corpo dela. Sua expressão se endureceu, mas podia sentir um único pulsar de desejo derramando-se através da luceria.

Como se não tivessem acabado de gozar com tanta força que quase lascou um dente.

—O que está acontecendo?, — exigiu.

—Nicholas enviou uma informação de que uma criança foi raptada. É Autumn Mason.

O fôlego de seu corpo e todas as insinuações de raiva fugiram frente a seu medo pela menina. Suas pernas balançaram, e antes que pudesse chegar no sofá, Iain estava ao seu lado, acomodando-a sobre as almofadas macias. —Não pode ter sido. Eles a mudaram para algum lugar seguro. Joseph disse isso.

—Não era seguro o suficiente, — disse Cain, sua voz profunda e áspera com preocupação. — Os demônios a estavam farejando em Chicago. Eles estavam a caminho de Dabyr quando foi levada. Mas vamos encontrá-la. Andra já está na pista.

A maneira como disse isso não a convenceu.

—Cain e eu vamos sair, — disse Iain. —Fique aqui até que venha buscá-la.

Cain ergueu as mãos e deu um longo passo para trás. — Nem no inferno. Não estou fazendo isso.

—Tem que fazer, — Iain disse.

Jackie olhou entre eles, incapaz de descobrir o que estava acontecendo. Havia algum tipo de tensão lá, mas não sabia porquê. A menos que fosse, porque Cain se intrometeu entre eles. — Ele tem que fazer o quê?

O olhar de Iain deslizou para longe, e sentiu um espasmo de culpa passar.

—Quer que o mate, — Cain disse.

Jackie sofreu uma cruel onda de repulsa que colocou de volta sobre os calcanhares. — Não se atreva, — suspirou.

—Não vou. Não só não tenho estômago para fazer isso, você e eu temos um acordo. Não há como lhe pedir para ficar comigo depois que matasse o homem que claramente viria a... ter afeto.

—Nós tivemos sexo, — disse Iain. —Isso não significa que sinta por mim nada mais do que uma dose momentânea de luxúria.

Seu comentário feriu, embora não imaginasse por que deveria. Sabia o que estava planejando e, agora que já não estava louca de desejo, conseguia pensar direito o suficiente para ver que na melhor das hipóteses estava distraíndo-a de tentar convencê-lo a não morrer, ou na pior das hipóteses usando-a para passar o tempo até o anoitecer, quando poderia ir se matar.

Cain olhou para ela, seus olhos verde-escuros constantes e sem piscar. — Se se sentir a metade disso por mim um dia, me considerarei um homem de sorte.

Estavam loucos? — Vai estar lá e permitir que continue falando de suicídio mesmo quando não fez nada de errado?



—|Vai, — disse Cain, sua voz profunda vibrando com certeza. —Os desejos são fortes demais para resistir para sempre. Não estou tão longe quanto Iain, e já luto para lembrar o homem que preciso ser.

—Escute-o, Jackie, — Iain implorou. —Este é o único caminho.

Atravessou o espaço, agarrou a camisa de Iain em seu punho, e o balançou. — Escute-me. Vocês dois estão muito envolvidos nessa insanidade para pensar claramente. Uma menina está desaparecida. Não podemos ficar aqui e discutir, enquanto os demônios a amedrontam, a machucam. Vocês dois vão parar de falar dessa merda de morte e aquecer suas espadas. Nós vamos precisar delas.

—É muito perigoso, — Iain disse. —Estou muito perto de perder o controle.

—Também estou assim, Senhor. Se tiver de teletransportar você de volta para aquele calabouço para mantê-lo seguro, o farei. E então voltarei logo aqui sem você e encontrarei Autumn eu mesma.

—Nunca te deixaria ir sozinha, — disse Cain.

—Sim? Bem boa sorte mantendo-se comigo e com meu poder mágico pulando pelo espaço.

Cain apertou a boca em frustração, mas não se importava como ele se sentia. Os dois estavam indo ajudá-la.

—Não pode fazer isso, — disse Iain. —É muito perigoso.

—Disse o homem que está procurando a morte.

—*Pra você*, — quase rosnou. —Minha segurança não importa.

— Mas a minha sim?

— Absolutamente.

—Então venha comigo. Pare de lutar. Não me faça ir sozinha.

Os homens entreolharam-se sobre sua cabeça. Não sabia que tipo de comunicação estava acontecendo, mas não estava ouvindo nada. Mesmo seu vínculo estava fechada, barrada fora para que não pudesse entrar dentro da mente dele.

—Tudo bem, — Iain disse. —Vamos encontrar a menina.

—Apenas assim?, — Perguntou. —O que perdi?

Cain tocou o cotovelo dela, e seu anel vibrou tanto que o podia sentir em sua pele. —Iain não vai voltar disto. Mas você e eu vamos sair de lá vivos, com a menina.

Não podia pensar sobre nisso. Agora não. Antes que eles encontrassem Autumn, pensaria em algo para convencê-lo a parar esta decisão insensata.

Iain segurou o rosto dela em suas mãos. Esse era o toque que conhecia, o que desejava. Por mais que tivesse pensado tão somente há poucos dias, esses homens não eram substituíveis. Queria Iain. Apenas Iain.

—Não quero que isso seja mais duro pra você do que tem que ser. É o que quero. Uma morte nobre. Meu desejo é morrer para que possa salvar meu amigo, meu irmão. Salve Cain.

Balançou a cabeça em negação, mas não havia fôlego para as palavras.

— É um bom homem. Melhor do que eu poderia ser. Sua alma está morrendo, mas você pode salvá-la. Você pode salvá-lo.



—Quero te salvar.

Ele acariciou seu rosto, seu toque tão suave que não podia acreditar que havia alguma violência nele. —Sei. Eu desejaria que você pudesse. Mas esta é a maneira que tem que ser. Prometa-me que vai salvá-lo quando me for.

Não podia. Não poderia nem mesmo enfrentar a ideia de um mundo sem Iain nele.

—Não a pressione, — disse Cain. — Pede demais.

— Não posso deixá-lo morrer, — Iain disse.

Jackie não podia ouvir. Precisava sair daqui, tomar um pouco de ar.

Cambaleou para sair pela porta, arrastando o ar frio em seus pulmões. Fileiras de lágrimas escorreram pelas bochechas.

Não havia tempo para isso. Uma menina estava lá fora, agora, sozinha e apavorada. Alguém precisava encontrá-la. Alguém precisava salvá-la.

Jackie odiava o que aquele trabalho a fazia sentir, ao mesmo tempo em que agradecia a Deus, que o poder de fazê-lo estava em seu alcance.

Por dois anos foi presa e abusada, passou fome e foi alimento. Por dois anos viu inúmeras crianças morrerem. Foi impotente para deter qualquer um, mas esse tempo acabou. A magia percorria seu corpo, tremendo na expectativa de ser convocada para atender sua ordem. Estava indo para encontrar Autumn, e quando o fizesse, todas as criaturas do mal que sequer colocaram os olhos sobre a menina, sofreriam. Jackie se asseguraria disso pessoalmente.

Ronan pegou o rastro em seu caminho para encontrar-se com Drake e Helen. Não era tão hábil caçador de sangue como alguns, mas era o melhor em rastreamento do que a maioria. Conhecia essa área. Conhecia os ninhos espalhados por toda a paisagem, pequenos guaridas ocultas e enormes cavernas abertas também. Embora não passou muito tempo limpando-os da forma como o Theronai faziam, mantinha o controle sobre o seu inimigo, na esperança de localizar os seres humanos com sangue forte, muito antes do que os Synestryn o fizessem.

O demônio que estava com a mulher grávida deixou seu perfume atrás, perto de uma casa onde o sangue forte de um recém-nascido estava. Não fez nada mais do que farejar em volta, mas logo faria.

Ronan teria que convencer a família a se mover. Mais uma vez. Era a única maneira de mantê-los seguros.

Lidaria com isso mais tarde. Por enquanto, seu foco era o cheiro de demônio maligno levado para longe, em direção a um ninho próximo.

— Encontrou alguma coisa?, — Perguntou Helen. Que estava sentada na porta aberta do veículo de Drake, observando-o trabalhar.

—Sul, — disse, puxando o aroma profundamente em seus pulmões. Era doce e rançoso, como um ensopado de suco de frutas e carne podre. Agora que o cheirou, não esqueceria tão cedo.

Voltou para o veículo deles e deu instruções a Drake para onde ir.



Não precisavam ir muito longe. Havia uma estreita entrada subterrânea, e fedia a demônio. Não podia sentir o cheiro da mulher, mas não estava certo se isso era porque não veio por este caminho, ou se era simplesmente o mau cheiro do demônio dominando a fragrância dela, mais leve.

Os três vestiram roupas de proteção e armas e se dirigiram para dentro.

Capítulo 28

Jackie não imaginava como encontrou Autumn. Era como se pudesse ver um rastro de medo que levava à trilha, a menina que ninguém mais podia ver. Não havia prova de que este era o lugar, e ainda, de alguma forma, sabia que era verdade.

— Tem certeza que está aqui?, — Perguntou Iain.

— Tenho. — nunca estivera aqui antes, mas a trilha cintilando fraca, brilhando como a luz solar em um punhado de névoa, levava direto para uma abertura estreita e rochosa.

Cain desligou os faróis enquanto puxava a caminhonete para parar. Com ambos os veículos desligados, a área remota mergulhava na escuridão. Jackie instintivamente puxou um fio do fluxo de poder para os olhos, deixando-a ver através da espessa e sufocante escuridão.

O vento sacudiu pelo carro deles. Iain colocou a mão no joelho dela, e o calor do seu toque afundou através de suas roupas, fazendo-a tremer e muito mais.

— Não precisa ir com a gente, — disse. — Cain e eu podemos encontrá-la. Ele vai trazê-la para fora.

— Não posso deixar você ir sozinho. — Eles sabiam que voltaria sozinha.

— Já passou por tanta dor.

— Com se você se importasse. Está me forçando a suportar mais dor ainda por se matar.

— Estou te salvando. Não pode ver isso ainda, mas espero que veja... quando estiver feliz novamente.

Jackie não poderia imaginar encontrar a felicidade, enquanto Iain estivesse frio no chão. Havia se vinculado a ele muito profundamente.

Não, era mais do que isso. Ela o amava.

Não queria. Não teve a intenção. Amá-lo seria sua ruína, e ainda assim não conseguia parar. Frio como ele podia ser, viu o lado nobre e altruísta dele que ninguém parecia se importar. Ele deu à ela delicadeza e paixão. E agora, estava libertando-a da única maneira possível, se matando.

Não se importava com o que eles diziam. Sua alma não estava morta. Nenhum homem que estava disposto a dar a vida por outro, poderia ser chamado de sem alma.

Segurar suas lágrimas faziam sua garganta doer. — Não quero que me salve. Quero que salve a si mesmo.

Iain acariciou seu rosto, seus olhos negros firmes enquanto olhavam para os dela. — Isso é salvar a mim mesmo. Se acabar com isso antes que faça qualquer coisa imperdoável, então minha



memória vai viver, sem mancha, minha honra intacta. Se tentar desafiar a ordem natural das coisas por mais tempo, vou morrer em desgraça. Tenho muito a perder agora. Por favor, deixe-me fazer o que preciso fazer.

Não se dobraria. Ela o conhecia e conhecia sua honra bem o suficiente para perceber isso. Decidiu que este era o caminho mais seguro para ela, e podia sentir sua férrea resolução penetrar por ela através da luceria. Ele estava fazendo isso. Se realmente o amava, faria sua passagem tão fácil para ele quanto possível, ao invés de ficar birrenta como uma criança.

Se falasse, sabia que quebraria, então ao em vez disso, simplesmente assentiu e saiu do carro.

Cain escorregou silenciosamente para seu lado. Sua expressão era sombria, mas seus olhos vigilantes estavam preenchidos com um brilho de esperança.

A morte de Iain, seu desejo de morrer, era a salvação de Cain.

Cain colocou uma viseira clara sobre sua cabeça e a ajustou no lugar.

Não queria seu contato ou sua atenção. Tão amável quanto era prestar atenção em sua proteção, parecia... errado, como algum tipo de traição.

Queria gritar que Iain ainda estava vivo e bem ali, a observá-los, mas se soltasse mesmo o menor clamor de indignação, seu controle quebraria e cairia em um monte de soluços.

Sua dor já estava pairando em volta dela, retardando seus passos e esmagando seu peito de modo que era difícil respirar. Em poucos minutos, ou em algumas horas, Iain estaria morto, e não havia nada que pudesse fazer para detê-lo. Se tentasse salvar sua vida, ele só encontraria outro caminho. E se fizesse algo que se arrependesse, porque tentou impedir sua escolha de liberdade?

Ainda era um bom homem. Trabalhou muito duro para continuar assim. Com que direito poderia arruiná-lo, só porque era egoísta e queria que ficasse em sua vida?

Uma onda quente de conforto varreu através dela, como um abraço longo e apertado. Quase podia sentir os braços de Iain em torno dela novamente.

Era o único a sair para morrer e ainda assim seus pensamentos eram sobre o conforto dela.

Não podia trair essa bondade nele. Não poderia desafiar seu desejo de morrer. Precisava deixá-lo ir.

Jackie piscou fora as lágrimas, endireitou os ombros, e reuniu sua força. Seguiria o exemplo de Iain e faria a coisa honrosa, não importando o quanto isso a destruiria.

Beth encolheu contra a parede, tremendo de frio e tristeza.

Quase esteve livre. Depois de anos estando aqui, presa e torturada, quase escapou. Se estivesse mais forte, talvez pudesse ter feito isso ter subido aquela cerca.

Seu sangue é a chave...

Essas palavras davam voltas em sua cabeça, tentando descobrir o que aquele homem queria dizer. Parecia que estava tentando ajudá-la, mas se estava, aquilo não estava fazendo bem à ela. Não importa quanto tempo gastasse para encontrar uma resposta para esse mistério, nada ocorreria.



Beth não sairia daqui, se não conseguisse descobrir o que queria dizer. Morreria no escuro, sozinha e com medo.

Sua cabeça latejava. Não conseguia se lembrar da última vez que comeu. Dias atrás? Semanas? Não havia como ter certeza. Estava fraca demais para pensar direito. Qualquer que fosse as reservas que poderia ter tido, usou todas elas tentando subir naquela cerca.

Ainda assim, não podia aceitar seu destino. Lá dentro dela, era uma lutadora. Claro, era uma lutadora faminta, covarde, mas essa pessoa que fora uma vez ainda estava viva dentro dela em algum lugar. Não estava?

Não queria pensar nisso agora. Precisava dormir e escapar deste lugar por um tempo. Talvez até mesmo sonhar com o céu novamente. Luz do dia. Luz do sol.

Beth se enrolou no chão frio e tentou se lembrar como pareciam.

Iain dividiu sua atenção entre confortar Jackie e o caminho à sua frente, mantendo um rígido controle sobre seu monstro. A besta rugia em desafio, golpeando e golpeando em sua jaula em um esforço para escapar. Se deixasse o monstro sair, ele poderia lutar por sua vida. Não se importaria com quem tivesse que matar para sobreviver.

A caverna parecia vazia enquanto avançavam. Os demônios Synestryn saíam durante a noite para caçar e se alimentar, voltando aqui só quando o sol os forçava a se esconder. Tinham até o amanhecer para encontrar a menina e sair, ou teriam que lutar contra eles para abrir seu caminho de volta.

Enquanto Iain estava contente com a morte, queria que todos os outros saíssem em segurança.

Sem esforço, deslizou dentro dos pensamentos de Jackie, mantendo controle sobre o caminho etéreo que ela viu que levava a Autumn. Esse caminho não era construído por Jackie, aquilo pertencia à outra pessoa. Se a teoria de Iain estivesse correta, Jackie estava de alguma forma assimilando a magia de Andra e sua capacidade para encontrar crianças perdidas. Não entendia como funcionava, mas um pensamento fugaz o fez pensar se Jackie não estava de alguma forma conectada a Andra. Talvez fosse assim que aprendeu a usar magia com tanta facilidade, estava aprendendo a fazê-lo através das mulheres que já descobriram como fazer.

Quanto mais tempo estava em seus pensamentos, mais sentido a teoria tinha.

Não seria capaz de estar com ela assim por muito mais tempo, então queria aproveitar cada segundo dela, deleitando-se com sua beleza e força interior. Bastava estar conectado a ela assim, que isso tornava mais fácil de controlar sua besta, como se sua presença de alguma forma o acalmasse e silenciasse.

O caminho fazia uma curva para a esquerda, através de uma caverna cheia de ossos e pedaços de pele rejeitados. Assim que entraram, o cheiro de carne podre e fezes eram quase insuportáveis. Jackie fez barulhos de engasgo, e um segundo depois, o ar fresco e limpo encheu seu nariz e boca.

—Wow, — disse Cain. —Isso é um inferno de um truque. Obrigado.

—Não sei como suportei esse cheiro por tanto tempo.



Mesmo enquanto falava, podia ver as memórias horríveis que o cheiro trouxe de volta. Dor e morte preenchiam seus pensamentos, tão vívidos e assustadores na verdade, que se encolheu longe deles por um momento.

Sua magia era extremamente limitada, não podia acessar nenhuma poder que abrigava. Só podia reunir a energia que estava em volta, pairando no chão e dançando no ar, para uso imediato. E isso é o que fez agora, recolheu pedacinhos do poder que costumava usar para empurrar essas memórias sombrias longe, defendendo-os. Ela viveu esse horror. Não era certo que o revivesse novamente.

A mão de Jackie pousou em seu ombro em agradecimento, um toque breve e trêmulo, que terminou rápido demais.

De todas as coisas neste mundo, sua companhia, seu toque, era o que mais sentiria falta.

O caminho deles levava para o oeste, engrossando enquanto avançava. Estavam chegando perto. Podia ouvir os ruídos agora, das garras deslizando sobre a pedra, o baixo gorgolejar, sons molhados de demônios que se alimentavam de qualquer presa que tivessem encontrado.

Esperava que o fato de que a pista ainda estivesse lá, pairando no ar, significasse que Autumn ainda continuasse viva, e que os demônios estavam se alimentando de outra coisa.

Iain levantou a mão, ordenando silenciosamente que parassem. Sem sequer pensar no que estava fazendo, sussurrou diretamente na mente de Jackie que estava indo explorar a frente. Ela devia ficar aqui. Sentiu o assentimento dela e deslizou para a frente, movendo-se silenciosamente sobre os detritos soltos no chão.

O caminho ampliou em um nicho do tamanho de uma grande sala. O teto aqui era inclinado para cima, e formações rochosas se envolviam abaixo em cortinas de calcário. A água pingava das pontas, fazendo o ar úmido e espesso.

No lado mais distante da área, podia ver barras enterradas na pedra. Entre ele e aquelas barras estavam mais de uma dúzia de demônios que se alimentam de restos humanos. Um dos maiores Synestryn estava agachado sobre um braço humano decepado, rosnando para qualquer coisa que chegasse perto. Sua pele era negra, lisa e sem pelos, parecia que estava revestido em algum tipo de óleo. Os demônios menores estavam cobertos de pelos, com cabeças grandes e mandíbulas cheias de dentes serrilhados. Seus membros eram fortemente musculosos, todos curvados nas pontas com garras negras. Seus olhos queimavam com um verde brilhante enquanto se alimentavam, rasgando a carne de outros ossos humanos.

Um sapato branco balançava no extremo de uma perna decepada de um homem, coberto de sangue vermelho. Dois demônios disputavam o prêmio, rosnando e sibilando um para o outro, enquanto tentavam arrastá-lo em direções opostas.

O primeiro pensamento de Iain foi que não queria que Jackie visse isso. Era muito horrível, e serviria apenas para lembrá-la do que sofreu. Seu segundo pensamento era da menina e do caminho que levava diretamente através da massa retorcida de demônios em frente daquelas barras.

Teriam que abrir caminho através do grupo. Pelo que podia ver, não tinha como evitá-lo.

Voltou para os outros e disse-lhes o que encontrou.



—Não gosto disso, — Cain disse, — mas não temos escolha.

— Vou primeiro, — disse Iain. — Jackie, fique atrás e ajude a distância.

Ela assentiu, mas sua pele estava pálida, as pupilas contraídas em pequenos pontos, e uma linha de suor irrompeu em sua testa. Odiava vê-la com medo. Odiava que a última vez que estivesse com ela seria cheia de medo e morte.

Iain sentiu que reunia sua coragem e observou enquanto endireitava os ombros. Uma onda de energia foi absorvida dele, e o seu rosto estava firme em seu lugar sob a viseira clara.

Deu-lhe um aceno de cabeça de admiração e se moveu para dentro.

Ficaram em silêncio até o último segundo, antes de Cain e Iain atacarem os demônios mais próximos. Os menores estavam na frente, e sussurraram em surpresa antes de saltarem para o ataque. Iain cortou dois com um forte golpe. Seus corpos peludos bateram na parede, onde outros demônios correram para consumi-los.

Ignorando-os por agora, Iain entrou completamente no combate, defendendo um ataque atrás do outro, movendo-se com instinto animal e séculos de prática.

Cain segurou-se ao lado de Iain, protegendo seu flanco e destruindo os demônios feridos que caíam da lâmina de Iain.

A vibração distante de poder retumbou através dele. Podia sentir algo se construindo, mas não se atreveu a prestar qualquer atenção agora. Uma única distração e poderia ir para o chão antes que tivesse encontrado a garota. Não duvidou nem por um segundo que Jackie seguiria em frente, com ou sem ele, se não conseguisse completar sua missão.

Ouviu um sussurro em sua mente, insistindo para que se movesse para a esquerda. Era a voz de Jackie, sua presença dentro dele, então obedeceu, deslocando seu corpo um pouco mais a cada passo a frente.

Segundos depois, um banho de fogo dourado foi derramado passando pelo seu lado direito, tão perto que chamuscou sua manga. Toda criatura neste caminho foi consumida pelas chamas, gritando em agonia, os pelos e pele se queimando.

O demônio grande na parte de trás pulou para fora da linha de fogo, finalmente abandonando sua refeição. A coisa possuía facilmente dois metros e quarenta de altura, mesmo debruçado como estava. Avançou, sem se importar com as criaturas que esmagava sob as patas largas.

Sua mandíbula estava aberta, revelando pedaços de pele ensanguentada e amostras irregulares de calças jeans azuis entre seus dentes. Um rugido enorme e quente saiu de sua boca cavernosa, grande o suficiente para engolir Iain em duas mordidas. Saliva foi pulverizada, espirrando contra o escudo do rosto de Iain.

Cain moveu-se, sua lâmina cortando um pequeno demônio, que estava apenas alguns centímetros da canela de Iain.

Podia sentir Jackie puxando seu poder, atraindo dentro de si mesma para outro ataque. Tudo o que precisava fazer era arranjar-lhe algum tempo, alguns segundos preciosos.



Iain mostrou-lhe o que faria, empurrando a imagem através da seu vínculo enquanto ele mesmo impulsionava seu corpo para a frente. Enfiou a lâmina profundamente no braço grosso da coisa e a usou para saltar sobre suas costas.

Ele gritou de dor e se ergueu tentando derrubar Iain.

Esfaqueou a coisa na base do pescoço, mas tudo no que atingiu foi num grosso pedaço de gordura.

O demônio cambaleou para trás, correndo em direção à parede da caverna. Iain não teria tempo para se mover. Seria esmagado. Se caísse, as enormes patas iriam esmagá-lo enquanto morria.

Isso não poderia acontecer ainda. A menina ainda estava presa.

A mente de Iain se apressou a encontrar uma solução enquanto escalava o corpo escorregadio, chegando a agarrar-se à cabeça da coisa. O demônio bateu fortemente para trás. Era tarde demais. Iain não se moveu o suficiente. Prendeu a respiração, preparando-se para a dor.

Faíscas azuis jorraram para fora da parede, mas não havia nenhuma dor. Nem mesmo o frio da pedra o tocou.

Jackie. Ela o protegia.

Não que estivesse fazendo muito bem. O ferrão queimando começou a afundar em suas mãos, onde entrou em contato com as secreções venenosas do demônio de pele oleosa.

Solte-o! Ouviu Jackie gritar em sua cabeça. Confiando nela, fez o que pediu, liberando seu agarre.

Ela sustentou seu corpo, e jurou que podia sentir o calor de suas mãos soltando-o no chão. Não que isso fosse possível, já que estava do outro lado da sala.

Seu corpo rolou no fundo de uma bolha levemente brilhante. Não tentou lutar para libertar-se, porque já podia senti-la drenando mais poder para outra tarefa.

Fogo dourado derramou de seus dedos, atacando o demônio gigante. As línguas de fogo se envolviam ao redor de seu corpo, deixando a pele oleosa em chamas. Ele vaiava em dor e fúria.

Iain bateu no chão duro, rolando sobre os ossos e sujeira para amortecer sua queda. Suas mãos queimavam, e as pontas de seus dedos começaram a ficar dormentes. Aterrissou aos pés de Jackie, e seu mundo nem sequer havia tido tempo de parar de girar, antes que ela prende-se a mão em seu pulso e começar a derramar poder em seu braço.

Calor, formigamento, relâmpagos explodiram sobre sua pele, queimando todos os vestígios do veneno. Sentiu algo molhado escoando para fora de suas palmas, e depois viu a fumaça subindo enquanto evaporava.

O veneno. Ele se fora, juntamente com a queimação, e os efeitos entorpecentes.

Não havia tempo para palavras, mas deixou sua gratidão deslizar para ela, junto com o pulsar do próximo surto de energia que estava puxando dele.

Não havia parado de lançar magia por todos os lados, desde que o combate havia estourado. Não sabia o quanto mais poderia fazer, mas já era mais do que ele jamais havia esperado em um tempo tão curto.



Cain se segurava, mantendo os demônios longe deles, agrupando-os em direção às chamas que consumiam o gigante que tinha caído.

Iain arrancou sua camisa e enrolou em sua mão. O cabo de sua espada se projetava do demônio em chamas, e se estirou para agarrá-la rapidamente. Sua camisa queimou, mas nenhum calor tocou sua pele, por isso abriu caminho até o lado de Cain, cortando caminho através dos poucos demônios restantes correndo ao redor.

Quando o último havia caído, se virou para buscar Jackie. Ela estava desmoronada contra a parede, respirando com dificuldade. Um rubor rosa brilhante cobria seu rosto, e seus olhos vermelhos brilhavam com um sentimento de realização.

—Autumn, — ofegou. —Lá.

Iain não a deixaria ficar mais do que a alguns passos de distância, então passou o braço em volta da cintura dela, pegando seu peso, e encorajou-a a seguir.

A fumaça flutuava pela sala, obscurecendo sua visão. Jackie ondeou a mão, e a fumaça se separou de seu caminho. Deitada no chão, do outro lado das barras, imóvel, estava uma menina, jovem e magra.

—Autumn?, — perguntou Jackie, como se fosse difícil de acreditar.

As barras metálicas estavam enferrujadas, mas não frágeis. Cada uma estava envolvida por uma pedra, acima e abaixo. Iain agarrou um para testá-la e encontrou-a resistente.

Ele era forte, mas não havia nenhuma maneira de que pudesse quebrar aquelas barras sem algumas ferramentas.

—Vou fazer isso, — disse Jackie, sustentando-se em seus pés.

— Basta destrancá-la, — Cain disse. —Guarde sua força para cobrir nossa saída.

Ela assentiu e colocou a mão na fechadura. Seus olhos se fecharam por um momento, e então ouviu um rangido metálico fraco. A porta deslizou abrindo uns escassos centímetros.

—Vou buscá-la, — disse Cain.

Iain virou-se para observar suas costas, olhando através da fumaça espessa. Demônios em chamas estavam espalhados pelo chão. O gigante ainda se contorcia, ocasionalmente, a pele cheia de bolhas e rachaduras.

O choque de pânico de Jackie foi seu primeiro sinal de que algo estava errado. Sua cabeça girou para encontrar a ameaça, levantando sua espada para destruí-la.

Antes, tudo o que estava no outro lado das barras era uma parede de rocha, mas foi movida. Qualquer que fosse a ilusão ou véu que cobria o que realmente estava ali, se foi agora, revelando uma sala maior, repleta de guardas estranhamente humanos. Cada um estava armado com uma espada, e havia pelo menos trinta deles, talvez mais.

De pé na frente deles, com seus dedos longos e ossudos em volta do pescoço da menina, balançando seu corpo inconsciente no chão, estava outro demônio. Irradiava poder. Nenhuma única criatura detrás dele se moveu, como se não ousassem fazer nada sem sua permissão.

Ele parecia tão humano que Iain levou um momento para descobrir que era Synestryn. O fraco brilho verde de seus olhos e o sangue negro pulsando sob a pele pálida lhe delatou.



—Murak, — Jackie disse, sua aversão ao demônio veio de duas maneiras, tanto do tom de sua voz como através de seu vínculo. Ondas pulsantes de raiva derramavam dela, jorrando contra ele, instigando o monstro dentro dele.

A besta queria matar esta criatura para ela. Queria colocar sua cabeça em uma placa e oferecê-la a seus pés como um tributo.

Iain apertou seu controle e empurrou os desejos de sua besta de lado.

—Você parece bem, — disse Murak, seus olhos vagando pela garganta dela.

Cain se moveu a sua frente. Murak apertou até que o rosto de Autumn começou a escurecer com a falta de oxigênio. — Não faria isso. Não, se quer que a menina mantenha a respiração.

—O que quer?, — Jackie perguntou.

—Banhar-me em seu sangue. Para começar.

— Ótimo. Leve-me, — disse Jackie. —Deixe a menina ir.

Iain rosnou.

Cain disse, — Uma merda

Murak sorriu e seu olhar encontrou o de Iain. —A julgar pelo seu pescoço nu, você é a fonte de energia, certo?

Iain não disse nada.

Murak continuou a olhar para Iain enquanto um sorriso ampliou sua boca, exibindo os dentes afiados. —Vou levá-lo em troca da menina.

—Feito, — sussurrou Iain ao mesmo tempo em que Jackie gritou em negação.

— Solte a espada. Venha até aqui.

Vai. Pegue a menina e corra, Iain disse-lhe em silêncio.

Sentiu sua resistência, mas ao mesmo tempo que se formou, desmoronou. Sabia que seu tempo havia acabado. Essa era uma forma tão boa como qualquer outra para ir.

Iain caminhou passando por Jackie e através da porta da cela.

Murak jogou Autumn em Cain, que a pegou antes que batesse no chão.

—Vá agora, antes que eu mude de ideia, — ordenou Murak.

Cain se retirou, nunca tirando os olhos do demônio. Lágrimas deslizaram pelo rosto de Jackie, e mordeu os lábios como se estivesse tentando conter um soluço.

Murak puxou um punhal comprido da cintura e enfiou no peito de Iain. O golpe foi tão rápido que mal teve tempo de perceber o que aconteceu antes da dor florescer dentro dele, empurrando para fora todo o pensamento racional.

A lâmina foi arrancada de seu corpo e seu sangue se derramou em seu peito nu.

Jackie gritou de horror. Tentou dizer-lhe que estava tudo bem, mas não conseguiu reunir concentração o suficiente para formar palavras ou pensá-las. E mesmo se pudesse, todo o fôlego havia deixado seu corpo, deixando-o mudo.

—Corra, Jackie, — advertiu Cain em um tom alarmante que sabia o que viria depois.

Iain caiu de joelhos, aterrorizando ali antes que reconhecesse que começou a desmoronar. O sangue escorria de seu ferimento, molhando o cóis da calça jeans. Estranhamente, não ficou chateado. Estava libertando Jackie. Cain iria protegê-la agora.



Sempre se perguntou como acabaria. Pelo menos agora sabia que sua vida salvou a de uma garotinha. Foi uma boa troca.

Murak chutou Iain o resto do caminho para o chão. Havia um sorriso em sua voz quando ordenou às suas tropas. — Mate o homem. Tragam as mulheres para mim.

Capítulo 29

Beth acordou de seus sonhos sombrios de repente. Seu coração se acelerou em seu peito magro, e um arrepio profundo espalhou-se através de seus braços e pernas. Manteve sua respiração tranquila como de hábito. Quanto menos atenção chamasse, melhor.

Um ruído estranho ecoou na parede de pedra da pequena cela onde estava sendo mantida. Vozes. Palavras. Não era o gorgolejo dos demônios. Uma voz de mulher.

Alguém estava aqui.

Emoção vibrou através dela. E se quem estivesse ali, pudesse salvá-la? Poderia ser apenas mais uma alma infeliz para ser condenada a este inferno, mas precisava tentar.

Beth gritou, —Aqui! Estou aqui!

Se esforçou contra as grades, pressionando seu ouvido através do espaço entre elas o quanto podia. Quem quer que estivesse ali, suas vozes se desvaneciam, cada vez mais distantes.

Eles estavam saindo.

Seu sangue é a chave...

Seu sangue era seu inimigo. Toda vez que sangrou, os demônios vieram, famintos para saboreá-la. Os pequenos se rastejavam através das barras, mordiscando ela até que um dos maiores vinha e os afastava.

Seu sangue é a chave...

Era sua maldição. Os demônios podiam sentir o cheiro, até mesmo os menores cortes poderiam atraí-los.

Bateu contra as barras com frustração, gritando para que as pessoas viessem salvá-la.

Suas vozes se foram agora. Já não podia detectar nem mesmo o eco mais fraco deles.

Seu sangue é a chave...

Não sabia o que aquilo significava. Tudo que sabia era que, se sangrasse, os demônios viriam.

Talvez fosse isso o que essas pessoas estivessem atrás. Talvez se atraísse os demônios para ela, eles viessem também.

O que tinha a perder? Não duraria muito mais tempo aqui. Se não a matassem agora, o nascimento do bebê demônio dentro dela o faria. Sua vida se havia reduzido a alguns meses, no máximo. Essa era a melhor chance de escapar que teve desde que se aproximou da cerca que estava lá no alto, insultando-a com a liberdade.



Beth trouxe o pulso à boca e cavou os dentes em sua pele. A areia e sujeira revestiam seus dentes, e o gosto metálico de sangue espalhou sobre sua língua. Cuspiu a saliva lamacenta e sangrenta no chão e soprou a ferida escorrendo.

Medo se enroscava rodeando-a, fazendo-a tremer. Se isso não funcionasse, e os pequenos demônios viessem rápido, acabaria se tornando comida.

Jackie ficou em estado de choque, atordoada enquanto Iain caía no chão. Raiva e horror se mesclavam dentro dela, girando em uma névoa, espessa e negra, através da qual não podia ver. Seu corpo estava congelado, com a voz travada em seu peito. Dor cortou através dela onde a adaga acertou Iain, como se tivesse sido atingida também.

Suas pernas estavam fracas, e a necessidade de gritar borbulhava profundamente dentro dela enquanto sentia Iain desvanecendo desse mundo.

Cain atirou o corpo frouxo de Autumn por cima do ombro esquerdo. — Trabalhe rápido, Jackie, — disse. — Uma vez que se vá, você não terá nenhum poder.

Poder? Isso era o que o estava preocupando? Não dava a mínima para o poder. Queria Iain. Para sempre.

Mas foi arrancado dela, assim como sua antiga vida. Tudo com o que se preocupava, tudo que sempre quis para si, foi arrancado dela e reduzido a cinzas a seus pés.

Não era justo. Não estava certo. A dor e a injustiça que esses demônios infligiram sobre ela não foi algo que desejou. Como se atreviam a lhe causar mais dor? Como se atreviam a sequer tocar um homem como Iain, que dedicou toda sua vida a ajudar os outros?

Jackie permitiu que a raiva a preenchesse. Lançando-se a massa caótica, permitindo-a encher cada célula até que sentiu como se fosse explodir com a pressão. Um grito alto e desconcertante saiu livremente de sua boca, fazendo todo o seu corpo vibrar com força. O ar brilhou, pulsando com sua raiva, fervendo em ondas quase visíveis enquanto se alongava para os humanoides demônios armados indo em sua direção.

As primeiras três fileiras de soldados seguravam a cabeça, apertando e curvando-se em agonia. O sangue vazava de seus narizes e orelhas enquanto seu grito ecoava, enchendo a caverna. Vários demônios caíram. Aqueles por trás deles foram pisoteados sob os pés sujos.

Cain agarrou seu braço e puxou-a para longe da horda de ataque.

Ela olhou para Iain. Ele se arrastou de lado para a base de uma parede, e estava lutando para ficar de pé. Um dos soldados levantou a espada, torta, enferrujada para atacá-lo, mas a luz bruxuleante azul do escudo dela bateu nele.

Estendeu o muro de proteção das portas das barras, impedindo qualquer um dos soldados de atravessá-la completamente.

— O que está fazendo? — Cain perguntou. — Nós temos que correr.

— Não vou embora sem ele. — não podia. Inclusive se tudo o que tirasse daqui fosse seu corpo, não podia deixá-lo aqui como alimento para os demônios.

Ele puxou seu braço, fazendo-a tropeçar. — Não vou deixar você morrer.



—Então, coloque a menina para baixo e levante sua maldita espada. Estou fazendo isso, com ou sem você.

Não esperou Cain concordar ou até mesmo responder. Tirou o braço de seu alcance e puxou tanto poder de Iain quanto podia suportar.

Fogo. Derramou-se dela, rugindo de seu corpo em um cone dourado de calor e luz. Se esparramou através das grades, tornando-as vermelhas. Mais soldados caíram, transformados em cinzas antes que seus gritos terminassem ecoando nas paredes das cavernas. O fedor era insuportável, mas não se atreveu a tentar manipular qualquer coisa além do fogo e proteger Iain disso.

O fluxo de energia proveniente de Iain falhou, e o fogo simplesmente parou de se lançar de seu corpo. Ela caiu de joelhos, repentinamente chocada com o que havia começado a se acostumando a ter. O vazio ressoou através dela, deixando-a com uma lacerante sensação de vazio, fragilidade e debilidade.

Jackie levantou os braços, esperando que sua garganta estivesse nua, sem a luceria, mas ainda estava lá, quente e tremendo com a enxurrada recente de poder.

Havia ainda pelo menos duas dúzias de guardas em pé à esquerda, e uma horda de demônios menores. Eles rastejaram sobre os cadáveres carbonizados de sua espécie, lutando para alcançar as barras. Além deles, viu Murak de pé, observando, seus braços cruzados sobre o peito, um sorriso em seu rosto feio como se estivesse aproveitando o show.

Jackie iria matá-lo. Ele machucou Iain, e faria com que pagasse por isso, mesmo que lhe custasse a vida.

O primeiro soldado explodiu a larga porta de metal e saltou através dela. Outro seguiu atrás, e outro.

Estendeu a mão para o poder de Iain, mas tudo o que restava era um fio fraco, escasso.

Estava morrendo, e não havia nada que pudesse fazer para deter isso.

O cheiro de sangue da mulher grávida deslizou pelo nariz de Ronan, intoxicando-o. Era poderoso, mesmo em seu estado debilitado. E estava perto.

Virou-se, batendo no ombro de Drake para que seguisse atrás. — Por este caminho.

As paredes de pedra passavam por ele enquanto corria à frente, deixando o nariz liderar o caminho. O fedor de Synestryn foi ficando mais pesado, repugnando-o. Não se atreveu a tentar bloqueá-lo por medo de perder trilhão rastro da mulher.

Ronan girou em torno de um canto e quase bateu de cabeça em um grupo de demônios se contorcendo. Eles eram de todas as formas e tamanhos, rosnando e mordendo uns aos outros enquanto se empilhavam, tentando chegar a algo que não conseguia ver.

A mulher. Havia barras aqui. Devia estar no outro lado.

—Volte para cima, — ordenou Drake, puxando Ronan para trás pelo braço.

Uma onda de chamas deslizou da mão de Helen, batendo contra a pilha de demônios. Demônios assobiaram e borbulharam enquanto incendiavam-se, correndo para longe, em um esforço para apagar o fogo.



—Há uma mulher atrás deles! — Ronan gritou para que Helen não a matasse.

Imediatamente, as chamas recuaram. Os demônios menores enrolaram-se em bolas de cinzas. Os maiores se voltaram para a ameaça e atacaram. Dois dos maiores ainda não se deram ao trabalho de parar e apagar as chamas que consumiam sua pele. Eles simplesmente atacaram, dentes à mostra e prontos para o sangue.

Ronan deslizou para o lado, fora do caminho do mais próximo. Sua fina lâmina cortou abaixo, cortando os tendões do animal, tornando uma de suas pernas inúteis.

—Pegue a mulher, — gritou Drake. —Vamos mantê-los longe.

Ronan não era um homem confiante, mas quando vinha para o combate, se acostumou a colocar sua vida nas mãos do Theronai. Fora de combate, as coisas eram muito, muito diferente, mas por enquanto, confiava na liderança de Drake e fez o que disse.

As barras estavam cerca de três metros de altura, alojadas profundamente tanto no chão rochoso com no teto. Era uma padrão para os prisioneiros Synestryn, e que os viu usar vezes demais para seu gosto.

Ronan avançou lentamente rodeando uma pilha fumegante de demônios e chutou alguns de lado para que pudesse olhar melhor a jaula.

A mulher estava lá, suja e tremendo. Seu cabelo emaranhado pairava sobre o rosto, arrastando no chão, enquanto se ajoelhava, se abraçando. Estava pressionada na fenda mais distante que pode encontrar, balançando levemente e deixando escapar um gemido, lamentavelmente baixo.

O coração de Ronan quebrou por ela. Podia dizer pelo comprimento de seus cabelos e o mau ajuste de suas roupas que esteve aqui muito tempo. Anos, talvez.

Atrás dele, a batalha se alastrava, mas ignorou-a, colocando todo o foco sobre a mulher assustada agachada a poucos metros de distância.

—Sou Ronan, — disse à ela, modulando sua voz para que apenas a gentileza chegasse a ela, não sua ira. Dentro de seu tom, e incorporou uma pouco de poder, apenas um mero sussurro dele, pedindo à ela pra ficar calma e confiar nele. Uma vez que estivesse em seu alcance, poderia fazer mais, mas por agora, era tudo o que conseguia. —Nós vamos tirar você daqui.

Ela olhou para cima, seu rosto pálido coberto de sujeira, exceto por dois lugares onde as lágrimas escorreram. Seus olhos estavam arregalados com o pânico, e podia ver seu coração vibrar descontroladamente no oco de sua garganta magra.

Ela ficou ali, congelada, imóvel, como um coelho.

—Não vou te machucar.

As barras bloqueavam seu caminho. Possuía força suficiente para dobrá-las ou quebrá-las, mas então estaria ainda mais fraco e incapaz de ajudá-la. E ela precisaria de ajuda. Estava morta de fome. Estava grávida, provavelmente de algo desumano. Marcas de mordida cobriam seus tornozelos, pulsos e garganta. Uma estava sangrando agora. Ela precisaria dele e de sua capacidade de curá-la.



Ronan usou sua espada e botas para empurrar para longe os restos carbonizados dos demônios da porta. Puxou a manga do casaco de couro para baixo para cobrir a mão e puxou as barras quentes. A porta estava trancada. Claro.

—Abaixe-se, — gritou Drake.

Ronan empurrou-se para o chão, fazendo-se como um alvo pequeno tanto quanto possível. A cabeça decepada de um demônio retiniu contra as grades, sacudindo-as.

A mulher olhou para cima, com o queixo tremendo. —A chave, — sussurrou, seu dedo ossudo apontando para trás. Sua mão tremia, mas ainda estava com ele, pensando com clareza suficiente para ajudar.

Ronan olhou para onde apontava e viu o brilho metálico de uma chave pendurada em um gancho enterrado na pedra.

Contornou os restos do combate, esquivando-se do sangue negro espirrado, lançado da ponta da espada de Drake. Pegou a chave e correu de volta, sem perder tempo para abrir a porta.

A mulher estava em pé agora, a roupa pendurada no corpo. As mangas eram muito curtas, como se tivesse usado-as por anos. Seus jeans estavam em frangalhos, mantido fechado sobre sua barriga saliente, com um pedaço de cadarço. O esboço leve de um gatinho estava bordado na perna, um emblema infantil destinado a roupas infantis.

Quem quer que fosse, esteve aqui um longo, longo tempo.

Ronan estendeu a mão, plantando seus pés firmemente no chão para que não cedesse ao impulso de correr em sua direção.

Ela olhou para sua mão, então para seu rosto, em seguida, adiante dele para o que estava acontecendo do lado de fora das grades.

—Nós não vamos deixar que te machuquem. Me dê sua mão.

Ela deu um passo. Podia ver seu corpo todo tremendo com o esforço.

—É isso mesmo. Basta um pouco mais e nós vamos tirar você daqui.

Outro passo, depois outro. Estava perto o suficiente para alcançá-la e pegar sua mão, mas se manteve firme, deixando-a vir à ele.

Os dedos dela tocaram sua pele, frios e úmidos. A sujeira aglomerada nela se destacava em contraste com a palidez de sua pele. Lentamente, para não assustá-la, Ronan fechou sua mão e ofereceu-lhe o que esperava que fosse um sorriso amável.

Tudo o que tentava pensar era tirá-la, mas seus pensamentos de seu cativeiro continuavam invadindo-o, distraíndo-o de seu objetivo. Não podia imaginar as coisas que deve ter sofrido. O fato de que confiasse nele o bastante para tocá-lo era humilhante.

—Venha, — disse, deslizando um pouco de poder através de suas palavras e de seu toque, oferecendo-lhe seu calor e qualquer parte de consolo que pudesse tirar dele.

Ronan puxou-a para frente e ajudou-a sobre os cadáveres espalhados na área. Drake e Helen cuidaram dos demônios restantes, mas haveria mais. Seu sangue poderia atraí-los.

Sem parecer que estivesse fazendo isso, mudou seu agarre ao pulso sangrando e fechou a ferida curando-a. Não era profunda, e foi um alívio para ele estar fazendo algo útil para ela. Dado seu estado atual, não tinha certeza quanto qualquer um poderia realmente fazer para ajudá-la.



—Nós precisamos ir, — disse Helen. —Aqueles que estão se alimentando fora, vão voltar em breve e bloquear nossa saída.

Começaram a voltar pelo mesmo caminho que vieram mas a mulher puxou sua manga. —Sei um jeito mais rápido de sair. Está justo a frente.

Drake liderou o caminho, e fez o que a mulher disse. Cerca de trinta metros abaixo do corredor, abria-se uma grande caverna. Os sons da batalha ecoavam do outro lado.

Ronan empurrou a mulher para trás, protegendo-a da vista com seu corpo. Fogo deflagrava, cegando-o por um momento.

—Jackie, — sussurrou Helen. —Jackie está lá. Com todos esses demônios.

Na verdade ela estava lutando como uma mulher possuída, claramente negligente de sua própria segurança. Cain também estava lá, junto com dois corpos inconscientes, Iain e uma menina.

A luta não estava indo bem. Havia muitos deles. Cain estava fazendo o seu melhor para manter os demônios longe, tanto de Jackie como da garota inconsciente, mas era uma batalha perdida.

Ronan não queria nada mais do que levar a mulher agarrada a ele para fora deste lugar, mas sabia que teria que esperar. Jackie era muito valiosa para se perder, e não havia nenhuma maneira de Helen deixar a irmã aqui para lutar contra os demônios por si mesma.

Teriam que lutar seu caminho para a liberdade.

Capítulo 30

Jackie pegou a espada de Iain e a manteve longe de qualquer demônio que se atrevesse a chegar perto dela. Um pequeno fluxo de energia fluía para ela para prender Murak no local, impedindo-o de sair. A bolha em torno de seu corpo sacudia cada vez que batia nela, mas até agora, se mantinha estável.

Iain estava enfraquecendo. Podia sentir seu batimento cardíaco enfraquecendo a cada segundo que passava. Se não parasse o sangramento, ele não conseguiria.

Com um pedido silencioso de desculpas, tomou mais de Iain, atraindo mais de seu poder em si mesma, apenas o suficiente para proteger suas costas.

Sem deixar Murak ir, permitiu que o poder de Iain deslizesse sobre ela, embalando-a perto e protegendo-a do ataque do jeito que faria se tivesse sido capaz.

Ela caiu ao lado dele e apertou as mãos contra o peito ensanguentado. A ferida da facada foi profunda, tão perto de seu coração, e não tinha certeza se não foi atingido. Estava sangrando muito, o que lhe dizia que não havia muito tempo.

—Sinto muito, — sussurrou, então tirou uma faixa grossa de energia dele, fazendo-o gemer. Fechou os olhos e se concentrou em encontrar os vasos sanguíneos rompidos, a fim de fechá-los. Suas mãos escorregaram em sua pele. O calor queimava as pontas dos seus dedos, secando o



sangue por baixo deles. Iain respirou dolorosamente e seus fortes músculos se tencionaram endurecendo.

O esforço era cansativo. Sentiu a jaula em torno de Murak vacilar, e teve que deixá-lo ir, precisava deixá-lo ir. Iain era mais importante.

O calor fluíu através dela. Podia sentir as ondas levantando-se do corpo de Iain, ouvir o ar crepitando com isso.

O fluxo de energia começou a vacilar, pipocando enquanto exigia mais dele. O escudo nas costas dela caiu, expondo-a a dezenas de demônios famintos pelo sangue de Iain.

Não havia nada que pudesse fazer. Sabia instintivamente que se soltasse o pequeno fio de força que conseguiu se agarrar, o perderia para sempre. Iain morreria. Seria impotente. Ambos morreriam.

Se ia morrer, queria que fosse porque deu tudo de si para salvá-lo, não porque desistiu dele.

O som dos demônios atrás dela ficaram mais alto, mais próximos.

Eles compreenderam que sua proteção foi embora e estavam a cercando.

Cain abriu caminho para Jackie. Não podia deixar Autumn desprotegida, então teve que trazê-la junto, lutando com seu peso leve pendurado por cima do ombro. Disse a si mesmo que não era diferente de proteger o flanco de um irmão, mas isso era uma grande mentira.

Seus membros chacoalhavam a sua volta com cada golpe, forçando-o a mover-se com cuidado para não cortar sua perna.

Jackie parou de ajudá-lo a matar os demônios e, em vez disso ajoelhou-se sobre Iain. Estava tentando salvar sua vida. Cain sabia disso. Não teria esperado nada menos dela. Mas aparentemente não cuidou dela mesma ou de sua segurança. A partir do momento que deixou cair a espada de Iain, Cain sabia que a vida dela estava agora em suas mãos.

Finalmente, após o que parecia ser metade de um ano de combate, estava apenas a alguns metros de distância, perto o suficiente para ver o fraco azul faiscando a sua volta.

Ainda estava viva.

A força que segurava Murak no lugar oscilou e depois caiu. Cain fechou os últimos poucos metros restantes para Jackie, cortando onda após onda interminável de soldados armados e Synestryn menores e demônios com garras.

Os flashes azuis faiscantes nas costas dela começaram a desvanecer-se.

Seu escudo estava vacilante, assim como aquele em volta de Murak esteve.

Cain ficou sem opções. Se lançou ao seu lado, mantendo o seu lado esquerdo e Autumn fora do alcance das espadas e garras. Seu braço direito se movia com velocidade frenética, fazendo seus músculos queimarem em protesto.

A lâmina estava indo direto para ele. Não podia detê-la. Não conseguia fugir. Aquilo estava se lançando para atingir seu braço direito. Já podia ver seu membro sendo cortado, voando através do espaço à terra como alimento para os demônios.

Não havia nada que pudesse fazer, apenas observar enquanto a lâmina caía.



A lâmina demoníaca bateu, mas não sentiu dor. Faíscas azuladas espalharam em todas as direções. Meio segundo depois, Drake estava ao seu lado, cortando as pernas do demônio que quase acabou com a vida de Cain.

O peso da menina foi aliviado de seu ombro. Ele a agarrou, mas assim que sentiu o calor acolhedor da magia amigável em torno dela, a soltou.

Drake estava aqui. Então, era Helen. Deve ter sido a única a aliviá-lo de seu fardo.

—Obrigado, — gritou Cain.

Drake grunhiu em resposta, indo abaixo para atacar, enquanto Cain ia acima. Entre eles, dois demônios mais caíram.

Dois abaixo, outra dúzia mais a frente.

Jackie conseguiu parar o sangramento de Cain, mas era tarde demais. Perdeu muito sangue.

Sua respiração era rápida e superficial, seu coração vacilava em seu peito. Atada a ele, tanto perto quanto estava, podia senti-lo tentando sair de seu corpo.

Não podia deixar que se fosse. Ela o amava. Precisava que ele ficasse.

Sabia que era egoísta, mas não dava a mínima se fosse. Tudo o que importava era mantê-lo perto, e foi isso que fez.

Jackie colocou os braços ao redor dele, apertando seu rosto contra seu peito. Segurando-o com seu poder fortemente, recusando-se a deixá-lo ir.

—Não me deixe, — implorou. —Ainda não.

Eu preciso ir, ouviu-o murmurar contra sua mente. Não estará segura enquanto eu respirar. Sem alma ...

—Não dou a mínima para isso. Vi sua alma em suas ações. Você é um bom homem.

Difícilmente. Meu monstro está ficando muito forte.

A essência dele, a parte dele que o fez ser quem era, começou a se levantar de seu corpo. Podia vê-la em sua mente, senti-lo através da luceria. Pulsava com o poder, fluindo em ramos grossos e negros. Dentro dessa massa estava uma estreita fita de ouro enrolada firmemente em torno dele. A fita brilhava contra a escuridão, que alongava-se para Jackie.

Sua alma. Aquela coisa gigante poderosa era a sua alma. Podia sentir o vazio nele, o profundo vazio doloroso que já havia sido preenchido com luz e vida. Se foi. Tudo isso estava agora, morto e vazio por dentro.

Estava certo. Não sobrou nada da sua alma para ser salvo. Morto, estava morto.

A dor brotou dentro dela, quente e feroz, agarrando e rasgando-a.

Não queria viver sem ele. Intelectualmente, sabia que, eventualmente, se curaria, mas já sofreu muito. Não queria sofrer com sua morte também.

— Eu te amo-, sussurrou. — Irei com você.

Não! gritou-lhe em seus pensamentos, empurrando-a para trás. Mas não foi longe. Estava atada a ele fortemente, atou-se ao redor dele tantas vezes, que não podia ser libertada.

Onde for, eu vou, lhe disse, contente com sua decisão.



Algo feroz e mortal se soltou, sacudindo seu corpo enorme e esticando seus membros poderosos. Podia vê-lo em sua mente, dentro dele, o monstro que havia falado. Sentiu sua presença antes, mas via-o agora, e soube porquê Iain temia deixá-lo livre.

Gigante, camadas de grosso músculo sob a pele dura que parecia de pedra, se erguiam em sua mente, dentes à mostra, asas de couro se espalhando, e mãos abertas com garras e prontas para agarrá-la.

Vá, rosnou para ela. Deixe-nos morrer.

Ela firmou sua determinação, se recusando a deixar algo tão insubstancial assustá-la. *Não.*

Nós não vamos deixar você morrer.

Então fique. Fique comigo. Viva.

Sem alma. Não há vida.

Então tome minha alma.

O monstro congelou e então inclinou a cabeça para o lado. Olhou para ela com os olhos de Iain.

Não! ouviu Iain gritar de longe.

Feito, disse o monstro, seus dentes pontudos brilhando por trás de seu sorriso.

Uma dor terrível e violenta atravessou seu peito, roubando sua respiração. A presença negra empurrou-se em sua cabeça, assumindo seus membros.

Como um fantoche, ficou de pé. Poder rugiu dentro dela, mas não tinha controle e nem ideia do que estava acontecendo.

Seus pés levantaram-se do chão e ergueu-se sobre o ar, acima da batalha abaixo. Sua cabeça girava ao redor até que avistou Murak se esgueirando a distância.

Sua mão se estendeu e um instante depois, Murak parou. Seu corpo se levantou e se aproximou até que estava acima do aglomerado de demônios que lutavam com seus amigos, e sua irmã.

Outro ponto concentrado de poder foi canalizado através dela, e viu quando a pele de Murak foi descascada de seu corpo. Ele gritou, mas não adiantava. Sua pele foi arrancada dele, enquanto suas roupas foram rasgadas. Sangue choveu sobre os demônios, distraíndo-os do combate.

Toda essa energia que estava correndo através dela desapareceu, e Murak caiu nas garras das suas tropas que o esperavam. Seus gritos se levantaram enquanto era rasgado pelos dentes dos seus próprios soldados.

Jackie caiu no chão de pedra, ao lado de Iain. Ele estava pálido como um fantasma, inconsciente e imóvel. Tentou alcançá-lo e tocá-lo para se certificar de que seu coração ainda estava batendo, mas seu braço estava muito pesado.

Dorme, ouviu o rosnado do monstro, só que desta vez a voz vinha de dentro dela. *Deve viver para mim agora.*

Capítulo 31



Iain acordou. Que por si só foi surpreendente o suficiente. Ainda mais surpreendente era a sensação de paz e de tranquilidade absoluta dentro dele.

Não havia nenhum monstro. Sem raiva. Não se sentia assim desde o dia em que sua alma morreu.

Estava deitado em uma cama com Ronan olhando para ele, a preocupação marcando seu rosto bonito. Atrás de Ronan estava Helen e Drake. Cain estava na porta. Na cama ao lado dele estava Jackie, ainda deitada longe demais.

O pânico o fez se sentar, e uma onda de tontura o atingiu.

—Calma, — disse Ronan. —Ela está bem. Apenas dormindo.

—O que diabos aconteceu?, — Perguntou.

—Coloquei você e Jackie pra dormir por alguns dias para que pudessem se curar, — disse Ronan. —Não tinha certeza de que qualquer um de vocês faria isso.

—Estamos em uma casa Geraí, — disse Helen. Seus olhos e nariz estavam vermelhos de tanto chorar.

Drake colocou o braço em volta dos ombros de sua esposa e puxou-a em seus braços.

—É melhor não se mover — disse Ronan. —Nós quase perdemos os dois.

—Onde está a menina?, — Perguntou Iain, sua voz áspera e seca.

—Autumn está em Dabyr com sua família, recuperando-se ao lado de sua mãe. E a outra mulher que encontramos também. —O olhar de Ronan ficou mais escuro, enquanto falava a última parte, como se o perturbasse falar sobre isso.

—Todos estão bem, — disse Drake, claramente mais para o benefício de Helen do que de Iain. — Fizemos isso.

Ronan assentiu. —E você acordou. Fico feliz em ver que está tudo bem. Não tinha certeza que estaria.

—O que isso quer dizer?, — Perguntou Iain.

Ronan olhou para o peito de Iain. —Veja por si mesmo.

Ele olhou para baixo e metade da sua marca de vida estava tão morta e estéril como sempre, mas a outra metade estava verde e exuberante, com um novo lote de folhas. Olhou para elas em choque por um longo tempo, tentando descobrir se ainda estava sonhando, ou se isso era algum tipo de piada de mau gosto de vida após a morte. —Não entendo.

—Eu também não.

Suas lembranças começaram a voltar. A menina sequestrada. As cavernas. Sua morte inevitável. Jackie se recusando a deixá-lo ir. Lembrou de senti-la atada tão fortemente em torno de sua alma que sabia que se tentasse deixar seu corpo na morte, o teria seguido.

Seu monstro. Ele negociou com ela, aceitando o presente que ofereceu. Sua alma. Iain tentou pará-lo, mas estava muito fraco. Não tinha nenhuma chance de recuperar o controle da besta.

—Oh, Deus, — ofegou, o impacto do que aconteceu correndo sobre ele.



Ela deu sua alma a ele.

Iain tentou alcançá-la, mergulhando de cabeça através de seu vínculo. Precisava devolver isso. Precisava forçá-la a retomar sua oferta.

As construções etéreas da sua mente pareciam familiares para ele agora. Passou tanto tempo conectado a ela que se sentia em casa.

Encontrou-a descansando em uma piscina azul cintilante, absorvendo o sol. Parecia completamente à vontade, completamente satisfeita. Ela olhou para ele, protegendo os olhos com a mão. Seu corpo doce estava mal coberto por um biquíni, sua pele orvalhada de suor.

O sorriso que se estendeu em seu rosto levou a respiração de seu corpo como sua beleza. — Querendo se juntar a nós?

— Nós?

Suas palavras o fizeram perceber que em alguns metros de distância numa cadeira estava seu monstro, completamente nu e tomando banho de sol.

A confusão o sacudiu, o que parecia apenas fazer o sorriso de Jackie ampliar.

— Não é tão ruim, você sabe, — disse à ele.

A mente de Iain gaguejava enquanto tentava fazer sentido de suas palavras. — Não tão o que...?

Ela encolheu os ombros adoráveis. — Um pouco áspero nas bordas, mas completamente domesticável.

O monstro soltou um rugido afirmativo. — Pelo menos ela não me mantém trancado em uma merda de jaula o tempo todo.

Isso tudo era muito surreal. Nada disso fazia sentido. Era evidente que ele morreu e isso era o que parecia o inferno.

Como se estivesse lendo sua mente, ela riu. — Não está morto. Nem eu estou. Nem mesmo Stan.

— Stan?

— Pensei que deveria ter um nome, — Jackie disse.

O monstro sorriu. — Pouco viril, não acha? Muito humano.

Iain não tinha palavras para expressar seus sentimentos de *Que porra é essa?*

— Precisa parar de se preocupar, — disse à Iain. — Tudo está bem.

— O inferno que está. Você me deu sua alma. Tome-a de volta.

— *Tentei* dar-lhe minha alma. Você só tomou metade. Nós dois estaremos bem. Só vou dormir um pouco mais. Stan, aqui presente, precisou me usar para ter poder para matar Murak, por isso que ainda estou seca.

— Vou consertar isso, — prometeu Iain. — E então, nós vamos conversar.

Ela e Stan voltaram para seu banho de sol, ignorando-o completamente.

Iain voltou para seu corpo e abriu os olhos. — Sua alma, — sussurrou para o grupo em questão que pairava sobre ele. — Ela me deu metade da alma dela.

— Isso muda as coisas, — disse Ronan. — Nós nem sequer sabíamos que tal coisa era possível.



— Vou chamar Joseph, — disse Drake. — Ronan tem razão. Isso muda as coisas.

Ele e Helen saíram.

— Preciso levá-la para fora. Repor a sua força.

— Você está fraco demais para carregá-la, — disse Ronan.

— Eu faço isso, — Cain ofereceu.

Iain assentiu. Tanto quanto odiava vê-la nos braços de outro homem, era o melhor. Precisava sentir o chão debaixo de seus pés e contar com sua força para afastar sua fraqueza e a dela.

Ronan ajudou Iain chegar na parte de fora. Se ajoelhou no chão frio e enfiou os dedos por entre a erva secas na terra úmida abaixo dele. Cain segurou-a forte o suficiente para que tocasse com sua mão esquerda em torno da garganta dela e permitisse que as duas metades da luceria se conectassem.

Reuniu o poder da terra e o deixou escorrer para dentro dela. Fortalecendo os dois, e logo, sentiu-se quase normal.

Iain pegou Jackie dos braços de Cain e segurou-a contra seu peito nu quando estava começando a acordar. Seus olhos cinzentos olharam para o seus, tão cheio de amor que não tinha certeza se poderia suportá-lo.

Ouviram Ronan e Cain irem embora, deixando os dois sozinhos, sob as estrelas.

— Nós fizemos isso, — disse, com voz fraca.

— Graças a você.

Sorriu para ele, e aquilo aqueceu sua alma.

Sua alma. Ele tinha uma outra vez, graças a ela.

Ela colocou a mão sobre o coração dele, e os ramos de sua marca de vida balançaram, se estendendo em direção ao seu toque.

Lágrimas encheram os olhos de Iain e se espalharam em seu pulso. — Obrigado, — disse à ela. — Obrigado por salvar minha vida. Obrigado por compartilhar a sua comigo.

Ela encolheu os ombros. — Teria feito o mesmo por mim.

Ele faria. Faria qualquer coisa por ela. Ele a amava.

Quando aquele pensamento o atingiu, todo o seu ser inchou com a força daquilo. Ele a amava. Ela não apenas salvou sua vida, mas deu-lhe de volta o mais básico dos prazeres, amar outra vez. O que havia sido tirado dele por tanto tempo, que esqueceu como era bom sentir, como restaurador e pacífico era amar.

Mesmo o amor dele por Serena estava lá, fraco e aguado, em comparação com o que sentia por Jackie, mas ainda assim seu próprio tipo de presente.

— Eu te amo, — disse, deleitando-se com o som dessas palavras em seus ouvidos.

Seus olhos brilhavam com lágrimas de felicidade. — Eu também te amo.

Um sorriso esticou sua boca pela primeira vez em anos.

Jackie suspirou e sorriu de volta. — Pensava que você era quente antes, mas quando sorri, você é... de tirar o fôlego.



—Vou lhe mostrar como tirar o fôlego, — disse, e baixou a boca para a dela. Ele passaria o resto de sua longa, longa vida, mostrando-lhe como estava grato, e quão profundamente um homem com metade da alma poderia amar.

O telefone de Tynan tocou, distraíndo-o de seus pensamentos. O projeto Lullaby estava progredindo bem, mas não o suficiente rápido. Teriam que acelerar o ritmo se fosse para ter qualquer esperança de salvarem-se da fome.

—Jackie está grávida, — Ronan disse à Tynan logo que respondeu. —Sua cura funcionou novamente.

Choque colou os lábios de Tynan que se fecharam por um breve momento. Seu mundo começou a mover-se debaixo de seus pés. Coisas que acreditava que fossem verdade estavam simplesmente erradas, e estava lutando para ajustar-se os novos dados. — Nunca dei o soro à Iain.

— Então como é possível que carregue um filho?

— Não tenho ideia. Dormiu com outro homem?

— Não. Olhei em suas memórias enquanto dormia, procurando uma maneira de salvá-la. Não a vi com nenhum outro homem. Eu, entretanto, vi outra coisa.

— O quê?

— Havia essa memória sobre um campo negro, como um céu sem estrelas. De repente as luzes foram se acendendo uma a uma, como se estivesse aprendendo a usar o poder de Iain de diferentes formas e usos. Era tão bizarro que me comecei a procurar a fonte de uma imagem mental tão estranha.

— O que encontrou?, — Tynan perguntou.

— Uma das luzes possuía uma sensação familiar. Parecia ... Lexi, cuja mente toquei. Inspecionei a luz mais profundamente e encontrei uma conexão lá. Lexi na verdade me ligou para ver se eu estava bem, disse que de repente teve um mau pressentimento de que algo estava errado. Não entendo como ou por quê, mas Jackie está conectada a Lexi. E a muitas outras.

—Reconhece qualquer uma das outras?

—Sim. Andra, Helen, e Tori também possuem luzes próprias. Mas havia outras, que não eram tão familiares. Havia, entretanto, algumas coisas que todas elas possuíam em comum.

—E o que era?

—Todas as luzes se sentiam femininas e estavam atadas com poder. Tenho a convicção que quem quer que essas mulheres sejam, Jackie está conectada com elas, cada uma delas é uma Theronai.

—Quantas?

—Seis. E vi cada uma cintilando para a vida enquanto caminhava em suas memórias. Mas podem aparecer muitas mais.

As implicações disso eram enormes. Isso significava que havia mais mulheres lá fora à espera de serem encontradas. A mente de Tynan girava enquanto colocava essa informação nova no lugar, forçando outras peças para deslocarem e girarem para abrir espaço. —Como podemos encontrar essas mulheres?



—Não sei. Jackie pode ser capaz de localizá-las. Mas há outra coisa para explicar.

—O quê?

—Acredito que essa conexão é por que ela é aparentemente compatível com todos os Theronai masculinos. Se está de alguma forma ligada a outras mulheres, que poderiam conceder-lhe a capacidade de explorar o poder de qualquer homem.

—Você acha que essa habilidade é algo que possa ser aprendido?

A voz de Ronan caiu com a decepção. —Não penso assim. Meu palpite é que esta é uma capacidade inerente que só Jackie possui. Eu vou olhar mais para isso se tiver a oportunidade. Iain está acordado agora, apesar de tudo.

Assim, as chances de Ronan passar o tempo na mente de Jackie eram escassas.

—Digo à eles?, — Perguntou Ronan.

—Diga-lhes sobre o dom de Jackie, mas mantenha a notícia da gravidez dela para si mesmo por agora. Deixe-me administrar o soro em Iain primeiro.

A voz de Ronan era acusatória. —Você quer levar o crédito por isso quando não foi seu trabalho?

—Pense nisso, Ronan. Se o Theronai de alguma forma espontaneamente recuperou sua fertilidade e eles não sabem disso, as chances de procriação são mais elevadas, especialmente com as mulheres humanas. Se souberem que podem ter filhos, alguns deles podem optar por usar o controle de natalidade. Será que realmente quer isso?

—Não. Claro que não. Precisamos de todo sangue que pudermos obter.

—Então estamos de acordo. Assim que Iain retornar, vou injetar-lhe uma solução salina e ninguém vai saber.

—Até a próxima mulher ficar grávida por um dos machos Theronai.

Um sorriso se esticou no rosto de Tynan. — Ainda pode haver esperança para a nossa raça.

Cain não podia assistir a manifestação de amor. Não era que estivesse ressentido com a felicidade de Iain, mas era difícil ver sua chance de um futuro tão próximo, só para escorregar por entre os dedos.

Jackie nunca foi verdadeiramente sua. Nunca teria sido sua, mesmo que Iain tivesse morrido. Ela o amava, e Cain ficou contente ao vê-la feliz.

Sua própria felicidade pouco importava, em comparação.

Cain olhou para o anel, frio e escuro em seu dedo. Estava adiando o inevitável. Usar esse anel poderia até impedi-lo de encontrar a mulher para ele, supondo que estivesse mesmo lá fora. Ele não possuía muita esperança, mas o pensamento de perder o que poderia ser sua única chance o deixou frio e com medo.

Não era a dor. Que poderia ter, não importava quão duro pudesse ser. Era a solidão. Isso o estava comendo por dentro, mastigando os poucos os fios de esperança que conseguiu segurar.

O anel não ajudaria. Aquilo era trapacear. Viveu toda a sua vida pelas regras. Contorná-las agora... parecia covardia.

Cain puxou o anel de seu dedo e colocou-o sobre a mesa da cozinha da pequena casa Gerai. Iain iria encontrá-lo e dar-lhe a outra pessoa.

Sentiu outra folha cair no peito. A dor bateu-lhe com força, deixando-o ofegante, agarrou o encosto de uma cadeira com tanta força que ouviu o rangido da madeira. Lentamente, a dor diminuiu até ficar simplesmente fatigante, e sua visão retornou.

As coisas estavam mudando, e Cain não tinha certeza se poderia mudar com elas. Esteve vivo por muito tempo. Tanto quanto amava seu trabalho de proteger os seres humanos e guardar portão portal, um homem não poderia viver por seu trabalho sozinho.

Sibyl não precisava mais dele. Gilda e Angus estavam mortos. Vários de seus irmãos haviam encontrado companheiras, e suas fileiras estavam mais uma vez crescendo. Até mesmo a pequena Nika estava grávida, dando esperança a todos os outros homens.

Cain nunca percebeu o quanto amaria ter um filho seu até que Sibyl foi embora, e uma ferida grande abriu escancarada dentro dele. Ela não era sua filha por nascimento, mas era de todos os outros modos. Mesmo agora, tudo o que precisava fazer era chamá-lo e correria em seu auxílio.

Mas a conhecia melhor do que isso. Não o chamaria. Ansiava demais sua independência. Ele estava sozinho e precisava encontrar uma maneira de continuar, era isso que faria. Pelo tempo que pudesse.

Fim



*Incentive as revisoras contando no nosso blog
o que achou da história do livro.*

<http://tiamat-world.blogspot.com.br/>